

IVAN CAPDEVILLE JUNIOR

**O DISCURSO SOBRE A ARTE DE FAZER DISCURSOS  
E O ENSINO MODERNO DE ORATÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso  
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso (2B)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Eliana Amarante de Mendonça  
Mendes

Belo Horizonte  
Poslin – Faculdade de Letras da UFMG  
Agosto de 2013



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### O DISCURSO SOBRE A ARTE DE FAZER DISCURSO E O ENSINO MODERNO DE ORATÓRIA

### IVAN CAPDEVILLE JÚNIOR

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA DO TEXTO E DO DISCURSO, linha de pesquisa Linha E - Análise do Discurso.

Aprovada em 12 de agosto de 2013, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Eliana Amarante de Mendonca Mendes - Orientador  
UFMG

Prof(a). Ida Lucia Machado  
UFMG

Prof(a). William Augusto Menezes  
UFOP

Belo Horizonte, 12 de agosto de 2013.

*Nihil mihi praestabilius videtur quam posse  
**dicendo** tenere hominum coetus, mentes  
allicere, voluntates impellere quo velit.*

(Nada me parece mais útil que poder,  
falando, arrebatat as assembleias de homens,  
aliciar as mentes e impelir as vontades para  
onde se queira).

Cícero. *De oratore*, I, 8.

## Dedicatória

Aos autores que não citei...

Alguns, porque, tão dentro de mim,  
ao falarem por meu intermédio,  
não percebo sua vozes.

Outros, porque, presentes em tantos textos,  
já perderam a primazia.

Mais alguns, porque,  
tomado de vaidade vã e julgando-me original,  
apesar de falarem, eu – na verdade, ignorante – não os ouvi.

Outros, por fim, porque  
quem respalda tudo quanto diz em escritos alheios,  
e não nas entranhas da própria experiência,  
interpreta o mundo pela metade e,  
portanto, fala sem consistência...

## **Agradecimentos**

À Prof.<sup>a</sup> Eliana Amarante, orientadora, sábia e amiga;

A todos os professores, formais e informais, que tive na vida;

À família e aos amigos;

A quem tiver paciência de ler este trabalho, um dia...

pelas lições, pelo incentivo, apoio e esforço...

## Resumo

Este trabalho visa a buscar na antiguidade os ideais que conduziam o processo de formação dos oradores e que permanecem ecoando nas práticas pedagógicas destinadas ao desenvolvimento da oralidade e da produção textual, para avaliar sua pertinência e eficácia na contemporaneidade.

Baseia-se na contraposição do discurso de quem produz instruções para o desenvolvimento de habilidades retóricas e no de quem deseja se aperfeiçoar na área. Pretende encontrar a primeira dessas formações discursivas a partir da análise de prescrições encontradas em manuais de Retórica, escritos ao longo da história. A segunda, a partir de avaliações diagnósticas e finais de alunos de um curso moderno de oratória.

Retoma conceitos fundamentais do mundo clássico e, inserido na linha da pedagogia retórica, defende que a Retórica oferece conceitos, caminhos e soluções plenamente aplicáveis ao desafio de melhorar o ensino-aprendizagem das linguagens.

Propõe a Teoria do Desenvolvimento Retórico para explicar o funcionamento das atividades destinadas ao ensino da oratória e para servir como roteiro a quem pretenda dedicar-se ao próprio crescimento na oratória.

**Palavras-chave:** oratória; Retórica; pedagogia; oralidade; produção textual; discurso; desenvolvimento retórico; falar bem; persuasão.

## Abstract

This study aims to look at the antique ideals that drove the formation process of the speakers and remain echoing in pedagogical practices for the development of oral and textual production, to assess their relevance and effectiveness in contemporary times.

It is based on the contrast between the speech of those who produce instructions for the development of rhetorical skills and the speech of those who want to improve themselves in this area. It wants to find the first of these discursive formations from the analysis of prescriptions found in manuals of rhetoric, written throughout history. The second, from initial diagnoses and final evaluations of students in a modern course on oratory.

It resumes fundamental concepts of the classical world and, inserted into the line of Rhetorical Pedagogy, argues that Rhetoric offers concepts, paths and fully applicable solutions to the challenge of improving the teaching and learning of languages.

Finally, it proposes Rhetorical Development Theory to explain the functioning of activities aimed at teaching public speaking and to serve as a guide to those who want to dedicate themselves to the growth in oratory.

**Keywords:** oratory, rhetoric, pedagogy; orality; textual production; speech; rhetorical development, speak well; persuasion.

## Lista de Figuras

Figura 1: Diagrama da região de eficácia de discursos reais	33
Figura 2: Diagrama de discurso valorizando somente <i>lógos</i>	35
Figura 3: Diagrama de discurso valorizando somente <i>páthos</i>	36
Figura 4: Diagrama de discurso valorizando somente <i>éthos</i>	37
Figura 5: Diagrama de discurso valorizando somente <i>lógos</i> e <i>páthos</i>	38
Figura 6: Diagrama de discurso valorizando somente <i>lógos</i> e <i>éthos</i>	38
Figura 7: Diagrama de discurso valorizando somente <i>páthos</i> e <i>éthos</i>	39
Figura 8: Diagrama de discurso valorizando somente <i>páthos</i> e <i>éthos</i>	39
Figura 9: Fluxograma do curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem	73
Figura 10: As duas primeiras telas do módulo “O poder da fala”	74
Figura 11: Tela com opções de resposta à questão “para que falamos?”	75
Figura 12: Tela parabenizando pela opção escolhida	76
Figura 13: Tela com explicações sobre resposta dada	76
Figura 14: Tela instando a continuar tentando	77
Figura 15: Tela com opção já estudada assinalada	77
Figura 16: Tela com <i>link</i> para exemplo prático	78
Figura 17: Orador produzindo sentido somente com as palavras	83
Figura 18: Orador produzindo sentido com outros recursos além das palavras	83
Figura 19: Representação gráfica da interligação entre viver, pensar e falar	100
Figura 20: Bidirecionalidade Retórica	105

## Lista de Tabelas

Tabela 1: Finalidades da oratória nas avaliações diagnósticas. ....	91
Tabela 2: Finalidades da oratória nas avaliações finais. ....	91
Tabela 3: Exemplos de ocorrências de cânones. ....	108
Tabela 4: Etiquetas para cânones. ....	109
Tabela 5: Percentual de ocorrências de cânones por informante e total. ....	110
Tabela 6: Exemplos de ocorrências relativas a forma, conteúdo e sujeito. ....	112
Tabela 7: Diferença de ocorrências de cânones em avaliações diagnósticas e finais. .	113
Tabela 8: Referências a aspectos emocionais em avaliações diagnósticas e finais. . .	114
Tabela 9: Percentual de ocorrências de <i>ars</i> , <i>natura</i> e <i>exercitatio</i> em livros de oratória.	116



## Sumário

<b>Introdução</b> .....	11
<b>Parte I: Fundamentos da Retórica</b>	
1 Os cânones da Retórica .....	14
1.1 Os cânones da Retórica em Cícero .....	15
1.2 A permanência dos cânones da Retórica: Padre Antônio Vieira .....	19
1.3 Os cânones da Retórica na atualidade .....	23
1.3.1 Em Reinaldo Polito .....	24
1.3.2 Nos PCNs .....	28
2 A tridimensionalidade do discurso: <i>éthos</i> , <i>páthos</i> e <i>lógos</i> .....	33
2.1 Discursos unidimensionais .....	35
2.2 Discursos bidimensionais .....	38
2.3 Discursos tridimensionais .....	39
3 Oratória na atualidade .....	40
3.1 A morte da Retórica .....	40
3.2 A Retórica sempre viva .....	44
3.3 Definições de Retórica .....	46
<b>Parte II: A Retórica no delicado equilíbrio entre princípios e prescrições</b>	
4 Apontamentos práticos para o “falar bem” .....	55
4.1. <i>Ars</i> , <i>exercitatio</i> e <i>natura</i> no desenvolvimento de competências retóricas. . .	55
4.2. Princípios e prescrições da Retórica .....	66
5 A Retórica na prática .....	69
5.1 Um exemplo prático do embate entre princípios e prescrições da Retórica .	70
5.2 Uma proposta pedagógica para conciliar princípios e prescrições .....	72
5.3 A diversidade de campos de aplicação da oratória .....	91

### **Parte III: Apontamentos para uma Teoria do Desenvolvimento Retórico**

6	Novos elementos para o desenvolvimento retórico	92
6.1	Sujeito e determinações sociais	94
6.2	Viver, pensar e falar	96
6.3	A tríade para o desenvolvimento retórico	103

### **Parte IV: Ecos da Retórica no ensino moderno de oratória**

7	Cânones nas avaliações diagnósticas e finais de alunos do curso de oratória	107
8	Recomendações de manuais de oratória: entre <i>ars</i> , <i>ingenium</i> e <i>exercitatio</i>	114
9	O valor da <i>pronuntiatio</i>	117

### **Parte V: Conclusão**

10	Em defesa da pedagogia retórica	130
11	Últimas palavras, respostas atemporais	131

<b>Referências</b>		136
--------------------	--	-----

<b>Bibliografia</b>		139
---------------------	--	-----

### **Anexos**

I	Avaliações diagnósticas e finais de alunos do curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem	145
II	Excertos de manuais de oratória e livros sobre Retórica	176
III	Roteiro do curso de oratória no formato educação a distância	185
IV	Módulo “O poder da fala”	223

## Introdução

Este trabalho visa a mais que simplesmente indagar sobre como deveria se comportar o orador para subsidiar manuais desprovidos de uma visão pedagógica ampla e holística. Pretende buscar na antiguidade os ideais que conduziam o processo de formação dos oradores e que permanecem ecoando nas práticas pedagógicas destinadas ao desenvolvimento da oralidade e da produção textual, para avaliar sua pertinência e eficácia na contemporaneidade.

No período clássico, sobretudo no auge do Império Romano, grande atenção era dada à formação de oradores e muito se investia nisso devido ao papel importante que desempenhavam na sociedade. Veja-se, a propósito, em *Pro Murena*, o comentário de Cícero sobre o esforço exigido na formação de um orador, somente compensado devido ao enorme reconhecimento que proporciona:

Grande é o trabalho exigido pela eloquência, custoso é o seu processo, máxima é a sua consideração, maior, porém, é o seu reconhecimento.

(CÍCERO. *Pro Murena*, XIII, 29)

Para que, afinal, dispender tanto esforço no preparo de alguém? Que qualidades deveria possuir o candidato a orador para compensar o investimento de tempo, recursos e sabedoria? Qual metodologia se mostraria mais adequada? Quem deveria se ocupar de tão importante incumbência? Após formado, a que atividades deveria se dedicar?

Cabe lembrar que, apesar da consolidação da escrita, preponderava a modalidade oral na produção de textos na sociedade romana. Mais ainda, na grega e nas precedentes que vieram a influenciá-la. Também é válido registrar que, ao estudar oratória, os clássicos pensavam sobretudo nos discursos proferidos nas instituições políticas e de gestão da vida pública.<sup>1</sup>

Portanto, prescrições que se queiram fazer atualmente para produção de textos podem haurir nas recomendações dos retores valiosos princípios pedagógicos, mas não se devem tomá-las cegamente como apropriadas para toda a vasta gama de gêneros textuais e modalidades de

---

<sup>1</sup> Nota da banca (William Menezes): “As assembleias no mundo antigo tinham padrões distintos. Eram, de fato, organismos de poder. Contudo, na Grécia, por exemplo, durante o período da democratização ateniense, serviram de modelo do *dêmos* para o debate e deliberação sobre a política e gestão da cidade-estado. Já em Roma, não havia debates na assembleia (reunião do senado e do povo): as propostas eram apresentadas e submetidas a voto. Há diferenças também no que diz respeito às assembleias de soldados. Além disso, as instituições com espaço para oratória eram em número mais amplo – em Roma: o senado, a assembleia e a magistratura; na Grécia: a assembleia dos cidadãos e os tribunais”.

produção textual de que hoje dispomos. Afinal, tais recomendações ainda não se viam fortemente influenciadas pelo modo de pensar consolidado após a adoção em larga escala da tecnologia da escrita nem pelo impacto da cultura de massas ou midiática nos modos de produção de texto.

A tecnologia da escrita modificou a capacidade humana de registrar suas ideias para a posteridade, bem como afetou as funções cognitivas envolvidas no processo de registro e expressão do pensamento. Embora polêmicas, destacamos as reflexões de Ong sobre o tema, pela convicção de que processos cognitivos podem ser moldados, em parte, por condições materiais:

Nos últimos anos, têm-se descoberto certas diferenças básicas entre as maneiras de lidar com o conhecimento e a verbalização em culturas orais primárias (culturas que ignoram completamente a escrita) e em culturas profundamente afetadas pelo uso da escrita. As implicações das novas descobertas têm sido surpreendentes. Muitos dos aspectos do pensamento e da expressão na literatura, na filosofia e na ciência – e até mesmo do discurso oral entre pessoas pertencentes à cultura escrita –, que eram dados como certos, não são inteiramente inerentes à existência humana como tal, eles surgiram em virtude dos recursos que a tecnologia da escrita proporciona à consciência humana. Tivemos de proceder a uma revisão do nosso entendimento da identidade humana.

(ONG, 1998, p. 9)

Os recursos visuais gráficos incrementaram novos modos de permitir a operacionalização do pensamento. Novas tecnologias de processamento de informações, desenvolvidas sobretudo a partir do séc. XIX, imensamente difundidas nos últimos 120 anos e que continuamente se desenvolvem na era digital, tais como gráficos, fluxogramas, esquemas, entre outras, continuam lentamente a moldar a forma como o cérebro realiza suas atividades.

Por sua vez, a ampliação dos auditórios possibilitada pela cultura de massas, acelerada sobretudo a partir de meados do século XX, com o advento do rádio e da televisão, complexifica as possibilidades que o orador tem para conduzir o auditório. O *impellere quo velit*<sup>2</sup> não é mais tão dependente apenas das estratégias de um orador, normalmente culto, diante de uma plateia inculta ou desconhecadora de táticas manipulativas.

De todo modo, buscar no mundo clássico reflexões sobre a atividade do falar bem pode evidenciar princípios e preceitos, ainda necessários ou úteis, capazes de facilitar,

---

<sup>2</sup> Impelir para onde se queira

independentemente dos suportes e dos gêneros textuais, a preparação do ser humano para produzir textos, mesmo em meio a toda a atual complexidade midiática.

De fato, apesar das diferenças entre as modalidades oral e escrita, apesar do aparecimento de inúmeros gêneros textuais, apesar da diversidade de suportes, apesar das mudanças culturais, todos esses fatores que impõem adaptações às prescrições dos clássicos para o falar bem, boa parte do processo de produção textual ainda se rege pelas extraordinárias intuições que nos legaram, corroboradas, refinadas ou adaptadas para outras condições por vários conhecimentos somente plenamente desenvolvidos nos séculos posteriores.

Quando se entende a essência da Retórica, verifica-se que seus objetivos impulsionaram a constituição das muito posteriores ciências da linguagem.

[...] poucos há que sabem que a retórica dos antigos constituía uma disciplina que não era, de forma alguma, tão tola.  
Pode-se nela ver, de fato, a primeira reflexão sistemática sobre os poderes da linguagem.

(KLINKENBERG *apud* MOSCA, 2001, p. 13)

De fato, no esquema das áreas abrangidas pela Teoria do Desenvolvimento Retórico, que veremos adiante, podemos encontrar diversas – senão todas – disciplinas que estudam a linguagem e as que a elas se integram para desenvolver competência retórica. Subordinam-se todos os demais conhecimentos à mais fantástica ferramenta do ser humano para constituir sua humanidade: a linguagem.

Interessa-nos encontrar o que, no mundo clássico, permeou o ensino ao longo da história e permanece, podendo ainda com proveito ser utilizado no ensino; além disso, encontrar em registros atuais indicativos para o que pode ser incorporado à tradição com proveito para o processo de ensino-aprendizagem da oratória.

## PARTE I: FUNDAMENTOS DA RETÓRICA

### 1 Os cânones da Retórica

Ao longo do tempo, as prescrições sobre a Retórica se agruparam em torno de cinco eixos principais, abrangendo todas as etapas da produção textual oral. Retomar as reflexões acerca de cada um desses eixos e adaptá-los à realidade contemporânea agrega enormes potencialidades ao ensino da produção textual.

Tais eixos, ou cânones<sup>3</sup> percorriam o processo de elaboração do discurso, da concepção à sua apresentação em público, e se identificavam como *inuentio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria*, *pronuntiatio*.

Lineide Mosca, que adota a nomenclatura “partes componentes do sistema retórico”, bem resume cada um deles, como segue, na ordem<sup>4</sup> em que ela apresenta:

*Inuentio*: É o estoque de material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso. A *topica* de que trata Aristóteles. O estudo dos *lugares* – elemento de prova de onde se tiram os argumentos – é parte essencial da *inuentio*. Trata-se, portanto, da Retórica do conteúdo.

*Dispositio*: É a maneira de dispor as diferentes partes do discurso, o qual deve ter os seguintes componentes: exórdio, proposição, partição, narração/descrição, argumentação (confirmação/refutação) e peroração. Trata-se da organização interna do discurso, de seu plano.

*Elocutio*: É o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo. (...) correção, clareza, concisão, adequação, elegância. [...] a conhecida teoria dos três estilos, de acordo com a adequação de elocução: simples, médio e sublime. A Retórica seria, portanto, uma *arte funcional*, por todos esses aspectos.

*Actio*: É a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica. Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade. Há, portanto, lugar para o não verbal, que faz parte integrante do ato da comunicação. Tem-se que considerar a presença de um auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, tendo-se como finalidade não apenas convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção.

*Memoria*: É a retenção do material a ser transmitido, considerando-se sobretudo o discurso oral, em que um orador transmite mensagem a um auditório. Para Quintiliano, a memória era não somente um dom, mas uma técnica que também poderia ser desenvolvida por processos mnemônicos, os famosos “truques” para

---

<sup>3</sup> Prefiro usar o termo “cânone”, usado pela Retórica americana.

<sup>4</sup> O mais comum é apresentar a *memoria* antes da *pronuntiatio*, também chamada *actio*.

a retenção do discurso. (...) permite uma melhor posse do discurso, o que não elimina a improvisação e a capacidade de adaptação às eventuais refutações. A *memoria* permite não somente reter, mas também improvisar.

(MOSCA, 2004, p. 28-30)

Tomando manuais de diferentes épocas, será possível perceber a importância dos cânones para a estruturação das lições de produção textual.

Essa é a razão pela qual se faz necessária a volta, sempre renovada, diretamente aos textos que deram origem aos desenvolvimentos posteriores, a fim de evitar interpretações cristalizadas ao longo das épocas.

(MOSCA, 2004, p. 19)

### 1.1 Os cânones da Retórica em Cícero

Cícero, num diálogo entre Catulo e Antônio, demonstra conhecer bem os cânones, ao sintetizá-los de modo bem preciso. A passagem se dá em um momento em que Antônio discorre sobre a arte retórica e tece críticas aos gregos, que ensinariam demais aquilo em que não tinham experiência.

No entanto, sua doutrina, quanto posso julgar, é absolutamente ridícula. De fato, dividem toda a matéria em duas partes: a controvérsia da causa e da questão [...] Em seguida, estabelecem, por assim dizer, cinco membros da eloquência: *descobrir o que se dirá, dispor o que se descobriu, em seguida orná-lo com palavras, depois confiá-lo à memória, então, por fim, atuar e enunciá-lo*, algo nada abstruso. De fato, quem não percebe por si mesmo que ninguém pode discursar se não dominar o que falará, com que palavras e em que ordem, e o confiar à memória? E não critico isso, mas afirmo que é evidente, assim como, igualmente, aquelas quatro, cinco, seis partes, ou mesmo sete – pois cada um as ordena de modo diferente –, em que todo discurso foi por eles dividido.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 77 e 78; grifos nossos)

Em seguida, discorre longamente sobre alguns cânones. A enunciação, por si, mostra o valor que o autor concedia a eles. O trecho “sua doutrina é absolutamente ridícula”, usado para se referir às prescrições gregas sobre oratória, portanto, ao contrário do que se suporia numa leitura apressada, deve ser entendido não como crítica aos postulados, mas como admiração pela obviedade do que proclamavam. Ao tratar de cada cânone nas etapas posteriores da obra, Cícero

procura, de modo geral, ressaltar aspectos que julga fundamentais para um bom desenvolvimento no domínio da arte retórica.

***Inuentio:***

Com a fala de Antônio, Cícero distingue a *inuentio* da *pronuntiatio*, marcando a importância de se dedicar um bom preparo para cada etapa, no tempo propício.

Dessa forma, consigo refletir sobre meu discurso em uma ocasião e discursar em outra, duas coisas que os de natureza mais apressada fazem ao mesmo tempo. Mas com certeza eles discursariam melhor, se julgassem que devem eleger um momento para refletir, outro para discursar.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 103)

Em seguida, discorre longamente sobre o processo da invenção, mas ressaltando não ser necessário para um orador mais experiente seguir cada passo da técnica de elaboração do discurso, havendo algo de mais profundo a se buscar na formação de um orador.

Assim, no primeiro tipo, é preciso refletir acerca do tratamento dos argumentos, no segundo, também de sua descoberta. Esses, porém, que ensinam, ao dividir as causas em diversos gêneros, fornecem inúmeros argumentos para cada um deles. É que, ainda que o mais adequado para a formação dos jovens seja que, tão logo se apresente a questão, tenha uma referência de onde possam, de imediato, extrair argumentos prontos, é próprio de uma natureza inepta seguir os riachos sem perceber as fontes das coisas, e já condiz com nossa idade e experiência ir buscar à fonte o que queremos e perceber de onde tudo emana.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 117)

A tão longa explanação de Antônio sobre os tópicos no processo da invenção demonstra o pleno domínio de Cícero quanto aos preceitos da arte retórica grega. Chega a causar um certo enfado aos personagens do diálogo. Surge, então a interpelação de Crasso:

Nesse momento replicou Crasso: – Por que não deixas de lado, Antônio, esses pontos que propuseste e de que nenhum destes aqui carece, ou seja, a partir de que tópicos se descobre o que se deve tratar nas causas? Embora o trates de uma maneira inusitada e ilustre, trata-se de algo que não apenas é essencialmente bastante fácil, mas que também está divulgado nos manuais de preceitos; contanos a fonte a que tomas os argumentos que não raro tratas, e sempre de maneira divina.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 127)



Enfim, a resposta de Antônio avança na metodologia da formação de um orador, propondo não basta trabalhar os tópicos, mas, além deles, desenvolver conteúdos e, sobretudo, ser mister aprimorar o espírito crítico:

– Contarei, sim, respondeu Antônio [...] Três são os elementos, como disse anteriormente, de todo o meu método oratório e dessa própria capacidade que Crasso acaba de elevar aos céus com suas palavras: um é cativar os homens, outro, instruí-los, o terceiro, incitá-los. Dessas três partes, a primeira carece de brandura do discurso, a segunda, precisão, a terceira, força. [...] E concordaremos de bom grado com teu sábio conselho, Crasso, deixando de lado as defesas de cada uma das causas que os professores costumam passar aos meninos e revelando as fontes de onde se toma toda discussão para qualquer causa ou discurso. [...] Ora, esses tópicos podem ter serventia apenas ao orador que é versado na prática dos casos, algo que a idade acabará por trazer, ou em sua observação e reflexão, a qual, com aplicação e zelo, supera a idade. Para mim, há necessidade de uma natureza lavrada, como um campo que se ara não uma, mas renovadas e repetidas vezes. O lavar é a prática, a observação, a leitura, a escrita.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 128)

### ***Dispositio:***

Conciliando as prescrições dos manuais com a visão mais arguta sobre o que torna os discursos eficazes, mostra a importância de se organizar a fala.

Sendo assim, torno agora, Catulo, àquele ponto em que há pouco me elogiavas, a ordem e a colocação da matéria e dos tópicos. Seu método é de dois tipos: um, que a natureza das causas oferece; outro, que é aprestado pelo juízo e pela prudência dos oradores. Com efeito, o fato de falarmos algo antes do caso em questão, de, em seguida, expô-lo, depois, de o provarmos pela confirmação de nossas defesas, pela refutação das do adversário, por fim, de concluirmos e, assim, perorarmos, isso é a própria natureza do discurso que o prescreve. Já o fato de decidirmos o que devemos falar para provar e instruir, o modo de o concatenar, isso é próprio sobretudo da prudência do orador. [...] De minha parte, quando reúno os argumentos de minhas causas, não costumo tanto contá-los quanto pesá-los. E uma vez que, como já disse mais de uma vez, induzimos os homens a um parecer favorável por três meios, instruindo-os, cativando-os ou comovendo-os, apenas um desses elementos deve ser levado para diante de nós, de modo a que não pareçamos querer outra coisa senão instruí-los; os outros dois, tal como o sangue pelos corpos, devem estar espalhados ao longo de todo o discurso.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 307-310)

### ***Elocutio:***

Mostra os principais polos nos quais se pode estruturar o estilo do discurso, mas procura destacar o princípio que rege as escolhas, que é cativar e incitar os ouvintes.

Passei a misturar a este gênero de discurso veemente e atroz aquele outro, de que tratava anteriormente, de brandura e mansidão [...]

De fato, ensinou-nos já a nossa longa vida e prática nos assuntos mais importantes a conseguir influenciar os ânimos dos homens por meio de tais elementos. Primeiramente, costumo considerar se a causa o exige; pois tais tochas do discurso não devem ser empregadas em temas triviais, nem dirigir-se a homens de tal forma dispostos que nenhuma vantagem possamos tirar de influenciar suas mentes pelo discurso, para que não sejamos considerados dignos de riso ou ódio, caso façamos cenas patéticas de trivialidades ou tentemos arrancar aquilo que não se pode mover.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 204)

Mas há nestes dois gêneros, dos quais pretendemos que um seja brando, o outro, veemente, uma semelhança difícil de distinguir; pois é preciso que algo daquela brandura com a qual cativamos os ouvintes flua para esta força extremamente rigorosa com que os incitamos. E, por meio desta força, deve-se inflar um pouco o ânimo por aquela brandura; e não há discurso mais temperado do que aquele em que a severidade da disputa é ocultada pela humanidade do próprio orador, enquanto o relaxamento que é próprio da brandura é reforçado por um pouco de gravidade e tensão.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 212)

### ***Memoria:***

Reconhece o componente biológico e cultural, mas destaca a necessidade de método para aperfeiçoar esse aspecto, baseado em princípios cognitivos e cultivado no exercício continuado da competência.

Tratarei também da memória, para aliviar Crasso de tal trabalho. [...] tenho reconhecimento pelo ilustre Simônides de Quios, o qual, dizem, foi o primeiro a apresentar uma arte da memória. [...] ele descobriu que é sobretudo a ordem que traz luz à memória. Assim, aqueles que exercitam esta parte de sua natureza devem pegar lugares e forjar, em sua mente, aquilo que querem guardar na memória e colocá-lo em tais lugares. [...] Apenas os que têm uma memória poderosa sabem o quê, quanto e como terão de falar, o que já responderam, o que anda falta responder; e lembram de muitos elementos que já trataram em outras causas, de muitos outros que ouviram em causas alheias. Por isso, reconheço que o principal fator deste bem é a natureza, tal como de tudo de que falei anteriormente; mas toda esta arte oratória, seja uma aparência e simulacro de uma arte ou não, tem o poder, não de gerar e produzir inteiramente algo do

qual não há uma parte sequer em nossa natureza, mas de alimentar e consolidar aquilo que já nasceu e foi gerado em nós. No entanto, quase não existe pessoa de memória tão penosa que não consiga abarcar, depois de dispor e marcar as coisas, a ordem de todas as palavras e pensamentos, nem mesmo tão obtusa que não possa de alguma forma ser ajudada por esta prática e exercício. [...]  
Por isso, não se deve arruinar a memória com este exercício se não houver nenhuma por natureza; mas, se está latente, com certeza deve ser excitada.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 350-360)

### ***Pronuntiatio:***

Um ponto que chama a atenção é evitar uma prescrição igualmente aplicável a todos os oradores. Reconhecer o valor da *imitatio*, não relega a segundo plano a capacidade crítica do orador, o qual não deve seguir cegamente modelos, mas avaliar o que lhe cabe adotar e incorporar como forma de atuar.

[...] da primeira vez que ouvi este Sulpício aqui presente, ainda jovem, numa causa sem importância, apresentou voz, aparência, movimentos corporais e demais elementos adequados para este ofício que investigamos, um discurso veloz e arrebatado, o que era de sua natureza, mas palavras numerosas e um pouco em excesso, o que era da idade. Não o desdenhei, pois quero que a abundância revele-se num jovem. [...] Nada é mais fácil do que imitar o modo de alguém se vestir, sua postura ou seus movimentos. Porém, se há algo vicioso, adotá-lo e ser vicioso nisso não é grande coisa. [...] Já aquele que age como convém, em primeiro lugar é preciso que atente a sua escolha [de modelo a seguir]; em seguida, que busque com extremo cuidado os elementos que mais se sobressaem naquele que aprovou.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 88-92)

## **1.2 A permanência dos cânones da Retórica: Padre Antônio Vieira**

Ao longo dos séculos, na esteira do pensamento de Cícero, muitos e dedicaram a pensar a arte da oratória, que se aplicava a diferentes campos de atuação humana. Em especial a partir da Idade Média, os conhecimentos retóricos ganharam importância no contexto religioso, dado o domínio, no mundo ocidental, da Igreja Católica e, posteriormente, graças aos embates que se travaram com os protestantes pela conquista de fiéis.

Faremos um salto histórico para ressaltar a realidade histórica no Brasil. Em razão da colonização portuguesa, fortemente influenciada pelos jesuítas, o trabalho de catequese dos índios constituiu um vasto campo para aplicação dos conceitos da Retórica. Estudar a arte

mostrava-se fundamental para o êxito na conversão dos gentios. Porém, cabe notar que a oralidade encontrava respaldo nos hábitos indígenas, que, evidentemente sem o conhecimento da tradição clássica, valorizavam o bem falar.

A pregação no contexto da sociedade brasileira colonial era uma atividade difusa e bastante valorizada pela população. Notícias e descrições acerca das atividades de pregação são frequentes em relatos e cartas de viajantes e missionários, desde os primeiros tempos da colonização. Uma das informações mais antigas a respeito é fornecida por uma narrativa de 1593 do padre visitador da Companhia de Jesus, o português Fernão de Cardim (1548-1625): curiosamente, porém, refere-se não à pregação dos missionários e sim às atividades de pregação dos próprios índios em ocorrência da visita pastoral dos padres missionários. O relato merece ser analisado, por destacar as peculiaridades da retórica indígena e frisar a grande propensão dos nativos para a prática da palavra. Inclusive, evidencia como a pregação dos “principais” indígenas foi necessária para criar a confiança de suas tribos na palavra pregada pelos jesuítas.

(MASSIMI, 2005, p. 418)

Os relatos de Cardim revelam uma organização na interpretação da Retórica indígena que se baseia, como não poderia deixar de ser, dada a sólida formação retórica dos jesuítas, em princípios clássicos. Nos trechos destacados a seguir, observa-se a atenção aos cânones, à *pronuntiatio*, quando se refere aos comportamentos físicos do índio pregador; à *dispositio*, quando se refere à sensibilização exordial que praticavam ao destacar as dificuldades enfrentadas pelos padres para a chegada às aldeias, e à *elocutio*, quando se refere à figura da repetição.

Começam a pregar de madrugada, deitados na rede por espaço de meia hora, depois se levantam, e correm toda a aldeia, pé ante pé muito devagar, e o pregar também é pausado, freimático, e vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas pregações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão longe para os visitar, e consolar, e juntamente os iniciam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre em agradecimento. Era para os ver vir com suas cousas, etc., patos galinhas, leitões, farinha, beijos com algumas raízes e legumes da terra.

(CARDIM *apud* MASSIMI, 2005, p. 419)

Há referências até mesmo à *exercitatio*, quando Cardim discorre sobre um teste prático para avaliar as qualidades de um pregador a partir do ponto de vista dos nativos.

Quando querem experimentar um e saber se é grande língua, ajuntam-se muitos para ver se o podem cansar, falando toda noite em peso com ele, e às vezes dois,

três dias, sem se enfadarem. Estes principais, quando o padre visitador chegava, pregavam a seu modo dos trabalhos que o padre padeceu no caminho.

(CARDIM *apud* MASSIMI, 2005, p. 419)

Um campo de estudo instigante, aliás, seria, no âmbito de uma pedagogia retórica, uma “retoricografia brasileira”<sup>5</sup> a ser desenvolvida, resgatando, com suporte da Análise do Discurso e apoio da história cultural e disciplinas afins, a formação das representações sobre oralidade para além da tradição clássica greco-romana. Os limites de nosso trabalho, no entanto, não permitem maiores aprofundamentos nesse campo, por ora.

Sigamos, pois, para Vieira, que no século XVII, no *Sermão da Sexagésima*, talvez o mais fascinante de todos os textos escritos em português sobre a arte retórica, vale-se dos cânones para inquirir sobre a razão de os sermões não produzirem tantos efeitos práticos como seria desejável.

Mas como em um pregador há tantas qualidades e em uma pregação tantas leis, e os pregadores podem ser culpados em todas, em qual consistirá esta culpa? No pregador podem-se considerar cinco circunstâncias: a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo, a voz. A pessoa que é, a ciência que tem, a matéria que trata, o estilo que segue, a voz com que fala. Todas estas circunstâncias temos no Evangelho. Vamo-las examinando uma por uma e buscando esta causa.

(VIEIRA, 2008, p. 19)

### ***Inuentio:***

Na parte VI, ele trata da matéria escolhida pelos pregadores, no que tange à definição do recorte do tema. Começa por indagar qual seria a causa de os pregadores não fazerem fruto com a palavra de Deus:

Será pela matéria, ou matérias, que tomam os pregadores? Usa-se hoje o modo que chamam de apostilar o Evangelho, em que tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias. Boa razão é também esta. O sermão há de ter um só assunto e uma só matéria.

(VIEIRA, 2008, p. 23)

---

<sup>5</sup> Por não ser escopo da presente dissertação, propõe-se o desenvolvimento de pesquisa nessa área em outro momento.

Na parte VII, ele trata de outro aspecto da invenção de textos, que se refere à capacidade de desenvolver textos com base na própria experiência, conhecimentos e reflexão, e não na habilidade de reescrever:

Será porventura a falta de ciência que há em muitos pregadores? Muitos pregadores há que vivem do que não colheram e semeiam o que não trabalharam. Depois da sentença de Adão, a terra não costuma dar fruto, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece também esta. O pregador há de pregar o seu, e não o alheio. Por isso diz Cristo que semeou o lavrador do Evangelho o trigo seu: “A sua semente”. Semeou o seu, e não o alheio, porque o alheio e o furtado não são bons para semear, ainda que o furto seja de ciência.

(VIEIRA, 2008, p. 25)

### ***Dispositio:***

Vieira trata desse cânone na parte V, em crítica ao engessamento a que o rigor prescritivo pode condenar oradores desavisados, deslumbrados pelo domínio dos primeiros passos na arte de composição do discurso.

Não está a coisa no levantar, está no cair: “Caiu”. Notai uma alegoria própria da nossa língua. O trigo do semeador, ainda que caiu quatro vezes, só de três nasceu: para o sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair. Há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição. A queda é para as coisas, porque hão de vir bem trazidas, e em seu lugar; hão de ter queda. A cadência é para as palavras, porque não hão de ser escabrosas, nem dissonantes; hão de ter cadência. O caso é para a disposição, porque há de ser tão natural e tão desafetado que pareça caso e não estudo: “Caiu, caiu, caiu”.

(VIEIRA, 2008, p. 22)

### ***Elocutio:***

Vieira trata desse cânone também na parte V, criticando os exageros no culto às prescrições que conduzem o orador a se ocupar primordialmente do como dizer, em detrimento de o que dizer, pensando com isso distinguir-se do público.

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? Boa razão é também esta. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear: “Saiu o que

semeia a semear”. Compara Cristo o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte.

(VIEIRA, 2008, p. 21)

### ***Memoria:***

Vieira, de relance, trata desse cânone na parte VII, criticando os que imaginam ser possível realizar bons discursos apenas proferindo palavras estudadas e decoradas.

As razões não hão de ser enxertadas, hão de ser nascidas. O pregar não é recitar. As razões próprias nascem do entendimento, as alheias vão pegadas à memória, e os homens não se convencem pela memória, senão pelo entendimento.

(VIEIRA, 2008, p. 25)

### ***Pronuntiatio:***

Vieira trata desse cânone na parte VIII, mostrando que bons resultados na arte retórica não derivam de seguir recomendações desrespeitando a individualidade do orador. Pelo contrário, trabalhando suas peculiaridades, cada orador pode obter bons resultados, seguindo caminhos distintos.

Será finalmente a causa, que há tanto buscamos, a voz com que hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. [...]  
Mas que diremos à oração de Moisés? [...] Desça minha doutrina como chuva do céu, e a minha voz e as minhas palavras como orvalho que se destila brandamente e sem ruído? Que diremos ao exemplo ordinário de Cristo, tão celebrado por Isaías? [...] Não clamará, não bradará, mas falará com uma voz tão moderada que se não possa ouvir fora? E não há dúvida que o praticar familiarmente, e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma.

(VIEIRA, 2008, p. 26)

## **1.3 Os cânones da Retórica na atualidade**

Ainda na atualidade, os cânones retóricos se fazem presentes, como se pode ver em manuais de oratória, como o de Reinaldo Polito.

### 1.3.1 Em Reinaldo Polito

Reinaldo Polito, assim como outros autores de manuais de oratória dos tempos atuais, em *Como falar corretamente e sem inibições*, vale-se dos cânones para estruturar suas lições.

#### ***Inuentio:***

Na segunda e terceira partes do “Discurso”, componentes do capítulo V, o autor faz referência a alguns pontos da invenção, embora de modo muito mesclado à disposição.

A preparação pressupõe a existência de elementos que servem para tornar clara a matéria principal do discurso, facilitando o entendimento e a assimilação do auditório. São elementos da preparação: a proposição, a narração e a divisão. [...] A proposição é o próprio discurso reduzido na sua mais breve expressão. É uma sentença que demonstra de forma concisa o tema a ser desenvolvido. [...] Podemos definir a narração como sendo a exposição das causas e dos fatos onde se baseia o conteúdo principal do discurso para comover ou convencer os ouvintes. [...] A divisão da fala possui esta propriedade: facilitar o entendimento da plateia sobre o que será apresentado. É como se o comunicador mostrasse ao ouvinte os caminhos e as etapas que iriam cumprir juntos na maravilhosa viagem de comunicação. Além disso, pelo fato de orientar melhor o auditório, torna a fala menos cansativa e evita que o orador se perca durante a exposição. Lugares oratórios são os elementos que servem para preparar os argumentos, transformando-os em peças de extraordinário valor para o desenvolvimento da confirmação. Segundo Esteban Monegal Y Nogués, os lugares oratórios são: a definição, a enumeração das partes, as causas e efeitos, comparação e oposição, e as circunstâncias.

(POLITO, 1996, p. 93)

#### ***Dispositio:***

O capítulo V – “Como preparar um discurso” – é dedicado às partes que devem compô-lo. Ele defende o valor da composição técnica do discurso, mas sem que o orador caia em exageros:

Lançar-se empiricamente diante do público, sem um plano previamente preparado para a composição do discurso, esperando que a inspiração da tribuna possa iluminar os caminhos que serão percorridos ou apontar as etapas a serem cumpridas, é, se não um ato de irresponsabilidade, pelo menos uma demonstração evidente de ingenuidade. Concordamos que os antigos retores chegaram a exagerar em alguns dos pontos no estudo excessivamente pormenorizado das partes do discurso, mas daí a desconsiderar completamente esses conhecimentos é o mesmo que fechar os olhos para as conquistas do homem.

(POLITO, 1996, p. 93)



### ***Elocutio:***

Praticamente não há referências explícitas ao estilo nessa obra. Surgem pontualmente uma e outra referência remota, como a seguinte.

O auditório de hoje solicita uma fala mais natural e objetiva, sem os adornos da linguagem e a rigidez da técnica empregada até o princípio do século. O uso da palavra falada deixou de ser um privilégio dos religiosos, políticos e advogados, e alastrou-se para todos os setores de atividades.

(POLITO, 1996, p. 26)

### ***Memoria:***

No final do capítulo VI, Polito inclui uma discussão sobre os argumentos favoráveis e contrários à “fala decorada”, para concluir:

Com esses argumentos favoráveis (segurança, correção, duração, gesticulação) e contrários [esquecimento, artificialismo, indiferenças às circunstâncias e falta de criatividade], cada orador deverá decidir pela forma de apresentação que mais lhe agrada. Aquele que possuir uma memória prodigiosa e que conseguir decorar com extrema facilidade provavelmente optará por essa alternativa. Particularmente, acreditamos que o meio-termo é sempre o mais indicado: nem improvisar totalmente nem decorar. [...] Esta sugestão, obviamente, não elimina a preparação.

(POLITO, 1996, p. 177)

No que *diz respeito à pronuntiatio*, tratada no capítulo VI – “Como apresentar um discurso” –, limita-se às formas de apresentar o discurso, decorado, roteirizado, lido e de improviso. Porém, trabalha mais detalhadamente aspectos como voz e expressão corporal no capítulo III – “Quinze qualidades do orador para ajudá-lo a falar melhor” –, em que mistura capacidades pessoais (memória, habilidade, inspiração, criatividade, observação, síntese, vocabulário, conhecimento) a virtudes ou estados de ânimo (entusiasmo, determinação, naturalidade) e a aspectos propriamente ligados à *pronuntiatio* (teatralização, ritmo, voz). Dos comentários acerca da teatralização, destacamos:

Este talvez seja um dos itens mais controvertidos da comunicação. O seu estudo provoca debates acirrados, e nem sempre as conclusões abrangem a unanimidade das opiniões. [...] Já dissemos anteriormente que o auditório é quem manda no orador, desde que no final aja de acordo com a sua vontade. Ora, se o auditório desejar ver tristeza no semblante de quem fala, deverá o

comunicador demonstrar nos seus traços e atitudes a tristeza. Da mesma forma, se desejar ver alegria, pânico, desolação, euforia, decepção, etc., deverá o orador corresponder aos seus anseios.

(POLITO, 1996. p. 52 e 53)

Cabe ressaltar, a rigor, que “aquilo que o auditório deseja ver no orador” advém de uma interpretação, de uma aposta feita pelo orador. Portanto, o orador continua de posse do comando das ações durante o discurso.

Os que contestam essas afirmações dizem que assim ele estará sendo falso e enganando a plateia, o que refutaria o princípio orientador da Expressão Verbal, que é o de dizer sempre a verdade. O que se pretende, entretanto, com esse procedimento não é faltar à verdade, pois esta estará sempre presente na essência da mensagem, mas uma forma de fazê-la chegar até as pessoas que exigem determinados comportamentos para aceitá-la. Não se confunda essa ação com a demagogia, que tem como objetivo ludibriar a opinião alheia com falsidades, mentiras e omissões.

(POLITO, 1996, p. 53)

A posição de Polito em relação à verdade pode ser questionada. Seria mesmo um princípio “dizer sempre a verdade”? Parece-nos mais uma prescrição que pode redundar em conflitos emocionais. A discussão filosófica sobre o que vem a ser a “verdade”, que remonta a Platão, já inviabilizaria o princípio, pois ela não é atingível em sua plenitude. Além disso, mesmo que existisse “uma verdade”, não caberia à Retórica procurá-la.

Portanto, constatamos que os cânones da Retórica se sustentam desde o período clássico, passando pelos séculos até hoje de modo praticamente inalterado.

A perenidade das ideias aristotélicas faz com que não se possa falar em morte da Retórica, como por vezes se decretou ao longo de sua trajetória. Contrariamente ao que propugnava Aristóteles, cujo estímulo era sempre para o exercício da reflexão pessoal, passou-se a uma reformulação rígida e ao aprisionamento a cânones. A tendência que se desenvolveu, a partir daí, em ver a Retórica e, igualmente, na Poética um preceituário de soluções que deveriam nortear toda produção e também a avaliação de obras concretas, esteve presente nos manuais do século XIX. Foram eles, por conseguinte, responsáveis, em grande parte, por muitas das distorções que ocorreram e pela deformação do conceito original de Retórica.

(MOSCA, 2004, p. 18)

Julgamos necessário investigar, além de manuais de oratória propriamente ditos, diretrizes oficiais para o ensino da língua, as quais ordenam a prática escolar, revelando quão profundamente os postulados da Retórica, ainda que comumente não se perceba, assentam suas raízes no discurso pedagógico.

Já de longe, no Brasil, regulamentações tentavam disciplinar o exercício do ensino da Retórica com reflexos diretos no sistema educacional. Havia mesmo uma regulamentação para a concessão da licença de pregar, exigindo do pregador preenchimento de certas condições, como boa formação cultural, vida e costumes exemplares, idade apropriada e posse de ordens sagradas e exame de qualificação. Regulamentavam-se conteúdo e modalidades de pregação. Além da educação dos religiosos, os dispositivos tinham reflexos no ensino de toda a população, já que normalmente o controle educacional encontrava-se, em especial, com os jesuítas.

Devido à grande importância da pregação junto à população, fez-se necessário, ao longo do tempo, ordená-la a seus objetivos prioritários e controlar seus artifícios, através de uma legislação específica. [...] Com efeito, a normatização da pregação no Brasil, segundo os ditames de Concílio de Trento, encontra-se nas *Primeiras Constituições do Arcebispado da Bahia*, de 1707. [...]

Esta normatização estende-se, ao longo do século XVIII, pelo inteiro território nacional. [...]

Com efeito, a aplicação das normas acerca da pregação indicadas pelas *Constituições* exige a presença e o exemplo das autoridades eclesiásticas neste campo. Não se trata apenas de estabelecer normativas e sim de fornecer modelos a serem imitados, para que esta função tão importante na cristandade seja exercida de modo digno e eficaz.

(MASSIMI, 2005, p. 421-423)

Margarida Vieira Mendes, em artigo dedicado à estética e à memória no Padre Antônio Vieira, associa o humanismo praticado pelos pedagogos jesuítas à seguinte herança:

Herdeiros de uma pedagogia humanista alicerçada no estudo dos modelos antigos e onde imperava o ideal do orador ciceroniano, os jesuítas consagraram-na na Europa e nos outros continentes, a partir de meados do século XVI, lançando a retórica para o topo dos *studia humanitaris*. As qualidades necessárias ao homem, fosse qual fosse a sua função social, floresceriam e desabrochariam na educação pela palavra – poética e oratória – que culminava na aquisição da *techné* retórica.”

(MENDES, 1989, p. 25)

Mais adiante, acrescenta, ressaltando a importância dos cânones na estrutura do ensino jesuíta:

Como é sabido, a arte retórica exigia dos seus praticantes o aprimoramento de cinco faculdades essenciais, descritas em quase todos os tratados da Antiguidade: a invenção (*inuentio*), a disposição (*dispositio*), a elocução (*elocutio*), a memória (*memoria*) e a ação (*actio* ou *pronuntiatio*).

(MENDES, 1989, p. 25)

Para o escopo a que nos dispusemos, basta, no entanto, analisar, na atualidade, a influência dos cânones nas diretrizes para o ensino de linguagens.

### **1.3.2 Nos PCNs**

A permanência dos cânones retóricos, embora de forma não explícita e não assumida pelos especialistas, pode ser reconhecida também nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs. Pode-se entender que se encontra também a aplicação dos cânones ao ensino das linguagens nas considerações sobre a produção de textos escritos e orais.

Entretanto, de certo modo, a ênfase excessiva no ensino de gêneros textuais afasta-se do eixo dos princípios retóricos, construído em torno dos cânones. Os procedimentos preceituados nos PCNs, embora limitem o pleno desenvolvimento da competência retórica, têm o mérito de resgatar o tratamento da oralidade, em especial nos anos iniciais. Porém, parece-me que limitar o estudo de linguagens à questão dos gêneros produz resultados pouco satisfatórios, já que submete o indivíduo a só adotar práticas sociais vigentes.

De todo modo, em vários trechos, há referências mais ou menos explícitas à pertinência dos cânones no ensino da língua. Seleccionamos algumas, destacando expressões que permitem inferir a validade dos cânones para o estabelecimento de práticas pedagógicas destinadas ao desenvolvimento da escrita e da oralidade.

#### ***Inuentio:***

Este cânone é realçado ao se discorrer sobre a necessidade de “produzir ideias; saber utilizar diferentes fontes de informação para adquirir conhecimentos”.

Essas diferentes dimensões da linguagem não se excluem: não é possível dizer algo a alguém sem ter o que dizer. E *ter o que dizer*, por sua vez, só é possível a partir das representações construídas sobre o mundo. Também a comunicação com as pessoas permite a construção de novos modos de compreender o mundo, de novas representações sobre ele. A linguagem, por realizar-se na interação verbal dos interlocutores, não pode ser compreendida sem que se considere o seu vínculo com a situação concreta de produção. É no interior do funcionamento da linguagem que é possível compreender o modo desse funcionamento. Produzindo linguagem, aprende-se linguagem.

(BRASIL, 2007, p. 22; grifos nossos)

### ***Dispositio:***

Este cânone aparece com a constatação da dificuldade no domínio de suas recomendações, mesmo em alunos de ciclos mais avançados:

Por outro lado, a dificuldade dos alunos universitários em compreender os textos propostos para leitura e *organizar ideias por escrito de forma legível* levou universidades a trocar os testes de múltipla escolha dos exames vestibulares por questões dissertativas e a não só aumentar o peso da prova de redação na nota final como também a dar-lhe um tratamento praticamente eliminatório.

(BRASIL, 2007, p. 19; grifos nossos)

Também surge na descrição de possíveis atividades em sala de aula:

[...]

- dar o *começo de um texto* para os alunos continuarem (ou o fim, para que escrevam o início e o meio);
- planejar coletivamente o texto (o *enredo* da história, por exemplo) para que depois cada aluno escreva a sua versão (ou que o façam em pares ou trios).

(BRASIL, 2007, p. 52; grifos nossos)

E, ainda, quando se reconhece a necessidade de uma organização para o texto, sem o que ele não se constitui como tal:

O discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. Assim, pode-se afirmar que *texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado*, qualquer que seja sua extensão. É uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência. Esse conjunto de relações tem sido chamado de textualidade. Dessa forma, um texto só é um texto quando pode ser compreendido como unidade significativa global, quando possui

textualidade. Caso contrário, não passa de um amontoado aleatório de enunciados.

(BRASIL, 2007, p. 23; grifos nossos)

No primeiro ciclo, é fundamental que os alunos comecem a aprender a utilizar a língua para aprender. Isso só será possível (sobretudo quando ainda não sabem escrever com autonomia) se receberem ajuda constante do professor para fazer anotações sobre os assuntos tratados na aula, *organizando-as* no caderno; utilizar as anotações posteriormente, quando necessário; consultar o dicionário ou outras fontes escritas para resolver problemas ortográficos; pesquisar em enciclopédias; *preparar a fala* para uma exposição oral; *organizar argumentos* para um debate; buscar, num texto, elementos que validem determinadas interpretações.

(BRASIL, 2007, p. 70; grifos nossos)

Se a produção de textos já merece bastante atenção no início da escolaridade, mais ainda a produção de textos por escrito. Isso porque, ao escrevê-los, os alunos se envolvem numa tarefa particularmente difícil para um aprendiz: a de coordenar decisões sobre o que dizer (*organização das ideias ao longo do texto*) com decisões sobre como dizer (léxico, recursos coesivos, etc.), com a tarefa, quase sempre mais lenta, de grafar.

(BRASIL, 2007, p. 69; grifos nossos)

Critério de avaliação para o primeiro ciclo

- Narrar histórias conhecidas e relatos de acontecimentos, *mantendo o encadeamento dos fatos e sua sequência cronológica*, ainda que com ajuda. Espera-se que o aluno reconte oralmente histórias que já ouviu ou leu e narre acontecimentos dos quais participou (ou cujo relato ouviu ou leu), procurando manter a ordem cronológica dos fatos e o tipo de relação existente entre eles.

(BRASIL, 2007, p. 76; grifos nossos)

### ***Elocutio:***

Evidencia-se ao recomendarem os PCNs “expressar suas ideias, atendendo a diferentes intenções” e fazendo as necessárias adaptações quanto à forma de se dizer, inclusive no que tange ao domínio de diferentes registros linguísticos:

Produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, *de uma determinada forma*, num determinado contexto histórico. Isso significa que as escolhas feitas ao dizer, ao produzir um discurso, não são aleatórias — ainda que possam ser inconscientes —, mas decorrentes das condições em que esse discurso é realizado. Quer dizer: quando se interage

verbalmente com alguém, o discurso se organiza a partir dos conhecimentos que se acredita que o interlocutor possui sobre o assunto, do que se supõe serem suas opiniões e convicções, simpatias e antipatias, da relação de afinidade e do grau de familiaridade que se tem, da posição social e hierárquica que se ocupa em relação a ele e vice-versa. Isso tudo pode determinar as escolhas que serão feitas com relação ao gênero no qual o discurso se realizará, à seleção de procedimentos de estruturação e, também, à *seleção de recursos linguísticos*.

(BRASIL, 2007, p. 22; grifos nossos)

[...]

- utilizar *diferentes registros*, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente, sabendo adequá-los às circunstâncias da situação comunicativa de que participam;
- conhecer e respeitar as diferentes *variedades linguísticas* do português falado;

(BRASIL, 2007, p. 33; grifos nossos)

### ***Memoria:***

Foi relegada a segundo plano, pela confusão entre a memória que incrementa a capacidade cognitiva dos alunos e a que consiste em simples memorização (decoreba) de conteúdos. Há um silêncio quase absoluto sobre o desenvolvimento de práticas de memorização como instrumento didático de alto valor, embora surjam algumas práticas que a incentivem, baseadas em conteúdos que não podem ser assimilados sem memória:

Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, *ao invés do simples exercício de memorização*.

(BRASIL, 2000, p. 5; grifos nossos)

É o caso, por exemplo, da gramática que, ensinada de forma descontextualizada, tornou-se emblemática de um conteúdo estritamente escolar, do tipo que só serve para ir bem na prova e passar de ano — uma prática pedagógica que vai da metalíngua para a língua por meio de exemplificação, exercícios de reconhecimento e *memorização de nomenclatura*. Em função disso, tem-se discutido se há ou não necessidade de ensinar gramática. Mas essa é uma falsa questão: a questão verdadeira é para que e como ensiná-la.

(BRASIL, 2000, p. 31; grifos nossos)

Ainda que tenha um *forte apelo à memória*, a aprendizagem da ortografia não é um processo passivo: trata-se de uma construção individual, para a qual a

intervenção pedagógica tem muito a contribuir. [...] Em função dessas especificidades, o ensino da ortografia deveria organizar-se de modo a favorecer: [...]

- a tomada de consciência de que existem palavras cuja ortografia não é definida por regras e exigem, portanto, a consulta a fontes autorizadas e o *esforço de memorização*.

(BRASIL, 2000, p. 57; grifos nossos)

Os resultados dessas investigações também permitiram compreender que a alfabetização não é um processo baseado em perceber e *memorizar*, e, para aprender a ler e a escrever, o aluno precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: ele precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem.

(BRASIL, 2000, p. 20; grifos nossos)

Isso não significa que não haja lugar para a percepção e a memória nos estudos de linguagem, mas que elas não são o centro do processo:

Se, diante da proposta de *recuperar de memória uma história conhecida*, uma dupla de alunos tem como resultado basicamente o trabalho de um deles (ainda que com a concordância do outro), por mais interessantes que tenham sido os intercâmbios durante a atividade, não se pode afirmar que o produto final seja resultado da interação dos dois. Nesse sentido, o grande desafio é criar condições didáticas para que a interação verdadeiramente ocorra.

(BRASIL, 2000, p. 67; grifos nossos)

### ***Pronuntiatio:***

Ainda que considerando complementar o papel de aspectos ligados a tal cânone, os PCNs reconhecem seu valor:

O trabalho com linguagem oral deve acontecer no interior de atividades significativas: seminários, dramatização de textos teatrais, simulação de programas de rádio e televisão, de discursos políticos e de outros usos públicos da língua oral. Só em atividades desse tipo é possível dar sentido e função ao trabalho com aspectos como *entonação, dicção, gesto e postura*, que, no caso da linguagem oral, têm papel complementar para conferir sentido aos textos.

(BRASIL, 2000, p. 40; grifos nossos)



Em suma, considerando as diversas contribuições dos cânones da Retórica ao longo da história, verificamos que, ainda que de forma não explícita, elas ainda se mostram valiosas para estruturar o ensino-aprendizagem da língua.

O primeiro cânone, *inuentio*, se associa mais fortemente à subjetividade, isto é, à capacidade criativa do orador, sua competência para perceber e buscar dados para sustentar o discurso, bem como a competência de raciocinar e verificar a validade, qualidade e pertinência de argumentos. Em suma, descobrir o que falar e como provar que o que se fala é válido, correto, preferível, ou agradável.

O segundo e o terceiro cânones, *dispositio* e *elocutio*, vinculam-se principalmente ao conteúdo, ou construção do texto, tanto no que se refere à sua estruturação quanto ao que se refere ao estilo adotado.

O quarto cânone, *memoria*, se liga mais intensamente à competência cognitiva de criar associações mentais a partir do texto já produzido, para poder apresentá-lo na ordem escolhida.

O quinto, *pronuntiatio*, normalmente é interpretado como a “embalagem” do discurso, desprezando-se sua importância para a invenção do discurso. Porém, sua importância mostra-se decisiva para um orador bem preparado, no que tange à criação do texto.

## 2 A tridimensionalidade do discurso: *éthos*, *páthos* e *lógos*

Chamados por Aristóteles de meios de prova retórica, *éthos*, *páthos* e *lógos* constituem os

elementos essenciais a serem estudados para se atingir a eficácia no discurso. De fato, poderíamos definir a oratória como a arte de conferir a eficácia desejável a discursos. Mais precisamente, **a arte de desenvolver o sujeito de modo a torná-lo capaz de articular e harmonizar *éthos*, *páthos* e *lógos* para conferir a seu discurso eficácia na capacidade de criar realidades no mundo.**

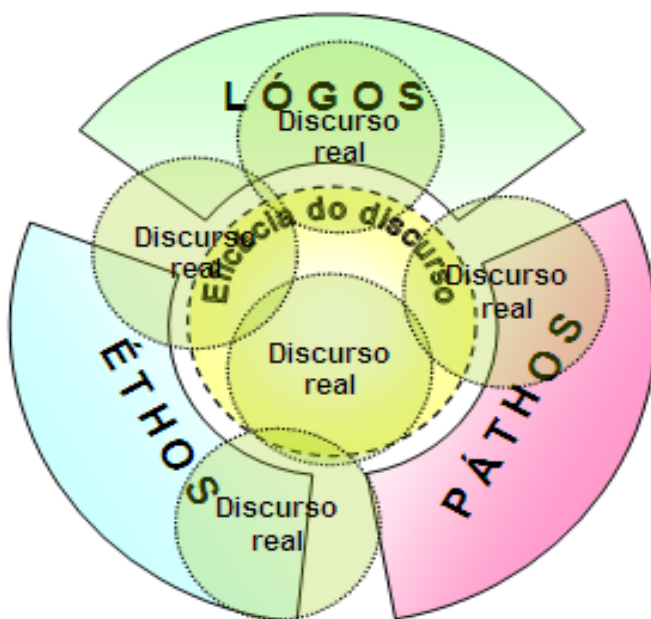


Figura 1: Diagrama da região de eficácia de discursos reais

Cada dimensão do discurso, que equivale a cada elemento necessário para sua existência, mensagem, público e orador, deve ser respeitada e influencia na EFICÁCIA da enunciação. Assim, poderíamos entender as três dimensões como três centros de tensão, cada um reforçando determinados critérios para que se realizem escolhas textuais.

Os parâmetros a serem respeitados pelo orador para a construção do discurso são diferentes em cada dimensão. No *lógos*, prepondera a busca pela informatividade, pela congruência com uma realidade e pela consistência lógica do texto. No *páthos*, a busca pela sensibilização do público a partir de suas disposições e motivações. No *éthos*, pela credibilidade e legitimidade do orador, entendida a primeira como uma qualidade construída durante o discurso e a segunda, como algo prévio à enunciação.

A eficácia de um discurso consistiria em colocar o texto numa região, o centro, em que se encontrasse a harmonização ideal das tensões entre todos os parâmetros em jogo. Tal região equilibraria as exigências de cada dimensão, respeitando as das demais.

Se o orador permitir que apenas um ou dois dos centros de tensão sobressaiam, perdendo o ponto de equilíbrio, a eficácia do seu discurso diminui. Examinaremos a questão supondo um discurso que visasse a obter doações para uma campanha humanitária. Reduziremos ao mínimo possível as palavras do discurso, para focar a importância das suas dimensões.

A Análise do Discurso considera interpretações, mas a Retórica dá larga atenção à elaboração do discurso. Do ponto de vista interpretativo, considerado o produto texto, é possível sempre analisar cada uma das dimensões e as interações entre elas e os discursos sociais.

As três dimensões sempre estão presentes em um texto. O foco do analista do discurso bem como do orador pode ser apenas uma delas, o que não significa que as outras inexistam. As dimensões discursivas não são uma realidade objetiva do discurso, mas um instrumento teórico para compreendê-lo – o que caberia mormente à Análise do Discurso – e elaborá-lo – atividade que merece a atenção da Retórica.

A Retórica, que largamente preconiza princípios e prescrições para a elaboração do discurso, exige um grau de consciência quanto à atenção que cada dimensão deve receber por parte do orador. Na prática, isso ocorre em graus variados. É comum, inclusive, determinados autores valorizarem, nas recomendações sobre a arte de fazer discursos, questões mais intimamente ligadas a apenas uma ou duas dimensões. Tal procedimento distorce a formação do

orador, que passa a conceder atenção predominantemente a alguma dimensão, em detrimento das demais.

## 2.1 Discursos unidimensionais

Seriam os discursos para cuja elaboração o orador dedicou quantidade de atenção consciente muito maior a apenas uma das dimensões.

### Atenção somente a *lógos*

Um discurso elaborado com atenção preponderantemente à dimensão do *lógos* considera apenas a constituição da MENSAGEM, ou seja, o grau de informatividade, a coerência e coesão, a construção lógica e os raciocínios, bem como a congruência entre o que se diz e o que existe no mundo.

Exemplo: no caso de um discurso para pedir doações, não bastaria dizer “doe!”

Embora clara e sucinta, uma mensagem assim deixaria de especificar uma série de informações, todas pertencentes à dimensão do *lógos*, necessárias para o discurso alcançar a eficácia, ou seja, criar a realidade desejada pelo orador, de haver doações por parte dos ouvintes.

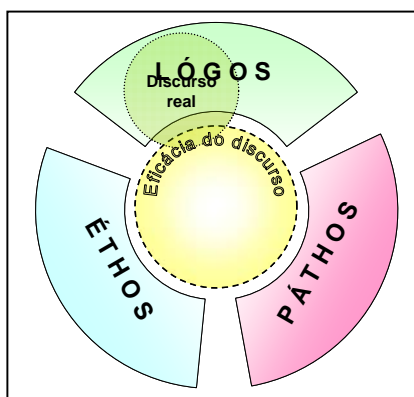


Figura 2: Diagrama de discurso valorizando somente *lógos*

Aumentar o grau de informatividade – para o que, em especial, contribui o processo da *stásis*<sup>6</sup> – é essencial. Perguntas bem formuladas ajudam a levantar informações cuja apresentação no discurso contribui para obter a adesão do auditório à causa defendida: DOAR para quem? Quem pode doar? Quando? Quanto? Onde? Como? Por quê? Quais as consequências (para quem recebe e para quem doa) de o fazer? Enfim, uma infinidade de perguntas pode ser formulada. Quanto mais perguntas formular para desenvolver

<sup>6</sup> Importante para o processo de invenção, de descoberta de argumentos além da *Tópica*, é a *stásis* (heurística/*stásis/constitutio*). Embora esse procedimento já existisse na Retórica desde Aristóteles (ARISTÓTELES. *Retórica*, III, 17, 1), deve-se a Hermágoras, no século II a.C., sua sistematização e difusão. Como a obra de Hermágoras desapareceu, o conhecimento que temos da *stásis* retórica vem principalmente de Cícero (*Ad Herennium*, I, 10, 18-I, 17, 27; *De inuentione*, I, 8-14; II, 15-115; *Topica*, XXIV, 93-95) e de Quintiliano (*Institutio oratoria*, III, 6). O procedimento da heurística retórica consistia na prática de fazer perguntas relevantes para esclarecer os principais pontos de um assunto e reconhecer o ponto de decisão (*iudicatio*) da causa.

o texto, mais tenderá o orador a elencar informações relevantes para atingir a eficácia.

Haverá doações se for especificado o montante a ser doado, que deveria estar ao alcance dos ouvintes, e se ficarem claros os procedimentos para se efetuar a doação, entre outros esclarecimentos que fornecem informatividade ao texto.

As perguntas do processo da *stásis* foram categorizadas posteriormente em TÓPICOS, diretrizes conceituais que levam a elaborar questões necessárias à invenção no discurso que aumentam o grau de informatividade. Alguns tipos de perguntas se aplicam melhor a determinados tipos de discurso. Por isso, Aristóteles associa determinados tópicos aos gêneros epidítico, deliberativo e judiciário.

Ao responder às perguntas advindas desse processo, elaborando o discurso, muitas vezes o orador refina seu pensamento, modifica sua ideia central, encontra novos argumentos e, afinal, torna seu discurso mais rico e potencialmente criador das realidades por ele desejadas.

Argumentos colaboram para atender a essa dimensão, pois é preciso provar a existência real da necessidade de doação. Um cuidado essencial consiste em não permitir o surgimento de contradições no discurso, o que geraria desconfiança, faria o orador perder a credibilidade e, muito provavelmente, diminuiria a eficácia do discurso.

Mas somente haver um texto bem produzido, com alta informatividade e argumentos sólidos, não garante que haverá doações.

### Atenção somente a *páthos*:

Um discurso com atenção exclusiva à dimensão do *páthos* considera apenas emoções, desejos, conhecimentos e interesses que o orador julga que o auditório tenha, ou seja, aquilo que o público desejaria ouvir ou aquilo que já estaria preparado para entender.

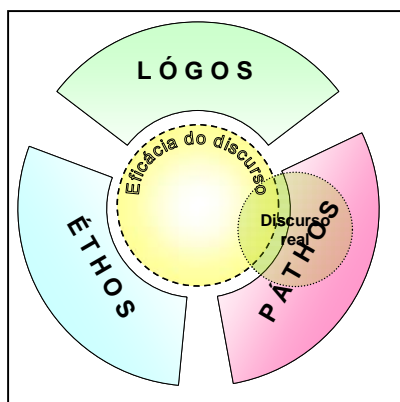


Figura 3: Diagrama de discurso valorizando somente *páthos*

Voltando ao exemplo de um discurso para pedir doações, é comum manuais práticos prescreverem que se deve conhecer o público e, em seguida, apresentarem várias prescrições para determinados tipos de público. No caso de plateias predominantemente femininas, é comum a recomendação de se valorizarem sentimentos, enquanto no caso das predominantemente masculinas, a de se valorizar a racionalidade; nas compostas por pessoas mais idosas, a de se

valorizarem as reminiscências, enquanto nas mais jovens, as projeções de futuro; em se tratando de públicos altamente letrados, a de se moderar gesticulação, enquanto para os menos sofisticados, a de se amplificar a teatralização dos movimentos e gestos.

De fato, conhecer o auditório é essencial. Mas cabe considerar que “auditório” não é uma dimensão completamente autônoma ou uma realidade objetiva. Na verdade, é uma abstração da mente do orador, influenciada por pressupostos, valores e visões de mundo do próprio orador. Ele aposta que o público seria de determinada forma e, com base em como julga que tal público dever ser tratado, toma decisões relativas à enunciação.

Para trabalhar bem a dimensão do *páthos*, bastaria ao orador respeitar o perfil do auditório, tentando sensibilizá-lo para a doação. Ele deveria basear-se nas possíveis motivações que determinado público teria para doar (compaixão, desconto em impostos, solidariedade, status e muitas outras) e procurar induzir sentimentos, bem como trabalhar interesses, para atingir seus objetivos.

Porém, somente conhecer o que determinado auditório valoriza não garante que haverá doações.

#### **Atenção somente a *éthos*:**

Um discurso com atenção exclusiva à dimensão do *éthos* considera apenas autoridade, legitimidade e credibilidade do orador.

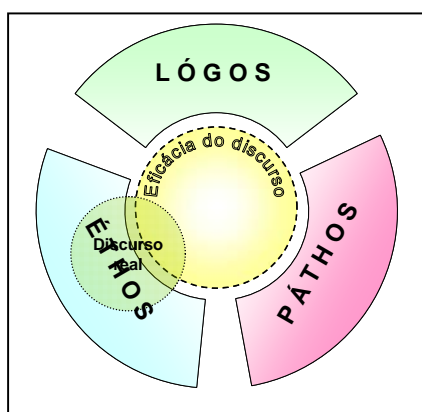


Figura 4: Diagrama de discurso valorizando somente *éthos*

No caso de pedir doações, o discurso reforçaria a seriedade de quem pede; exploraria a imagem pública do orador como alguém digno de credibilidade; relataria experiências do orador; usaria depoimentos sobre a própria vida, dizendo, por exemplo, como pôde se livrar de dificuldades graças a doações ou mostrando o orador como exemplo da ação pretendida, pelo fato de haver realizado diversas doações.

Porém, como a eficácia do discurso se assenta sobre questões práticas além das ligadas a quem fala, somente ser o orador respeitável não garante que haverá doações.

## 2.2 Discursos bidimensionais

### Atenção somente a *lógos* e *páthos*:

Discurso que considera apenas *lógos* e *páthos* e que não considera a dimensão do ORADOR. Exemplo, no caso de um discurso para pedir doações.

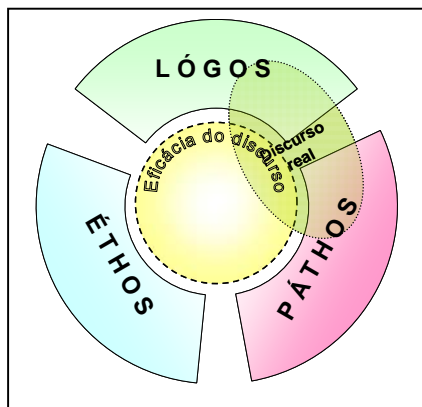


Figura 5: Diagrama de discurso valorizando somente *lógos* e *páthos*

Mesmo se houver necessidade de doação e o público estiver propenso a efetuar-la, caso o orador tenha uma vida pregressa marcada por desvios financeiros ou se mostre confuso quanto ao processamento das doações, a desconfiança tornará o discurso ineficaz.

Madre Tereza de Calcutá, por exemplo, não tinha uma voz forte, uma presença marcante, não representava o estereótipo do orador, mas conseguia enormes quantias em suas campanhas. Sua vida era mais eloquente que qualquer

palavra.

### Atenção somente a *lógos* e *éthos*:

Discurso que considera apenas *lógos* e *éthos* e que se afasta, portanto, do auditório.

Exemplo, no caso de um discurso para pedir doações.

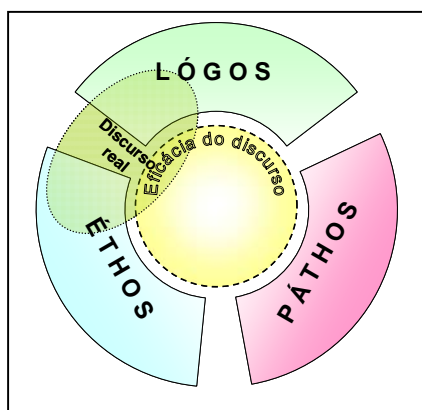


Figura 6: diagrama de discurso valorizando somente *lógos* e *éthos*

Pode haver uma boa causa, o orador pode ser digno de confiança, porém, caso o auditório não esteja sensível para o problema ou tenha ideologia que o afaste da ação pretendida, também o discurso não surtirá efeito.

Por isso, em campanhas eleitorais, por exemplo, as pesquisas de sondagens do eleitorado são tão fundamentais para a construção dos discursos dos candidatos. O mesmo ocorre em campanhas publicitárias. É preciso conhecer valores, sonhos, desejos e necessidades do público-alvo para realizar um discurso produtivo.

### Atenção somente a *páthos* e *éthos*:

Discurso que considera apenas *páthos* e *éthos* e que se afasta, portanto, da dimensão MENSAGEM.

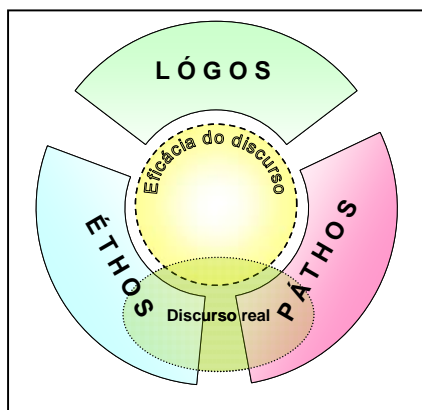


Figura 7: Diagrama de discurso valorizando somente *páthos* e *éthos*

Exemplo, no caso de um discurso para pedir doações.

Não basta o orador mostrar-se íntegro nem o público ter disposição para colaborar. A consistência da mensagem, sua clareza, os argumentos utilizados devem justificar a ação proposta para que o discurso obtenha, de fato, doações.

Se o orador primeiro fala que a doação só pode ser feita em dinheiro e depois que só pode ser realizada com cartão de crédito, o público, mesmo querendo doar, terá dificuldades em fazê-lo, por não ter certeza quanto ao modo de efetivar a doação.

## 2.3 Discursos tridimensionais

### Atenção a *lógos*, *páthos* e *éthos*:

Discurso que considera *lógos*, *páthos* e *éthos* atende a todas as dimensões.

Exemplo, no caso de um discurso para pedir doações.

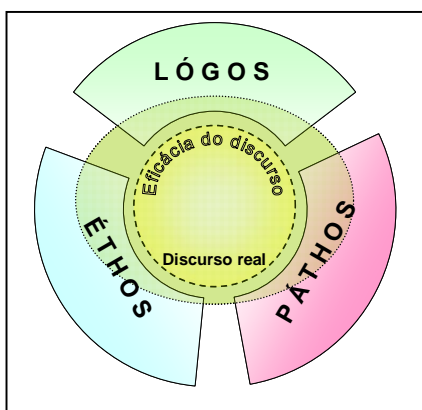


Figura 8: Diagrama de discurso valorizando somente *páthos* e *éthos*

Justificam-se com boa argumentação os motivos para serem feitas as doações, considerando-se os valores e disposições do auditório, e conferem-se credibilidade e legitimidade ao orador para solicitar e aplicar as doações aos fins especificados.

Respeitando as três dimensões, o discurso assim construído teria maior grau de eficácia e maior probabilidade de atingir seus objetivos. Do ponto de vista da lógica e da congruência, *lógos*, estaria sintonizado com uma realidade do mundo. Do ponto de vista de valores e sentimentos do público, *páthos*, a partir de visões de mundo coincidentes, trabalharia sua sensibilização para a causa proposta. Finalmente, do ponto de vista da credibilidade e legitimidade do orador, *éthos*

ressaltaria o orador como alguém digno e confiável, com autoridade moral e pessoal para criar as realidades propostas pelo discurso.

### **3 Oratória na atualidade**

Nesta seção, após considerações a respeito da Retórica Clássica e de algumas mostras de como essa arte dos antigos permaneceu através dos séculos, passo a apresentar alguns aspectos relativos à oratória na atualidade, começando com considerações sobre o que se costuma chamar de “morte da Retórica”.

#### **3.1 A morte da Retórica**

Com a linguagem, o homem cria realidades e, no mundo, com e por meio dela, percebe, pensa e age. Com a Retórica, estuda como conferir eficácia à linguagem.

Em época alguma, o homem deixou de criar realidades e interferir no mundo usando a linguagem, bem como jamais deixou de refletir sobre como fazê-lo de modo cada vez melhor. Assim, causa estranhamento alguém propor que uma atividade tão vital, a Retórica, seja, em algum instante da história, relegada a uma posição subalterna entre as atividades humanas.

Perelman, no entanto, decreta que estabelecia as bases de uma “nova Retórica”, pois a antiga havia sido descurada. Entretanto, a qual Retórica se referia? Que discurso privilegiava?

[...] faz três séculos que o estudo dos meios de prova utilizados para obter a adesão foi completamente descurado pelos lógicos e teóricos do conhecimento.

(PERELMAN, 1996, p. 3)

O que ele mencionava não era a morte da Retórica, mas a falta de atenção mais ampla dada a ela por parte de uma classe de estudiosos, os lógicos e epistemólogos, que se aprofundaram em apenas uma das dimensões, o *lógos*. Porém, é aceitável e até desejável que, ao enveredar no aprofundamento de determinados pontos de uma área tão ampla, quem o faça, de fato, relegue a um segundo plano outras possíveis linhas de investigação. Trata-se de uma especialização sobre a qual não há o que lamentar, pois necessária ao progresso da investigação científica. Delimitar bem o objeto de estudo é uma tarefa essencial. Assim fez, por exemplo, a fonoaudiologia, cujo notável grau de especialização a diferencia, já em larga medida, da Retórica. No entanto, os liames dela com a Retórica sempre são lembrados pelos mais destacados



conhecedores dos princípios que regem o fenômeno linguageiro. Na passagem a seguir, por exemplo, o ideal do *vir bonvs* prepondera sobre a técnica vocal.

O importante é ter algo a dizer ao mundo [...] mesmo quando se fala mal, mesmo quando a voz é anormal, mesmo quando se tropeça nas palavras. O importante é ter uma mensagem profunda, pessoal, verdadeira, autêntica a transmitir.

Claro que o ideal é transmiti-la com boa voz. Mas ninguém deve se deixar embalar pela sonoridade magnífica, pela música das palavras, mais do que pela música das ideias, do sentimento, do conhecimento.

Já se foi a época em que se procuravam no grande orador os chamados grandiloquentes, aquela “vibrante” monotonia melódica, tocando a mesma música em todas as frases, desde a descrição de uma célula até a defesa de um réu inocente.[...]

O principal, ao falar, é não trair a própria natureza, a própria alma. A voz pode melhorar sempre. A alma, também.

(BLOCH, 1977, p. 156 e 157)

Perelman tem o mérito de alertar sobre a necessidade de não se perderem de vista contribuições que uma visão mais geral da Retórica traria para os estudos da lógica. Cabe destacar quão grande foi a influência dessa percepção de Perelman, e o quanto continua forte, em especial na Análise do Discurso. Tornou-se lugar-comum repetir o conceito, ainda que as próprias percepções sejam diversas, de “morte da Retórica”.

Observe-se a contradição, no mesmo parágrafo, de um especialista que parece reconhecer a importância da Retórica ao longo da história, mas que logo retoma a ideia de morte da Retórica.

A disciplina constituída pela retórica, na verdade, jamais foi abandonada ao longo de sua história. Segundo as épocas, porém, ela teve estatutos, ou objetos, bem diferentes. [...] constantemente oscilou entre uma concepção social e uma concepção formalista, e que ela *acabou por morrer*, antes de renascer, de maneira espetacular, no século XX.

(KLINKENBERG *apud* MOSCA, 2001, p.130; grifos nossos)

Evidentemente, só pode renascer o que tenha morrido. Como o positivismo precisava posicionar-se contra qualquer coisa indigesta ao império do puramente racional e controlável, indispôs-se violentamente contra a Retórica, pelo fato de ela se dedicar ao estudo – nem sempre possível de se fazer com pura racionalidade – sobre a ferramenta mais poderosa para a criação de

realidades pelo homem, a linguagem. Entretanto, procurar ferir, vilipendiar e tentar calar pela força da ridicularização seriam estratégias insuficientes para sufocar tão vigorosa disciplina.

Destaque-se que Klinkenberg se redime da interpretação anterior, quando afirma, de forma aguda e pertinente:

Cada uma das partes do grande edifício que ela constituía adquiriu, na verdade, a sua independência, tanto no domínio das disciplinas teóricas como no das disciplinas práticas. [...] essa fragmentação não fez desaparecer o projeto retórico primitivo. [que é] [...] contribuir para constituir uma ciência do discurso dos homens em sociedade.

(KLINKENBERG *apud* MOSCA, 2001, p. 13)

Pelo fato de ter vivido em ambiente acadêmico, onde o positivismo vigente na segunda metade do século XIX repercutiu por décadas, Perelman se referia a apenas uma parte da Retórica, aquela estudada nos meios acadêmicos, sobretudo a partir de produções científicas e jurídicas. Tanto que se refere a “lógicos” e “teóricos do conhecimento”, presentes, em geral, na academia. O que interpretou no campo jurídico se referiu a um momento em que as discussões na área se pautavam sobre a validade do positivismo para embasar julgamentos.

Porém, a Retórica está numa esfera e a lógica e a teoria do conhecimento, em outra. As duas últimas constituem uma parte apenas da Retórica. São servas da Retórica, como, aliás, as demais disciplinas. A armadilha em que sucumbiu o positivismo foi considerar que a lógica e o racionalismo preponderariam sobre a Retórica.

Perelman, deliberadamente, deixou de considerar a Retórica presente em outras instâncias sociais, como a comunicação de massas, a esfera religiosa, o proselitismo político. Perelman ou, pelo menos, seus leitores mais desavisados, generalizaram a presença da Retórica em cada uma dessas instâncias com o mesmo molde com o qual ele avaliava a argumentação – não toda a Retórica, ressaltou-se – científica e jurídica.

A rigor, no entanto, mesmo a ciência e o direito jamais deixaram a Retórica de lado, até porque ela não se restringe ao problema da argumentação

Com efeito, tem-se entendido por Retórica Jurídica quer a disciplina (ou o *quid* sobre que se debruça) atinente a um vasto, vastíssimo, conjunto de elementos discursivos, argumentativos, ponderadores, que se manifestam pelo pensamento problemático (e não dogmático, sistemático, axiomático, etc.) com presença nas diversas formas por que se manifesta e vive o Direito. Nesta visão muito lata, Retórica jurídica engloba, na verdade, não só a tópica como a própria dialética.

E como nem a tópica é uma só, nem a dialéctica singular, na Retórica jurídica, ao menos enquanto estudo de perspectivas e teorias, caberiam várias tópicos e várias dialécticas.

Mais ainda: vista a questão por outro lado, não há dúvida de que nesta lata acepção cabem retóricas de todas as fontes de Direito, pelo menos de todas as fontes voluntárias. Não sendo para nós claro afirmar-se que os usos ou até o costume, por exemplo, se afirmem com uma retórica (tal não poderá ser dito a não ser de forma muito metafórica...), já é evidente que a Lei está impregnada de retórica (desde as discussões políticas, parlamentares, trabalhos de comissão, até se plasmar tal retórica em exposições de motivos, preâmbulos, e até campanhas públicas de divulgação e promoção de certa legislação, etc.). O mesmo se diga, ou quase, para a jurisprudência. [...]

No Direito está viva a Retórica no seu melhor. E a defesa da Retórica é, em boa medida, a defesa do Direito, tal como a defesa do Direito a defesa da Retórica.

(CUNHA, 2003, p.1-19)

Portanto, decretar a morte da Retórica nos três séculos que o precederam seria apenas uma estratégia perelmaniana para poder se instaurar como aquele que a ressuscitaria. Afinal, em todos os campos importantes da atividade humana, a Retórica, moldando-se aos desafios sociais de cada época, mostrou-se viva e atuante. De fato, em sua longa e importante história, a Retórica já recebeu muitas definições, acomodando vários objetivos e variando muito no que incluía. Ela foi moldada e remoldada pelas diversas ênfases culturais que mudaram através dos tempos. Foi usada de diferentes maneiras: cada época, cada escola adaptou-a e continua adaptando-a até nossos dias para diferentes fins, reformulando-a à sua própria imagem. Por isso, já foi caracterizada como camaleônica.

Adiante, após estudar definições de Retórica, perceberemos que representações de morte da Retórica somente farão sentido em algumas acepções restritas do termo. O discurso cientificista com intuítos políticos e ideológicos enveredou por apenas uma parte da Retórica, o estudo da argumentação, como se possível fosse apreender o mundo usando tão somente a lógica. Entretanto, jamais deixaram de ser publicados manuais sobre Retórica, agregando aos conceitos estabelecidos na antiguidade inovações trazidas pelas transformações sociais peculiares a cada época. Concluimos, pois, com Polito, que:

Enganam-se aqueles que imaginam a extinção do estudo da oratória nos dias atuais. O que houve, na verdade, foi uma grande transformação nas exigências dos ouvintes e conseqüentemente na orientação do ensino da arte de falar. [...]

Muito mais do que em formar oradores profissionais, os cursos atuais se aplicam em formar profissionais oradores, isto é, pessoas que possam expressar pela palavra seu conhecimento, de maneira correta e segura. Esta linha de ensino,

mais liberada, não exclui a contribuição dos antigos retores, apenas promove uma adaptação ao gosto da plateia moderna, que deseja um orador que converse com o ouvinte em vez de um orador que fale para ele.

(POLITO, 1996, p. 26)

### 3.2 A Retórica sempre viva

Como atividade humana, a Retórica jamais deixou de ser importante e fundamental. Perelman visava estabelecer como referência a estratégia, que considerava como perspectiva primeira o discurso cientificista, ou lógico racionalista, como base de uma ação política. Tal perspectiva não corresponde à realidade de uma Retórica humanista, sempre forte e presente nas mais variadas atividades – empresariais, comerciais, religiosas, midiáticas e mesmo científicas.

Um bom índice para se constatar a permanência da Retórica é o número de publicações na área. Não se pode confundir o fato de se deixarem de publicar certos títulos com desprezo pela Retórica. O que há, de fato, é uma alteração no modo de tratar o fenômeno da linguagem, com o consequente concentrar da atenção dos especialistas e centros de pesquisa em novas abordagens. Por exemplo, podemos incluir toda a bibliografia sobre linguística (tendo em vista o valor vigente à época de tratar todas as questões de um ponto de vista cientificista) como publicações na área de Retórica. O mesmo se dá em relação às inúmeras publicações sobre comunicação. Ao lado delas, nunca deixaram de ser publicados manuais práticos sobre a arte de fazer discursos.

Em *De oratore*, Cícero, com a fala de Antônio, faz talvez o mais tocante elogio à oratória do mundo clássico, justificando seu valor com base em sua utilidade e em sua beleza:

Agora proponho, por ter convicção de tal fato, o seguinte: embora não exista uma arte, não há nada mais admirável do que um orador perfeito. De fato, deixando de lado a utilidade da oratória, que é soberana em qualquer cidade livre e em paz, há tamanho deleite na capacidade oratória em si que nada pode ser percebido com maior prazer pelos ouvidos ou pelas mentes dos homens. 34. Pois que canto é possível encontrar mais agradável do que um discurso cadenciado? Que poema é mais bem construído do que um período feito com arte? Que ator, ao imitar a realidade, é mais agradável do que um orador, ao assumir um caso real? Ou que há de mais sutil do que as sentenças abundantes e agudas? Que há de mais admirável do que um tema iluminado pelo brilho das palavras? Que há de mais rico do que um discurso repleto de toda espécie de temas? E não há qualquer tema que não seja próprio do orador, desde que exposto com distinção e gravidade. 35. É próprio dele, ao aconselhar sobre os assuntos mais importantes, o pensamento exposto com autoridade; também o é animar o povo já fatigado, ou moderá-lo, quando fora de controle; por esta mesma capacidade a perfídia dos homens é levada à ruína, sua integridade, à salvação. Quem é capaz de exortar à virtude com mais ardor, de apartar os vícios com mais severidade,

de vituperar os maus com mais aspereza, de louvar os bons com mais distinção, de, numa acusação, derrubar a ambição com mais veemência? Quem, com sua consolação, pode aliviar a tristeza com mais doçura? 36. Quanto à História, testemunha dos tempos, luz da verdade, vida da memória, mestra da vida, mensageira da Antiguidade, que outra voz confia à eternidade, senão a do orador?

(CÍCERO. *De oratore*, II, 33-36)

Podemos dizer que o elogio à capacidade oratória proclamado na antiguidade permanece válido. Mesmo com a profusão de gêneros textuais e dos suportes da linguagem e a multimodalidade, um bom orador continua alcançando destaque social.

Nossa vivência empresarial no comércio de livros permitiu-nos constatar alguns fenômenos editoriais impressionantes ligados à oratória, como a obra do Prof. Reinaldo Polito. Somando-se vários dos títulos desse autor na área da comunicação verbal, contam-se milhões de exemplares vendidos, o que comprova o interesse do grande público pela matéria. Apenas um de seus títulos, *Como falar corretamente e sem inibições*, publicado pela Editora Saraiva, saltou da 45ª para a 111ª edição entre 1996 e 2006.

Destaque-se, de passagem, haver no próprio título dessa obra a pressuposição de existir uma “maneira correta” de se falar. Encontram-se em profusão representações do que é “falar bem”, de “o que o público deseja”, de “como determinado público é”, de “o que fazer para se tornar um bom orador”, de “como usar a voz, gestos, movimentos”, de “onde aplicar os preceitos da boa oratória” já em obras clássicas, como *Retórica a Herênio*, atribuída, em meio a polêmicas sobre a verdadeira autoria, a Cícero, e em obras recentes, das quais é exemplo *Como falar em público e influenciar pessoas no mundo dos negócios* (CARNEGIE, 1994), talvez a mais importante obra do século XX sobre o tema. Recomendações atravessam séculos e chegam com poucas mudanças e adaptações aos novos gêneros textuais, o que acarreta uma discrepância entre as expectativas sobre o valor das prescrições e os resultados obtidos na busca do “falar bem”.

No entanto, apesar de todo o interesse pelo “falar bem”, ao procurar reflexões acadêmicas na área, de modo a fundamentarmos algumas práticas e buscarmos novas maneiras de garantir bons resultados a quem procura nosso curso, defrontamo-nos com escasso material. Dentre as razões plausíveis para tal lacuna citamos uma reação ideológica, compreensível, diga-se de passagem, contra quem preconiza uma fórmula padrão para a boa formulação do pensamento, da fala e da escrita, e um preconceito contra a possibilidade de se “ensinar a falar bem”.

Fato é que a escassez de material indica a urgência de uma discussão aprofundada sobre a questão, que trará, espera-se, contribuições fundamentais para variadas esferas.

Cada especialista em uma área do conhecimento sobre linguagens, entretanto, julgando ser a sua área a mais importante ou relevante, procura conferir-lhe maior credibilidade, ampliando o embasamento científico no qual se ancora. Muitas vezes, esse processo leva a um distanciamento da aplicação prática dos avanços da área, que somente poderá ser recuperado muito mais tarde.

É oportuno rememorar as reflexões de uma especialista que, distanciada da paixão por uma área apenas, enxerga o processo numa perspectiva histórica que permite compreender bem a temática:

Vi nascerem e morrerem várias teorias. Vi como nós, de um dia para o outro, abandonamos convicções pelas quais nos batíamos, defendíamos a unhas e dentes, e as substituímos por outras que estão na moda. Passamos então não só a defender nossas novas convicções com ardor revigorado mas também a desmerecer nossas posições anteriores, que passamos a ver com muitas restrições, se não com desprezo.

Com isso aprendi algumas lições: a não ter preconceitos pelas novidades, mas a não desacreditar a tradição. Sobretudo não acreditar em dogmas de fé. As teorias não passam de exercícios intelectuais e não têm a capacidade de modificar nosso objeto de estudo, a linguagem, só o nosso olhar sobre ela.

(MENDES, 2010)

Para avançar, será preciso escolher uma definição de Retórica.

### **3.3 Definições de Retórica**

A Retórica, por sua característica de contato multifacetado com outras disciplinas, toma formas distintas:

A primeira Retórica, a Retórica por excelência, a Retórica integral, nascida na Grécia e chamada de convenção, Retórica Antiga, sofreu, no decorrer do tempo, mutilações sucessivas, e, algumas de suas partes, que se tornaram autônomas, pretenderam representar toda a Retórica. Nada obstante, as novas Retóricas surgidas por esse processo nunca invalidaram as anteriores, e, atualmente, convivemos com muitas retóricas, a saber, a Retórica Antiga, a Retórica Clássica, a Retórica das Figuras, a Retórica Nova e a Retórica Semiótica.

(TRINGALI, 1988, p. 9)

Nada mais natural, portanto, que haver diferentes definições para Retórica. Cada uma ilumina um aspecto da arte, destaca princípios constitutivos de novos olhares, procura diferenciar-se de pontos de vistas já existentes, em constante busca pela reinvenção.

Um ótimo panorama das definições de Retórica no mundo clássico é ofertado por Manuel Alexandre Jr., no prefácio da Retórica, volume das obras completas de Aristóteles:

Definir a retórica não é tarefa fácil. Pois, como se crê, nunca existiu um sistema uniforme de retórica clássica, embora se multipliquem os esforços de a apresentar como um sistema. A retórica foi sempre uma disciplina flexível, mais preocupada com a persuasão dos ouvintes do que com a produção de formas de discurso; isto é, mais preocupada com a função retórica do que com a configuração do próprio texto. [...]

Ao dissertar sobre a natureza da retórica, Quintiliano reflecte sobre as várias definições desta, e deixa-nos perceber as seguintes quatro como as mais representativas das convenções retóricas clássicas:

- A definição atribuída a Córax e Tísias, Górgias e Platão (geradora de persuasão);
- A definição de Aristóteles (a retórica parece ser capaz de descobrir os meios de persuasão relativos a um dado assunto);
- Uma das definições atribuídas a Hermágoras (a faculdade de falar bem no que concerne aos assuntos públicos);
- A definição de Quintiliano, na linha dos retóricos estoicos (a ciência do bem falar)

Num aspecto todas estas definições concordam: que a retórica e o estudo da retórica têm em vista a criação e a elaboração de discursos com fins persuasivos. Mas, embora idênticas no essencial, elas realçam quatro elementos retóricos importantes: 1) o seu estatuto metodológico; 2) o seu propósito; 3) o seu objecto; e 4) o seu conteúdo ético.

(ALEXANDRE JR., 2006, p. 21-23)

Mendes resgata, de Platão a Barthes, conceituações esclarecedoras sobre as nuances emprestadas por diferentes especialistas a essa área do conhecimento:

A Retórica já recebeu inúmeras definições através dos tempos: Dentre os clássicos, Platão a definiu como “a arte de ganhar a alma pelo discurso”; para Aristóteles, era “... a faculdade de descobrir em qualquer caso particular todos os meios disponíveis de persuasão”. Para Cícero, “Retórica é uma arte que contém cinco artes menores: *inuentio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *pronuntiatio*” e “Retórica é a fala com o propósito de persuadir.” Na definição de Quintiliano, “Retórica é a arte de falar bem”. Na definição contemporânea de Roland Barthes (1975, p. 148), “Retórica é uma metalinguagem cuja linguagem objeto é o discurso”.

(MENDES, 2010, p. 9)

De modo geral, nos principais dicionários atuais em língua portuguesa, verificamos definições do verbete “Retórica” e de termos correlatos que permitem captar o entendimento do senso comum sobre a Retórica, incluindo julgamentos de valor que apontam para uma representação social com carga negativa para seus desvios, decorrentes da sobreposição de artifícios sobre conteúdos ou valores.

**retórica**

Datação: sXIV

substantivo feminino

1 Rubrica: filosofia, retórica.

a arte da eloquência, a arte de bem argumentar; arte da palavra

2 Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: retórica.

conjunto de regras que constituem a arte do bem dizer, a arte da eloquência; oratória

2.1 Rubrica: retórica.

uma das três disciplinas de que se constituía o *trivium*, na Idade Média, e era ensinada nas universidades

3 Derivação: por metonímia.

aula em que se ensinava essa arte

4 Derivação: por metonímia.

livro ou tratado sobre retórica

5 uso da eloquência; utilização dos recursos, das regras da retórica

6 Derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo.

emprego de procedimentos enfáticos e pomposos para persuadir ou por exibição; discurso bombástico, enfático, ornamentado e vazio

7 Uso: pejorativo.

discussão inútil; debate em torno de coisas vãs; logomaquia

(HOUAISS, 2001)

Na acepção de número 6, encontra-se um exemplo de uso pejorativo devido ao excesso no uso de técnicas retóricas. Já na de número 7, devido ao conteúdo.

**retórica**

|rèt| (latim *rhetorica*, -ae, do grego *rhetoriké*)

s. f.

1. Arte de bem falar.

2. Conjunto de regras relativas à eloquência.

3. Livro que contém essas regras.

4. Estilo empolado e guindado (chama-se também: flores de retórica).

5. [Informal] Mulher que tem pretensões a bem-falante e sentenciosa.

*figura de retórica*: artifício de linguagem que modifica a expressão do pensamento, para a tornar mais viva, mais enérgica ou mais compreensível.

(DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA  
PORTUGUESA)



Nas acepções de número 4 e 5, encontramos exemplo de uso pejorativo decorrente da excessiva valorização do cânone *elocutio*.

**Retórica**

Conjunto de regras para bem dizer em público ou para falar eloquentemente. Livro que contém essas regras. Exibição de meios oratórios. Discussão ou estilo palavroso, embora pobre de ideias. Afetação de eloquência. Pura r.: Diz-se de imagens literárias exageradas ou analogias mal fundadas. Fazer r.: falar ou escrever em estilo empolado e retumbante.

**Retoricador**

Que retórica. Palrador, tagarela. Aquele que retórica.

**Retoricão**

Aquele que fala com afetação, procurando passar por bom orador, sem o ser.

**Retoricar**

Aplicar as normas da retórica, falando ou escrevendo.

**Retoricismo**

Abuso da retórica.

**Retórico**

Pertencente ou relativo à retórica. Que fala em tom declamativo e se serve de estilo empolado. Que presume de bem falante. Falador. Tratadista de retórica; retor. Orador ou escritor de estilo retumbante, que usa de linguagem muito afetada para encobrir a superficialidade das ideias. Orador que declama afetadamente ou em estilo empolado e impróprio.

(SILVA, 1986)

Nota-se o choque entre os termos “palavroso”, em clara referência à *elocutio* e “pobre de ideias”, o que redundava da baixa qualidade da *inuentio*. Curioso o termo “pura”, antecedendo a “retórica”, conferir à expressão um caráter negativo, já que normalmente a ideia de pureza está associada a uma orientação argumentativa eufórica. Também merecem menção: em “retoricar”, o registro das modalidades oral e escrita; e o aumentativo da palavra “retoricão” conter significado pejorativo, numa referência aos exageros tão comuns, sobretudo no processo pedagógico, que trazem resultados deficientes.

Como se vê, em todos os dicionários mencionados encontram-se registros de sentidos pejorativos para o termo, o que demonstra o desprestígio da disciplina ou desprezo por ela quando incorre em desvios ou exageros. Julgamos, no entanto, que a grande quantidade de acepções pejorativas reforça a ideia do senso comum, segundo o qual a qualidade da Retórica exige o equilíbrio entre os cânones, e indica que os exageros decorrem principalmente da ultravalorização de um deles, a *elocutio*, ou do mau uso das prescrições de outro, a *pronuntiatio*. Quando desconectados dos demais, surgem os problemas.

Em dicionários especializados, embora não se encontrem referências pejorativas explícitas, percebe-se comumente uma redução da Retórica a apenas alguns de seus cânones, um congelamento no tempo de seus postulados e uma crítica às categorias por ela criadas.

No exemplo a seguir, a redução ocorre seja confundindo-a com a Análise do Discurso, seja deixando de lado alguns de seus cânones, ou ainda reduzindo a três tipos os discursos de que trata.

#### Retórica

Chama-se retórica ao estudo das propriedades dos discursos (fala-se, também, de Análise do Discurso). A retórica comporta, em particular, o estudo dos três componentes essenciais do discurso: a *inuentio* (temas e argumentos), a *dispositio* (arranjo das partes) e, sobretudo, a *elocutio*, objeto principal da retórica, se define essencialmente pelo estudo das figuras ou tropos. Os tipos de discurso definidos pela retórica são o deliberativo (discurso sustentado a fim de persuadir ou aconselhar), o judiciário (discurso sustentado a fim de acusar ou defender) e o epidíctico (discurso sustentado para elogiar ou censurar). V. também Estilística.

(DUBOIS, 1998, p. 522)

Greimas e Courtés também se referem, no verbete “Retórica” do *Dicionário de Semiótica*, somente aos cânones *inuentio*, *dispositio* e *elocutio*, e reduzem seu objeto de estudo aos discursos persuasivos. Interessante notar que julgam ser a Retórica devedora à Semiótica do interesse que atualmente teria voltado a despertar, o que, diga-se de passagem, demonstra a efetiva volta de seu prestígio. Os autores, ainda, admitem importantes contribuições oferecidas pela Retórica, inclusive precedendo em séculos os estudos sobre o discurso.

#### Retórica s.f.

FR. Rhétorique; Ingl. Rhetoric

Ligada à tradição greco-romana (Aristóteles, Quintiliano), consagrada por sua integração, juntamente com a gramática e a dialética, ao trívio medieval, e retomada no ensino oficial até o século XIX, a *retórica* apresenta-se como uma espécie de teoria do discurso pré-científico, marcada por um contexto cultural no interior do qual se desenvolveu. O interesse atual pela retórica explica-se pelo reaparecimento, sob o impulso da semiótica, da problemática do discurso. Se bem que não possam, por razões evidentes, ser integrados tais quais na semiótica discursiva, certos campos teóricos da antiga retórica correspondem às preocupações atuais e merecem ser explorados.

(GREIMAS; COURTÉS, 2008)

Já Christian Plantin, responsável no Dicionário de Análise do Discurso pelo verbete Retórica, enumera uma série de condições da situação de comunicação para considerar um discurso objeto de estudo da Retórica, restringindo assim sua aplicabilidade. Talvez por se dedicar à exaustão aos estudos argumentativos, o autor ultravaloriza a Retórica em situações concretas de debates.

#### Retórica

A retórica é a *ciência teórica e aplicada do exercício público da fala, proferida diante de um auditório dubitativo, na presença de um contraditor*. Por meio de seu discurso, o orador se esforça para impor suas representações, suas formulações e para orientar uma ação. A retórica foi definida pelos teóricos da Antiguidade e foi desenvolvida até a época contemporânea por um paradigma de pesquisa autônomo.

[...] Na França, a retórica desapareceu oficialmente do currículo da Universidade republicana na virada do último século (Douay, 1999). A questão de um renascimento da retórica é um *tópos*; o apagamento da palavra “retórica” talvez seja necessário para sua sobrevivência na análise do discurso.

(PLANTIN, 2006, p. 433-436; grifos nossos)

Definir é uma operação intelectual de elevada complexidade. Tudo o que se ganha em extensão, perde-se em significado. Em outras palavras, conceitos demasiadamente gerais não significam muito, pois não diferenciam o objeto definido de outros semelhantes. Encontrar o ponto de equilíbrio entre a abrangência e a precisão mostra-se o maior desafio dos que se propõem à árdua e admirável tarefa de elaborar dicionários. Entretanto, a necessária restrição exigida na operação de definir não pode mutilar o objeto ou impor-lhe limites para que reste delimitado a uma teoria, ignorando a multiplicidade de abordagens possíveis. Deixando de lado a longa discussão sobre a Retórica ser ciência, passemos à análise do excesso de restrições na definição dada.

O termo “exercício” sugere que preceitos da Retórica só encontrariam aplicabilidade após o ato enunciativo. Porém, boa parte da *inuentio* se refere a fenômenos que ocorrem antes de se proferir o discurso e hoje são estudados pelas ciências cognitivas. “Público”, além de também desconsiderar os recursos da *inuentio*, desconsidera as inúmeras condições concretas da produção de discursos, sobretudo escritos. “Fala” ressalta apenas a oralidade, olvidando as contribuições da Retórica para a modalidade escrita. Impor a condição de “dubitativo” ao público confronta a realidade de os estados do público em situações reais serem muito diversos. Os estudos retóricos sobre públicos *hostis*, por exemplo, discutem preceitos para quando estes se encontram, entre

outras causas de hostilidade, absolutamente convictos, mas das ideias opostas às do orador. Quanto a “contraditor”, evidentemente nem sempre é necessária sua presença, o que inviabilizaria, por exemplo, o discurso epidítico. Também é questionável que o orador deseje “impor” algo para o auditório, tanto porque a Retórica se realiza plenamente somente na condição de liberdade, quanto porque as intenções de um orador são muito variadas.

O comentário final, colocando a Análise do Discurso como essencial para a sobrevivência da Retórica, subverte tanto a ordem histórica (porque a Retórica surgiu há muito mais tempo), quanto a lógica (pois coloca o conjunto mais restrito abrangendo o conjunto mais amplo). Creemos, de fato, ser a Análise do Discurso uma disciplina subsidiária da Retórica, e não o contrário. Parece-nos absurdo apresentar a Retórica como uma disciplina que deveria se apagar para continuar a existir no seio de outra.

É preciso salientar que Plantin reconhece algum valor dos estudos retóricos e admite, com a referência a Kallmeyer, haver outros estudiosos que enxergam maior gama em seu campo de aplicação. Também busca eventuais causas do desprestígio da Retórica em fatores que normalmente são associados a algumas de suas vantagens, quais sejam o alto grau de sistematização e boas distinções. Porém, de certo modo, critica seu valor e alcance, utilizando os termos “pretensamente” e “supostamente”.

Pode-se perguntar se a retórica não sofreu com sua sistematização, *pretensamente* pedagógica, sob a forma de catecismo enumerando distinções *supostamente* claras e distintas; a retórica da apresentação da retórica está singularmente cristalizada. De qualquer maneira, *a retórica codificou, estimulou e descreveu as práticas comunicacionais orais, contraditórias, públicas, nos domínios político e religioso*, antes do rádio e da televisão. Seus objetos reais são tomados nas transformações do mundo da comunicação eletrônica; seu objeto teórico, a circulação da fala, está bem definido em um grupo no qual circulam discursos contraditórios.

A retórica da fala (Kallmeyer, 1996) estende a abordagem retórica *a quaisquer formas de fala*, na medida em que elas implicam um modo de gestão das faces dos interactantes (*ethos*); um tratamento dos dados orientado para um fim prático (*logos*); um tratamento correlativo dos afetos (*pathos*).

(PLANTIN, 2006, p. 435; grifos nossos)

Dizer que todo objeto linguístico pertence somente ao domínio da Retórica seria desprezar as grandes conquistas das demais ciências da linguagem. Exatamente por isso propomos que deva a Retórica manter sua autonomia e autoridade, contando, para avançar, sobretudo no que tange a

práticas pedagógicas, com as contribuições de vários campos de especialidade. Nenhum deles, entretanto, pode pretender sufocá-la ou substituí-la. Terminamos a discussão com o texto de Cícero, no qual Crasso se refere à Retórica. “Disse então Crasso: - E, no entanto, repara como, numa arte tão insignificante e frívola, toma-se muito mais cuidado do que nessa nossa, *que sabe-se ser a mais importante*” (CÍCERO. *De oratore*, I, 129; grifos nossos).

Martins oferece uma boa explicação, no domínio da literatura, para o desprestígio da Retórica, a partir do mundo moderno. Ele lembra que durante longo tempo a Retórica teve grande respeito, sendo um dos pilares do *trivium* medieval, ao lado da gramática e da lógica, e aponta a época em que começaria o declínio de seu prestígio.

[...] a partir do século XIX, a essa disciplina, será atribuído seu caráter pejorativo. E a pergunta que não quer calar é: mas por quê? [...] toda uma disciplina reguladora de discursos foi resumida a uma lista, a um rol e a uma correspondente explicação de como funcionavam as figuras de linguagem, os *tropos*. A metáfora, a metonímia, a sinédoque, a antonomásia, a litote, a hipérbole, a perífrase, a ironia, figuras que foram reguladas e organizadas didaticamente para serem acessórios na argumentação, passam a ser o cerne da arte retórica. Parece-nos que é dessa maneira que nasce o caráter negativo que se atribui à retórica. Porque, se ela está apenas a serviço do “embelezamento” do discurso e nada lhe fornece que seja útil ou proveitoso, sob a ótica objetiva, por exemplo, da construção argumentativa, ela deve ser entendida como supérflua e estéril, para não dizer inútil.

(MARTINS, 2009, p. 167-170)

Em seguida, destaca que hoje ela recupera sua condição de disciplina integrada, graças ao reconhecimento do valor de cada uma de suas partes.

Mas, graças em certa medida aos estruturalistas, no segundo quartel do século XX, há uma contrarrevolução à desvalorização sofrida pela disciplina [...]. A partir dessa releitura da retórica antiga, Lauberg e outros repropõem o sistema retórico completo e não mutiladamente como os séculos XIX e XX fizeram. Assim, se hoje se recupera a importância dos estudos retóricos, devemos sempre lembrar que esses foram criados pelos gregos e romanos da Antiguidade. É a nossa tarefa, portanto, primeiramente observar suas partes e objetivos, pois que eles estarão sempre presentes em quaisquer análises retóricas que tivermos de ler ou fazer.

(MARTINS, 2009, p. 167-170)

A rigor, podemos dizer que discussões sobre o valor da Retórica remontam às suas próprias origens. De todo modo, as reflexões de Martins colaboram para que se entenda a

alternância de épocas nas quais o prestígio dela é elevado com outras em que é baixo. Sempre houve um embate de valores entre correntes que veem de forma diversa seus fundamentos, objetivos e práticas.

A definição dada à Retórica pode alargar-se para abranger disciplinas, que seriam suas especializações, dedicadas ao estudo mais amplo da linguagem, incluindo a linguística. Assim, julgamos competir à Retórica desenvolver reflexões sobre a oralidade e a escrita; reflexões sobre a produção textual; estudo dos meios de convencimento (busca da adesão); estudo dos meios de prova (busca da verdade); estudo da argumentação, estudos de pedagogia, entre muitos outros conhecimentos essenciais à boa produção textual e seu ensino.

Admitimos a aplicação dos princípios da Retórica a várias áreas de atuação humana e cremos, que, embora sem exclusividade, seus pressupostos permitem tanto analisar quanto elaborar textos, orais ou escritos, com notável eficácia. Aplica-se, portanto, a Retórica à análise de qualquer tipo de texto ou discurso.

Tomaremos a Retórica em um sentido bem amplo e flexível o suficiente para acomodar as diferentes definições ao longo da história. Principalmente, consideramos a linguística uma extensão, ou aprofundamento, da Retórica, servindo-lhe, a exemplo de outras áreas do conhecimento humano, para que ela alcance a plenitude de sua capacidade de moldar a realidade segundo os mais altos valores da humanidade.

Assim, consideramos a Retórica como o conjunto de reflexões, conhecimentos e práticas sobre os discursos, visando a tornar oradores eficazes em produzir, veicular e interpretar textos. Mantendo a definição nesse nível de generalidade, pretendemos deixar espaço para que outras áreas de conhecimento sirvam como subsidiárias dos propósitos da Retórica.

## PARTE II: A RETÓRICA NO DELICADO EQUILÍBRIO ENTRE PRINCÍPIOS E PRESCRIÇÕES

### 4 Apontamentos práticos para o “falar bem”

Eivada de apontamentos práticos para os atos enunciativos, salvo poucas exceções, a Retórica não perdeu, ao longo dos séculos, a referência do principal propósito motivador dos antigos retores, o de formar o *vir bonus* para alcançar o *dicendi peritus*.

Repare-se que até mesmo Descartes considera plenamente possível atingir bons resultados práticos, mesmo sem o domínio de técnicas oratórias, desde que se alcancem as qualidades inerentes ao “bom homem”:

Eu estimava muito a eloquência e estava apaixonado pela poesia; mas acreditava que uma e outra fossem dons do espírito, mais do que frutos do estudo. Aqueles cujo raciocínio é mais ativo e que melhor ordenam seus pensamentos, com o intuito de torná-los claros e inteligíveis, sempre podem convencer melhor os outros daquilo que propõem, mesmo que falem somente o baixo bretão e nunca hajam aprendido retórica. E aqueles cujas invenções são mais agradáveis e que as sabem apresentar com o máximo de floreio e suavidade não deixariam de ser os melhores poetas, mesmo que a arte poética lhes fosse desconhecida.

(DESCARTES, 19--)

A pedagogia para desenvolver competências retóricas, ou seja, o como desenvolver a capacidade retórica, no entanto, ocupa boa parte das reflexões dos estudiosos da Retórica desde seu início. Reconhecem-se três fontes principais para tanto: *ars*, *exercitatio*, *natura*.

#### 4.1 *Ars*, *exercitatio* e *natura* no desenvolvimento de competências retóricas

Já em Brutus (VI, 25), Cícero dissera provir a eloquência de *ars*, *exercitatio* e *natura*, ainda que sem considerar mais amplamente a importância relativa de cada uma. Também se refere às mesmas fontes em *Pro Archia* (I, 1) usando os termos *ingenium*, *exercitatio*, *ratio* e *disciplina*. Concede a um antigo professor o crédito por ter alcançado progresso pessoal em cada uma delas.

Se algum talento, senhores, em mim há (que reconheço bem limitado), e algum exercício tenho de orar, em que não nego ser medianamente instruído; e se algum proveito se tira do estudo das boas artes, de que em nenhum tempo me

apartei, de tudo isto, como de justiça, me deve requerer o fruto Árcias Licínio muito principalmente. Porque estendendo eu o pensamento, quanto posso, por todo o tempo passado, e recordando memórias desde a primeira puerícia até o presente, vejo que ele me serviu de exemplo para empreender e continuar a carreira desses estudos. E se esta voz, animada com suas exortações, e instruída com seus documentos, foi a alguns de proveito, por certo a devo empenhar, quanto em mim estiver, em favor daquele de quem recebi o poder patrocinar os outros. E para que ninguém talvez se admire do que digo, por haver tanta diferença entre o meu talento e o deste homem, também advirto que nem sempre este gênero de estudos foi a minha única ocupação, pois todas as artes de letras humanas têm uma certa lição comum entre si, e se unem com um certo parentesco.

(CÍCERO. *Pro Archia*, I, 1)

Porém, em *De oratore*, Cícero aprofunda a reflexão sobre a questão. Com as palavras de seus personagens, discute qual das três fontes para a competência retórica contribui de modo mais significativo para a formação do orador:

#### **Capacidade ou talento natural (*natura* ou *ingenium*):**

Na opinião de Crasso, um personagem de Cícero, o talento natural é o fator mais importante para se ser um bom orador. Existem certos traços que o orador deve ter, como a capacidade natural de inventar, a copiosidade no falar, pulmões fortes, certos tons de voz, corpo especial, bem como um rosto agradável. Crasso, porém, entende também que aqueles que não têm essas características podem vir a ser bons oradores se contarem com o conhecimento retórico (*doctrina, ars*) e com o polimento (*exercitatio*). Entretanto, sem a base física, talentos e requisitos do corpo, não terão êxito entre os grandes oradores.

Para o discurso público, o talento natural seria fator da maior importância. Mentalmente, concederia perspicácia, criatividade e boa memória ao orador. Fisicamente, equiparia o orador com uma boa dicção e voz, vigor e uma aparência agradável. Esse talento natural não pode ser desenvolvido somente por arte, mas pode ser afiado.

Disse Crasso: - Penso, então, que, em primeiro lugar, a natureza e o engenho conferem o maior poder à oratória e que, na verdade, não faltou, a esses escritores de manuais mencionados há pouco por Antônio, doutrina ou método oratórios, mas talento. De fato, é preciso que alguns reflexos da mente e da inteligência sejam rápidos, de modo a serem perspicazes na reflexão e desenvolvimento, férteis no ornar, poderosos e duradouros na memória. E, se houver alguém que julgue que essas coisas podem ser adquiridas pela arte (o que é falso: de fato, já será algo admirável se tais coisas puderem ganhar estímulo e



impulso por meio da arte; elas não podem, porém, ser implantadas ou concedidas pela arte, pois são, todas elas, dádivas da natureza), que dizer daquelas que com certeza nascem com o próprio homem: a desenvoltura da fala, o som da voz, os pulmões, as forças, certa conformação e aspecto da face em geral e do corpo? Com efeito, não afirmo que a arte não possa aperfeiçoar a alguns, bem como não ignoro que o que é bom possa se tornar melhor por meio da formação teórica, e que o que não é muito bom possa ser aguçado e corrigido; mas há alguns homens de fala tão hesitante, ou de voz tão desarmoniosa, ou de expressão e movimentos corporais tão excessivos e grosseiros, que, ainda que lhes valha a inteligência e a arte, não podem entrar para o número dos oradores; em contrapartida, há outros de tal forma hábeis nesses mesmos quesitos, de tal forma adornados com os dons da natureza, que parecem ter, não nascido, mas sido moldados por alguma divindade.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 113-115)

Antônio, no diálogo, corrobora a tese de Crasso, aprovando o exemplo de como um grande retor, Apolônio, lidava com eventuais dificuldades dos alunos. Evidentemente, o mito do “orador perfeito” não encontra respaldo nas melhores práticas pedagógicas, tão cuidadosas atualmente com a autoestima como condição para o aprendizado. A limitação humana, que torna impossível atingir a perfeição, deve ser aceita no processo de ensino-aprendizagem. A busca desse ideal, que permite à Retórica avançar em suas investigações, converte-se em um dos motivos para a justa crítica que sofre ao longo da história.

[Antônio] Quanto àquilo que disseste, que há inúmeras coisas que, se o orador não apresentar por natureza, não terá grande ajuda de um professor, concordo plenamente contigo e sobretudo nisso aprovava aquele grande sábio, Apolônio de Alabanda, que, embora ensinasse mediante pagamento, não tolerava que perdessem tempo com ele aqueles que não julgava capazes de se tornarem oradores, dispensava-os e costumava impelir e exortar cada um deles à arte que julgava apto.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 126)

Apenas com talento, um homem pode se tornar um bom orador, mas normalmente não alcança a condição de um orador perfeito.

[Antônio] Por isso, formarei um orador para ti de tal forma, se puder, que perceba de antemão o que é capaz de realizar. Com efeito, que ele esteja impregnado das letras, ouça algo, leia, aprenda esses mesmos preceitos; sondarei o que convém, o que é capaz de realizar com a voz, com suas forças, com seu fôlego, com sua língua. Se notar que tem capacidade para ficar entre os maiores, não apenas o exortarei a trabalhar nesse sentido, mas também, se me parecer tratar-se de um homem honesto, implorarei a ele, tão grande é o ornamento para

toda a cidade que deposito num orador excelente e, ao mesmo tempo, num homem honesto. Mas se me parecer, depois de ter feito todos os seus máximos esforços, que figurará entre os oradores medianos, permitir-lhe-ei que faça o que quiser; não lhe causarei grande aborrecimento. Mas se for claramente incompatível e absurdo, eu o aconselharei a que se contenha ou que passe a outra aspiração.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 85)

### **Teoria ou arte (*doctrina* ou *ars*):**

Crasso afirma que o homem que não tem esse talento, a capacidade natural de oratória deve buscar conseguir algo mais ao seu alcance: aprender a arte da Retórica, seguindo as lições de um mestre, aprender o estilo a ser usado, os tipos adequados de discurso para qualquer uso, para provar o seu caso. Deve aprender a obter a boa vontade do público para estabelecer o seu caso, refutar o outro lado e, em seguida, reiterar seu próprio caso. Deve aprender a falar corretamente usando o latim adequado, ser lúcido, elegante e usar a fala que tal questão exige. O professor não precisa ser um grande orador, mas deve ter adquirido seus conhecimentos através do estudo daqueles que são naturalmente eloquentes.

Cícero se vale do termo *ars*, como todos os escritores clássicos sobre Retórica, para se referir aos preceitos e princípios retóricos. Preceitos são criados a partir da observação da prática de grandes oradores e, conseqüentemente, são de menor importância que *natura*. No entanto, os preceitos, ou regras, são um elemento útil na formação de um orador e não devem ser negligenciados.

[Crasso] De fato, não se trata de nada que seja obscuro, nada digno de vossa expectativa, nada que não conheçais ou que seja novidade para alguém. Não negarei, com efeito, o fato de, no princípio, tal como é digno de um homem de nascimento livre e com uma educação liberal, haver aprendido esses princípios comuns e banais: [segue um resumo da arte retórica: finalidade de persuadir, escolha do tema, tópicos, gêneros, lugares comuns, cânones, partes do discurso, estilo] [...] Além disso, notará que se emprega a arte sobretudo para os elementos que são sobretudo próprios da natureza. De fato, tomara conhecimentos de alguns preceitos acerca da situação e da memória, mas com grande prática. Toda a doutrina desses artífices ocupa-se, quase sempre, dessas questões; se disser que em nada ajudam, estarei mentindo. De fato, apresentam certos elementos que servem, por assim dizer, de lembrete ao orador, a que se possa referir cada ponto e, observando-o, não se afastar do que quer que tenhas estabelecido como meta. Porém, creio que há, em todos esses preceitos, o

seguinte sentido: não é que, seguindo-os, os oradores alcancem a glória da eloquência, mas que certas pessoas observaram e classificaram o que os homens eloquentes fazem de maneira espontânea. Desse modo, não foi a eloquência que nasceu da arte, mas a arte, da eloquência.<sup>7</sup>

(CÍCERO. *De oratore*, I, 137-146)

Em um livro posterior, valendo-se do personagem Antônio, Cícero repete que a arte educa, mas não pode criar um orador. Por exemplo, o sistema mnemônico de Simônides seria útil no fortalecimento da memória, que um homem já deveria ter.

[Antônio] Por isso, reconheço que o principal fator deste bem é a natureza, tal como de tudo de que falei anteriormente; mas toda esta arte oratória, seja uma aparência e simulacro de uma arte ou não, tem o poder, não de gerar e produzir inteiramente algo do qual não há uma parte sequer em nossa natureza, mas de alimentar e consolidar aquilo que já nasceu e foi gerado em nós.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 356)

### **Prática (*exercitatio* ou *imitatio*):**

Para Crasso, a prática, seja através da *imitatio* (imitação) de grandes oradores ou através da *exercitatio* (exercício) é imprescindível: também devem-se praticar as habilidades e se aplicar o que se aprendeu nas aulas a situações do mundo real, treinando e falando em tribunais. Ele expressa assim sua opinião:

Na verdade, entre o engenho (talento inato) e a diligência (prática) sobra pouquíssimo espaço para a arte. A arte apenas aponta onde se pode procurar e descobrir onde se encontra o que desejamos, o restante encontra-se no cuidado, na atenção da mente, na reflexão, na vigilância, na assiduidade, no trabalho; sintetizando tudo numa única palavra que já usamos mais de uma vez, na diligência, a única virtude que abarca todas as demais virtudes.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 150)

Ao contrário do autor de *Retórica a Herênio*, que usa a palavra *exercitatio* no sentido de prática constante, Cícero a entende como os dispositivos pedagógicos por meio dos quais o aluno aprende a falar de forma eficaz. Para se exercitar, são úteis, em sua opinião: fala, escrita,

---

<sup>7</sup> A última observação, destacando ter a Retórica surgido da observação prática, apresenta-a como descritiva, e não normativa. Destaca um princípio que deve continuar a ser seguido. Boa parte das críticas à Retórica advém da inversão desse processo.

paráfrase, tradução, imitação, leitura de poesia e história, estudo do direito e da política. Cícero insiste em que o orador deve ser um homem culto.

Nas simulações, recomenda que os exercícios não devem estar restritos a apenas um ou poucos aspectos retóricos:

No que me concerne, eu aprovo, respondeu Crasso, isso que costumais fazer: uma vez proposta uma causa semelhante às causas que são levadas ao fórum, discursais da maneira mais adequada possível à realidade. A maioria, porém exercita apenas a voz nesses exercícios – e isso de maneira estúpida – bem como suas forças, e incita a rapidez da língua, deleitando-se com a frequência das palavras. Enganam-se por ter ouvido dizer que os homens costumam conseguir discursar discursando.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 149)

Cícero apresenta a escrita como o melhor dos exercícios, sobretudo durante e etapa da criação e elaboração do discurso. Embora não defenda que os discursos devam ser simplesmente lidos, admite que ler é uma das formas de apresentar e que o hábito da escrita desenvolve a capacidade de improviso.

O ponto principal é o que, a bem da verdade, menos fazemos, pois demanda grande trabalho, o que a maioria de nós evita: escrever o máximo possível. A escrita é a melhor e mais importante realizadora e mestre do discurso; e não há insulto nisso: se a preparação e a reflexão superam o discurso improvisado e fortuito, é evidente que a escrita assídua e cuidadosa será superior a ela. [...] Além disso, aquele que passa do hábito de escrever à prática do discurso traz consigo tal capacidade que, mesmo discursando de improviso, o que fala parece semelhante ao que escreve; e também, se alguma vez, em seu discurso, trouxer uma parte escrita, ao terminá-la, o restante do discurso seguirá de maneira semelhante. Tal como, quando se empregam remadores numa embarcação acelerada, o próprio navio retém o movimento e seu curso, mesmo depois de cessados o impulso e o movimento dos remos, também no caso do discurso contínuo, mesmo quando termina a parte escrita, o restante do discurso conserva um rumo igual a ela devido à semelhança e à força empregada.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 150-153)

Recomenda a busca de bons modelos, alertando para a necessidade de boas escolhas e de que não se deve ficar restrito a oradores, sendo possível aprender com outras artes. Adiante, recomendará não imitar cegamente quem quer que seja.

Já os movimentos e os exercícios de voz, respiração, de todo o corpo e da própria língua carecem não tanto de arte quanto de trabalho; em tais pontos deve-se ter extremo cuidado ao escolher quem imitaremos, a quem desejamos nos assemelhar. Devemos observar não apenas os oradores, mas também os atores, para não alcançarmos, por algum mau costume, alguma deformidade ou defeito.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 156)

Propõe que a *exercitatio* se realiza também, e principalmente, em situações concretas.

É preciso, em seguida, transferir esse método oratório de tais exercícios domésticos e retirados para as fileiras, para a poeira, para o alarido, para os acampamentos e para o combate do fórum, expor-se à visão de todos, experimentar as forças do engenho, e levar aquela reflexão interna para a luz da realidade.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 157)

Insiste em que o orador deve ser um homem culto:

É preciso ler também os poetas, conhecer a história, folhear com assiduidade os mestres e escritores de todas as artes liberais, bem como citá-los como exercício, interpretá-los, corrigi-los, criticá-los, refutá-los; acerca de qualquer tema, devem-se discutir os dois lados da questão, bem como evocar e mencionar, em cada tema, qualquer elemento que possa parecer provável. É preciso aprender todo o direito civil, conhecer as leis, estudar toda a antiguidade, conhecer a tradição do senado, a disciplina do estado, os juramentos dos aliados, os tratados, os pactos, a causa do poder; deve-se ainda provar de certa graça proveniente de todo tipo de urbanidade dos gracejos, com que se espalhe, como sal, sobre todo o discurso.

(CÍCERO. *De oratore*, I, 158 e 159)

Quintiliano se vale da mesma classificação retórica – *natura*, *arte*, *exercitatione* – em seu *De institutione oratoria*. Dos três, considerava menos importante para o bom desempenho retórico a *exercitatio*. Assim como Cícero, Quintiliano inclui em *natura* principalmente a parte física. Defende que *ars* não vai ajudar um homem sem recursos de *natura*. Faltando boa memória, expressão agradável e aparência, o domínio de técnicas ficaria comprometido. Cícero e Quintiliano, embora concordem que *ars* e *natura* sejam necessárias, divergem ao mostrar qual dos elementos deve preponderar. Cícero, o orador, gostaria mais de se considerar um gênio, por

isso valoriza os dons naturais, a *natura*. Já Quintiliano, professor de Retórica, tende a apreciar mais o valor da instrução, a *ars*.

No *Sermão da Sexagésima*, Vieira retoma a discussão:

### **Capacidade ou talento natural (*natura* ou *ingenium*):**

Vieira indaga se a causa de haver tantas dificuldades entre pregadores decorreria da voz, em metonímia para tratar a questão da *natura* na formação do orador.

Será finalmente a causa, que há tanto buscamos, a voz com que hoje falam os pregadores? Antigamente pregavam bradando, hoje pregam conversando. Antigamente a primeira parte do pregador era boa voz e bom peito. E verdadeiramente, como o mundo se governa tanto pelos sentidos, podem às vezes mais os brados que a razão. [...]

De maneira que Cristo tinha por si a razão, e tinha contra si os brados. E qual pôde mais? Puderam mais os brados que a razão. A razão não valeu para o livrar, os brados bastaram para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem é que bradem alguma vez os pregadores, bem é que gritem. Por isso Isaías chamou aos pregadores nuvens: “Quem são estes que voam como as nuvens?” (Is. 60: 8). A nuvem tem relâmpago, tem trovão e tem raio: relâmpago para os olhos, trovão para os ouvidos, raio para o coração: com o relâmpago alumia, com o trovão assombra, com o raio mata. Mas o raio fere a um, o relâmpago a muitos, o trovão a todos. Assim há de ser a voz do pregador, um trovão do Céu, que assombre e faça tremer o mundo.

(VIEIRA, 2008, p. 26 e 27)

Vieira admite que há diferentes conformações de voz, todas elas podendo levar oradores ao sucesso, mostrando quão questionável é considerar apenas *natura* na formação do orador.

E não há dúvida que o praticar familiarmente, e o falar mais ao ouvido que aos ouvidos, não só concilia maior atenção, mas naturalmente e sem força se insinua, entra, penetra e se mete na alma. [...]

Moisés tinha fraca voz; Amós tinha grosseiro estilo; Salomão multiplicava e variava os assuntos; Balaão não tinha exemplo de vida; o seu animal não tinha ciência; e contudo todos estes, falando, persuadiam e convenciam.

(VIEIRA, 2008, p. 27)

Ao mostrar não haver um único caminho para se chegar à excelência oratória no quesito voz, Vieira flexibiliza a exigência pelo “orador perfeito”, já que bons resultados podem ser

alcançados por pessoas com diferentes conformações físicas. Não basta a simples condição natural ou a obediência cega a prescrições para o êxito oratório.

### **Teoria ou arte (*doctrina* ou *ars*):**

Ao colocar em embate as recomendações de diferentes estilos, Vieira mostra conhecer os preceitos de diferentes correntes retóricas, cujos gostos variam com o tempo e outros fatores. Reflete sobre a limitação da *ars*, mostrando haver variações que, mais uma vez, inviabilizam o ideal de perfeição. Nesse ponto, também critica a sobrevalorização de um dos cânones, *elocutio*, sobre os demais, o que gera desequilíbrio na eficácia discursiva.

Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há de estar branco, da outra há de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação: muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo: as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem, e tão alto que tenham muito que entender nele os que sabem. [...]

Sim, padre: porém esse estilo de pregar, não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito cerrado. É possível que somos portugueses e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?! Assim como há “Léxicon” para o grego e “Calepino” para o latim, assim é necessário haver um vocabulário do púlpito. [...] Se houvesse um homem que assim falasse na conversação, não o havíeis de ter por néscio? Pois o que na conversação seria needade, como há de ser discrição no púlpito?

(VIEIRA, 2008, p. 22 e 23)

### **Prática (*exercitatio* ou *imitatio*):**

A passagem a seguir pode ser interpretada metalinguisticamente. A diferenciação estabelecida entre o semeador, aquele que domina a técnica do semear (*ars*), e o que semeia, aquele que pratica o semear (*exercitatio*) pode ser estabelecida também entre o orador, no sentido daquele que domina a arte retórica (*ars*) e aquele que a pratica, ou seja, que discursa (*exercitatio*),

independentemente de já dominar as técnicas. Na diferença entre a energia potencial da *ars* e a energia cinética da *exercitatio* haverá largo campo para a Retórica explorar.

Antigamente convertia-se o mundo, hoje por que se não converte ninguém? Porque hoje pregam-se palavras e pensamentos; antigamente pregavam-se palavras e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala: atroam, mas não ferem. [...] Por isso Cristo comparou o pregador ao semeador. O pregar, que é falar, faz-se com a boca: o pregar, que é semear, faz-se com a mão. Para falar ao vento, bastam palavras: para falar ao coração, são necessárias obras [*sic*] [...] Quis Deus converter o mundo, e que fez? – Mandou ao mundo seu Filho feito homem. Notai. O Filho de Deus, enquanto Deus, é palavra de Deus, não é obra de Deus: “Gerado, não feito”. O Filho de Deus, enquanto Deus e Homem, é palavra de Deus e obra de Deus juntamente: “E o Verbo se fez carne” (Jo 1,14). De maneira que até de sua palavra desacompanhada de obras não fiou Deus a conversão dos homens. Na união da palavra de Deus com a maior obra de Deus consistiu a eficácia da salvação do mundo.

(VIEIRA, 2008, p. 19 e 20)

Também em manuais modernos, encontram-se passagens que rediscutem o assunto. Vejamos a esse propósito, alguns trechos de Polito:

### **Capacidade ou talento natural (*natura* ou *ingenium*):**

A naturalidade pode ser considerada a melhor regra da boa comunicação:

- Se você cometer alguns erros técnicos durante uma apresentação em público, mas comportar-se de maneira natural e espontânea tenha certeza de que os ouvintes ainda poderão acreditar nas suas palavras e aceitar bem a mensagem. [...]
- Apresentando-se com naturalidade, irá se sentir seguro confiante e suas apresentações serão mais eficientes.

(POLITO, s.d.)

Esse apontamento prático, embora evidentemente possa ser útil em muitas ocasiões, se tomado sem cuidados, induz à desvalorização de toda a pedagogia retórica. O paradoxo de alguém querer desenvolver retoricamente outrem dizendo que “basta seguir suas inclinações” constitui a ultravalorização da *ars*. Ora, o que se busca de fato em um curso de oratória é exatamente orientação sobre como agir. Viesse a solução quanto ao que fazer dos próprios hábitos, não seria preciso esforço pedagógico algum.



### **Teoria ou arte (*doctrina* ou *ars*):**

Na visão de Polito, *ars* tem seu valor, mas deve subordinar-se à *natura*.

- Entretanto, se usar técnicas de comunicação, mas apresentar-se de forma artificial, a plateia poderá duvidar das suas intenções.
- A técnica será útil quando preservar suas características e respeitar seu estilo de comunicação. [...]
- Evite os excessos, inclusive das regras que orientam sobre postura.
- Alguns, com o intuito de corrigir erros, partem para os extremos e condenam até atitudes que, em determinadas circunstâncias, são naturais e corretas.

(POLITO, s.d.)

### **Prática (*exercitatio* ou *imitatio*):**

De maneira moderna, mas respeitando as contribuições dos clássicos, Polito mostra que boa parte das prescrições de épocas passadas precisa ser adaptada à realidade contemporânea, em especial no que tange aos exercícios práticos.

O aprendizado dessa antiga arte conta hoje com extraordinários recursos que facilitam a assimilação e a prática das técnicas. Os modernos microfones dispensam o excesso de intensidade da voz dos oradores, permitindo que se apresentem de maneira espontânea, sem exageros. Os aparelhos de videotape permitem a rápida correção das distorções da fala e da imperfeição da postura e da gesticulação. [...]

Esta linha de ensino, mais liberada, não exclui a contribuição dos antigos retores, apenas promove uma adaptação ao gosto da plateia moderna, que deseja um orador que converse com o ouvinte em vez de um orador que fale para ele.

(POLITO, 1996, p. 26)

Em outro texto, apresenta sugestões concretas para a *exercitatio*.

Não se contente apenas em se preparar sobre o conteúdo, treine também a forma de exposição. Faça exercícios falando sozinho na frente do espelho ou, se tiver condições, diante de uma câmera de vídeo. Atenção para essa dica - embora esse treinamento sugerido dê fluência e ritmo à apresentação, de maneira geral, não dá naturalidade. Para que a fala atinja bom nível de espontaneidade fale com pessoas. Reúna um grupo de amigos, familiares ou colegas de trabalho, ou de classe, e converse bastante sobre o assunto que irá expor.

(POLITO, s.d.)

Recomenda, ainda, em várias obras, que o orador pratique o máximo que puder, aproveitando todas as ocasiões que se lhe apresentarem para tanto, desde que se sinta em condições de contribuir com sua fala, de modo relevante, para os objetivos de quem o convida.

O debate sobre a importância de cada área para a formação do orador interessa muito para a pedagogia retórica, já que o desenvolvimento retórico ocorre em um ponto de equilíbrio entre a capacidade natural, a teoria e a prática. Tal ponto de equilíbrio é instável, variando de acordo com exigências do mundo real. Entre as variáveis que o afetariam, destacaríamos o “espírito do tempo” e condições materiais de produção textual. O trabalho do retor – e, na atualidade, do professor de linguagens – seria coordenar a integração dessas áreas para desenvolver ao máximo a eficácia discursiva, de acordo com as exigências do mundo moderno.

Para tanto, é preciso sensibilidade, para proceder a um diagnóstico das condições de aprendizagem; fundamentação, para abranger os conceitos fundamentais da produção discursiva; e persistência, para encontrar simulações (práticas - exercícios) que consolidem o aprendizado de modo consistente e útil.

## 4.2 Princípios e prescrições da Retórica

Um dos propósitos dos atuais estudos sobre pedagogia retórica consiste em rearranjar princípios e prescrições retóricas de diferentes épocas, refletindo sobre sua aplicabilidade a diversos campos.

Cabe, primeiramente, diferenciar princípios de prescrições. Vejamos como os termos se encontram dicionarizados. Princípios, como se verá, estariam mais próximos de leis que podem ser apreendidas do estudo de fenômenos naturais ou sociais, enquanto as prescrições se aproximariam de regras concretas, estabelecidas para facilitar a relação do ser humano com a realidade, mas que poderiam ser seguidas ou não.

princípio

Datação: sXIV

substantivo masculino

1 o primeiro momento da existência (de algo), ou de uma ação ou processo; começo, início

Exs.: p. da vida na Terra

no p. do casamento

2 o que serve de base a alguma coisa; causa primeira, raiz, razão

3 ditame moral; regra, lei, preceito (tb.us. no pl.)

Exs.: foi educado sob p. rígidos

não cede por uma questão de p.

4 proposição elementar e fundamental que serve de base a uma ordem de conhecimentos

Ex.: princípios da física, da matemática

4.1 Rubrica: física.

lei de caráter geral com papel fundamental no desenvolvimento de uma teoria e da qual outras leis podem ser derivadas

5 proposição lógica fundamental sobre a qual se apoia o raciocínio

Ex.: partir de um p. falso

6 Rubrica: filosofia.

fonte ou causa de uma ação

7 Rubrica: filosofia.

proposição filosófica que serve de fundamento a uma dedução

(HOUAISS, 2001)

prescrição

Datação: 1450

substantivo feminino

ato ou efeito de prescrever

1 ordem, determinação

2 norma, preceito, regra

3 aquilo que se prescreve, se recomenda, se receita

Exs.: a p. de um antibiótico

seguir as p. do médico

4 Rubrica: termo jurídico.

esgotamento de prazo concedido por lei; perda da ação atribuída a um direito, que fica juridicamente desprotegido, em função do não uso dela durante determinado lapso de tempo; caducidade

4.1 Rubrica: termo jurídico.

extinção da possibilidade de o Estado punir o autor de um crime ou contravenção, por não haver exercido no tempo legal o seu direito de ação, ou por não ter efetivado a condenação imposta.

(HOUAISS, 2001)

Deixadas de lado acepções que tendem à sinonímia ou restritas a áreas técnicas, temos para princípios “o que serve de base a alguma coisa; causa primeira, raiz, razão” e para prescrições, “aquilo que se prescreve, se recomenda, se receita”.

Portanto, os princípios de Retórica seriam o substrato que rege a linguagem, enquanto as prescrições da Retórica seriam a conversão dos princípios em regras práticas para atuação. O mesmo ocorre com concepções de gramática, diferenciando-se em estudos gramaticais questões normativas e “filosóficas”.

Claro, princípios e prescrições não são antagônicos. Pelo contrário, sendo a oratória uma arte do instante, as prescrições têm melhor proveito se preservada a liberdade do orador para

decidir, dentro de uma gama considerável de possibilidades, como agir, o que exigirá o profundo entendimento dos princípios, que, em última instância, norteiam sua enunciação.

Quanto aos princípios, caberia à pedagogia retórica, entre inúmeros outros objetivos possíveis, buscar as leis que regulam o funcionamento da construção discursiva; sua recepção por variados públicos; as interligações entre a subjetividade e o caráter social do discurso; os elementos que lhe conferem eficácia.

Quanto às prescrições, caberia à pedagogia retórica associar prescrições a gêneros textuais; buscar as interseções entre os conjuntos de prescrições válidas para cada gênero verificando quais se sustentam em qualquer gênero, sendo portanto, prescrições gerais, e quais se sustentam apenas em algum ou poucos gêneros, próximos entre si, sendo, pois, prescrições específicas.

Além disso, a pedagogia retórica se encarregaria de estabelecer as relações entre princípios e prescrições, considerando a liberdade do indivíduo para compor seus discursos, naturalmente delimitadas pelas injunções sociais que criam, moldam, cristalizam, transformam, atualizam gêneros.

Antigamente, dada a pequena quantidade de gêneros reconhecidos, tratava-se de tarefa mais fácil. As reflexões sobre Retórica na antiguidade, por serem as primeiras, consideraram poucos gêneros textuais. Debruçaram-se sobre aqueles em que, de modo mais evidente, diferenciavam-se as funções sociais do texto. Por isso, Aristóteles classificou os gêneros em deliberativo, epidítico e judicial.<sup>8</sup> À época, havia muitos outros gêneros. O recorte aristotélico, pois, deixou de lado inúmeros gêneros. A rigor, sua classificação se referia mais à finalidade do discurso que à sua condição genérica. Hoje, os recortes se tornam mais sofisticados, dada a imensa variedade dos textos, já que uma sociedade mais complexa produz gêneros mais complexos. Muitos critérios, combinados de variados modos, para classificação de gêneros, estão estabelecidos: função, forma, suporte, tipo textual predominante. Isso torna a tarefa a que se propõe a pedagogia retórica mais desafiante, por um lado, e mais produtiva, por outro.

Muitos dos manuais – de Retórica, de gramática, de produção textual – devem ser entendidos tendo-se em consideração suas pretensões quanto ao ponto em que se colocam, na larga e gradual escala que segue de prescrições a princípios.

---

<sup>8</sup> Aristóteles (*Retórica*, III, 1).

Muito da crítica à Retórica se refere, em verdade, à crítica contra a aplicação cega de prescrições e à falta de raciocínio sobre os princípios que as regem. Há situações práticas em que podem ser quebrados preceitos, desde que se atendam a princípios. Há situações em que princípios se chocam, sendo necessário estabelecer uma hierarquia entre eles. A escolha de qual princípio prepondera atende a ditames das crenças e dos valores, individuais e sociais. Algumas vezes, congela-se a hierarquização de princípios, o que transforma a ordem hierárquica adotada em mais uma prescrição cega.

Também é comum, estabelecido um princípio, desejar-se encaixá-lo à força em situações às quais não se aplica. Para justificar o procedimento, generalizam-se acusações contra quem defende a utilização de uma norma específica. As mais comuns, atualmente, são de “preconceito”.

Bom exemplo se obtém com o acompanhamento da polêmica sobre livro didático. Em 2011 houve larga discussão quanto à recomendação, por alguns, do uso de modalidades menos formais do idioma. A polêmica surgiu porque a autora do livro *Por uma vida melhor*, Heloísa Ramos, em determinado capítulo, citou como aceitável, numa determinada circunstância, dizer “nós pega o peixe”. Os que logo se apressaram em defender o posicionamento da autora diziam que as críticas eram devidas a preconceito linguístico e que era natural o uso de variantes linguísticas consideradas incorretas pelos puristas, esquecendo-se da sábia lição do mestre Said Ali: explicar um fenômeno linguístico não significa abonar o seu uso.

O fundamento capaz de solucionar a contento tais impasses é buscarem-se princípios com uma ampla percepção de todas as variáveis envolvidas na decisão e entender uma recomendação normativa no estrito âmbito em que vale.

Conseqüentemente, a pedagogia retórica tende a validar não prescrições cegas e deslocadas, mas a formação ampla do ser humano, de modo a consolidar sua capacidade de julgamento sobre quando, como e onde aplicar os princípios retóricos na produção textual, oral ou escrita.

## **5 A Retórica na prática**

É comum encontrar nos livros didáticos prescrições quanto à necessidade de clareza em um texto. Porém, tomada isoladamente, a prescrição “o texto deve ser claro” confere ao texto

uma propriedade que desconsidera contexto e intencionalidades do orador, como se todos os textos produzidos devessem possuir igualmente tal característica.

Privilegiar princípios levaria a transformar a prescrição acima em algo como: “uma das qualidades do texto que cabe ao orador regular é a clareza”. Abrir a possibilidade ao orador para que ele regule uma característica exige aprofundamento quanto aos critérios de seleção dos parâmetros que considerará para fazer suas escolhas e lhe concede, portanto, maior responsabilidade e liberdade.

Caberá, portanto, à pedagogia retórica desenvolver reflexões sobre que parâmetros utilizar para mensurar a clareza, que critérios usar para aumentar ou diminuir o grau de clareza e em que circunstâncias será aceita socialmente a regulação escolhida.

Determinar a competência do orador para decidir sobre o texto não implica desprezar determinações sociais que contribuem para a eficácia do texto. Assim, devem estar presentes na mente do orador questões como as seguintes, seguidas de possíveis respostas entre parênteses:

- que tipos de texto devem ter a clareza como princípio norteador? (legislação, receitas, manuais de instruções)
- que tipos de texto não exigem clareza? (literários, reminiscências)
- que tipos de texto exigem não haver clareza? (profecias, 'falar em línguas', mensagens cifradas próprias de determinados grupos sociais)

### **5.1 Um exemplo prático do embate entre princípios e prescrições da Retórica**

Veja-se como o *Manual de redação parlamentar*, da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, trata a questão de princípios, em sua introdução:

A redação de documentos parlamentares observa, de modo geral, os princípios que orientam a administração pública e servem de referência para a redação de textos oficiais nos órgãos públicos. A diversidade de interesses, de culturas e, por extensão, de textos que fazem parte do trabalho de uma Casa Legislativa deve servir, no entanto, como sinal de atenção para o *aproveitamento adequado desses princípios na situação específica de produção de um texto parlamentar*. A abertura a diferentes tipos de discursos e perspectivas é uma marca típica dos parlamentos e tem impacto direto sobre a forma como os documentos parlamentares são redigidos.

Um dos mais importantes princípios da administração pública, o da publicidade, implica, do ponto de vista do redator, a necessidade de que o texto possa ser lido e compreendido pelo maior número possível de pessoas. É por isso que se buscam a *clareza* e a *precisão* da forma, e é por isso que a *simplicidade* e a *concisão* devem ser tomadas como marcas da linguagem parlamentar. [...]

Um texto impessoal evita a manifestação de opiniões e impressões pessoais sobre o assunto tratado, o uso de figuras de estilo, como a metáfora ou a ironia, e se prende à formalidade.

(ALMG, 2013, p. 18 e 19; grifos nossos)

Assim, fica claro que os princípios de um texto replicam (e devem mesmo replicar) os princípios da vida social que o determinam. O fenômeno acontece ainda que não haja normas regulamentares sobre a produção textual, o que ocorre na larga maioria dos gêneros textuais, pois o sujeito é atravessado pelas injunções sociais.

Já na passagem seguinte, evidencia-se a impossibilidade de um princípio reger todas as manifestações concretas de textos em uma determinada esfera.

Pode-se dizer, assim, que os documentos parlamentares, *salvo os pronunciamentos*, que têm uma dicção bastante peculiar, devem buscar a clareza, a precisão e a simplicidade, por meio de uma escrita que adote a formalidade e a impessoalidade e atenda aos padrões de correção da norma culta.

(ALMG, 2013, p. 19; grifos nossos)

Por sua vez, a passagem seguinte evidencia a necessidade de hierarquização de princípios, já que em diversas situações concretas mais de um deles será útil para determinar o produto final textual, devido à diversidade de situação em que são elaborados os textos.

Sem prejuízo das recomendações gerais referentes à forma da redação parlamentar, há ainda uma, muito importante, que, de certo modo, *coordena o aproveitamento de todas as outras*. Trata-se da diretriz da adequação do texto à situação de elaboração. Tanto o texto de um projeto de lei, por exemplo, que é complexo e sujeito a inúmeras interferências e mutações, quanto, num outro extremo, o de um ofício, que é singular e feito em condições mais estáveis, suportam, cada um a seu modo, um processo de adaptação às circunstâncias em que são produzidos.

(ALMG, 2013, p. 19 e 20; grifos nossos)

Entendida a Retórica como o estudo de como conferir eficácia ao discurso, e não mais apenas como, no dizer de Aristóteles, a arte de encontrar os meios de prova, mostra-se essencial admitir a centralidade do sujeito, do indivíduo, do ser humano real e concreto que realiza a linguagem num texto próprio, a despeito das injunções sociais que o atravessam.

Para produzir sentidos, a Análise do Discurso postula ser o sujeito constituído historicamente. Sua fala carregaria um recorte de representações de si e do interlocutor. Assim, a escolha por determinados enunciados pertenceria a formações discursivas já estabelecidas, o que faria com que os sentidos provenientes dos enunciados estivessem ligados à maneira como foram inscritos na língua e na história, significando somente de modo coletivo. Lembrando o caráter intrinsecamente ideológico da palavra, como produto de interações sociais das quais emergem diferentes vozes, o discurso não deveria ser visto como mero instrumento de comunicação, mas um modo de interação que veicula ideologias. Nesse ponto, diferencia-se da Retórica, que postula, apesar das sobredeterminações históricas, haver a possibilidade de quem o articula o fazer de um modo único, todo especial, ainda que imerso numa rede de valores sociais dos quais nem sempre se dá conta totalmente.

A Retórica é a rainha das disciplinas humanas, incluindo as linguísticas. De toda forma, a Análise do Discurso oferece ao orador a possibilidade de resgatar os valores presentes em sua própria fala para construir discursos com maior eficácia, pois que vinculados à dimensão social mais ampla.

A definição aristotélica restringe a Retórica a discursos com a finalidade de persuadir. Como início de sistematização de um campo de saber, sua contribuição é notável e determinante das reflexões posteriores. Mister-se faz ampliar o espectro inicial do estagirita. Afinal, através da história, estudiosos da Retórica e, mais especificamente, da linguagem, dedicaram estudos a textos com outras finalidades. Como exemplo, basta citar, desde o século III d.C, a grande contribuição de Santo Agostinho para estudos retóricos válidos para textos com a finalidade principal de ensinar.

## **5.2 Uma proposta pedagógica para conciliar princípios e prescrições**

Como conciliar, na prática pedagógica de ensino-aprendizagem de oratória, princípios e prescrições de forma equilibrada e produtiva?

Oferecemos o exemplo concreto de uma das lições do curso que desenvolvemos no formato educação a distância, mostrando como o tratamento dos princípios não se choca com recomendações específicas, de modo a serem respeitadas as escolhas do orador.

Para que se tenha uma visão geral do curso, apresentamos o seguinte esquema:



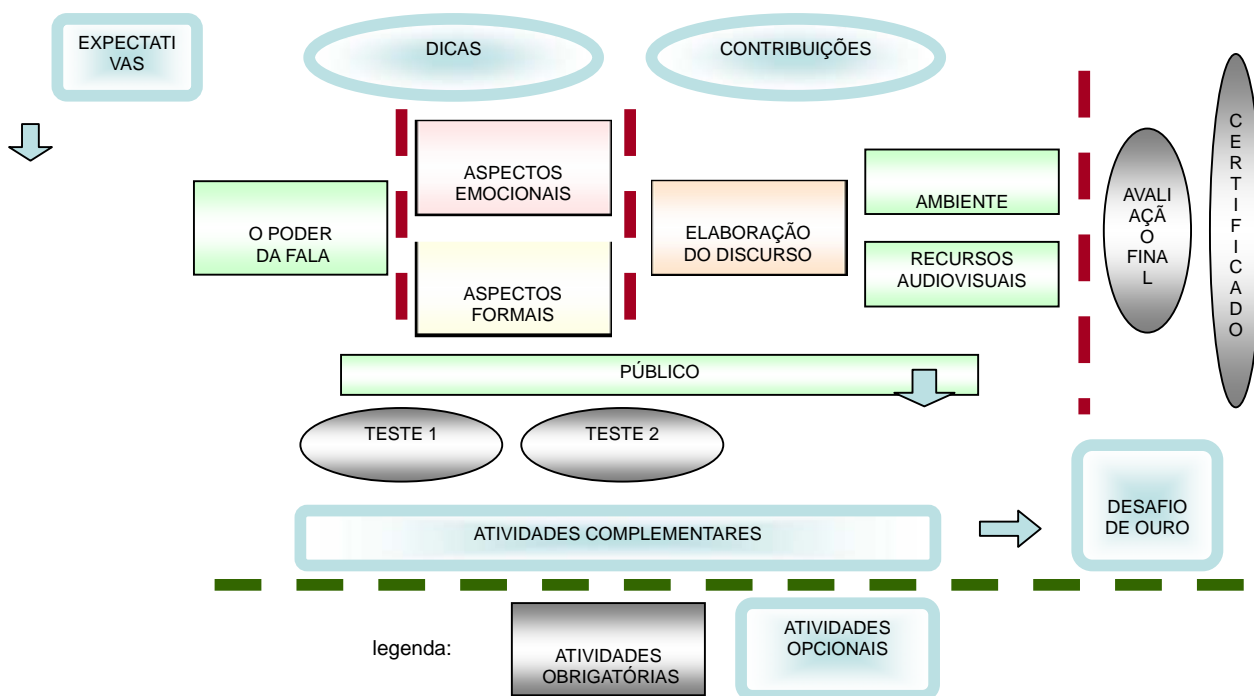


Figura 9: Fluxograma do curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem

Nele, observa-se que, antes de se iniciar qualquer recomendação de ordem prática, promove-se uma discussão sobre os princípios que regem a linguagem. Afinal, em curso prático de oratória é fundamental uma reflexão sobre as potencialidades da fala que forme uma visão crítica das teorias da linguagem. Quem ingressa em um curso de oratória pretende, de modo geral, “falar bem”. Antes, porém, de discutir o termo “bem” da expressão, que se refere à qualidade da fala, mostra-se produtivo discutir o próprio “falar”. Para que se deseja “falar”? O que podemos fazer com a fala, aqui representando as potencialidades da própria linguagem? Inspirados pelo Prof. Fiorin, em sua magnífica conferência Mistério e Epifania da Linguagem, propusemos, no curso ofertado no formato educação a distância o módulo “O poder da fala”.

No corpo desta dissertação, para não tornar enfadonha sua leitura, apresentamos o roteiro do curso e as telas que se veem ao acessá-lo apenas para duas das possibilidades aventadas para a questão principal desse módulo: “Para que falamos?”. A apresentação de roteiro e de telas visa a facilitar a compreensão de como o roteiro se converte em material final. No anexo IV, apresentamos o texto completo do roteiro. A seguir, as telas de abertura.



Figura 10: As duas primeiras telas do módulo “O poder da fala”

Cientes da necessidade de discutir junto aos que pretendem “falar bem” quais razões os levam a procurar um curso, incluímos a pergunta na avaliação diagnóstica. Para desenvolver o material do curso, reunimos as respostas capazes de fazer o processo pedagógico avançar em direção à compreensão mais aprofundada dos fundamentos da linguística. Adotando um registro mais informal, para manter o interesse de alunos não especialistas na área, criamos um quadro com opções de resposta à indagação inicial.



Figura 11: Tela com opções de resposta à questão “para que falamos?”

O aluno pode escolher quaisquer das respostas, sendo, nas telas seguintes, levado a um aprofundamento da reflexão sobre aquela finalidade específica da linguagem, com comentários gerais e exemplos concretos de utilização. Somente após visitar todas as possíveis respostas, ele segue para a conclusão da reflexão.

Ao clicar em qualquer opção, surge uma tela parabenizando-o por ter escolhido uma resposta aceitável. Afinal, qualquer das respostas encontra respaldo em alguma teoria linguística. As telas seguintes desenvolvem as reflexões sobre as finalidades da linguagem, incluindo exemplos simples de situações de uso. Desse modo, qualquer que seja a opção escolhida, continua a busca por uma resposta definitiva. O processo é exemplificado nas quatro telas a seguir.

Após percorrer as telas com explicações sobre a resposta dada, o aluno é instado a continuar tentando as demais respostas, já que todas elas respondem, de certo modo, a questão. Para facilitar a navegação, ao retornar à primeira tela, as opções já estudadas são marcadas como lidas, usando-se para tanto uma cor diferente no quadro.

Exemplificamos a sequência com as telas que surgiriam caso o aluno optasse por escolher primeiramente a resposta “comunicar”.



Figura 12: Tela parabenizando pela opção escolhida



Figura 13: Tela com explicações sobre resposta dada



Figura 14: Tela instando a continuar tentando



Figura 15: Tela com opção já estudada assinalada



Os exemplos práticos oferecidos ao longo do curso visam a que os alunos possam aprofundar o entendimento sobre nuances da oratória. Ao tratar da finalidade “informar”, a lição mostra como, mesmo parecendo idêntica à finalidade “comunicar”, ela é distinta do ponto de vista dos sentidos que o orador pode desejar produzir. Elas se diferenciam não apenas quanto aos elementos do processo comunicativo envolvidos, mas, principalmente, no que tange à criação de realidades, exatamente a resposta a que se pretende chegar.

Comunicar se refere a um processo interativo no qual a realidade a ser criada ainda será deliberada. Informar, a outro processo, no qual a realidade criada já está definida. Poderíamos associar “comunicar” ao gênero deliberativo, já tratado em Aristóteles, e “informar” à finalidade *docere*, incorporada à Retórica, em especial, a partir de Santo Agostinho.



Figura 16: Tela com *link* para exemplo prático

Percorridas todas as respostas, que abrangem conceitos de diversas teorias dos estudos linguísticos numa linguagem simplificada, caminha-se, afinal, para a resposta desejada. O que torna a linguagem tão poderosa e mágica é sua capacidade de criar realidades no mundo. O

roteiro completo do curso que leva a tal resposta encontra-se no anexo IV. A seguir, sobre fundo acinzentado, o caminho para se chegar à resposta.

Embora seja verdade que, <QUALQUER RESPOSTA>, conseguimos os resultados relacionados em todas as respostas, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

**PERSONAGEM ENFEZADO:** Já tentei todas as respostas e nenhuma serviu. Será que esse curso está com defeito???

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Não, o curso não está com defeito. Afinal, ele foi desenvolvido pelo NPG Pitágoras, centro de excelência no desenvolvimento de pessoas. **PLIM PLIM** O fato é que a razão mais importante pela qual falamos não está relacionada naquelas respostas.

**PERSONAGEM ENFEZADO:** Então, pra que colocou tantas respostas inúteis?

**PERSONAGEM APRESSADINHO:** Ou por que não falou logo só essa bendita razão mais importante?

**PERSONAGEM CONFÚCIO:** A felicidade está no Tao.

**PERSONAGEM GAFANHOTO:** Sim, Sábio Mestre! Chegar à resposta certa não é tudo. O processo de chegar à resposta, que é a REFLEXÃO, muitas vezes é mais importante.

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Se simplesmente buscamos uma resposta pronta, não problematizando a questão em um nível que exija PENSAR, temos a impressão de que já sabíamos, e o novo conhecimento não se fixa em nossa mente. Repare que todas as respostas serviram para discutirmos uma série de conceitos importantes.

**PERSONAGEM GRANDE ORADOR:** Então, vou pensar mais um pouquinho. Teria alguma dica?

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Sim! Pense no discurso mais antigo que consegue imaginar...

**PERSONAGEM:** O discurso de posse do Lula, porque “nunca antes na história deste país”...

**PERSONAGEM:** Mas não foi o Lula quem descobriu o Brasil! Um discurso importante foi a *Carta de Caminha*, que foi bem antes dele.

**PERSONAGEM PE. VIEIRA:** Mas muito antes do achamento, houve grandes pregadores. Eu cito no *Sermão da Sexagésima* Túlio; Quintiliano; o príncipe dos oradores evangélicos, S. João Crisóstomo; S. Basílio Magno; S. Bernardo. S. Cipriano; e S. Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas; bem como Santo Agostinho e S. Gregório.

**PERSONAGEM:** Já sei! Jesus Cristo!

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Boa lembrança. Ele tem discursos maravilhosos. Mas ele mesmo dizia “sabeis que foi dito aos antigos, eu porém vos digo”, o que indica que houve quem falou antes dele. É pra pensar num discurso bem antigo mesmo.

**PERSONAGEM:** Homero? Bem antes.

**PERSONAGEM:** Adão e Eva?

Adão e Eva é superrecente. Foi apenas no sexto dia criação que Deus fez o homem. E nos dias anteriores?

**PERSONAGEM GRANDE ORADOR:** Após Deus criar o céu e a terra, havia solidão, caos e trevas!

Disse Deus: “Haja luz”. E houve luz... (BÍBLIA SAGRADA, Gênesis 1:3) [LINK para o primeiro capítulo](#)

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Perfeito! Repare na riqueza dessa explicação ainda na primeira página da Bíblia: **Deus não fez algo para ordenar o caos, como fez na criação do homem, com trabalho, moldando o barro e o soprando.**

No primeiro dia da criação, em meio apenas às trevas e ao caos, para continuar sua obra, Ele simplesmente FALA algo, e cria a luz, pelo discurso, mostrando que a função primordial da linguagem é CRIAR REALIDADES. Depois, à medida que cria, nomeia as criações: dia, noite, céu, terra, mares e assim por diante. Para atuar sobre o mundo, é preciso falar, dar nome às coisas, que deixam, portanto, de ser caos e passam a constituir sentido, o que permite ao homem agir sobre o mundo. A REALIDADE não é algo objetivo, mas a maneira como o mundo é percebido.



De fato, falando, criamos as mais distintas realidades: podemos estabelecer amizades ou fazer inimigos, conseguir adesão ou oposição, sofrer ou sentir alívio, dividir sonhos e construir realidades, mudar o mundo ou garantir a permanência, gerar confiança ou medo, dar esperança ou causar desespero, provocar amor ou ódio.

OBS: CLIQUE aqui para ouvir o Prof. Fiorin discorrer sobre o assunto.

*Trecho do DVD Mistério e epifania da linguagem, gravado durante encontro do Ciclo de Estudos Contemporâneos em Língua Portuguesa.*

*LINK para roteiro do DVD.*

*LINK para relação dos DVDs.*

Após consolidar os princípios que regem a oratória de forma geral, é preciso desenvolver a percepção dos alunos para os princípios que regem cada um dos aspectos que são estudados, de modo a conferir sentido às prescrições. Um bom exemplo de integração entre princípios e prescrições se encontra no tratamento da questão da locomoção do orador.

Percebemos que um dos momentos do curso em que há notável avanço na percepção dos alunos quanto à finalidade do texto, produzir sentidos, ocorre ao se tratar a questão da locomoção. Uma pergunta, “para que o orador se locomove?”, desencadeia o processo de reflexão que leva à apreensão do princípio ordenador do uso que o orador faz, não só da locomoção, como de todos os demais aspectos formais. Evidentemente, após apreendido o princípio, podem ser oferecidas prescrições, as quais são apresentadas em seis tipos de sentidos possíveis de serem produzidos exclusivamente com a locomoção.

As respostas dadas à questão original podem se agrupar em três tipos principais: razões ligadas ao orador, à mensagem ou ao público. Exemplos das primeiras seriam “descansar” e “perceber melhor as reações do público”; da segunda, “complementar a fala”, “ênfatar algo” ou “esclarecer”; da terceira, “(admoestar) o público” e “permitir ao público observar melhor o orador”.

Porém, essas respostas não atingem o cerne do problema. Que motivação principal o orador deve ter para se locomover? A linguagem não verbal não se subordina à verbal. Tem vida própria e independente. As razões para se locomover ligadas ao orador são importantes, mas não devem, sozinhas, determinar a locomoção do orador. Mesmo porque sequer podem ser programadas. As razões ligadas ao público dependem de condições externas para que o orador resolva se locomover. Portanto, também não podem ser programadas.

Já as razões ligadas à mensagem permitem um planejamento. Direcionam a atenção para o que realmente importa: o entendimento da mensagem. Assim, ao planejar a locomoção, o orador privilegia a mensagem e subordina a locomoção baseada em suas necessidades e nas reações do público à locomoção planejada em função da mensagem.

Então, finalmente podemos responder a questão principal. A intenção primordial que o orador deve ter ao planejar sua locomoção é PRODUZIR SENTIDOS. Aliás, toda a oratória está voltada para produzir sentidos. Produzir sentidos é criar significados, dizer algo.

O orador fala para produzir sentidos; gesticula para produzir sentidos; adota diferentes posturas para produzir sentidos; altera a voz para produzir sentidos; olha para produzir sentidos.

Um texto é um todo organizado de sentido. Como o discurso também é um texto, seus elementos devem ser organizados para produzir sentidos. Cabe ao orador essa tarefa. Portanto, organizar os diversos elementos do discurso é o trabalho do orador.

Muitos pensam que o orador diz algo e produz sentidos somente com as palavras



Figura 17: Orador produzindo sentido somente com as palavras

Essa visão faz, por exemplo, com que na escola se estude muito mais o desenvolvimento da escrita que o da oralidade. Há aulas e mais aulas de redação, porém poucas oportunidades para situações formais de fala. Presas a um molde de como se deveria escrever, muitas pessoas deixam de praticar a oratória. Usar bem a gramática é algo positivo, o que se exige principalmente em textos escritos, mas não é de modo algum obrigatório para se assumir a condição de orador.

O orador na verdade diz algo e produz sentidos com muito mais que palavras. Ele fala com a vestimenta, com a postura, com os gestos, com a locomoção, com a voz, com o olhar, com o semblante e com as palavras. O estudo das palavras ocorre para a elaboração do discurso.

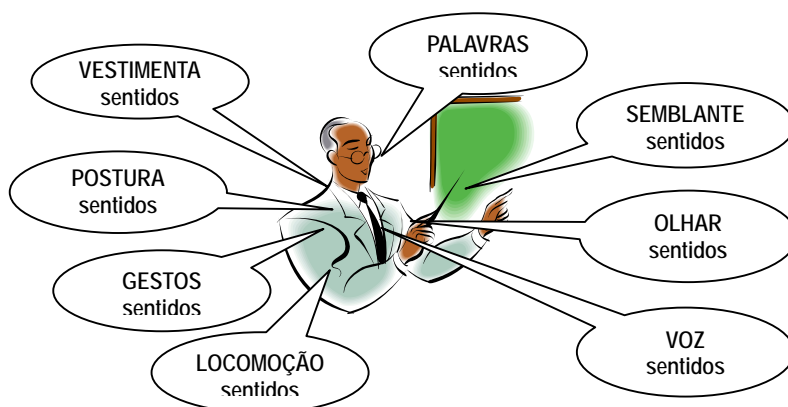


Figura 18: Orador produzindo sentido com outros recursos além das palavras

Os sentidos produzidos com os aspectos formais, inclusive a locomoção, podem referir-se ao que se sente ou pensa. Assim, revelam estados interiores. O estudo sob tal perspectiva seria mais apropriado para a psicologia, não a Retórica. Também podem referir-se à mensagem que se pretende levar aos ouvintes. Se tiver controle consciente de cada um dos elementos formais, o orador poderá trabalhar para criar significados mais precisos, produzir sentidos mais ricos.

A congruência entre os sentidos produzidos pelas palavras e pelos elementos formais, que devem trabalhar em sinergia, constitui a UNIDADE ORATÓRIA.

Apresentados, assim, os princípios que regem as escolhas do orador para a locomoção, podemos passar à apresentação de prescrições práticas. Valemo-nos, para tanto, do texto produzido como roteiro para o curso de oratória no formato educação a distância, que reproduzimos sobre fundo acinzentado.

**Vejamos como o orador pode se locomover durante sua apresentação:**

- de um lado para o outro
- **essa é a mais importante, pois é a locomoção mais visível e portanto, a que torna mais perceptíveis os sentidos que o orador quer produzir. Ao se locomover, o orador não deve deixar de olhar para o público. Também, claro, deve estar atento aos limites em que sua locomoção não atrapalha a visão de recursos audiovisuais. De modo geral, deve demarcar os espaços que ocupa para fazer-se sempre visível da maior parte dos ouvintes. É recomendável que o orador explore toda a extensão disponível. Se ele se mover timidamente, com apenas um ou dois passos para cada lado, pode incorrer num movimento pendular, que causa a impressão de insegurança.**
- aproximando-se ou afastando-se do público
- **com essa locomoção, cria um efeito de sentido de proximidade ou remete o pensamento dos ouvintes a uma apreciação panorâmica do tema apresentado.**
- ocupando todo o auditório
- **cria um sentido de interação e valorização dos presentes.**

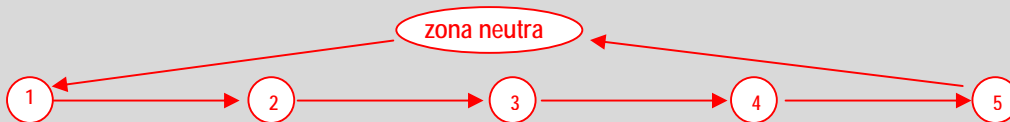
Que sentidos podem ser produzidos pela locomoção?

Existem várias outras possibilidades, porém essas seis atendem a boa parte das situações práticas.

- **Linha do tempo**
- **Capítulos**
- **Posições ideológicas**
- **Diálogo em discurso direto**
- **Lugares imaginários**
- **Proximidade**

### **Linha do tempo:**

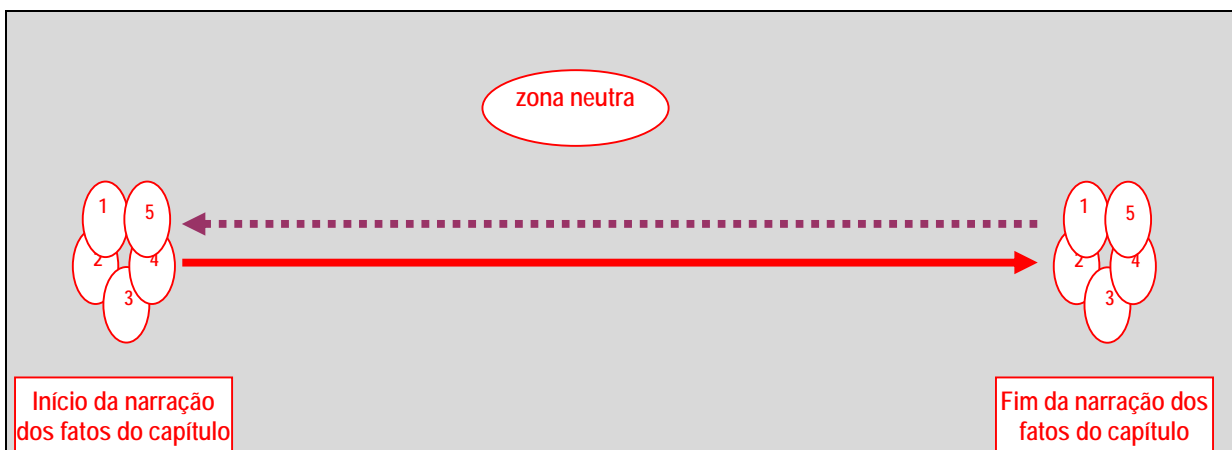
O orador demarca pontos ao longo da linha que vai de uma extremidade a outra do palco para neles discorrer sobre etapas cronológicas do assunto sobre o qual discorre. É importante usar uma “zona neutra”, para apresentar o assunto, antes de passar à narração das etapas cronológicas, e também para concluir sua apresentação.



*Detalhe:* O orador deve começar à esquerda do público, de modo a facilitar o entendimento da sucessão de fatos. É o sentido da escrita. O mesmo vale para gestos. A tendência natural é os gestos seguirem o pensamento. Quando pensamos em sucessão de fatos, muitas vezes temos um esquema mental que nos leva a colocar o primeiro fato à nossa esquerda, pois, se estivéssemos lendo ou escrevendo, assim o faríamos. Porém, como o público nos vê ao contrário, de modo espelhado, se mostrarmos na ordem em que nos imaginamos escrevendo, vai parecer para o público que os fatos estão em marcha a ré. Assim, o orador deve ter consciência desse fato e se acostumar, ao apresentar sucessão de fatos, começar gestos ou locomoção sempre a partir da sua direita.

### **Capítulos**

O orador demarca um ponto do palco para ser o início de cada um dos capítulos em que dividiu sua apresentação. Sempre deve estar nesse ponto ao iniciar cada capítulo.

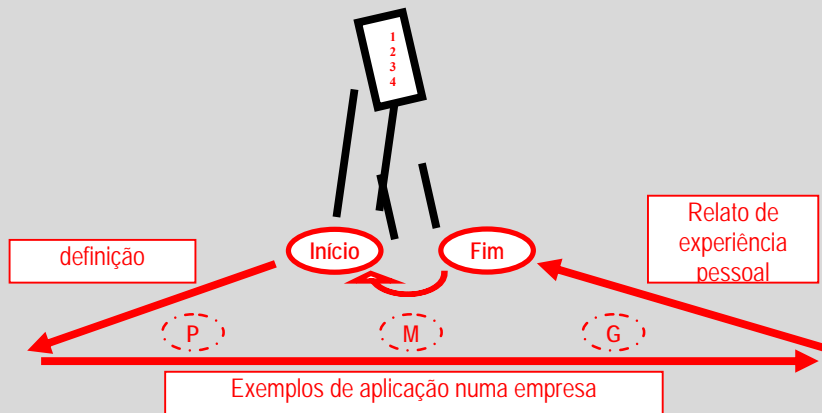


*Detalhe:* Quando o orador caminha da esquerda, ponto de início do capítulo, para a direita do público deve NARRAR uma sucessão de fatos. Quando retornar, deve COMENTAR sobre o capítulo que acabou de apresentar. Desse modo, evita narrar fatos contrariando a ordem mais naturalmente percebida, que é a do sentido da escrita.

Evidentemente, os capítulos podem ser compostos de variadas maneiras. A cada um dos trechos percorridos, o orador pode associar uma focalização dada ao assunto.

Exemplo dos 5 S: Ao discorrer sobre o sistema de gestão 5 S, um de nossos alunos no curso presencial programou uma rica locomoção, consistente e clara. Como ele usou um *flip chart* para escrever a relação dos cinco itens que compõem o sistema, determinou que começaria sua movimentação próximo ao audiovisual. Desse ponto, caminhou para a esquerda do público, dando uma definição do item sobre o qual discorria. A partir daí, caminhou ao longo do palco, mostrando exemplos de como aquele item se aplica em empresas, em várias situações. Aqui, poderia acrescentar a locomoção baseada em posições ideológicas e determinar uma região para falar das pequenas empresas, e outras para as médias e grandes, por exemplo. Porém, como diferenciar pequenas, médias e grandes empresas não era relevante para ele, não o fez, acertadamente. QUEM DETERMINA QUE LOCOMOÇÃO ADOTAR É O ORADOR, de acordo com os sentidos que deseja produzir. Por fim, após atingir a direita do auditório, retornou para perto do *flip chart*, relatando suas experiências profissionais quanto ao item em questão. Terminada a

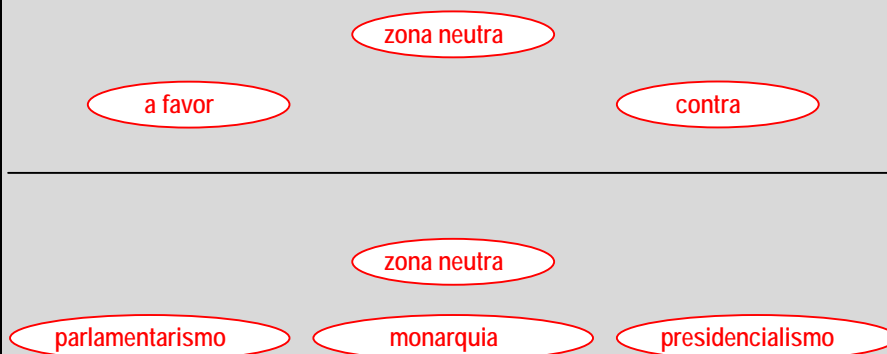
locomoção, voltava ao ponto de partida e recomeçava novamente a mesma locomoção para o próximo item.



*Detalhe:* Nem sempre o público percebe a locomoção no nível consciente. Porém, quando o orador executa bem uma locomoção inteligentemente programada, as pessoas sempre comentam, após a palestra: “que orador claro”, “ele foi superdidático”, “pareceu simples entender tudo o que ele queria dizer”.

### Posições ideológicas

O orador demarca no palco regiões nas quais discorrerá sobre cada posição ideológica sobre o assunto em questão.



*Detalhe:* Associar a locomoção baseada em posição ideológica à postura permite ao orador trabalhar mensagens subliminares. Basta adotar:

1. uma postura mais adequada na posição ideológica que deseja seja percebida como a melhor (por exemplo, ninho de gestos<sup>9</sup>)
2. uma menos adequada para a posição ideológica contra a qual deseja gerar a animosidade do público (por exemplo, queixo levantado, para sugerir que quem defende tal posição ideológica é arrogante ou corpo escorado à parede, para sugerir a preguiça de quem adota certa posição ideológica)

### **Diálogo em discurso direto**

O orador usa o “giro de calcanhar” para representar cada um dos personagens que falam no exato momento em que estão falando. Se tirássemos uma foto no momento da fala de cada personagem e sobrepuséssemos as duas, veríamos os dois personagens, um voltado para o outro, como se estivessem conversando.



*Detalhe:* Essa locomoção permite produzir sentidos mesmo se o espaço para o orador for reduzido. Numa tribuna, por exemplo, a mesma movimentação permite produzir sentido de posições ideológicas.

### **Lugares imaginários**

O orador pode criar lugares imaginários pela locomoção e também pelos gestos. Basta caminhar ou apontar em determinada direção, enquanto, pela fala, estabelece que aquele ponto será o lugar determinado.

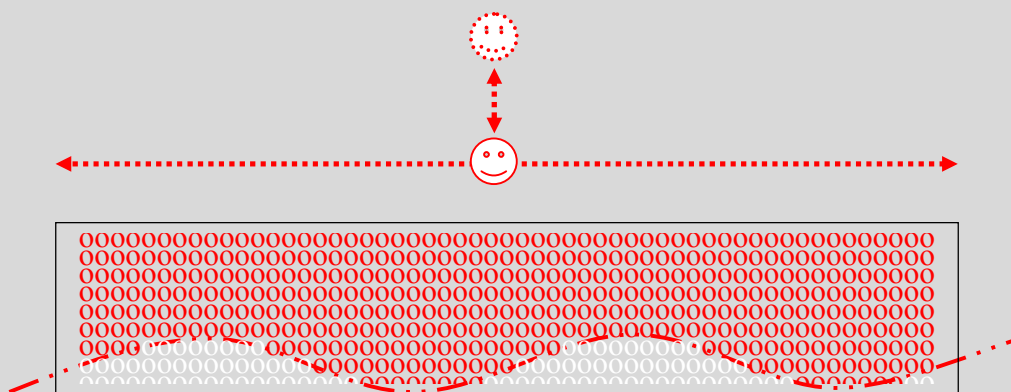
<sup>9</sup> O ninho de gestos encontra-se explicado no Anexo III (p. 185).



*Detalhe:* Criado um determinado lugar, deve permanecer durante toda a exposição naquela região, de modo a facilitar o entendimento dos ouvintes.

### **Proximidade**

O orador, ao se aproximar do público, cria uma sensação de alguém mais próximo aos ouvintes ou que pretende dividir um segredo. Ao se afastar, pelo fato de criar uma visão periférica maior, direciona a mente dos ouvintes a se afastar do objeto em exame. Cria a sensação de objetividade no estudo de uma questão. A locomoção nessa direção (vertical, aproximando-se ou se afastando do público) é menos percebida pelos ouvintes, razão pela qual é preciso usá-la em momentos bem marcados, associando a ela a própria fala.



Ex.: Prof.<sup>a</sup> Vanessa Guimarães, secretária de Estado da Educação de Minas Gerais, no Congresso Mineiro de Educação, falando para centenas de professores e profissionais da educação no enorme auditório do Minas Centro, após ouvir todos os oradores que a precederam, levanta-se, sai de trás da mesa, dá dois ou três passos em direção ao auditório e diz: peço licença aos integrantes da mesa, mas quero falar de pé e pertinho dos professores, porque são os professores que verdadeiramente fazem a educação. Meu gabinete está sempre de portas abertas para todos, e eu me sinto bem junto a quem se dedica a educar nossas crianças, nossos jovens, nossos adultos. Ora, evidentemente, aqueles dois ou três passos adiante em nada modificariam a percepção visual que as pessoas tinham da oradora. Porém, o impacto psicológico dessa atitude repercutiu fundo no auditório.

*Existem várias outras possibilidades, pois não há limites para a imaginação do orador. Porém as mencionadas atendem a boa parte das situações práticas. O importante é, ao escolher uma forma de se locomover, você produzir um sentido que facilite a assimilação de suas ideias ou alcançar seus objetivos.*

**Proxêmica:** um aspecto interessante, que se encontra entre a postura e a locomoção é a distância que se deve manter dos interlocutores. De fato, se o orador fala perto demais dos ouvintes, causa estranheza. Se fala distante demais, não consegue a devida interação. Assim, cabe considerar questões de AMBIENTE (unidade VI), para definir que distância estabelecer entre o orador e os ouvintes. Percorrer o ambiente pode ser interessante, pelas várias possibilidades de produzir sentidos e por uma série de motivos adicionais.

Ao final da lição, apresentamos um exercício para verificar a consolidação do aprendizado. Muitas ideias diferentes das apresentadas surgem, tanto em combinações de possibilidades apresentadas, quanto em possibilidades totalmente novas.

**EXERCÍCIO:** Que sentidos podem ser produzidos pela locomoção?

Programe a movimentação para um discurso seu nos seguintes casos:

1. Seu discurso é sobre um personagem célebre, e você usará parte do seu discurso para contar a trajetória de vida dele (nascimento, infância, juventude, vida profissional, velhice e morte), gastando em torno de 15 minutos.
2. O discurso é exclusivamente sobre a vida dele e está programado para 2 horas - Juscelino Kubitschek
3. Você falará sobre uma questão polêmica, que admite duas posições ideológicas (p. ex.: a favor e contra) sobre o assunto – aborto.
4. Você usará o discurso direto para mostrar um diálogo entre dois personagens – *Pedro e Paulo discutindo se a mensagem de Cristo deve ser pregada para os gentios ou para os judeus.*
5. Você fará uma palestra sobre diferentes lugares – *Relatório para uma comissão da FIFA como estão as obras para a Copa do Mundo em BH, SP e RJ.*

### 5.3 A diversidade de campos de aplicação da oratória

Com a fragmentação social contemporânea, bem como com a crescente diversidade dos campos do conhecimento humano, algumas referências clássicas perdem a validade, e se instaura certa confusão entre prescrições válidas para uma realidade, mas não aplicáveis a todas as circunstâncias.

Como são inúmeros os campos de aplicação da oratória, inquirir sobre onde aplicar os conceitos oferecidos pela pedagogia retórica para o desenvolvimento das competências comunicativas pode direcionar os esforços para a obtenção de bons resultados.

Para encontrar os campos de aplicação mais desejados, consultamos as avaliações diagnósticas dos alunos do curso, analisando em quais campos esperavam maior aplicabilidade da oratória em suas vidas. Comparamos com as avaliações finais, para verificar em quais passaram a enxergar maior possibilidade de uso do conhecimento desenvolvido, o que ainda ofereceria a possibilidade de verificar alguma eventual alteração no grau de importância dado a cada campo.

Av. diagnósticas (43)	Número absoluto	%
Finalidade acadêmica:	5	11,6
Finalidade profissional:	21	48,8
Finalidade para a vida:	17	39,5

Tabela 1: Finalidades da oratória nas avaliações diagnósticas.

Av. finais (9)	Número absoluto	%
Finalidade acadêmica:	1	11,1
Finalidade profissional:	3	33,3
Finalidade para a vida:	5	55,6

Tabela 2: Finalidades da oratória nas avaliações finais.

Percebe-se uma ampliação na aplicabilidade dos preceitos retóricos para a vida da ordem de 40%, redução de aplicabilidade profissional em cerca de 30% e manutenção da aplicabilidade acadêmica. Com tais dados, infere-se que há maior valorização, entre os componentes da tríade do desenvolvimento retórico, dos preceitos concernentes ao SUJEITO.

### **PARTE III: APONTAMENTOS PARA UMA TEORIA DO DESENVOLVIMENTO RETÓRICO**

#### **6 Novos elementos para o desenvolvimento retórico**

Julgamos fundamental, a partir dos elementos estudados, propor alguns apontamentos para uma prática pedagógica capaz de direcionar esforços didáticos para a consecução dos objetivos de uma formação retórica consistente.

As reflexões de Descartes sobre seu percurso em busca pela compreensão de seu próprio caminhar na senda do conhecimento nos servem de estímulo.

Pois acreditava poder encontrar muito mais verdade nos raciocínios que cada um forma no que se refere aos negócios que lhe interessam, e cujo desfecho, se julgou mal, deve penalizá-lo logo em seguida, do que naqueles que um homem de letras forma em seu gabinete a respeito de especulações que não produzem efeito algum e que não lhe acarretam outra consequência salvo, talvez, a de lhe proporcionarem tanto mais vaidade quanto mais afastadas do senso comum, por causa do outro tanto de espírito e artimanha que necessitou empregar no esforço de torná-las prováveis. E eu sempre tive um enorme desejo de aprender a diferenciar o verdadeiro do falso, para ver claramente minhas ações e caminhar com segurança nesta vida.

(DESCARTES, 19--)

Reconhecemos a ousadia dessa pretensão, dadas a imensidade da tarefa e, sobretudo, a vastidão dos escritos e reflexões sobre Retórica, além da enorme quantidade de liames que estabelece com quase todas as demais áreas do conhecimento.

“Ars longa vita brevis”<sup>10</sup>, repetimos com o poeta. Por ora, mais modestamente que o escopo inicial, dispomo-nos a relacionar algumas contribuições para a pedagogia retórica a partir de nossa prática no ensino da oratória. Desejamos, com isso:

- encontrar o ponto de equilíbrio entre SUBJETIVIDADE e DETERMINAÇÃO SOCIAL, para não incorrer no erro de supervalorizar o indivíduo, bem como no de apagá-lo completamente;

---

<sup>10</sup> “A arte é longa, e a vida é breve.”

- considerar as etapas necessárias à boa produção textual, quais sejam VIVER, PENSAR, FALAR, para a produção de recomendações pedagógicas voltadas para o desenvolvimento de competências retóricas;
- incluir o SUJEITO na tradicional dicotomia FORMA e CONTEÚDO, formando, pois, uma tríade sobre a qual devem ser assentadas as bases da pedagogia retórica, e destacar os pontos principais a serem desenvolvidos em cada um, para traçar o percurso gerativo de aprendizagem em ambos os sentidos, na direção do sujeito para a forma e vice-versa, perpassando o conteúdo.

As concepções sobre língua e linguagem influenciam a prática do ensino-aprendizagem da produção textual, oral ou escrita. Assim, à medida que se desloca a compreensão da linguagem do simples representar o mundo para o interagir social e, posteriormente, para o próprio aprender, modificam-se os fundamentos considerados para a proposição de atividades de desenvolvimento da oralidade.

A integração entre conteúdo e forma foi percebida por diversos estudiosos da linguagem. O princípio é o da isomorfia dos dois planos, apresentada nesta afirmação:

Uma vez realizada, a análise mostra além do mais que o plano da expressão e o do conteúdo podem ser descritos, exaustivamente e não contraditoriamente, como construídos de modo inteiramente análogo, de modo que se podem prever nos dois planos categorias definidas de modo inteiramente idêntico. Isso só fará confirmar novamente a correção da concepção segundo a qual expressão e conteúdo são grandezas da mesma ordem, iguais sob todos os aspectos.

(HJELMSLEV, 1975, p. 63 e 64)

A dicotomia “forma” *versus* “conteúdo”, embora possa embasar a construção de preceitos muito úteis, limita a compreensão holística sobre os princípios retóricos, pois evidencia o texto-produto como objeto da disciplina, relegando a segundo plano as dimensões da subjetividade e da alteridade.

Integrar forma e conteúdo exige integrar princípios e preceitos. *Insights* poderosos, entretanto, surgem a partir dessa integração, exigindo que o processo pedagógico de desenvolvimento retórico se baseie primeiro em refletir sobre os princípios para, somente depois, se relacionarem os preceitos convenientes nas circunstâncias relevantes para o aprendiz.

Além disso, para tornar o processo efetivo, cabe inserir o indivíduo como um elemento fundamental nos componentes desse processo. Desse modo, acrescentamos à dicotomia

tradicional da Retórica – forma e conteúdo – um terceiro elemento. Em especial, tal incorporação favorece a inclusão das enormes contribuições da Análise do Discurso no plano geral da pedagogia retórica. De fato, a busca principal da Análise do Discurso é encontrar e trabalhar os valores que subjazem na materialidade dos discursos em diferentes campos.

### 6.1 Sujeito e determinações sociais

Van Dijk considera haver aplicabilidade dos conceitos retóricos para a produção de qualquer tipo de discurso e apresenta uma correlação instigante entre discurso e cognição. Na sua argumentação, as etapas de elaboração cognitiva do discurso se rearranjam com uma ampla visão, que integra a Retórica clássica aos modernos conceitos da linguística.

Os que têm uma visão mais restrita da Análise do Discurso, usando-a como justificativa ideológica para suas crenças, e não como instrumento científico para se pensar a linguagem e o mundo, sentiriam arrepios diante do termo “individualidade”.

Apressadamente, algumas doutrinas decretaram, entre fins do séc. XIX e a primeira metade do séc. XX, a morte de Deus, da Retórica e de tudo que sugerisse reconhecimento do indivíduo, crendo em um paraíso marxista, infelizmente jamais tornado realidade em nossa história. Devido a suas origens históricas, boa parte da Análise do Discurso incorpora essa ideologia.

Existe, sim, um sobredeterminação histórica e social, mas a essência humana é a individualidade, vez que o conhecimento necessita de uma forma física para ocorrer. As articulações entre o sensível e o cognitivo recolocaram em lugar de destaque o indivíduo. Somos não só alma, mas também corpo. Somos não apenas mente, mas cérebro.

As contribuições do cognitivismo abrem a possibilidade de articular a integração entre o SUJEITO e as DETERMINAÇÕES SOCIAIS. Ouçamos Van Dijk, em copidesque da palestra “Cognição e Discurso” proferida no IX Congresso Latinoamericano de Estudos do Discurso, na UFMG, em 2011, revendo seus conceitos sobre ideologia:

Então, uma ideia da estrutura desse conhecimento básico é o que chamamos de *script*. Em geral é uma estrutura conceitual. Mas é muito mais complicado. Muito provavelmente, o conhecimento tem uma estrutura multimodal. Carro, numa relação conceitual, é veículo. Mas o conhecimento sobre o carro também é barulho, sensações, visões, que formam a ideia do conduzir. O conhecimento sobre carro é quase de uma experiência, e claro que o conhecimento obtido por uma pessoa que conduz é diferente do obtido por uma pessoa caminhando na rua

que vê um carro. Grande parte do nosso conhecimento é multimodal e relacionado com várias partes do cérebro. A estrutura do conhecimento se relaciona com a estrutura do cérebro. O modelo mental é sim uma experiência. Para comparar com outras pessoas que têm experiência diferente, é preciso abstrair. Você tem que poder falar sobre carros com pessoas que não têm carro. As experiências são modelos mentais e não conhecimentos gerais. Sobre essa base do conhecimento geral, é possível desenvolver conhecimento específico. Como estou falando sobre linguística, você precisa de conhecimento geral do mundo para poder compreender. E também sobre essa base pode construir ideologias gerais, compartilhadas, abstratas, que também são formas de cognição social. Não existem ideologias privadas, assim como não existem línguas privadas. A ideologia é essencialmente social. Dentro de uma comunidade há grupos diferentes. E os grupos precisam formar comunidades de compreensão, porque não se pode comunicar sem isso. Ideologia pressupõe conhecimentos gerais. Então os conhecimentos são mais básicos. Minha ideia no meu livro de 98, *Ideologia, baseado na análise crítica do discurso*, era a de que ideologia seria a base de tudo, mas tal ideia não é certa. Para poder desenvolver uma ideologia sobre qualquer coisa, é preciso conhecimento sobre a sociedade. Não se pode desenvolver uma ideologia sem conhecimento. Então, a base de tudo não é a ideologia, mas, como falei aqui, o conhecimento. Um mês antes de terminar o livro, mudei toda a sua estrutura. O que há são formas de cognição social. São as coisas de que você precisa antes de falar, antes de compreender. Sem elas, não há compreensão, nem comunicação, nem produção.

(DIJK, 2011)

Após demonstrar que o conhecimento prepondera sobre a ideologia, as reflexões de Van Dijk passam à prática da produção do discurso. Ele, enfim, de modo cristalino, pondera que, se a linguagem fosse somente construção social, não haveria espaço para a individualidade, o que contrariaria a realidade.

Agora, onde a produção do discurso começou? Tradicionalmente se pensa em estrutura semântica, sintática, discurso. Não é certo. A ideia da produção do discurso é primeiro construir uma interpretação da situação de comunicação. A situação de comunicação é tradicionalmente denominada contexto. Mas a diferença fundamental entre minha noção de contexto e a noção tradicional de contexto em sociolinguística é que o contexto não é uma estrutura objetiva. Não é simplesmente, como Labov e outras pessoas na sociolinguística defendem, restrita a classe social, estrutura étnica, ou gênero. Contexto não é uma estrutura objetiva social, mas uma definição subjetiva. Cada pessoa define a situação de modo diferente. Felizmente, também parecido, mas um pouco diferente. Pessoas têm conhecimentos, objetivos e histórias pessoais um pouco diferentes. Então, para cada representação, há uma definição subjetiva um pouco diferente do contexto. A definição do evento, a partir da subjetividade, é fundamentalmente o modelo da situação de comunicação, que não é objetiva, que não é compartilhada. Por isso, cada pessoa, ao se referir a uma mesma situação, fala de

uma maneira um pouco diferente e, ao ouvir a mesma mensagem, tem uma compreensão um pouco diferente. Se alguém enviar 100 jornalistas a um evento, eles vão escrever 100 textos diferentes entre si, embora sobre a mesma coisa.

(DIJK, 2011)

## 6.2 Viver, pensar, falar

Tudo o que se vive até o instante em que se inicia uma enunciação de alguma forma influencia a produção textual. O que se vivencia, sente ou percebe, por meio de influências, leituras ou reflexões, forma os repertórios intelectual e emocional, os quais criam, moldam e determinam a forma de ver o mundo e, portanto, a forma, bem como o conteúdo, do que se diz. Simplificando o processo: O falar é precedido pelo pensar, e este, embasado no viver.

Portanto, a apresentação da fala, chamada pelos clássicos de *pronuntiatio* ou *actio*, constitui o momento de culminância de etapas anteriores, que são:

*Inuentio*: ter ideias para falar e encontrar argumentos para sustentá-las;

*Dispositio*: colocar as partes do discurso numa ordem eficaz;

*Elocutio*: burilar o estilo;

*Memoria*: lembrar do que dizer.

O problema da pedagogia baseada nos gêneros textuais é que acredita não ser do orador a obrigação de se criar o estilo, mas que isso é próprio de cada gênero. Na verdade, mesmo dentro de um determinado gênero textual há margem para o desenvolvimento do estilo e espaço para a subjetividade.

Assim, estudar a elaboração de discursos requer uma reflexão mais profunda que apenas saber que palavras usar ou de que gêneros se valer. A ênfase dada à recomendação dos PCNs para se incorporar o preparo dos alunos para lidar com gêneros, o que, realmente, ajuda consideravelmente, num certo momento, redundou numa atenção tão grande a eles que se chegou ao exagero de supor que bastaria identificar o gênero textual para se considerar cumprido o papel do professor de linguagens.

Como o discurso se vincula à criação de realidades no mundo, é preciso incluir etapas anteriores ao momento da fala na reflexão sobre como elaborar o discurso. Afinal, o discurso começa a ser elaborado muito antes do momento em que é proferido.

Mesmo em um discurso de improviso, tudo o que o orador vive até o instante em que começa a falar de alguma forma influencia sua fala. Assim, tudo o que vivencia, sente ou



percebe, as influências que recebe, as leituras que faz, as reflexões que desenvolve criam, moldam, determinam sua forma de ver o mundo e, portanto, sua forma, bem como o conteúdo, do que diz.

A Bíblia diz, em plena coincidência com postulados retóricos, que o homem fala daquilo de que está cheio seu coração.

44. Porque cada árvore se conhece pelo seu próprio fruto; pois dos espinheiros não se colhem figos, nem dos abrolhos se vindimam uvas. 45. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, do seu mau tesouro tira o mal; pois *do que há em abundância no coração, disso fala a boca.*

(BÍBLIA SAGRADA, Lucas 6:44 e 45; grifos nossos)

A pedagogia retórica, pois, deve distinguir entre “preparar-se para proferir um discurso” e “organizar uma fala” ou “produzir um texto”.

Considerado o *éthos*, a vida prévia do orador determina, em boa parte, o grau de eficácia do seu discurso, independentemente das palavras que venha a utilizar. Portanto, é razoável considerar que o orador prepara discursos à medida que vive. Traça sua legitimidade e credibilidade com suas ações, com o desenvolvimento de sua capacidade de raciocínio e com o apuramento de sua sensibilidade – atividades que exigem um longo processo para sustentar discursos eficazes.

Mesmo no nível dos aspectos formais, por exemplo, a maneira como molda seu aparelho fonador determina o uso que o orador poderá fazer da voz, limitando possibilidades de realizações fonéticas à estrutura criada por longos anos.

Organizar uma fala, por sua vez, consiste em dedicar um certo tempo, que pode variar de alguns segundos a muitos dias, para:

- traçar os objetivos a alcançar com o discurso;
- delimitar o que se vai dizer;
- ordenar as partes do discurso;
- definir o estilo da fala, o que implica em determinar o grau de formalidade, a dosagem do humor, o número de figuras usadas;
- criar recursos audiovisuais e de apoio para a apresentação;
- memorizar tópicos, trechos, sequências ou partes do discurso.

FALAR de modo consistente, exige PENSAR bastante, sobre algo que faça parte do VIVER.  
Esquematizando o processo:



VIVER: perceber, sentir, experimentar

PENSAR: processar, refletir, raciocinar, classificar

FALAR: dizer, contar, apresentar, expressar, comunicar

A linguagem poderia ser estudada em cada uma das três etapas. A linguagem na etapa do VIVER é objeto de disciplinas como a psicolinguística, que se debruça sobre a gênese da linguagem na mente. No PENSAR, da lógica, que estabelece relações aceitáveis entre dados percebidos. No FALAR, da gramática, que organiza em uma língua a enunciação.

Apesar de instigantes, deixaremos de lado uma discussão linguística mais aprofundada sobre a linguagem em cada etapa, de modo a dedicar maior atenção à etapa do FALAR, visto o presente trabalho focar a oratória.

O esquema mostra que proferir bons discursos exige ter embasamento sobre assuntos nos quais se tenha vivência. Portanto, FALAR é o corolário de um processo que decorre de reflexões sobre experiências.

### **Falar e pensar:**

FALAR sobre o próprio PENSAR demonstra a capacidade crítica do orador, sua coragem em assumir suas próprias crenças e valores.

FALAR sobre o PENSAR de outrem gera a impressão de um orador culto (porque domina ampla bibliografia, leu bastante ou ouviu muito outras pessoas). É comum ocorrer isso durante o processo de formação acadêmica, ou durante o tempo de juventude do orador, já que ainda não teve muito tempo para VIVER. Inclusive, é uma boa técnica de oratória um orador jovem – ou neófito em uma determinada área - adquirir respeitabilidade usando argumento de autoridade ou mostrando dominar a bibliografia da área, que deve citar com precisão e conhecimento.

Já FALAR sem PENSAR pode dar a impressão de um orador afoito, superficial, inconsistente. Por isso, bons oradores muitas vezes recusam convites para falar fora de assuntos

de seu domínio. Claro, antes de recusar tais convites, podem sugerir adaptações no tema ou na abordagem.

### **Falar e viver:**

Preservar uma área da vida correspondente à intimidade constitui ponto a ser gerenciado por um bom orador. Embora eventualmente seja necessário conquistar a plateia expondo as emoções, nem tudo o que ele sente ou vivencia precisa ou deve ser exposto durante a fala.

Por exemplo, as impressões sobre o público. Nem tudo o que pensa sobre seu público deve ser dito. À medida que fala, além do processo cognitivo ativado para usar a linguagem, paralelamente ativa o processo cognitivo de controlar as condições da enunciação. Enquanto fala, o orador realiza muitas outras atividades: verifica o ambiente, imagina as impressões dos ouvintes, avalia a própria fala.

Porém, não assumir a própria condição põe em risco a consistência do *éthos*, deixando o orador em posição frágil diante de seu público.

Se o orador FALAR algo sem o respaldo no VIVER, pode ser facilmente contraposto com o adágio “faça o que eu falo, não o que eu faço”. Se o orador FALAR apenas o que VIVER, estará simplesmente expressando ou narrando. É preciso, a partir de vivências concretas, tirar lições de vida ou princípios, aplicáveis de modo mais amplo, o que é obtido pelo PENSAR.

Se o orador FALAR respeitando o seu VIVER, dará um colorido especial a seu discurso, já que suas experiências são únicas e, normalmente, o que as pessoas desejam ao ouvir alguém é saber como ela enfrentou os desafios em sua vida. Algumas pessoas não o fazem por pensarem que sua vida não é interessante, ou que não têm nada de especial. Tais impressões sobre si mesmas decorrem do fato de viverem sua vida de modo tão natural que não percebem o quanto suas experiências são ricas, únicas e diferenciadas. Aquilo que fazem como rotina, para quem as ouve, é o ponto de maior interesse. Para corrigir-se, devem empreender uma jornada de autoconhecimento, em busca da autoestima.

### **Viver e pensar:**

Alguém só se torna orador ao FALAR. Naturalmente, quando o VIVER é muito, bem como quando o PENSAR é rico, haverá transbordamento em FALAR. Palavras surgem com incrível facilidade após uma boa reflexão sobre vivências marcantes.

O VIVER seria como o sol gerando a evaporação; o PENSAR seria como nuvens condensando o vapor surgido da experiência, e o FALAR seria como a chuva precipitando a água para formar novamente os reservatórios de onde se reinicia o processo.

Além disso, não há fronteira nem ordem rígida entre tais etapas. Cada uma avança sobre a outra e pode até mesmo ultrapassá-la, atingindo a subsequente.

Portanto, a melhor representação gráfica seria:

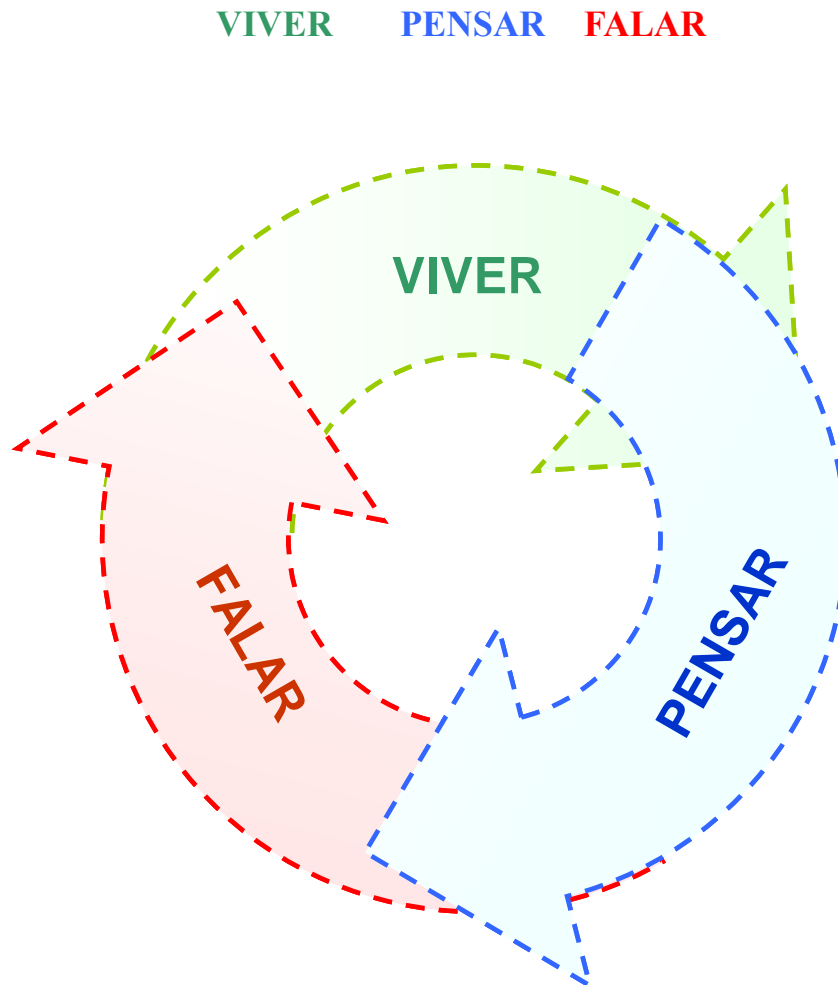


Figura 19: Representação gráfica da interligação entre viver, pensar e falar

De certa forma, podemos compreender o PENSAR como uma forma de VIVER (“penso, logo existo”) ou de FALAR consigo mesmo; bem como podemos entender o FALAR como parte do

processo de PENSAR (já que para prosseguir um raciocínio é preciso estabelecer premissas) ou de VIVER, uma vez que um modo de existir (ou marcar a própria presença) no mundo é FALAR.

Às vezes, na prática, um orador está FALANDO praticamente de modo simultâneo ao PENSAR, sobretudo quando não ensaia o discurso. Outras, PENSA somente após ter FALADO. Tanto que é comum ouvirmos expressões como “estive pensando no que conversamos” ou “não foi bem isso que eu quis dizer”, as quais indicam que a reflexão (PENSAR) se deu após o discurso (FALAR). Outras vezes, o VIVER salta diretamente para o FALAR, sendo esse o caso de quando o orador é “tomado pela emoção”, deixando o pensamento fluir incontrolado.

Qualquer das três etapas poderia ocupar o topo, no sentido de preponderar em importância sobre as demais, seja em razão de épocas, individualidades, ou circunstâncias.

ÉPOCAS: De acordo com o “espírito do tempo”, as sociedades tendem a valorizar cada etapa de uma forma. A sociedade industrial, por exemplo, sobrevaloriza o VIVER, enquanto a sociedade grega, o PENSAR, e a sociedade romana, o FALAR.

INDIVIDUALIDADES: Também, de acordo com seu papel social, seus valores e crenças, um indivíduo, em qualquer sociedade, pode hierarquizar as etapas de modo diversificado. Uma dona de casa, por exemplo, sobrevaloriza o VIVER, enquanto um cientista, o PENSAR, e já um escritor, o FALAR.

CIRCUNSTÂNCIAS: O mesmo indivíduo, numa dada sociedade, pode, em razão de seus objetivos e valores, sobrevalorizar qualquer das etapas. Por exemplo, em momentos de lazer, prepondera o VIVER; no processo de formação escolar, o PENSAR; e nas atividades de trabalho, o FALAR.

O fato de se sobrevalorizar qualquer etapa não elimina as outras, uma vez que elas se imbricam de modo inseparável. Apenas assumem maior destaque caso a caso. Evidentemente, são múltiplas as possibilidades de hierarquização das etapas, o que constitui a singularidade de pessoas, sociedades e épocas.

Muitas das dificuldades de um orador decorrem da falta de estreita ligação entre o que fala e as etapas anteriores. Muitos oradores fazem discursos pobres porque escolhem falar de assuntos nos quais ainda não têm muita vivência. Um marcante exemplo é fornecido por Dale Carnegie, ao comentar sobre a experiência de uma de suas alunas, a qual sentia muito medo de falar em público, mas que conseguiu realizar uma palestra altamente comovedora e cativante, seguindo o preceito de falar sobre o seu viver.

O que realmente vou fazer é dar-lhe a oportunidade de conhecer um segredo vital, um segredo que lhe permitirá falar em público imediatamente. [...]

Qual é este segredo tão valioso que eu estou lhe oferecendo? Simplesmente isto: Fale acerca de algo que, graças a muitos anos de estudo ou experiência, ganhou o direito de falar. Fale sobre aquilo que você conhece a fundo e sabe que o conhece. [...]

Como ilustração do que quero dizer, tomemos o caso de Gay Kellogg, dona de casa que vive em Roselle, Nova Jersey. Gay Kellogg nunca havia falado em público antes de assistir ao nosso curso em Nova York. Estava aterrorizada, acreditava que falar em público consistia em uma arte oculta, algo superior às suas próprias faculdades. Entretanto, durante a sessão 5 do curso, deu uma palestra improvisada, na qual teve o auditório materialmente na palma da mão, falando sobre o tema “O que mais tenho que lamentar na vida”. Gay Kellogg fez uma palestra que chegou a ser profundamente comovedora. Os ouvintes mal podiam conter as lágrimas. Isto eu sei, porque eu mesmo tive dificuldade em retê-las. Esta foi a sua palestra:

“O que mais tenho que lamentar na vida é não ter conhecido o amor de mãe. Minha mãe morreu quando eu tinha um ano de idade. Criei-me com uma série de tias e parentes, os quais, pelo fato de terem os seus próprios filhos, não dispunham de tempo para dedicar a mim. Nunca permanecia muito tempo com nenhum deles. Sempre se aborreciam ao ver-me chegar e se alegravam quando me viam partir. Nunca se interessaram por mim e jamais me demonstraram alguma afeição. Eu sabia que não me queriam e mesmo sendo pequena eu notava isso. Muitas vezes eu me sentia tão só que chorava em minha cama até adormecer. Meu maior anseio era ter alguém que se interessasse pelos meus estudos e me pedisse para ver o meu caderno de notas da escola. Porém, ninguém nunca o fez. Ninguém se importava. Tudo o que desejava, quando criança, era amor, e isto ninguém soube dar-me.”

Passou Gay Kellogg dez anos na preparação dessa palestra? Não, passou vinte anos! Estava preparando esta palestra enquanto chorava à noite até adormecer. Estava preparando esta palestra quando se lhe partia o coração ao ver que ninguém lhe pedia o caderno de notas para vê-lo, e por isso, ela era uma autoridade para falar desse tema. Nunca se apagaram de sua memória essas recordações. Gay Kellogg destapou um poço artesiano de emoções, e lembranças saíram para a superfície, como o petróleo de um poço.

As palestras pobres são geralmente aquelas que foram escritas e decoradas e que, por isso, soam artificiais. As palestras boas são aquelas que saem do íntimo, como uma fonte, no centro de um jardim.

(CARNEGIE, 1989)

Nem sempre se pode escolher livremente o assunto sobre o qual se fala. Às vezes, recebe-se um convite para falar sobre um tema já determinado ou se recebe a incumbência de falar de algo não vivenciado. Nesse caso, é preciso reforçar a etapa posterior: PENSAR. Significa que o orador deve inteirar-se do assunto a partir das reflexões já feitas por outrem. Daí a importância da leitura, do contato com as artes, da participação em seminários e congressos.

Quanto mais houver consistência em cada etapa e mais harmonia entre as diferentes fases, tanto melhor será o discurso. Para escolher bem o assunto sobre o qual se fala, mister se faz privilegiar aqueles sobre o qual há vivência, dada pela etapa do VIVER, e aqueles que efetivamente são dominados, o que decorre da etapa do PENSAR. Por isso em um discurso convivem emoção e razão, o viver e o refletir.

### 6.3 A tríade para o desenvolvimento retórico

Considerando SUJEITO, CONTEÚDO e FORMA, poderíamos alinhar algumas das principais questões às quais a pedagogia retórica poderia dedicar seus esforços de propor objetos de estudo sistemático para o desenvolvimento integral do orador. Desenvolver a plena potencialidade oral não pode se restringir a ações e atividades ligadas somente à fala. É preciso instrumentalizar o raciocínio e aumentar a sensibilidade.

Embora sejam estudados separadamente, todos os elementos do discurso têm o seu valor e, de algum modo, contribuem para a efetividade da comunicação. Devem atuar em sinergia.

Sinergia ou sinergismo deriva do grego *synergía*, cooperação, *syn*, juntamente com *érgon*, trabalho. Ocorre quando a somatória de esforços de agentes em prol do mesmo fim atinge um valor superior à soma do valor individual desses agentes se atuassem sem objetivo comum. Em outras palavras, “o todo supera a soma das partes”.

Por exemplo: na química, o efeito combinado de várias substâncias pode ter diversos resultados:

- Podem não interagir entre si e os seus efeitos atuarem separadamente.
- Uma substância aumentar ou potenciar as consequências de outra (sinergismo).
- Uma substância atenuar, reduzir ou mesmo neutralizar o efeito de outra (antagonismo).

Muitas vezes, o efeito de duas substâncias que atuam em conjunto num organismo é superior ao efeito de cada uma individualmente, ou à soma dos seus efeitos individuais. A presença de um segundo químico potencia (aumenta) o efeito do primeiro. Esse fenômeno é denominado de efeito sinérgico ou sinergia, e substâncias químicas são por vezes descritas por exibirem sinergismo. O fenômeno oposto à sinergia se denomina antagonismo.

Na oratória, esse conceito equivale ao de UNIDADE ORATÓRIA. Todos os elementos do discurso, verbais e não verbais, devem trabalhar em sinergia para se alcançarem os resultados

pretendidos. Estudar os aspectos formais ajuda a diminuir a ocorrência de antagonismos entre o que se fala e o que o público entende. Para se alcançar a persuasão, também é fundamental haver sinergia entre os meios de prova oratória, orador (*éthos*), público (*páthos*) e mensagem (*lógos*).

Os estados mentais do orador podem ser percebidos pela observação de seus comportamentos. Os ouvintes não têm a precisão de um polígrafo. Porém, percebem claramente, pelos comportamentos do orador, o que se passa dentro dele. Percebem se ele está nervoso ou tranquilo, se conhece ou não a matéria, se está sentindo prazer ou angústia no ato da enunciação, se aprecia ou teme o público. Se o orador conhecer as sensações que transmite por sua linguagem não verbal, poderá fazer uso consciente de um rico universo de possibilidades expressivas. Terá, pois, como evitar transmitir o que não deseja e como produzir sentidos novos usando recursos além do verbal.

Não quer dizer que, se o orador agir de uma determinada forma, seu estado emocional será sempre o mesmo. A relação entre comportamentos e estados emocionais não é unívoca. Certas atitudes nem sempre significam o mesmo para pessoas diferentes e até para a mesma pessoa. Em determinado momento, alguém pode pender o corpo para um dos lados, por estar inseguro, e para o outro, por querer produzir um significado específico, absolutamente pertinente no contexto do discurso. Sempre se precisa fazer uma análise conjunta dos fatores formais e de conteúdo, já que a unidade oratória se sobrepõe a cada aspecto isoladamente. Cabe considerar que o mesmo comportamento formal pode indicar diferentes estados emocionais.

Há uma influência do SUJEITO na forma como o orador se apresenta. Os sentimentos tendem a transparecer por um ou mais dos aspectos formais. O que se passa interiormente com ele pode ser percebido por seus comportamentos. Assim, se se quer evitar manifestações formais incongruentes com seus pensamentos e emoções, é necessário um trabalho de efetiva mudança interior. Por isso, o bom orador é um bom homem que fala bem.

Todo orador, ao falar, ainda que inconsciente ou involuntariamente, revela sua ideologia, seus sentimentos, sua compreensão sobre si mesmo. Enquanto não for um bom ser humano, estará sujeito a deixar transparecer tal fato por meio de gestos, olhar, voz e demais aspectos formais. O que os aspectos formais indicarem ficará desconhecido do conteúdo. Fará sua apresentação sem a harmonia, precisão e adequação dos grandes oradores.

Por outro lado, quanto mais se compreender e ao mundo, mais conhecer e gostar de si, mais respeitar as pessoas e se interessar verdadeiramente por elas, quanto mais coincidentes



forem suas palavras e suas ações, enfim, quanto melhor for como pessoa, tanto mais eficaz tenderá a ser seu discurso. Os aspectos formais revelarão o bom caráter e as intenções superiores do orador e estarão em harmonia entre si.

Porém, também é verdade que a forma como agimos opera transformações em nossos estados mentais. Por isso, psicólogos, ao receberem pacientes depressivos, normalmente recomendam, entre outras ações, que a pessoa nesse estado procure caminhar com passos largos, olhando para cima, peito estufado, que olhe os interlocutores nos olhos. Pretendem assim fazer com que a postura adotada influencie o estado mental da pessoa. Do mesmo modo, alguém que deseje se desenvolver na arte de falar bem, ainda que não esteja completamente seguro, deve adotar uma postura que transmita segurança; ainda que não esteja convicto, deve usar uma voz que irradie convicção; ainda que não tenha dominado o orgulho, deve evitar empinar o nariz ou abusar do dedo em riste; e assim com vários outros aspectos formais. Agindo dessa forma, a pessoa se condiciona a buscar o aperfeiçoamento e, aos poucos, se educa para ser alguém melhor.

Há, portanto, uma influência do SUJEITO nos aspectos de FORMA e também a influência contrária, dos aspectos de FORMA sobre o SUJEITO. A primeira, mais perene, revela o caráter do orador, suas crenças e valores em relação aos ouvintes, a si mesmo e ao assunto. A segunda, mais momentânea, revela os estados emocionais do orador, seu entusiasmo, confiança, segurança e tranquilidade em relação aos ouvintes, a si mesmo e ao assunto.

Assim, a questão dos aspectos formais ultrapassa o simples “falar bonito”. O orador não deve estudar gestos ou qualquer outro aspecto formal simplesmente por diletantismo, para utilizar as técnicas aprendidas, preocupado com a dimensão estética do discurso. Deve se preparar para utilizá-los bem com o propósito de contribuir para a significação do discurso.

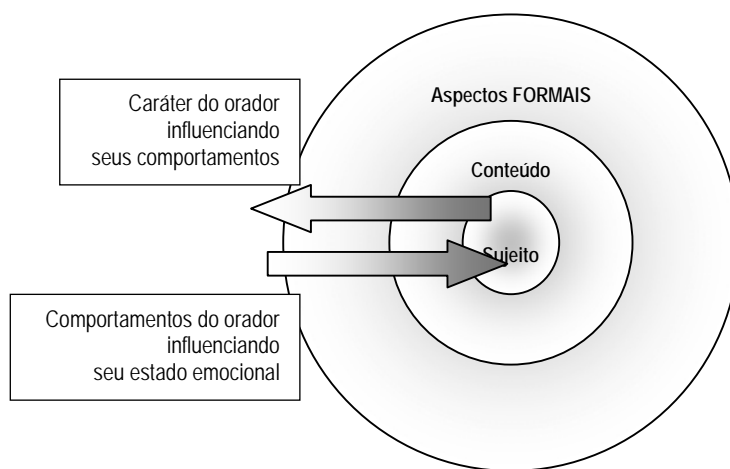


Figura 20: Bidirecionalidade retórica

Os mesmos fundamentos utilizados aqui para a oratória permitem embasar discussões pedagógicas sobre a melhor metodologia de alfabetização. É muito comum o embate entre as correntes ligadas ao “método global” e ao “método fônico”. Claramente, o primeiro pode ser associado à direção SUJEITO-FORMA, e o segundo, à direção FORMA-SUJEITO. Resultados positivos em diferentes países, com o uso de ambos os métodos, corroboram a conclusão de ser possível seguir numa ou outra direção de modo proveitoso.

O próprio Aristóteles, ao tratar da Retórica, intui contribuir a forma de se expressar para a clareza, “a virtude suprema da expressão enunciativa”.

Será necessário agora discorrer sobre a expressão. Na verdade, não basta possuir o que é preciso dizer, mas torna-se também forçoso expor o assunto de forma conveniente. [...] O terceiro dos pontos, que detém a maior importância e que ainda não foi tratado, será o dos aspectos respeitantes à pronúncia (*hipócrisis*). [...] Todavia, uma vez que a matéria concernente à retórica está relacionada com a opinião pública (*doxa*), devemos prestar atenção à pronúncia, não porque ela em si é justa, mas porque é necessária. [...] Daí que, em qualquer método de ensino, seja necessário que haja algo referente à expressão; pois, no que respeita a demonstrar algo com clareza, há uma certa diferença entre exprimirmo-nos deste ou daquele modo.

(ARISTÓTELES. *Retórica*, III, 1)

Na fase da aprendizagem das técnicas do falar bem, é preciso desenvolver a CONSCIÊNCIA ORATÓRIA, que é o domínio consciente dos meios de expressão oratórios. Atingindo-a, o orador alcançará um progresso bem mais rápido na arte de falar bem.

Estudar aspectos formais é ganhar possibilidades expressivas, possibilidades de criar sentidos, de despertar emoções, de convencer, de encantar, influenciar e esclarecer os ouvintes, gerando uma percepção mais aprofundada e clara do que se pretende dizer.

No curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem, tanto no formato presencial quanto no a distância, propomos conteúdos específicos para os estudos dos aspectos formais. Além deles, cabe destacar os itens estudados quanto a conteúdo e sujeito. Os itens estudados podem ser conferidos nas telas a seguir.

Já no Anexo III, apresentamos o roteiro do curso no formato educação a distância para aparência, gesticulação, semblante e voz, de modo a permitir a verificação da dupla atenção a prescrições e princípios.

## **PARTE IV: ECOS DA RETÓRICA NO ENSINO MODERNO DE ORATÓRIA**

### **7 Cânones nas avaliações diagnósticas e finais de alunos do curso de oratória**

As motivações para participar de um curso de oratória decorrem de vários fatores. Há motivações que buscam o prazer, tais como ganhar admiração dos interlocutores, passar em um concurso ou obter posição de destaque nas empresas ou na sociedade. E há motivações que procuram evitar o sofrimento, como superar timidez ou inibição, não ser alvo de chacotas, superar inseguranças. Os campos de aplicação pretendidos variam, registrando-se três principais: no âmbito profissional, no âmbito acadêmico ou escolar e na vida de modo geral.

Mais que o esforço pessoal necessário, normalmente, buscam-se técnicas capazes de fazer o candidato a orador enfrentar com sucesso qualquer adversidade e resolver qualquer problema numa exposição. O equilíbrio entre fundamentos e regras práticas pode ser constatado com a análise de ocorrências dos problemas a resolver.

Para averiguar o impacto do entendimento dos princípios que regem o desenvolvimento retórico no processo de ensino-aprendizagem da produção textual, sobretudo o peso de cada cânone na evolução prática da competência oratória, registramos a diferença de ocorrências de referências aos cânones da Retórica em avaliações diagnósticas e avaliações finais de alunos do curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem, o qual ministramos desde 2007.

A partir da materialidade dos textos produzidos antes e depois do curso, procuramos identificar quais princípios realmente importam e em quais cânones se baseiam para o desenvolvimento de competências comunicativas. Consideramos alunos com desenvolvimento satisfatório, que aprovaram expressamente a utilização de suas respostas para fins de pesquisa. Tais alunos representam mais de 80% dos que iniciam o curso, tendo em vista haver baixo índice de evasão e bom proveito dos participantes, em razão da formação de turmas com pequeno número de alunos, normalmente em torno de seis. Selecionamos 44 informantes, sem identificá-los neste trabalho. Porém, para possibilitar futuras pesquisas sobre eventuais diferenças devidas a gênero, idade, escolaridade na percepção dos princípios que embasam a Teoria do Desenvolvimento Retórico, deixamos registrados em nossos arquivos pessoais dados de cada um dos informantes.

A escolha dos informantes se deu com base na avaliação global de desenvolvimento durante o curso, comparando-se a evolução entre a apresentação inicial e a final. Foram selecionados os que demonstraram bom proveito do curso, seja pela correta apreensão dos conceitos tratados, seja pela nítida evolução entre a primeira gravação e a final. Evidentemente, não havendo conhecimento da maior parte dos alunos quanto à nomenclatura dos cânones, as ocorrências não foram registradas com base na terminologia retórica, mas nas ideias relativas aos cânones inferidas a partir da leitura das avaliações.

A tabela a seguir exemplifica a relação entre ideias inferidas a partir da materialidade textual e cada um dos cânones. Para cada cânone, citamos alguns exemplos.

Cânone	Exemplos
<i>Inuentio</i>	ideia; assunto; dominar o conteúdo; preparo; mensagem principal; sequência lógica de ideias; conceitos básicos de argumentação; se soubermos colocar algum sentido; conhecimentos; riqueza de informações; capacidade de raciocínio.
<i>Dispositio</i>	passos; etapas; elaboração; sequência; início; meio; fim; exórdio; desenvolvimento; peroração; organizar.
<i>Elocutio</i>	como falar; tornar a fala mais expressiva; objetividade; clareza; chavões; sucinta; desenvoltura; evitar repetir frases e palavras a todo momento; utilizar palavras simples; eloquência; evitar vícios de linguagem; adequação do vocabulário.
<i>Memoria</i>	que ajudem a lembrar; memorizo; esquecer alguma coisa; decorado; sempre ensaio; deu um branco.
<i>Pronuntiatio</i>	linguagem corporal; linguagem não verbal; postura; movimento pendular; gestos; ninho de gestos; locomoção; semblante; voz; entonação; falar embolado; falar sem gaguejar; respiração; ter em mãos; pés; portar-se de forma ereta; olhar; vestuário; aspectos formais.

Tabela 3: Exemplos de ocorrências de cânones.

Etiquetamos termos e expressões relacionados aos cânones ao longo dos textos das avaliações, registrando entre colchetes a abreviatura de cada um deles, conforme tabela a seguir.

Cânone	Abreviatura
<i>inuentio</i>	[C INU]
<i>dispositio</i>	[C DISP]
<i>elocutio</i>	[C ELOC]
<i>memoria</i>	[C MEM]
<i>pronuntiatio</i>	[C PRON]

Tabela 4: Etiquetas para cânones.

Computamos as ocorrências individualmente na Tabela 5. No anexo que contém as avaliações, há outras etiquetagens paralelas, que não são analisadas profundamente na presente dissertação, referentes a “problemas retóricos a resolver” e “campo de aplicação do curso”, mas que contribuem para refinar qualitativamente as análises numéricas.

Comparamos, em termos percentuais, a quantidade de ocorrências de cada cânone da etapa preliminar ao curso com a posterior à sua realização. Pudemos assim verificar, no imaginário dos alunos antes do curso, quais dos cânones se associam mais fortemente à imagem que o senso comum tem da Retórica. Também pudemos verificar os cânones cujo domínio realmente contribui para o desenvolvimento consistente de competências comunicativas.

Calculamos, entre as ocorrências de referências a cânones de cada informante, o percentual de vezes em que surgiu cada cânone. Assim, facilmente verificamos qual a importância de cada cânone no imaginário do informante, antes e depois do curso.

Compilamos o resultado na tabela seguinte, cujas abreviaturas significam:

Inf – informante;

D – número de ocorrências nas avaliações diagnósticas;

F – número de ocorrências nas avaliações finais;

Méd – média

INU – *inuentio*;

DISP – *dispositio*;

ELOC – *elocutio*;

MEM – *memoria*;

PRON – *pronuntiatio*.

Inf	Ocorrências (número absoluto)										Soma		Ocorrências (percentuais)										Palavras	
	INU		DISP		ELOC		MEM		PRON				INU		DISP		ELOC		MEM		PRON			
	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F	D	F		
1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	6	1	8	0	13	0	13	0	0	0	0	75	33	71	
2	2	8	0	2	0	3	2	0	11	4	15	17	13	47	0	12	0	18	13	0	73	24	301	202
3	0	0	0	4	0	1	1	0	0	5	1	10	0	0	0	40	0	10	100	0	0	50	201	66
4	1	3	0	5	1	0	0	0	9	3	11	11	9	27	0	45	9	0	0	0	82	27	114	249
5	1	2	0	0	0	0	0	0	3	4	4	6	25	33	0	0	0	0	0	0	75	67	161	59
6	1	0	0	4	1	1	4	0	1	3	7	8	14	0	0	50	14	13	57	0	14	38	177	67
7	4	2	2	0	1	0	1	0	2	1	10	1	40	0	20	0	10	0	10	0	20	100	282	77
8	2	1	0	3	2	0	0	0	1	3	5	7	40	14	0	43	40	0	0	0	20	43	99	100
9	1	0	0	11	0	0	0	0	0	4	1	18	100	17	0	61	0	0	0	0	0	22	36	87
10	0	1	0	2	2	6	0	0	1	5	3	14	0	7	0	14	67	43	0	0	33	36	289	112
11	0	3	2	3	1	0	0	0	0	8	3	12	0	8	67	25	33	0	0	0	0	67	68	168
12	2	1	1	3	1	0	0	0	10	1	14	8	14	50	7	38	7	0	0	0	71	13	586	136
13	4	1	3	1	4	0	1	0	3	3	15	8	27	50	20	13	27	0	7	0	20	38	253	96
14	3	4	1	5	2	2	0	0	11	10	17	18	18	6	6	28	12	11	0	0	65	56	379	199
15	2	4	0	0	1	2	0	0	6	7	9	17	22	47	0	0	11	12	0	0	67	41	106	140
16	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	78	143
17	2	8	0	1	2	1	0	1	2	5	6	9	33	11	0	11	33	11	0	11	33	56	299	118
18	4	0	1	2	3	0	0	0	1	2	9	4	44	0	11	50	33	0	0	0	11	50	121	233
19	3	1	0	1	3	0	0	0	2	1	8	3	38	0	0	33	38	0	0	0	25	33	63	100
20	2	0	0	0	1	0	0	0	1	4	4	4	50	0	0	0	25	0	0	0	25	100	171	57
21	1	0	0	1	1	0	1	0	2	2	5	3	20	0	0	33	20	0	20	0	40	67	145	58
22	2	0	1	2	1	0	0	0	0	2	4	4	50	0	25	50	25	0	0	0	0	50	220	112
23	0	2	2	3	0	0	0	0	0	3	2	8	0	25	100	38	0	0	0	0	0	38	77	80
24	3	0	0	2	1	0	0	0	2	5	6	7	50	0	0	29	17	0	0	0	33	71	130	68
25	2	0	0	3	2	0	0	0	2	2	6	5	33	0	0	60	33	0	0	0	33	40	96	84
26	3	0	0	2	1	0	0	0	3	1	7	3	43	0	0	67	14	0	0	0	43	33	310	26
27	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	1	2	0	50	0	0	100	0	0	0	0	50	24	73
28	4	1	0	3	4	0	0	0	5	4	13	8	31	13	0	38	31	0	0	0	38	50	104	31
29	0	1	0	1	0	0	0	0	0	2	1	4	0	25	0	25	0	0	0	0	0	50	48	56
30	2	1	3	5	3	0	0	0	7	9	15	15	13	7	20	33	20	0	0	0	47	60	147	73
31	2	1	0	0	5	1	0	0	9	3	16	5	13	20	0	0	31	20	0	0	56	60	344	70
32	0	4	0	4	1	0	0	0	1	5	2	13	0	31	0	31	50	0	0	0	50	38	56	82
33	6	2	0	1	2	0	0	0	0	6	8	9	75	22	0	11	25	0	0	0	0	67	65	37
34	2	2	0	3	4	0	1	0	3	3	10	8	20	25	0	38	40	0	10	0	30	38	125	94
35	2	3	0	1	2	1	0	0	1	8	5	13	40	23	0	8	40	8	0	0	20	62	107	193
36	2	2	0	0	3	0	0	0	8	2	13	4	15	50	0	0	23	0	0	0	62	50	75	78
37	2	1	0	0	2	0	1	0	2	0	7	1	29	100	0	0	29	0	14	0	29	0	314	110
38	7	1	1	1	4	0	0	0	7	1	19	3	37	33	5	33	21	0	0	0	37	33	210	75
39	2	1	0	2	1	0	0	0	9	3	12	6	17	17	0	33	8	0	0	0	75	50	134	71
40	2	2	0	0	2	0	0	0	3	1	7	3	29	67	0	0	29	0	0	0	43	33	120	73
41	0	2	0	0	1	0	0	0	0	2	1	4	0	50	0	0	100	0	0	0	0	50	39	93
42	2	6	0	1	2	0	0	0	3	3	7	10	29	60	0	10	29	0	0	0	43	30	119	83
43	20	2	4	1	2	0	2	0	7	2	35	5	57	40	11	20	6	0	6	0	20	40	563	118
44	3	2	2	0	4	0	0	0	4	3	13	5	23	40	15	0	31	0	0	0	31	60	139	55
Tot	104	78	23	84	74	18	14	1	142	152	359	332	1210	1027	308	1031	1080	145	237	11	1364	2053	7528	4373
Méd	2	2	1	2	2	0	0	0	3	3	8	8	28	23	7	23	25	3	5	0	31	47	171	99

Tabela 5: Percentual de ocorrências de cânones por informante e total.

Em alguns casos, nenhum ou apenas um cânone aparece nas avaliações diagnósticas, o que indica a pouca importância dada atualmente nas escolas à formação clássica retórica e sugere a existência de estereótipos de orador, que, segundo o senso comum, poderia alcançar seus objetivos com o domínio de apenas um deles.

Nossa hipótese era a de que um curso desenvolvido com base na Teoria do Desenvolvimento Retórico tenderia a equilibrar a importância dada aos cânones, com maior valorização daqueles voltados:

- para a criação e argumentação, *inuentio*;
- para uma boa organização textual, *dispositio*;
- para as possibilidades de ampliação de produção de sentidos, sobretudo com o uso de linguagem não verbal, *pronuntiatio*;

e menor valorização daqueles confundidos com estereótipos de orador, mormente os que são associados à Retórica vazia, que se volta, em excesso:

- para o exagero em ornatos e o uso abusivo de figuras, *elocutio*;
- para as prescrições de se teatralizar a oratória, decorando textos, *memória*.

Quantitativamente, mesmo considerada eventual margem de erro devido a imprecisões inerentes ao processo, a hipótese seria confirmada se ocorresse uma maior incidência, portanto, de referências a *inuentio*, *dispositio* e *pronuntiatio* e uma redução de referências a *elocutio* e *memoria*.

Análises poderiam ser realizadas com base em cada indivíduo ou no conjunto deles. Para a análise individual, no entanto, concorrem variáveis em grande número, desde particularidades do plano linguístico da expressão até as condições psicológicas do informante no momento das avaliações. Como o escopo desta pesquisa consiste em buscar princípios gerais que norteiem o ensino-aprendizagem, preferimos abordar os resultados de modo global. Por isso, para diminuir o impacto nos resultados finais de imprecisões de variada ordem, como registro errado de cânones, já que nem sempre há correspondência entre as palavras e o conceito, sobretudo no caso de aprendizes, sendo necessária a interpretação do pesquisador, após tabular os dados individualmente, somamos o número absoluto de ocorrências e calculamos a média dos percentuais de incidência de cada cânone.

Somados os números de todos os 44 informantes, há praticamente o mesmo número de ocorrências de cânones nas avaliações diagnósticas e finais, 359 e 332 respectivamente. Tem-se

uma diferença para menos de apenas 7,5% de ocorrências de cânones nas avaliações finais. Por outro lado, o número de palavras nas avaliações diagnósticas, 7.528, mostra-se muito maior que nas avaliações finais, 4.373, o que causa uma diferença nas avaliações finais de 41,9%.

Isso indica que houve maior compreensão sobre os cânones, pois, em textos com aproximadamente metade do tamanho, registra-se praticamente a mesma quantidade de ocorrências que nos textos preliminares ao início do curso. A comparação mostra a evolução de uma ocorrência de ideias referentes a cânones a cada 21 palavras para uma a cada 13,2 palavras, o que indica a compreensão sobre os cânones de modo bem mais consistente. Também qualitativamente há nítida evolução, possível de ser constatada pelo aumento do grau de precisão das referências aos cânones, já que as referências, além de passar a usar terminologia específica da Retórica, passam a integrar FORMA, CONTEÚDO e SUJEITO, como se constata nos exemplos a seguir:

Informante	Ocorrência na avaliação diagnóstica	Ocorrência na avaliação final
2	É preciso dominar o conteúdo da palestra e preparar os recursos (slides, transparências, equipamento de som, etc.) de forma que o manuseio seja fácil.	O discurso possui várias partes que devem ser elaboradas uma a uma para enriquecer a mensagem.
4	Gesticulação das mãos.	Gestos pensados. Sobretudo, pensar como produzir sentidos.
	Espero aprender como aumentar minha capacidade de oratória, desenvolvendo mais segurança e aumentando minha habilidade para proferir aulas, palestras e congressos.	Aprender sobre os aspectos formais, especialmente postura, gestos, locomoção e semblante, foi importante para ter segurança de como se comportar.

Tabela 6: Exemplos de ocorrências relativas a forma, conteúdo e sujeito.



O resultado final global de ocorrências, em termos percentuais, se apresenta a seguir:

Cânone	% ocorrências Av. diagnósticas	% ocorrências Av. finais	Diferença	Confirmação de hipótese
<i>Inuentio</i>	28	23	-18,00%	parcialmente
<i>Dispositio</i>	7	23	328,00%	sim
<i>Elocutio</i>	25	3	-88,00%	sim
<i>Memoria</i>	5	0	-100,00%	sim
<i>Pronuntiatio</i>	31	47	152,00%	sim

Tabela 7: Diferença de ocorrências de cânones em avaliações diagnósticas e finais.

Assim, constatamos uma tendência à comprovação de nossa hipótese inicial. De fato, houve considerável aumento no número percentual de ocorrências dos cânones *dispositio* e *pronuntiatio* e redução substancial dos cânones *elocutio* e *memoria*.

Embora não tenha havido aumento em ocorrências, o cânone *inuentio* manteve um percentual de ocorrências considerável. Evidentemente, dado o grande aumento de ocorrências, sobretudo no cânone *dispositio*, seria preciso haver variações de pequena monta no percentual de ocorrências de cânones cuja percepção pelo senso comum a respeito da importância para o desenvolvimento retórico coincide com os preceitos da Teoria do Desenvolvimento Retórico.

Não apenas números devem ser avaliados. É preciso considerar aspectos qualitativos, revelados somente por meio de uma leitura atenta das avaliações. A simples compreensão sobre a existência de cânones e a organização mental para a produção textual decorrente desse entendimento não basta para propor diretrizes pedagógicas para a evolução da competência retórica. Portanto, tivemos de corroborar a hipótese de que um dos elementos essenciais para o desenvolvimento retórico seria o domínio integrado a respeito dos cânones, realizando uma análise da evolução das referências aos aspectos emocionais.

Dividimos tais referências em dois grandes grupos: referências negativas e positivas. Nas negativas, computamos sentimentos geradores de insegurança, medo, angústia e correlatos. Nas positivas, os de confiança, prazer, satisfação e correlatos. Obviamente, a ocorrência de referências aos aspectos emocionais indica a relação emocional do orador com a oratória, a qual só pode ser produtiva se embasada em sentimentos positivos.

Nesse particular, nas avaliações diagnósticas houve 161 referências aos aspectos emocionais, das quais 70 (43,5%) foram positivas, 80 (49,7%) negativas e 11 (6,8%) neutras. Já nas avaliações finais, houve 77 referências, das quais 63 (81,8%) positivas, 10 (13,0%) negativas e 4 (5,2%) neutras. A tabela seguinte condensa os resultados.

Referências a aspectos emocionais	Total	Av. diagnósticas		Av. finais	
	n. abs.	n. abs.	%	n. abs.	%
positivas	133	70	43,5	63	81,8
negativas	90	80	49,7	10	13,0
neutras	15	11	6,8	4	5,2
	<b>238</b>	161		77	

Tabela 8: Referências a aspectos emocionais em avaliações diagnósticas e finais.

O fato demonstra de modo cabal o valor que o domínio dos cânones, que, em verdade, inclui aspectos intelectivos e emocionais, representa para o aperfeiçoamento retórico. Assim, para o desenvolvimento retórico consistente, deve-se atentar para a conveniência de integração entre razão e emoção, ou seja, a importância de se dominarem os preceitos da Retórica ao mesmo tempo em que se gosta da arte.

A própria diminuição no número total de referências aponta para uma atenuação, na percepção dos próprios participantes, da questão emocional como um problema, pois a frequência diminuída em 48,7% indica que os aspectos emocionais deixaram, em boa medida, de ser objeto de preocupação.

Entre as avaliações diagnósticas e finais, praticamente dobrou o percentual de referências positivas aos aspectos emocionais, enquanto as negativas sofreram uma redução de quase quatro vezes. As neutras sofreram variação pequena. Portanto, sem sombra de dúvidas, os números corroboram os avanços qualitativos obtidos.

## 8 Recomendações de manuais de oratória: entre *ars*, *ingenium* e *exercitatio*

No decorrer do processo de desenvolvimento retórico, toma-se consciência de não haver fórmulas mágicas para se alcançar o “falar bem”.

[...] nem há, absolutamente, arte alguma em que tudo o que pode ser realizado por meio daquela arte seja ensinado pelo mestre, mas aqueles que aprenderam os gêneros em si das questões principais e exatas atingem o restante por si mesmos.

(CÍCERO. *De oratore*, II, 69)

Percebe-se que um discurso se mostra eficaz quando se consideram de forma harmônica as três dimensões: *éthos*, *páthos* e *lógos*. O orador coordena a harmonização das dimensões. Portanto, só se alcança efetivo desenvolvimento retórico com uma formação integral do orador, o ser humano real que produzirá o discurso.

Para formar bem um orador, cabe indagar que elementos contribuiriam para sua formação. Como vimos, o desenvolvimento do orador decorre de três fatores: *ars*, *natura* e *exercitatio*. O princípio a reger a pedagogia retórica seria o do trabalho conjunto em relação a tais elementos. Porém, seguiriam os manuais de oratória, de fato, tal princípio?

Procurando verificar a questão, empreendemos a análise de ocorrências de referências aos elementos em obras modernas de oratória sobre Retórica e sobre produção de textos. Examinamos 26 obras, com atenção aos prólogos, pois é onde se encontram alinhavados de modo mais visível os princípios adotados nas obras. De cada uma, selecionamos excertos que condensam o pensamento dos autores e prefaciadores a respeito da Retórica. Registramos ocorrências de referências aos três elementos fundamentais da Retórica para, em seguida, proceder a uma análise que responda ao questionamento.

Os dados obtidos encontram-se na tabela a seguir.<sup>11</sup> Nela, vemos que, em 8 obras há um equilíbrio de ocorrências dos elementos fundamentais da Retórica; em 10, preponderam ocorrências de *ars*; em 3, de *natura*; e, em 5, de *exercitatio*. Isso nos leva a considerar que, de modo geral, a representação sobre oratória presente nos livros pesquisados dá maior valor aos preceitos e princípios retóricos, bem como, de forma próxima, à necessidade de articulação entre os três elementos fundamentais. Uma atenção exclusiva aos dons naturais aparece em menor destaque, o que seria de se esperar em obras destinadas a desenvolvimento retórico.

---

<sup>11</sup> Os nomes das obras e os excertos de onde foram retiradas as ocorrências encontram-se no Anexo II.

Ocorrências e percentual							
EXCERTO	<i>ars</i>		<i>natura</i>		<i>exercitatio</i>		TOTAL
	Oc	%	Oc	%	Oc	%	
1	12	86	0	0	2	14	14
2	3	12	17	65	6	23	26
3	9	35	8	31	9	35	26
4	10	59	5	29	2	12	17
5	4	20	0	0	16	80	20
6	8	73	3	27	0	0	11
7	6	67	2	22	1	11	9
8	2	29	2	29	3	43	7
9	2	18	5	45	4	36	11
10	21	95	0	0	1	5	22
11	10	50	2	10	8	40	20
12	12	43	0	0	16	57	28
13	6	38	5	31	5	31	16
14	10	50	2	10	8	40	20
15	3	21	4	29	7	50	14
16	4	31	7	54	2	15	13
17	16	36	13	30	15	34	44
18	4	20	10	50	6	30	20
19	7	50	1	7	6	43	14
20	9	27	10	30	14	42	33
21	6	17	17	49	12	34	35
22	3	6	19	40	25	53	47
23	17	63	6	22	4	15	27
24	18	28	27	42	20	31	65
25	8	15	18	34	27	51	53
26	5	56	2	22	2	22	9
Total	215	34,6	185	29,8	221	35,6	621
Média	8		7		9		

Tabela 9: Percentual de ocorrências de *ars*, *natura* e *exercitatio* em excertos de livros de oratória.

Uma obra que apresente elevada preponderância de qualquer dos elementos não deve ser vista como ineficaz ou imprópria. Apenas ressalta a importância de um elemento perante os demais. Como há diferentes correntes de pensamento na Retórica, é natural que haja maior atenção, em algumas obras, a algum dos elementos.

A despeito de em cada obra haver uma variação grande na proporção de ocorrências dos elementos fundamentais da Retórica, tomando-se todo o *corpus*, a tendência é atingir o equilíbrio entre eles. De fato, com a soma de ocorrências em todos os excertos, encontra-se o percentual de 34,6% para *ars*, 29,8% para *natura* e 35,6% para *exercitatio*,

Interessa notar, com o procedimento de análise adotado, que o conhecimento coletivo, no caso formado pelo conjunto das obras – que para os fins pretendidos funcionaria como a tendência ao auditório universal, no dizer de Perelman –, recoloca a Retórica mais forte que qualquer das correntes que pretenderam dela se desvincular.

Assim, reforçam-se as recomendações de que se deve buscar o desenvolvimento retórico pela integração dos elementos, e não pela sobrevalorização de quaisquer deles.

## **9 O valor da *pronuntiatio***

Esperar que alguém se torne maduro e sábio para só então começar a falar seria um processo demasiadamente longo. Por outro lado, somente maquiar inconsistências para garantir o sucesso na comunicação seria menosprezar o interlocutor.

No processo pedagógico, a transformação para melhor na oratória se dá tanto na direção do sujeito para a forma quanto da forma para o sujeito. Por isso, fundamental se mostra estudar com maior atenção a *pronuntiatio*.

Porém, o estudo deve encaminhar para o encontro das possibilidades de produção de sentidos com o uso de todos os aspectos envolvidos no estudo da oratória, desde os ligados à dimensão do SUJEITO, passando pelos ligados ao CONTEÚDO e, finalmente, à FORMA.

Confrontando-se as ocorrências desse cânone, salta aos olhos uma nítida diferença qualitativa entre as ocorrências na avaliação diagnóstica e na avaliação final após se consolidar, no transcorrer do curso, a consciência sobre a produção de sentidos como o objetivo do texto.

Se, antes de uma preparação teórica e prática, era comum o estereótipo do “falar bonito”, bem como a ocorrência de prescrições para tanto, desprovidas de justificativas mais consistentes, após as aulas, em quase todas as ocorrências, constata-se haver a compreensão da necessidade de integrar FORMA e CONTEÚDO. Com isso, a *pronuntiatio*, deixa de ser apenas “encenação”, para ganhar papel destacado na criação do discurso. Quebra-se a radical separação temporal de cada etapa da sequência *inuentio – dispositio – elocutio – memoria – pronuntiatio* e passa-se a entender a interdependência entre elas para a boa formulação de discursos.

Como são muito genéricas, salvo algumas exceções, as recomendações nos manuais sobre a *pronuntiatio*, procuramos mostrar, tomando por base os conteúdos ministrados no curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem, como julgamos que esse cânone poderia ser melhor explorado. O crucial para tanto consiste em associar a utilização dos aspectos formais à produção de sentidos, integrando FORMA e CONTEÚDO para ressaltar valores do SUJEITO, o orador, e fazer sua visão de mundo criar as realidades por ele desejadas com sua enunciação.

Para ressaltar a grande discrepância entre (a) prescrições absolutamente genéricas; (b) prescrições puramente formais; (c) prescrições precisas para o uso de aspectos formais, sem integração ao conteúdo; e (d) prescrições que associam a conteúdo forma, conteúdo e sujeito, analisemos algumas ocorrências, em diferentes manuais, cotejando-as com nossa proposta, sobre o que fazer com as mãos durante a enunciação.

(a) prescrições absolutamente genéricas:

2. Controle seu nervosismo

Ao se aproximar o momento de falar, seja numa solenidade importante, diante de um auditório numeroso, seja numa reunião social, diante de alguns amigos, não alimente a chama do seu nervosismo.

Atitudes como fumar seguidamente, roer as unhas, cruzar descontroladamente os braços e as pernas, andar de um lado para outro são condenáveis, farão você ficar mais tenso e aumentarão sua intranquilidade.

Procure deixar seu corpo em posição descontraída, solte os braços e pernas, não fume muito e respire profundamente. Se você estiver muito agitado, essa descontração forçada poderá, no início, parecer um pouco desconfortável, mas, quando pronunciar as primeiras palavras de forma mais tranquila e confiante, reconhecerá que seu pequeno esforço foi plenamente recompensado.

3. Tenha uma atitude correta

Renomados psicólogos estudaram profundamente o significado dos gestos, e hoje podemos conhecer com pequena margem de erro o que as pessoas estão sentindo ou pretendendo, sem ouvirmos uma só palavra, isto é, apenas analisando a linguagem do corpo. Normalmente nossos gestos são inconscientes, mas, observados até por leigos neste campo da psicologia, podem transmitir o que se passa em nosso íntimo.

Vigiar o comportamento do corpo é instruí-lo a não refletir os nossos receios, além de ser uma técnica correta de combatê-los.

Ao caminhar para a tribuna, demonstre pela sua postura um comportamento seguro e confiante; faça-o sem hesitar. O auditório ficará interessado em ouvir um orador que demonstra a atitude de alguém equilibrado.

Com o tempo, você ficará tão acostumado a comandar seu corpo que acabará agindo naturalmente, adquirindo e transmitindo sua confiança.

(POLITO, 1996, p. 31 e 32)

Trata-se de um texto que indica mais o que NÃO fazer que propriamente o comportamento indicado para o orador. Nossa prática demonstra que procurar o desenvolvimento retórico tentando evitar falhas ou comportamentos inadequados não é o melhor caminho. Não basta apontar falhas; mister se faz orientar com precisão, especificando com clareza possíveis comportamentos a serem adotados, não os sentimentos vivenciados, associando-os aos sentidos potencialmente produzidos com a adoção de cada um deles. O bom retor fornece uma ampla gama de possibilidades para aumentar as alternativas de atuação do orador, mas capacitando o aprendiz para realizar escolhas de acordo com os princípios que regem a produção de sentidos e a criação de realidades.

(b) prescrições puramente formais:

No começo das práticas oratórias, recomendamos que o discípulo não gesticule e, se o fizer por qualquer motivo, não se preocupe em se está procedendo certo ou errado.

Isso para que os influxos da atenção no gesto não intervenham no fluxo do pensamento que desenvolve o tema dado. Após várias aulas, damos os primeiros elementos teóricos de acionado e praticamos gestos simples e mui restritos.

Não é fácil gesticular irrepreensivelmente. Às vezes, o aluno aciona com regular acerto, desestudada e inconscientemente. Basta, porém, que nos refiramos ao caso, ele passa a não repetir o acerto, se lhe pedimos que gesticule de novo. [...]

Eis porque dirigimos tudo quanto se inclui no tratado a respeito de gestos da seguinte forma: *clara e minuciosa*.

Além disso, pusemos frases, nossas, para que, *ditas como urge, se acompanhem do gesto adequado*. [...]

Gestos com mãos separadas

Unimanuais I. Com mão direita. A) Fechada. a) Completamente.

Apresentando-se dessa forma, pode a mão indicar:

- Poder, vigor ou coragem.

- Força. – Agressividade – Protesto [...] – Promessa ou comunicação de vitória.

*Observação* – A parte principal do gesto começa no instante em que o orador profere o que se mostra em itálico nos exemplos da *Prática*.

1) *Poder, vigor ou coragem* – Mão energeticamente fechada com a falangeta do polegar em posição oblíqua sobre a falanginha do médio. Braço algo avançado, antebraço e mão horizontais, aproximada esta à linha média do tronco. Os metacarpos ficam oblíquos para os ouvintes, e com a mão se dá firme e brevíssima sacudida.

*Prática* - Execute o gesto dizendo:

Queremos o *poder*, senhores!

No *vigor* da inteligência.

É preciso *coragem*!

(ARAÚJO, 2003, p. 95 e 96)

Trata-se de um texto que tenta alcançar o ideal de ser bem explicativo, mas fica longe de ser claro. O que, aliás, permite inferir uma das possíveis causas para o pouco desenvolvimento dos estudos sobre a *pronuntiatio* ao longo da história: a dificuldade de se descrever com economia e precisão toda a riqueza da gestualidade. Porém, ao associar cada gesto a um único sentido, supondo haver gestos adequados para certas frases, o autor reduz as possibilidades de avaliação do orador quanto a outros fatores, como contexto, nível da plateia, condicionantes culturais, os quais, muito além do léxico gestual, determinam a produção de sentidos. Mostra-se, no entanto, cuidadoso com o desenvolvimento gradual da consciência oratória, para o que é muito útil, bem como para aumentar o vocabulário gestual do aprendiz. Desenvolvidos tais pontos, poderá o autor, enfim, fazer boas escolhas, desde que amparado pela consciência quanto a considerar vários fatores na produção de sentidos.

(c) prescrições precisas para o uso de aspectos formais, sem integração ao conteúdo:

O orador tem três problemas fundamentais: um probleminha, um problema e um problemão. O probleminha consiste em *ir até a frente e encarar o auditório*; o problema é *falar ao público*. O problemão, o eterno problema, o problema que preocupa principalmente os grandes oradores está em *parar de falar!* [...]

Observando um orador principiante, notamos que as mãos são sua grande preocupação. O principiante sente-se cheio de mãos. [...] Muitos resolvem a situação metendo as mãos nos bolsos, ou escondendo-as atrás das costas, ou apoiando-as sobre algum móvel, ou segurando algum objeto.

De qualquer maneira, sabemos que o problema da utilização das mãos é só um dos aspectos do “probleminha”.

Para solucionar o problema das mãos, recomendamos que *uma mão segure a outra e a outra segure a uma...*

A posição não deve ser a de quem, de mãos postas, estivesse implorando a clemência do auditório. A mão esquerda deve ficar de palma voltada para cima, bem horizontalmente, com se equilibrasse um copo cheio de água. A mão direita deve agarrar o polegar da mão esquerda entre os dedos indicador e polegar. [...]

Outro pormenor importante: os cotovelos devem estar em ângulo reto. Portanto, as mãos ficarão colocadas exatamente na altura do estômago, ou seja, no plexo solar. Há que não deixá-las caídas, pois isso indicará falta de energia do orador. Quanto mais caídas as mãos, menos força irradiará o orador.

As mãos devem segurar-se mutuamente, firmemente. Não devem mover-se, esfregar-se uma na outra, nem os dedos devem indicar qualquer movimento. Unidas e imóveis, eis a posição certa.

A posição que recomendamos é chamada de “ninho de gestos”.

Apenas por colocar as mãos unidas na altura do estômago, não precisa o orador preocupar-se com a gesticulação quando fala. Se quiser gesticular, entretanto, iniciará qualquer gesto no local recomendado por todos os entendidos em gesticulação: o gesto deve partir do centro do corpo do orador. A elegância dos gestos assim feitos agradará imensamente o auditório, sem que os presentes



cheguem a perceber em que reside, exatamente, a beleza do gesto. [...]  
A posição das mãos que recomendamos em nosso curso de comunicação oral tem a grande vantagem de dividir a figura humana em média e extrema razão, ou seja, faz a divisão áurea da altura do orador. [...]  
As mãos do orador que adota a posição recomendada dividem o corpo humano em duas partes: dos pés até as mãos (segmento maior) e das mãos até os cabelos (segmento menor). Se quisermos verificar, basta dividir a altura do orador pela distância das mãos ao chão e veremos que o resultado é igual ao quociente da distância do chão às mãos, dividida pela distância das mãos até os cabelos.

(BIBLIOTECA PRÁTICA DO EXECUTIVO, 1979,  
p. 51- 56)

Trata-se de um texto primoroso, em que comportamentos são clara e devidamente explicados e, ainda, fundamentados do ponto de vista estético, utilizando o conceito de divisão áurea, embora não se esclareça devidamente a importância dessa proporção.

(d) prescrições que associam a conteúdo forma, conteúdo e sujeito:

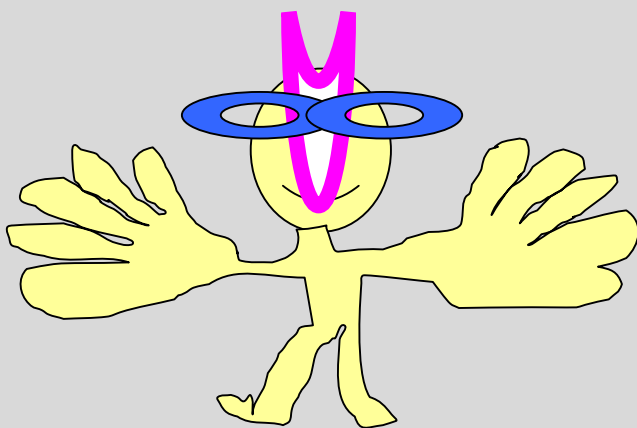
A preocupação com os sentidos produzidos deve condicionar a abordagem dos aspectos formais. Com base nas contribuições dos autores citados acima, adotamos no curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem a utilização do conceito de “ninho de gestos”. Porém, a posição é sugerida com o intuito de dar liberdade, e não condicionar, o orador. Por isso, conduzimos anteriormente o processo de reflexão sobre as potencialidades da linguagem, como visto em tópico anterior.

Além de fundamentar as orientações do ponto de vista estético (divisão áurea), preocupamo-nos com os aspectos físicos (conservação da energia) e semiológico (sentidos produzidos). Para fundamentar a postura recomendada, procuramos integrar disciplinas aparentemente inconciliáveis, como matemática, arte, filosofia e física, para que o orador alcance seu máximo potencial. Chamamos atenção para os sentidos possíveis de serem produzidos. O texto a seguir é exatamente o constante no roteiro para o curso no formato educação a distância.

**NINHO DE GESTOS: consiste na postura básica, a partir da qual os gestos são realizados.**

O principal ponto dessa postura é a posição das mãos. Posicionar e movimentar bem as mãos, com expressividade e significação, faz o orador ser percebido como alguém seguro, no domínio

das próprias emoções. As mãos são a parte do orador que mais carga expressiva não verbal gera para os ouvintes. Seguem-se os olhos e o sorriso. Aliás, se representássemos o orador com as partes do corpo proporcionais a como o público o percebe, teríamos:



Um dos desafios mais comuns para quem começa a carreira como orador é saber o que fazer com as mãos. Muitos livros orientam sobre **o que NÃO fazer**. Dizem:

O orador NÃO DEVE ficar com as mãos para trás;

O orador NÃO DEVE cruzar os braços;

O orador NÃO DEVE colocar as mãos nos bolsos;

O orador NÃO DEVE brincar ou segurar objetos ou papéis;

O orador NÃO DEVE deixar as mãos na cintura.

**PERSONAGEM EXAGERADO:** Se eu não posso fazer nada, vou cortar minhas mãos e lançá-las fora...

**PERSONAGEM PROF. IVAN:** Calma, não precisa exagerar. De certo modo, todas essas recomendações são válidas. Veja porque:

**mãos para trás:** o orador transmite a sensação de estar escondendo algo;

**cruzar os braços:** o orador gera uma barreira contra a aproximação com o público;

**mãos nos bolsos:** o orador se mostra tímido, sem vontade de dividir o que sabe com os demais;

**mãos segurando objetos:** o orador distrai os ouvintes. Tira a atenção dos ouvintes da mensagem e a coloca no objeto;

**mãos na cintura:** causa a impressão de estar mais interessado em vender a imagem de si, da própria sensualidade, que a mensagem do discurso.

Entretanto, se as recomendações se restringem ao que NÃO se deve fazer, o orador fica perdido e continua sem uma postura básica para adotar. Daí a importância do NINHO DE GESTOS.

Vejam primeiramente a postura básica de todo o corpo e depois, com especial destaque, a posição em que as mãos devem ficar. Afinal, se usamos a metáfora do ninho para explicar a posição básica das mãos, podemos estender a comparação, dizendo dever o ninho (posição das mãos) ficar bem instalado em uma árvore (o corpo do orador).

#### POSTURA DO CORPO PARA DAR SUPORTE AO NINHO DE GESTOS

##### - cabeça a prumo:

Ao manter a cabeça ereta, sem pender para nenhum dos lados, o orador transmite a sensação de segurança e firmeza no que diz. *Mostrar filminho*

##### - queixo 90° com o tórax:

para evitar parecer:

- arrogante, se o nariz estiver empinado ou
- submisso, se o queixo se aproxima do peito. *Mostrar filminho*

PERSONAGEM APRESSADINHO: E as mãos? E as mãos?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Calma, já chegamos lá...

##### - face movimenta-se em conjunto com o tórax:

para evitar parecer fazer meneio de cabeça que significa “não”.

Ao se movimentar assim, o orador demonstra estar “de mente e coração” voltados para cada parte do público. *Mostrar filminho*

##### - prevalece fisionomia com leve sorriso e olhar vívido:

- para conquistar a simpatia;
- para demonstrar tranquilidade. *Mostrar filminho*

PERSONAGEM APRESSADINHO: E as mãos? E as mãos?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Calma, já chegamos lá...

**- pernas sem flexionar:**

para transmitir segurança.

Ao flexionar as pernas:

(1) se dobrar os joelhos, o orador parece rebolar, ou,

(2) se afastar uma das pernas e dobrar levemente a coluna, faz o movimento pendular, típico de “joão teimoso”.

Normalmente, muita gente que fala em público flexiona as pernas para descansar. Porém, em vez de adotar essa solução, precisando descansar, o orador deve andar. Evidentemente, a locomoção do orador não serve apenas para descansar, mas esse é um dos motivos “acidentais” pelos quais ele se locomove. Vimos essa questão no fórum sobre a locomoção do orador. *Mostrar filminho*

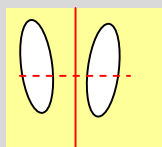
PERSONAGEM ESQUECIDINHO: como foi mesmo? *LINK para voltar ao forum*

**- posição dos pés:**

**- pés de homem:**

Paralelos, levemente afastados.

Parece a posição de descansar dos soldados, porém com as mãos à frente do corpo, no ninho de gestos, como veremos à frente.

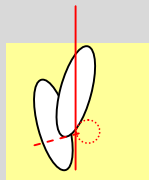


pés de homens

**- pés de mulher:**

Posição “12h55” ou “pés de *miss*”.

Calcanhar de um pé paralelo à linha média do outro. Pontas dos pés levemente inclinadas para lados opostos.



pés de miss



12h55

***Mostrar filminho de pés de homem e pés de mulher***

PERSONAGEM APRESSADINHO: E as mãos? E as mãos?

PERSONAGEM PROF. IVAN: chegamos...

**NINHO DE GESTO**

**- mãos juntas, apoiando-se reciprocamente e cotovelos em 90°:**

Palma de uma mão perpendicular à palma da outra mão. Coincidem os centros das duas palmas. As mãos “se abraçam”. Não é preciso se preocupar por ora com qual mão fica por cima da outra. Haverá momentos em que, naturalmente, as mãos trocam de lugar. Embora haja significado específico para quando a mão direita fica por baixo, preocupar-se com esse detalhe tira o foco do que é principal, incorporar o hábito de manter as MÃOS JUNTAS, APOIANDO-SE RECIPROCAMENTE. ***Mostrar filminho***

Para-raios das emoções. Ao manter as mãos juntas, apoiando-se reciprocamente, o orador pode descarregar as tensões porventura vividas durante o discurso sem que ninguém perceba. Basta apertar as pontas dos dedos mínimo e anelar da mão que estiver por baixo contra a lateral da outra mão, por dois ou três segundos. ***Mostrar filminho***

**- cotovelos em 90°:** assim, os cotovelos delimitam facilmente a amplitude que os gestos devem alcançar. Esticar em demasia os braços contraria a elegância que os gestos devem ter. Outra maneira de pensar nesses limites de amplitude gestual é considerar-se como sendo filmado, como

apresentador de telejornal. As mãos deveriam evitar passar os limites da tela de quem assistisse, salvo casos muito especiais. *Mostrar filminho*

PERSONAGEM DIPLOMATA: Existem fundamentos para justificar essa postura?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Sim, fundamentos físicos e estéticos.

PERSONAGEM FÍSICO: Um dos princípios da natureza é a conservação de energia.

Naturalmente, os seres tendem a gastar a menor quantidade de energia para realizar suas atividades. Ora, se as mãos já estão juntas, no centro do corpo, percorrem o menor caminho para realizar um gesto e voltar para a posição.

PERSONAGEM APRESSADINHO: Não vai parecer que o orador está numa postura de “sentido” se iniciar o discurso sempre nessa posição? O Prof. Reinaldo Polito conta um caso assim em um de seus livros. *LINK para texto do Polito: “Gestos e postura para falar em público”.*

PERSONAGEM GIRIATO: Mas devemos deixar de fazer algo só porque alguém critica?

PERSONAGEM ROMÂNTICA: Vimos isso na unidade aspectos emocionais, quando tratamos das fases da competência.

PERSONAGEM ESQUECIDINHO: Como é mesmo essa questão?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Voltemos à unidade dos aspectos emocionais. Na fase III, um pouco de artificialidade é perfeitamente compreensível. Avança muito mais um orador que, ainda um pouco incomodado pela postura nova, tem a coragem de insistir no aprendizado que aquele que se priva de treinar as técnicas por medo da crítica. Também chega bem mais depressa à NATURALIDADE consistente.

PERSONAGEM ROMÂNTICA: Falamos sobre os fundamentos físicos do ninho de gestos. E quanto aos fundamentos estéticos?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Os gregos, que se dedicaram à profunda observação da natureza e do homem, perceberam haver uma proporção, presente em vários elementos, que transmite a maior sensação de equilíbrio, beleza e harmonia. É a chamada PROPORÇÃO ÁUREA.

PERSONAGEM POETA: Esse número aparece no livro *O código Da Vinci*. É a sequência usada como senha de acesso a arquivos importantes. Consiste na soma dos dois elementos anteriores para formar o próximo. 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21...

PERSONAGEM PROF. IVAN: Sim, à medida que a sequência avança, a razão entre um número e o posterior tende a se aproximar da proporção áurea (0,618). Trata-se da proporção entre dois segmentos de uma reta equivalente à existente entre a reta e o maior dos segmentos.

PERSONAGEM ROMÂNTICA: Conseguiram definir essa proporção matematicamente?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Sim, por isso é chamada sequência de Fibonacci. Vejamos a explicação matemática:

A **razão áurea** é definida algebricamente como:

Fazendo as contas, chega-se a:

$$a = 0,618 a+b$$

$$b = 0,618 a$$

$$\frac{a+b}{a} = \frac{a}{b} = \phi.$$

0,618, portanto, é a proporção áurea.

PERSONAGEM POETA: Essa proporção também aparece em pinturas renascentistas e na arte e arquitetura modernas. Há um filme da Disney que explica bem a proporção áurea.

<http://www.youtube.com/watch?v=58dmCj0wuKw> Pato Donald

Para ler mais sobre a proporção áurea: ***LINK para doc “proporção áurea”***

Para assistir a filmes sobre a proporção áurea: ***LINK para Vídeos You Tube:***

<http://www.youtube.com/watch?v=QaWepnGWRs8&feature=related> fibonacci

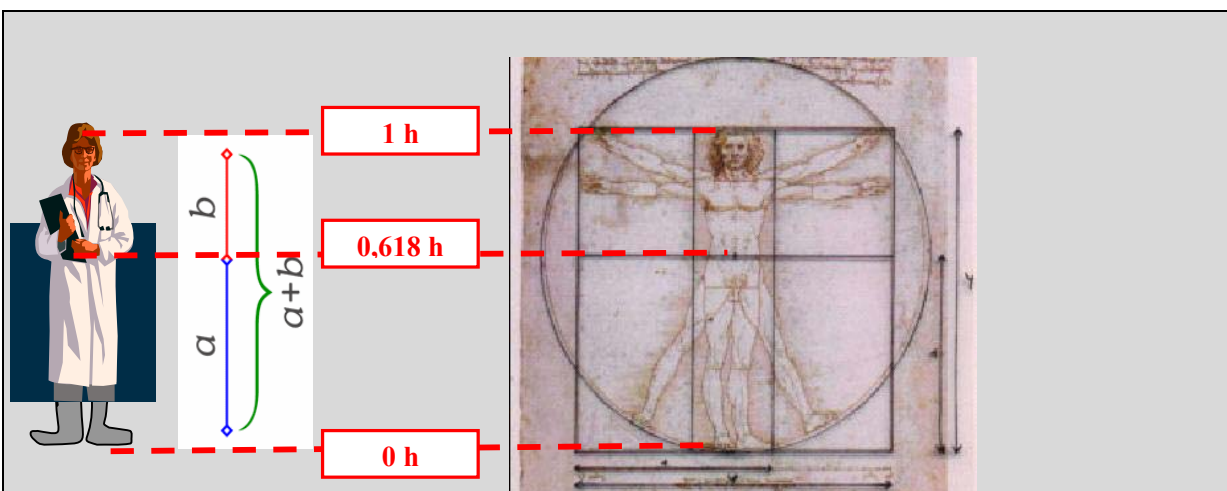
<http://www.youtube.com/watch?v=h-vpmlz7Sac&feature=related> Who is God?

<http://www.youtube.com/watch?v=6jhhjfnkmKk&feature=related> desenho geométrico

PERSONAGEM GIRIATO: E isso tem a ver com a postura do orador?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Sim, pois quando as mãos ficam na altura do diafragma, demarcam o ponto que segmentaria o corpo do orador, tomado em sua altura, na proporção áurea.

Nessa posição, o orador transmite a maior sensação de harmonia, beleza, equilíbrio e tranquilidade.



PERSONAGEM PEQUENO FALADOR: Oba, enfim uma recomendação bem precisa de que postura adotar. Para evitar errar, agora vou adotar essa postura e não mudo mais até acabar o discurso.

PERSONAGEM PROF. IVAN: Não é porque sabe sobre a postura básica que agora você vai ficar imóvel, parado, sem se locomover. Aliás, saber para que o orador se locomove foi uma questão fundamental, pois a partir da resposta a tal indagação, pudemos refletir sobre a importância de todos os demais aspectos formais. Se você ficar na postura correta, mas não se locomover, deixará de produzir sentidos com a locomoção.

PERSONAGEM ROMÂNTICA: Você vai falar agora sobre os sentidos que podemos produzir apenas com a locomoção?

PERSONAGEM APRESSADINHO: Eu já vi essa parte... eu já vi essa parte...

PERSONAGEM PROF. IVAN: Antes de tratar dessa questão, vamos verificar se ainda há alguma dúvida sobre postura.

PERSONAGEM GIRIATO: Como fazer o ninho se estivermos com um microfone de mão?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Um bom líder não é o que resolve problemas, mas o que evita que eles surjam. Cabe ao bom orador, que também é um bom líder, sempre que possível, optar pelo microfone de lapela ou auricular. Entretanto, como pode estar disponível apenas o microfone de mão, nesse caso o orador deve usar uma das mãos como suporte do microfone. A outra, com os dedos quase totalmente fechados, fica no ninho. A partir desse ponto, fazem-se os gestos, naturalmente unimanuais, cabíveis e necessários. A mão que segura o microfone deve sempre acompanhar a boca do orador. É comum o orador se voltar para a apresentação multimídia e se



esquecer de movimentar o microfone. Dessa forma, os presentes não ouvem o que ele fala quando se volta para o audiovisual. *Mostrar filminho*

PARA FALAR SENTADO

PERSONAGEM DIPLOMATA: E se estivermos falando sentados?

PERSONAGEM PROF. IVAN: Mantêm-se os princípios de elegância e conforto. Além disso, cabe lembrar o que estamos dizendo para o público quando adotamos uma determinada postura.

PERSONAGEM GIRIATO: Eu gosto de ficar bem deitado, igual a quando assisto a TV.

PERSONAGEM SERMONISTA: Se nos sentamos refestelados na poltrona, quase deitados, estamos dizendo que nos preocupamos mais com nosso conforto que com o entendimento do auditório.

PERSONAGEM PROF. IVAN: Mesmo sentados, precisamos mostrar prontidão e interesse pelo público. Portanto, coluna ereta; cabeça a prumo; manter os cotovelos em 90°, nada de apoiá-los à mesa, se houver. Quanto aos pés, podem ficar sobre o chão, mas sem movimentos que indiquem impaciência. Não se deve mostra a sola do pé. As pernas, se cruzadas, não devem ficar balançando.

PERSONAGEM GIRIATO: Cruzar uma perna sobre a outra é sinal de falta de masculinidade?

PERSONAGEM SERMONISTA: De forma alguma. Que preconceito é esse? É uma postura econômica quanto ao espaço ocupado e bem confortável. Pode ser utilizada tanto por homens quanto por mulheres.

PERSONAGEM ROMÂNTICA: E o ninho?

PERSONAGEM PROF. IVAN: As mãos podem ficar unidas, mas repousando sobre o colo.

*Mostrar filminho*

## PARTE V: CONCLUSÃO

Como apenas um *vir bonus* consegue avaliar com qualidade as variáveis envolvidas no processo comunicativo de modo a executar com propriedade a integração das dimensões do discurso, tornar-se *dicendi peritus* dependerá de progresso pessoal, baseado em conhecimento e valores sólidos.

A Retórica não pode pretender, a menos que aceite uma tarefa digna de Sísifo, pelo caráter fluido dos gêneros textuais, prescrever como agir em cada situação concreta. Assim, a pedagogia retórica não normatiza a expressão oral, mas reflete sobre os princípios que regulam a percepção, o pensamento, a comunicação, a exposição.

A Retórica recomenda o falar bem, o que não significa seguir modelos de textos. O sujeito, sensível aos avanços sociais que tornam os gêneros maleáveis, em especial no que tange à forma, determinará como explorar com maior proveito as possibilidades concretas de produção textual, a partir da análise que faz do público, das circunstâncias e seus objetivos.

### 10 Em defesa da pedagogia retórica

Desde a antiguidade até os dias de hoje, a Retórica sempre esteve intimamente associada com a escolaridade. Como uma disciplina dos currículos clássicos gregos e romanos, do *trivium* medieval, e do Renascimento humanista, ocupou um lugar central. Algumas de suas premissas básicas e métodos, em especial dos períodos clássico e renascentista, quando a educação era mais fortemente baseada em preceitos retóricos, têm persistido.

A pedagogia retórica nem sempre tem sido consistente, dado seu largo campo de aplicação e os embates entre ideologias com diferentes visões do papel da linguagem para a humanidade. No entanto, alguns pressupostos podem ser destacados como os que atravessaram os séculos de modo mais consistente, sem alterações essenciais.

Um pressuposto primário dentro de pedagogia retórica tem sido a ideia de que a habilidade de falar e escrever não decorre apenas de talento inato, *natura*, mas de instrução, a qual deve integrar teoria, *ars*, e prática, *exercitatio*, de modo a burilar a capacidade natural e levar à excelência na produção e interpretação textual.

Outro importante pressuposto consiste em que a teoria, *ars*, deve ser construída a partir da cuidadosa observação e análise de situações de fala bem-sucedidas. Na verdade, os bons manuais de Retórica não começaram com prescrições abstratas sobre como falar ou escrever intuídas por gênios, mas das descrições das melhores práticas, observadas em diferentes contextos. Como os hábitos dos oradores e escritores de sucesso foram observados ao longo do tempo, suas estratégias foram nomeadas e inseridas em um sistema teórico, tornando-se assim a “arte” (ou *tekhne*) da Retórica. Com a variação das necessidades sociais, algumas técnicas perdem eficácia e outras preservam sua validade por mais tempo. De modo geral, podemos observar que prescrições têm validade menor e princípios, maior.

Devido à importância dada a bons modelos para a prática da *imitatio*, a pedagogia retórica sempre enfatizou a observação e análise dos melhores textos, o que a fez aproximar-se da literatura. Estuda-se a literatura tanto por seu conteúdo quanto por sua forma exemplar e suas técnicas retóricas. Por essa razão, manuais retóricos ajudam na análise de modelos literários. Discursos e obras dos melhores autores servem de modo excepcional para a instrução retórica. O gosto quanto ao que vem a ser “melhor”, entretanto, varia de época para época. Hoje, apesar da multiplicidade de gêneros textuais não literários, preceitos retóricos continuam válidos.

Um último pressuposto deve ser destacado, graças à sua repercussão no sistema educacional. A pedagogia retórica estabelece uma relação muito estreita entre leitura e escrita, observar e compor, interpretar e elaborar textos. Peter Ramus dividia a pedagogia retórica em duas atividades fundamentais: análise e gênese. A observação de quem fala ou escreve bem (“análise”) precederia e melhoraria o próprio falar ou escrever (“gênese”). Em verdade, acrescentamos que o inverso também é verdadeiro, havendo maior reciprocidade entre tais atividades do que supôs o grande retórico. Os alunos devem ser ensinados a ouvir e ler não apenas para localizar ideias e argumentos, mas para encontrar estratégias úteis e técnicas. Identificadas em textos alheios, podem ser adaptadas e adotadas em textos próprios.

## **11 Últimas palavras, respostas atemporais**

Voltamos às questões do início deste trabalho, as mais elementares propostas pela Retórica. Em nosso percurso, repetimos algumas respostas já dadas ao longo dos tempos, mas que ainda nos inspiram a resgatar o imenso valor da contínua busca humana por fazer da linguagem, em especial a fala, poderoso instrumento para criar um mundo melhor. Usamos, para

corroborar as conclusões a que chegamos, trechos das respostas de nossos alunos às avaliações finais do curso, apontando em negrito alguns dos conceitos fundamentais da Retórica destacados durante o curso e que indicam o bom proveito dos estudantes.

### **Para que, afinal, despender tanto esforço no preparo de alguém?**

Vale a pena despender esforço na preparação do orador. Agora, não mais entendido apenas como o que atua em assembleias, visto haver novos e diferentes gêneros, inclusive de produção coletiva, mas como aquele ser capaz de articular suas competências para construir discursos que moldem um mundo desejado.

*Aprendi que um **homem de bem** poderá proferir excelentes discursos.*  
(Informante 1)

*Hoje, **consigo aplicar** de maneira consciente os aspectos formais, como postura, posição do pé, gestos pensados. Além do caminhar para produzir sentidos. Sobretudo, **pensar como produzir sentidos**.* (Informante 4)

*Recomendo de olhos fechados, porque aprender a falar em público não é somente um aprendizado a mais. Integra o **desenvolvimento humano como um todo**. Deveria ser **matéria obrigatória** nas escolas, para a demanda do mundo atual.* (Informante 8)

*Sim. Porque expressar-se diante de um público é **exercer cidadania**, e expressar-se bem, com clareza, objetividade, segurança requer um aprendizado de oratória.*  
(Informante 10)

*Claro que sim. Acredito nas várias possibilidades de **realidades que podem ser alcançadas através da oratória**.* (Informante 41)

### **Que qualidades deveria possuir o candidato a orador para compensar o investimento de tempo, recursos e sabedoria?**

Não existe um único modelo de “orador perfeito”, sendo pois as qualidades a serem desenvolvidas muito variadas. Apesar disso, princípios podem ser propostos, em hierarquia, segundo o nível em que atuam para o desenvolvimento retórico.

Sim. Para pessoa **quebrar paradigmas** e ter mais segurança em si mesmo. (Informante 9)

Muito bom aprender a valorizar o que temos de melhor e saber que não há um orador perfeito. O melhor é aquele que incorporou em seu inconsciente: “sou um grande orador e as pessoas se encantam com minhas palavras”. (Informante 13)

### Qual metodologia se mostraria mais adequada?

Há vários métodos para o aperfeiçoamento da capacidade de produzir e proferir textos. Inclina-se entre duas ordens de motivação: a busca de princípios e a determinação de preceitos. Cada categoria metodológica atende a grupos (tipos de aprendizes) com necessidades distintas, sendo, pois, úteis.

Muitos **truques realmente eficientes** para o domínio da tensão e da Retórica. (Informante 5)

Achei extremamente válido o esclarecimento sobre as fases da competência e a constatação de que **somente o estudo e a prática me tornarão a cada dia um melhor orador**. Sempre me preocupei mais com o conteúdo da mensagem do que com a forma da apresentação. Porém, agora aprendi [que o estudo da forma] faz com que o conteúdo seja aprendido melhor. Nunca usei um exórdio com a intenção de aguçar a curiosidade pelo menos não intencionalmente. Foi do que mais gostei. (Informante 11)

Com certeza recomendaria o curso porque para mim ele foi um divisor de águas, por ter me possibilitado conhecer **técnicas “simples” que fazem toda a diferença** para uma ótima apresentação. Desde a elaboração do discurso, passando pelo ambiente até a apresentação. (Informante 14)

Em geral, o conteúdo me agradou na medida em que tratava os elementos abordados de maneira prática, visando ao **uso real e imediato**, e teórica, visando à **compreensão profunda** de cada elemento. (Informante 22)

Sim, é curso de **rápido aprendizado**, dinâmico e que trata as diferentes situações de um discurso. (Informante 34)

### **Quem deveria se ocupar de tão importante incumbência?**

Pela complexidade da sociedade contemporânea, é quase impensável a existência de um retor que, sozinho, se ocupe da formação de um orador. A tarefa se encontra distribuída por várias instâncias e agentes sociais: escola, meios de comunicação, empresas, instituições culturais (textos e vozes), entre outras. De todo modo, o auxílio de um mentor (capaz de dialogar com o nível de aprendiz que se lhe coloca à frente) que eduque, acompanhe, direcione, verifique, proponha, inspire será de extrema valia.

Sim. Não tinha ideia da **quantidade de minúcias** que existem ao falar, e o curso proporciona o conhecimento e o aprendizado dessas minúcias. O curso foi de muita valia. (Informante 12)

### **Após formado, a que atividades deveria se dedicar?**

A rigor, não há um momento em que se possa considerar o orador formado. Trata-se de um processo de desenvolvimento ininterrupto de atitudes, habilidades e conhecimentos, a partir de uma compreensão ampla do poder da linguagem em nossa sociedade.

Recomendaria, acho muito enriquecedor aprender a ver a arte do discurso de forma técnica. Com a base do curso, observar pessoas se comunicando e observar-se a si mesmo **pode ser um aprendizado diário**. (Informante 43)

A formação do orador, processo contínuo e infundável, já que consideramos o ser humano um eterno vir a ser, pode ser compreendida tomando-se por referência a sensibilidade de João Cabral de Melo Neto. Valemo-nos do poeta para concluir nossa dissertação, ela própria, enfim acabada, como um produto textual definido e, no início, como a marca de novas possibilidades em nossa vida.

## O ovo de galinha

João Cabral de Melo Neto<sup>12</sup>

### I

Ao olho mostra a integridade  
de uma coisa num bloco, um ovo.  
Numa só matéria, unitária,  
maciçamente ovo, num todo.

Sem possuir um dentro e um fora,  
tal como as pedras, sem miolo:  
é só miolo: o dentro e o fora  
integralmente no contorno.

No entanto, se ao olho se mostra  
unânime em si mesmo, um ovo,  
a mão que o sopesa descobre  
que nele há algo suspeito:  
que seu peso não é o das pedras,  
inanimado, frio, goro;  
que o seu é um peso morno, túmido,  
um peso que é vivo e não morto.

### II

O ovo revela o acabamento  
a toda mão que o acaricia,  
daquelas coisas torneadas  
num trabalho de toda a vida.

E que se encontra também noutras  
que entretanto mão não fabrica:  
nos corais, nos seixos rolados  
e em tantas coisas esculpidas  
cujas formas simples são obra  
de mil inacabáveis lixas  
usadas por mãos escultoras  
escondidas na água, na brisa.

**No entretanto, o ovo, e apesar  
de pura forma concluída,  
não se situa no final:  
está no ponto de partida.**

[...]

---

<sup>12</sup> Neto (1994, p. 302; grifos nossos).

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE JR., Manuel. Prefácio. In: ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Jr.; Tradução e notas de Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3. ed. Lisboa: INCM, 2006.

ALMG. *Manual de redação parlamentar*. Coordenação de Antônio Barbosa da Silveira. 3. ed. Belo Horizonte: Assembleia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2013.

ARAÚJO, Paulo Silva de. *Arte de falar em público: discursos, conferências, palanque eletrônico*. Rio de Janeiro: Forense, 2003.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Prefácio e introdução de Manuel Alexandre Jr.; Tradução e notas de Manuel Alexandre Jr., Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 3. ed. Lisboa: INCM, 2006.

BÍBLIA SAGRADA: Almeida Revisada Imprensa Bíblica. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/aa/lc/6>>. Acesso em 7 ago. 2013.

BIBLIOTECA PRÁTICA DO EXECUTIVO. *Técnicas de comunicação e expressão oral*. São Paulo: Amazonas, 1979. v. 1-3.

BLOCH, Pedro. *Você quer falar melhor?* 7. ed. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1977.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12640%3Aparametros-curriculares-nacionais1o-a-4o-series&catid=195%3Aseb-educacao-basica&Itemid=859)>. Acesso em: 10 ago. 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEF, 2000. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=12598%3Apublicacoes&Itemid=859](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12598%3Apublicacoes&Itemid=859)>. Acesso em: 10 ago. 2013.

CARNEGIE, Dale. *Fale mais eficazmente*. [S.l.]: [s.n.], 1989.

\_\_\_\_\_. *Como falar em público e influenciar pessoas no mundo dos negócios*. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

CÍCERO. *De inuentione*. Tradução de H. M. Hubbell. Loeb Classical Library, 1949a.

\_\_\_\_\_. *Topica*. Tradução de H. M. Hubbell. Loeb Classical Library, 1949b.

\_\_\_\_\_. *Em defesa do poeta Árquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1986.



\_\_\_\_\_. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

\_\_\_\_\_. Do orador. Tradução de Adriano Scatolin. In: SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares I, 9, 23*. 2009. 308 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009. parte II.

CUNHA, Paulo Ferreira. Dialéctica, tópica e retórica jurídicas. *Mirandum*, n. 14, p.1-19, 2003. Disponível em: <[http://www.hottopos.com/mirand14/pfc.htm#\\_ftnref1](http://www.hottopos.com/mirand14/pfc.htm#_ftnref1)>. Acesso em: 7 ago. 2013.

DESCARTES, René. *Discurso do método*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--].

DICIONÁRIO PRIBERAM da Língua Portuguesa. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/>>. Acesso em: 7 ago. 2013.

DIJK, Teun A. Van. Cognição e discurso. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE ESTUDOS DO DISCURSO, IX, 2011, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. 1 CD.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegomenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: 1975.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro; FRANCO, Francisco Manoel de Mello; INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS DE LEXICOGRAFIA. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva/ Instituto Antonio Houaiss, 2001. 1 CD-Rom.

MARTINS, Paulo. *Literatura latina*. Curitiba: Iesd Brasil, 2009.

MASSIMI, Marina. A pregação no Brasil colonial. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, jul. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752005000200009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-87752005000200009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 7 ago. 2013.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *A produção textual: revitalizando a pedagogia retórica*. 2010. Tese (inédita de Professor Titular) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

MENDES, Margarida V. Estética e memória no Padre António Vieira. *Colóquio Letras*, n. 110-111, p. 23-33, jul.-out. 1989.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). *Retóricas de ontem e hoje*. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.

NETO, João Cabral de Melo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLANTIN, Christian. Retórica. In: CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

POLITO, Reinaldo. *Como falar corretamente e sem inibições*. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

\_\_\_\_\_. *O jeito simples de falar bem em público*. [s.d.] Disponível em: <[http://www.polito.com.br/portugues/dicas.php?id\\_nivel=15&id\\_nivel2=131](http://www.polito.com.br/portugues/dicas.php?id_nivel=15&id_nivel2=131)>. Acesso em: 7 ago. 2013.

QUINTILIANO. *Institutio Oratoria of Quintilian*. Trad. H. E. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1920. 4 v. (The Loeb Classical Library)

SILVA, Aldalberto Prado e (Coord.). *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil: Cia Melhoramentos de São Paulo, 1986. v. 3.

SIQUEIRA, Ernane Alves; VITORINO, Mônica Valéria Costa. *Probare, delectare, flectere: eloquência e retórica no Pro Murena de Cícero*. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VIEIRA, Antonio. *Sermão da sexagésima*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- ALI, Manuel Said. *Investigações filológicas*. Estudo e organização de Evanildo Bechara. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. *Estrutura narrativa e espaços mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de linguística geral II*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.
- BARBOSA, Severino Antônio M. *Redação: escrever é desvendar o mundo*. 7. ed. Campinas: Papyrus, 1991.
- BRASSI, Sérgio. *Comunicação verbal: oratória, a arte da persuasão*. São Paulo: Madras, 2008.
- BOAVENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BRASIL, André. *Fale bem, fale sempre: oratória sem segredos para você falar bem em público*. São Carlos: Rima, 2003.
- BRETON, David Le. *As paixões ordinárias: antropologia das emoções*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A sociologia do corpo*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CÂNDIDO, Raymundo. *Mensagem aos moços: discurso de paraninfo do professor Raymundo Cândido, na Faculdade de Direito da UFMG/1965*. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.
- CARNEGIE, Dale. *Fale mais eficazmente*. [S.l.]: [s.n.], 1989.
- CASSIN, Bárbara. *Aristóteles e o lógos: contos da fenomenologia comum*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CÍCERO. *De oratore*. Tradução de H. Rackham. Cambridge: Harvard University Press, 1942. 2 v. (The Loeb Classical Library)

\_\_\_\_\_. *Pro Murena*. Tradução de H. M. Hubbell. Loeb Classical Library, 1949.

CÍCERO; FARIA, Ana Paula Celestino; SEABRA, Adriana. *Retórica a Herênio*. São Paulo: Hedra, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CHOMSKY, Noam. *Sobre natureza e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e poder*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DILTS, Robert. *Enfrentando a audiência: recursos de programação neurolinguística para apresentações*. São Paulo: Summus, 1997.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Willian (Org.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FIGUEIREDO, Carlos. *Discursos históricos brasileiros*. Belo Horizonte: Leitura, 2003.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Introdução à linguística I: objetos teóricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2004. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística II: princípios de análise*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008. v. 2.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Lições de texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 1996.

FONTANILLE, Jacques; PORTELA, Jean Cristus. *Semiótica do discurso*. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Loyola, 1996.

FREITAS, Vanessa. *Como impressionar positivamente ao falar em público*. São Paulo: Universo Livros, 2007.

FRITZEN, Silvino José. *Janela de Johari: exercícios vivenciais de dinâmica de grupo, relações humanas e de sensibilidade*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMAN, Carol Kinsey. *A vantagem não verbal: segredos e ciência da linguagem corporal no trabalho*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GUGLIELMI, Anna. *A linguagem secreta do corpo: comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *As funções da retórica parlamentar na Revolução Francesa: estudos preliminares para uma pragmática histórica do texto*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HAACK, Susan. *Filosofia das lógicas*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

HABERMAS, Jurgen; REPA, Luiz Sérgio; NASCIMENTO, Rodnei. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HALLIDAY, Tereza Lúcia. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HAMLIN, Sonya. *Fale claro para que todos entendam: a arte da comunicação para cativar pessoas, destacar-se em reuniões e falar sem inibições*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

HINDLE, Tim. *Como fazer apresentações*. São Paulo: PubliFolha, c1999.

HORÁCIO. *Sátiras*. Rio de Janeiro: Ediouro, [1993].

JÚLIO, Carlos Alberto *et al.* *Superdicas para ensinar a aprender*. São Paulo: Saraiva, 2008.

GOUVÊA JR., Herculano. *Lições de retórica sagrada*. 2. ed. Campinas: M.E.L Gouvêa, 1987.

KOCH, Ingedore Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Coerência textual*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

LARA, Gláucia Muniz Proença. *O que dizem da língua os que ensinam a língua: uma análise semiótica do discurso do professor de português*. Campo Grande: Editora UFMS, 2004.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (Org.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. (Lucerna; 2). v. 1-4.

LÔBO, Nazildes Santos. *Falar em público: experiência de mal-estar na trajetória profissional contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Gêneros: reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Willian; MENDES Emília (Org.). *As emoções no discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. v. 2.

MACHADO, Ida Lucia; SANTOS, João Bosco Cabral dos; MENEZES, Willian Augusto (Org.). *Movimentos de um percurso em análise do discurso: memória acadêmica do Núcleo de Análise*

do Discurso da Fale/UFMG. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

MACHADO, Ida Lucia; CRUZ, Amadeu Roselli; DIAS, Dylia Lysardo (Org.). *Teorias e práticas discursivas: estudos em análise dos discursos*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG: Carol Borges, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique *et al.* (Org). *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MACULAN, B. C. M. S. *Manual de normalização: padronização de documentos acadêmicos do Niteg/UFMG e do PPGCI/UFMG*. 2. ed. atual. e rev. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/normalizacao>>. Acesso em: 7 ago. 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Fenômenos da linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARI, Hugo (Org.). *Categorias e práticas de análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

MARI, Hugo *et al.* (Org.). *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 1999.

MARI, Hugo; MACHADO, Ida Lucia; MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2003. v. 6.

MARIANO, Olto. *Fale em público sem professor*. Belo Horizonte: FAPI, 2004.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; AVRITZER, Leonardo. *A deliberação pública e suas dimensões sociais, políticas e comunicativas: textos fundamentais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MARTIN, Robert. *Para entender a linguística*. São Paulo: Parábola, 2003.

MARTINS, Maria Sílvia Cintra. *Oralidade, escrita e papéis sociais na infância*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MELLO, Edmée Brandi de Souza. *Educação da voz falada*. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Atheneu, 1988.

MELLO, Renato de (Org.). *Análise do discurso e literatura*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2005. v. 8.

MELO, Lélia Erbolato (Org.). *Tópicos de psicolinguística aplicada*. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). *As emoções no discurso*. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 2.

MEYER, Michel. *A retórica*. São Paulo: Ática, 2007.

MIRANDA, Renata. *Expressividade: você e sua imagem - como se comunicar corretamente e deixar a sua marca*. São Paulo: Saraiva, 2008.

MOINE, Donald J.; HERD, John H. *Modernas técnicas de persuasão: a vantagem oculta*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. *Produção textual na universidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

NETO, José Borges. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola, 2004.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Ensino de língua e vivência de linguagem: temas em confronto*. São Paulo: Contexto, 2010.

OTÁVIO, Waldomiro. *Arte de falar: manual prático de retórica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1967.

PASSOS, Isidro; DORNAS, Roberto. *Textos e contextos através dos tempos: pequena antologia comentada e modelos de redação pessoal, formal e oficial*. Belo Horizonte: Speed, 2004.

PAVEAU, Marie-Anne; GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise; SARFATI, Georges Elia. *As grandes teorias da linguística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

PEEL, Malcom. *Aprenda a falar em público*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

PLANTIN, Christian. *A argumentação: história, teorias, perspectivas*. São Paulo: Parábola, 2008.

PLEBE, Armando. *Breve história da retórica antiga*. São Paulo: Edusp, 1978.

POLITO, Reinaldo. *Recursos audiovisuais nas apresentações de sucesso*. São Paulo: Saraiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Superdicas para falar bem: em conversas e apresentações*. São Paulo: Saraiva, 2005a.

\_\_\_\_\_. *Vença o medo de falar em público*. São Paulo: Saraiva, 2005b.

PRETI, Dino. *Estudos de língua oral e escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

RIBEIRO, Lair. *Comunicação global: aumentando sua inteligência interpessoal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. v. 2.

\_\_\_\_\_. *Comunicação global: o poder da influência*. Belo Horizonte: Leitura, 2002.

SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad familiares I, 9, 23*. 2009. 308 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.

SCHIFFMAN, Stephan. *Apresentações poderosas: técnicas que realmente funcionam*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Como vencer um debate sem precisar ter razão: em 38 estratagemas (dialética erística)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

SODRÉ, Hélio. *História universal da eloquência: a ação dos grandes oradores através de todos os tempos*. 3. ed. ampl. Rio de Janeiro: Forense, [19--]. v. 2.

TEIXEIRA, Nelson Carlos. *A sabedoria condensada dos provérbios*. Belo Horizonte: Leitura, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; FINOTTI, Luisa Helena Borges; MESQUITA, Elisete Maria Carvalho de (Org.). *Gêneros de texto: caracterização e ensino*. Uberlândia: Edufu, 2008.

URBANO, Hudinilson. *Oralidade na literatura: o caso de Rubem Fonseca*. São Paulo: Cortez, 2000.

WALTON, Douglas N. *Lógica informal: manual de argumentação crítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. São Paulo: Parábola, 2002.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

WHITNEY, W. D. *A vida da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2010.



## **ANEXO I: Avaliações diagnósticas e finais de alunos do curso Oratória: Fundamentos e Prática do Falar Bem**

### **Questionário utilizado para avaliações diagnósticas**

Caro participante do curso “Oratória: Fundamentos e Prática do falar bem”:

Envio exercícios que permitem ganhar tempo nas aulas e aproveitá-las melhor. Coloque as respostas nesse documento do Word, salve como “SEUNOME SOBRENOME exerc preliminar” e reenvie antes da aula para minhas observações.

Ao receber suas respostas, envio novos comentários EM MAIÚSCULAS ao longo de seu texto e, quando for o caso, seqüência dos exercícios. Se tiver dúvidas, perguntas, quiser responder a algum questionamento ou comentar algo, use sempre o mesmo documento, marcando de alguma forma (**negrito**, MAIÚSCULAS, **realce** ou **cor da fonte**) o que acrescentar, de modo a podermos acompanhar nossas discussões e o processo de reflexão.

Imprima (com meus comentários) e leve às aulas. Bom trabalho!

#### **Exercício 1:**

Responder às seguintes questões:

- 1.1. Quais as minhas expectativas para o curso?
- 1.2. O que espero aprender de prático nesses dias?
- 1.3. Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?
- 1.4. Quais técnicas de oratória conheço e aplico?
- 1.5. Em que circunstâncias sociais acredito na utilidade desse aprendizado para mim?

#### **Exercício 2:**

Refletir sobre as seguintes questões, que serão discutidas em aula.

- 2.1. Quais as funções da linguagem? Para que falamos?
- 2.2. Para que o orador se locomove? A mesma resposta deve ser aplicável às questões: para que o orador gesticula, muda expressões fisionômicas, altera a voz.
- 2.3. Qual a diferença entre TÍTULO, TEMA, IDÉIA CENTRAL e ARGUMENTOS de um discurso? Exemplifique.
- 2.4. Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

#### **Exercício 3:**

Preparar um breve currículo pessoal, com base no qual um colega o apresentaria diante de um hipotético público. Nesse currículo devem constar: titulação, vivências, principais qualidades, gostos, vida familiar e social e um incidente marcante, mas simples, em sua vida.

#### **Exercício 4:**

Escolher uma fábula, historietinha ou parábola para ser contada em 3 minutos. Digitar cada parágrafo ou 3 a 4 linhas da história em cada linha da tabela da página seguinte. Em sala, explicarei os próximos passos.

#### **Exercício 5:**

Escolher um soneto para o exercício de voz. Preferencialmente, decorar. Pesquisar vida e obra do autor, a ser contada antes do poema, em tempo menor que o da declamação. Digitar no formulário próprio, apresentado na página depois da parábola. Gravar e enviar um arquivo sonoro com sua leitura do poema.

#### **Exercício 6:**

Escolher três pensamentos, frases ou provérbios sobre **oratória**, citando autor e obra onde se encontram.

#### **Exercício 7:**

Relacionar dez temas sobre os quais gostaria de proferir discursos, independentemente de conhecimento do assunto, vivência na área ou mesmo aplicabilidade prática. Haverá uma seqüência, que envio oportunamente.

#### **Exercício 8:**

Visite o site [www.reinaldopolito.com.br](http://www.reinaldopolito.com.br) e faça o teste [Você tem habilidade para falar em público?](#) .

Envie o resultado obtido. Se desejar, faça os outros testes, leia os comentários e artigos sobre o tema lá disponíveis.

## Questionário utilizado para avaliações finais

1. Para cada unidade do Curso, definir em quais aspectos mais evoluiu ou quais técnicas aprendeu de modo mais consolidado.
  - a. Introdução à Retórica e aos Estudos da Linguagem
  - b. Aspectos formais
  - c. Aspectos emocionais
  - d. Elaboração do Discurso
  - e. Laboratório (filmagens)
2. O que aplicará de imediato e em que circunstâncias:
3. Aspectos de que mais gostei
  - a. Quanto ao conteúdo
  - b. Quanto à metodologia
4. Aspectos de que não gostei
  - a. Quanto ao conteúdo
  - b. Quanto à metodologia
5. Recomendaria o curso? Por que?
6. Autoriza a utilização de seus exercícios escritos e filmagens em que aparece para produção de material didático e/ou para serem enviados como modelos para novos alunos e/ou mostrados em aulas ou palestras?
7. Avaliação do professor
  - a. Domínio da matéria
  - b. Didática
8. Observações gerais e / ou sugestões:

### Respostas às avaliações diagnósticas e finais de alunos do curso

#### Etiquetas utilizadas:

[C INU]: Cãnone *Inuentio*  
 [C DISP]: Cãnone *dispositio*  
 [C ELOC]: Cãnone *elocutio*  
 [C MEM]: Cãnone *memoria*  
 [C PRON]: Cãnone *pronuntiatio*

[F ACAD]: Finalidade acadêmica  
 [F PROF]: Finalidade profissional  
 [F VIDA]: Finalidade para a vida  
 <em branco> respostas não dadas pelo informante

[ASPEMOC NEG]: ocorrência negativa de aspectos emocionais  
 [ASPEMOC POS]: ocorrência positiva de aspectos emocionais  
 [ASPEMOC NEUT]: ocorrência neutra de aspectos emocionais

Informante 1

#### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
 Obter conhecimentos para aprimorar eventuais apresentações de trabalho [F ACAD] em público.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Ansiedade [ASPEMOC NEG] para falar em público, principalmente diante de pessoas desconhecidas.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Não conheço nenhuma técnica específica e, portanto, nunca as apliquei em uma apresentação.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? <em branco>

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? <em branco>

#### Avaliação final

##### ASPECTOS FORMAIS

Apreendi sobre os conceitos básicos de argumentação [C INU], a tridimensionalidade do discurso. Apreendi sobre a importância da linguagem corporal [C PRON], a postura [C PRON], gestos [C PRON], locomoção [C PRON], semblante [C PRON] e voz [C PRON].

##### ASPECTOS EMOCIONAIS

Apreendi que o homem de bem [F VIDA] poderá proferir excelentes discursos.

##### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Apreendi a importância dos dez passos [C DISP] para um bom discurso

##### MAIS GOSTEI

Textos da apostila.

##### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, porque é um curso que alia a teoria da oratória com a sua prática , além de ser ministrado por um excelente professor.

Informante 2

#### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

No curso de oratória tenho expectativa de melhorar minha postura [C PRON] em apresentações, melhorar o tom de voz [C PRON], aprender a lidar com o nervosismo [ASPEMOC NEG] e perder a timidez [ASPEMOC NEG]. Tenho tido problemas [ASPEMOC NEG] na faculdade [F ACAD] e muita dificuldade [ASPEMOC NEG] no trabalho [F PROF] , pois meu tom de voz [C PRON] é muito baixo e sou bastante tímida [ASPEMOC NEG] então juntando os dois o nervosismo [ASPEMOC NEG] fica incontrolável [ASPEMOC NEG] e acabo não conseguindo me expressar como gostaria. Além de uma boa apresentação quero aprender a lidar com situações de improviso , pois sou péssima [ASPEMOC NEG] nisto.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Sou muito tímida [ASPEMOC NEG] e minha voz é baixa [C PRON], então quando me pedem para falar mais alto [C PRON] perco o controle [ASPEMOC NEG] sobre o meu estado emocional e o nervosismo [ASPEMOC NEG] toma conta de mim. Acho que posso vencer a timidez [ASPEMOC POS], mas para isso tenho que conseguir falar mais alto [C PRON].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Aprendi que para uma boa apresentação é preciso dominar o conteúdo [C INU] da palestra e preparar os recursos (slides, transparências , equipamento de som, etc.) de forma que o manuseio seja fácil. Para diminuir a ansiedade [ASPEMOC POS] e o nervosismo [ASPEMOC POS] ter em mãos um objeto pequeno [C PRON], como uma caneta [C PRON], por exemplo, para não ficar movimentando [C PRON], demais e confundir público, ter em mãos também um pequeno papel com tópicos [C MEM], que ajudem a lembrar [C MEM] o conteúdo [C INU] da palestra.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Segundo Wikipédia as funções de linguagem são recursos de ênfase que actuam segundo a intenção do produtor da mensagem, cada qual abordando um diferente elemento da comunicação. Essa funções podem ser emotiva ou expressiva, referencial ou denotativa, apelativa ou conativa, fática, poética e metalinguística. Falamos para expressar nossos sentimentos [ASPEMOC N] ou transmitir uma mensagem a alguém.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Sabedoria – falar com firmeza e saber responder dúvidas do público. Persuasão – conseguir convencer o público sobre o assunto tratado, ganhar – confiança. Controle Emocional –

#### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Aprendi que devemos nos portar de forma ereta [C PRON] diante do público, desta forma evitamos passar para ele nossos aspectos emocionais [ASPEMOC POS] e que nossa postura [C PRON] será ainda mais marcante se soubermos colocar algum sentido [C INU].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Cheguei à conclusão que por mais que esteja insegura [ASPEMOC NEG] ou nervosa [ASPEMOC NEG] devo enfrentar [ASPEMOC POS] a tribuna, quanto a passar para o público este nervosismo, devemos nos conter [ASPEMOC POS] para que não seja percebido. Aprendi que devemos nos portar de forma ereta [C PRON] diante do público, desta forma evitamos passar a ele nossos aspectos emocionais [ASPEMOC POS] e que nossa postura [C PRON] será ainda mais marcante se soubermos colocar algum sentido [C INU].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

A elaboração do discurso [C DISP] deve ser feita com dedicação, lembrando sempre qual será o tipo de discurso [C INU] e qual a mensagem principal [C INU] para não atrapalhar na assimilação do público. O discurso [C INU] possui várias partes que devem ser elaboradas [C DISP] uma a uma para enriquecer a mensagem [C INU] e prestigiar o público.

MAIS GOSTEI

O conteúdo do curso é muito abrangente, nos mostra desde a fala [C ELOC] , como falar [C ELOC], por que [C INU] e várias formas [C ELOC] que devemos observar para enriquecer nossa fala [C INU].

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque me agradou muito fazê-lo e achei ser uma curso que todos nós deveríamos fazer, independente da carreira profissional [F PROF]; todos deveriam buscar melhorar nossa comunicação.

Não falar rápido [C PRON] (demonstrando nervosismo [ASPEMOC POS] e nem devagar [C PRON] demais (demonstrando insegurança [ASPEMOC POS]).

#### Informante 3

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Vencer a timidez [ASPEMOC POS] de falar para grandes públicos e aprender a fazer apresentações com naturalidade .

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Fico um pouco nervoso [ASPEMOC NEG], preocupado [ASPEMOC NEG] com o momento da apresentação, e isso reflete um discurso um tanto superficial...tipo 'decorado'. [C MEM]

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Se aplico alguma técnica é intuitivamente, e portanto, não sei dizer qual tipo de técnica aplico.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
A linguagem serve para levar uma mensagem, trocar ideias, nos informar, formar opiniões. É para isso que falamos e tentamos dominar a melhor forma da língua. As funções da linguagem são: Emotiva (usa a subjetividade), Apelativa (o emissor atua sobre o receptor afirmando de que assumo determinado comportamento, para isso usa-se muito verbos no imperativo. O objetivo é convencer), metalinguística (a língua fala da própria linguagem), informativa ( o emissor informa o receptor de alguma realidade), fática (pretende conseguir e manter a atenção dos interlocutores, muito usado em discursos), poética ( embeleza a língua através de figuras de estilo, palavras belas, etc).  
Seres humanos falam para expressar em geral seu sentimento, informar = nos informar, convencer, = formar opiniões emocionar os ouvintes, discutir ideias = trocar ideias, obter admiração, ser apoiado por uma causa.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Admiro a naturalidade e habilidade de lidar com um grande público, conquistando atenção, opinião e admiração .

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Ninho de gestos [C PRON]. Entrar [C PRON], sair [C PRON]., permanente equilibrando [C PRON] sobre os dois pés e centralizar [C PRON].

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Trabalhar a ansiedade [ASPEMOC POS] e tornar a fala mais expressiva [C ELOC]. Noção de competência x incompetência

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
Ótimo. As diferentes partes: Exórdio [C DISP], desenvolvimento [C DISP], peroração [C DISP]. As etapas [C DISP] destas partes são muito interessantes e faz com que se torne fácil a sequência proferida [C DISP].

MAIS GOSTEI  
Apostila excelente. Muitos trechos bons.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Sim, porque faz de fato aprender.

#### Informante 4

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Espero melhorar a minha expressão verbal [C PRON] tornando-a clara [C ELOC], tornar minha fala mais agradável aos ouvintes e principalmente adquirir técnicas de persuasão [C INU] com a fala.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Péssimo, tenho vergonha [ASPEMOC NEG] de falar em

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Hoje, consigo aplicar de maneira consciente os aspectos formais, como postura [C PRON], posição do pé [C PRON], gestos pensados [C PRON]. Além do caminhar [C PRON] para produzir sentidos [C INU]. Sobretudo, pensar como produzir sentidos [C INU].

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Nossas emoções [ASPEMOC NEUT] são expressas pelo

público e além disso sinto que muitos não acreditam no que eu falo devido a forma como eu falo [C PRON], com insegurança [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Gesticulação [C PRON] das mãos tentar mudar o tom de voz [C PRON] durante a fala, Postura [C PRON], fixar os olhos [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Para nos comunicarmos, falamos para sobreviver e para facilitar nossas ações

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? O tom de voz suave [C PRON] e a maneira como fixa a atenção. Através da mudança do tom voz [C PRON], da dinâmica [C PRON] com que apresenta. Consegue ser sério e ao mesmo tempo divertido.

corpo. Com o curso aprendi a trabalhar de fora para dentro ou seja portar de forma segura para ser seguro [ASPEMOC POS]. Além de treinar para se tornar menos ansioso [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Como organizar [C DISP] um discurso, o que fazer na escrita para tornar o texto e/ou discurso mais atrativo a importância do exórdio [C DISP], da afirmação [C DISP], do desenvolvimento [C DISP] e da conclusão [C DISP]. Como tornar o discurso eficaz .

MAIS GOSTEI

O conteúdo é muito mais do que eu esperava e a apostila é muito rica.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque o curso ajuda de diferentes formas emocionais [ASPEMOC POS], intelectuais [C INU]. Tem muitas dicas , muitos textos. Ajuda a nos vender.

Informante 5

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Apresentaram-me um curso sério e árduo, espero que isso se concretize para que eu possa adquirir e melhorar meus conhecimentos na área.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Como já dei algumas palestras e fui líder de um grupo de jovens, não tenho tanta timidez [ASPEMOC POS] ao falar em público. Mas preciso aprender a técnica certa de oratória (a minha é natural, de improviso), fazendo com que os ouvintes fiquem interessados no assunto que estou abordando e tentando transmitir a mensagem [C INU] com vigor e personalidade .

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Conheço poucas técnicas , basicamente para controlar a ansiedade [ASPEMOC POS]: falar pausadamente [C PRON], respirar fundo [C PRON], olhar para o centro da parede [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A comunicação é necessidade de sobrevivência [F VIDA], nós falamos para resolver situações [F VIDA], demonstrar vontades , nos fazer entender .

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Admiro principalmente a segurança [ASPEMOC POS] e a suavidade com que o orador discursa sobre determinado tema, interagindo e prendendo a atenção do público , com poder de convencimento não forçado. Oradores assim são mais engraçados , bem humorados , carinhosos e consequentemente mais queridos pelo público

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Postura [C PRON], vestuário [C PRON], técnicas de persuasão [C INU], de atenção , de descanso para as mãos [C PRON] e pés[C PRON], etc.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Autoestima [ASPEMOC POS], técnicas de relaxamento [ASPEMOC POS] estruturação do discurso [C INU].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Como iniciar e finalizar o discurso deixando a ideia mãe gravada na mente dos ouvintes.

MAIS GOSTEI

Muitos truques realmente eficientes para o domínio da tensão [ASPEMOC POS] e da Retórica .

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Talvez, depende do perfil da pessoa.

Informante 6

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Espero melhorar minha capacidade de falar em público.	ASPECTOS FORMAIS Ninho de gestos [C PRON].
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Não tenho muita segurança [ASPEMOC NEG] para falar em público mesmo quando domino o assunto. Fico muito ansiosa [ASPEMOC NEG] antes das apresentações. Com isto, acabo falando mais rápido [C PRON] do que deveria.	ASPECTOS EMOCIONAIS Acho que a consolidar os aspectos formais [C PRON], conseguir controlar melhor minha ansiedade [ASPEMOC POS].
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Procuro preparar com antecedência [C INU] o que será apresentado. Memorizo [C MEM] a maior parte do assunto para não apresentar slides com textos extensos [C MEM].	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Antes de fazer este curso, eu não sabia elaborar o discurso [C DISP], organizar o pensamento passo a passo [C DISP]. Com ele, aprendi cada fase [C DISP].
Quais as funções da linguagem? Para que falamos? A linguagem tem como função a comunicação com outras pessoas, a expressão de pensamentos, opiniões. Falar é uma forma de expressão .	MAIS GOSTEI Aspectos formais [C PRON].
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? As virtudes que admiro em um bom orador são a calma [ASPEMOC POS], clareza [C ELOC] ao passar a mensagem. Isso pode ser percebido quando o orador não se utiliza de anotações [C MEM], não se prende a slides [C MEM] e interage com o público.	RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim, porque para expressar bem pensamentos, opiniões, é preciso saber elaborar um discurso [C DISP] e falar com clareza [C ELOC]. O curso nos auxilia muito nesses aspectos.

Informante 7

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Minhas expectativas para o curso giram em torno do aprimoramento de minha comunicação , tanto para questões profissionais [F PROF] como pessoais [F VIDA]. Atualmente, fala-se da qualidade de saber demonstrar o mesmo conteúdo [C INU] para públicos diferentes, sempre com foco no interlocutor. Com esse intuito, e visando aplicar conhecimentos de oratória tanto na advocacia como no magistério [F PROF], pretendo aperfeiçoar minha capacidade comunicativa , para convencer e para negociar posições conflitantes .	ASPECTOS FORMAIS Aprendi seus diversos aspectos , que certamente me ajudará muito para proferir um discurso.
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Minha habilidade em oratória varia de acordo com a minha preparação [C INU] para determinada exposição. Não sou capaz de improvisar quando preciso demonstrar novos argumentos [C INV], uma vez que sempre ensaio [C MEM] o conteúdo a ser apresentado para o público.	ASPECTOS EMOCIONAIS Foram abordados de maneira genérica, por ser curso de 20 horas.
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? As técnicas de oratória que conheço e aplico são a gesticulação [C PRON] e chavões [C ELOC]. Apesar de saber que a entonação da voz [C PRON] e a capacidade de improviso compõem também a técnica de	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Foi tratado com propriedade principalmente na parte de delimitação do tema [C INU].
	MAIS GOSTEI Os aspectos formais [C PRON], tendo em vista que indicam e reforçam o conteúdo a ser transmitido [C INU].
	RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Recomendaria o curso porque nele é demonstrado de forma objetiva, quais os fatores envolvidos na oratória e como aprimorar seus diversos aspectos.

oratória , ainda não sou capaz de utilizá-las constantemente.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A linguagem tem a função de transmitir ideias [C INU], basicamente. É por meio dela que podemos organizar a sociedade, para a consecução de fins diversos. A linguagem também auxilia na organização de "segmentos" diferentes em âmbito social ou econômico. Nesse sentido, a linguagem também auxilia no desenvolvimento das organizações com funções diversas.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Um bom orador é aquele que consegue transmitir a mesma ideia [C INU] a públicos diferentes; é também aquele que tem a capacidade de persuasão e convencimento . Os comportamentos que transparecem tais qualidades são o encadeamento lógico de ideias [C DISP], não necessariamente por meio da dialética, mas por meio de comunicação estruturada [C DISP], e com atenção ao contexto dos interlocutores . Além disso, outra qualidade de um bom orador é a flexibilidade quanto aos próprios conceitos que pretende apresentar, para aperfeiçoar constantemente seu conhecimento .

#### Informante 8

##### Avaliação diagnóstica

##### Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

A expectativa é ótima e abrange principalmente adquirir mais equilíbrio emocional [ASPEMOC POS] para falar em público.

ASPECTOS FORMAIS

Melhora geral na postura [C PRON], colocação adequada das mãos [C PRON] e coluna ereta [C PRON].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Muito ruim .

ASPECTOS EMOCIONAIS

Grande melhora no aspecto emocional [ASPEMOC POS]. As técnicas ajudaram muito e no dia "D" tive apenas uns 30% de tensão [ASPEMOC POS] do que eu teria normalmente. [ASPEMOC NEG]

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

A única que conheço é a de não olhar [C PRON] diretamente para o público.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Deixei a desejar na elaboração do discurso [C DISP]. Não fiz refutação [C DISP], esqueci de colocar a ideia central [C INU] no momento adequado [C DISP]. Pretendo aprimorar.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A função principal da linguagem é a inserção do ser humano na cultura. Falamos para dar prosseguimento à civilização, falamos para sermos humanos. Não houvesse fala e seríamos espécie animal equiparada às demais, para o mal e para o bem.

MAIS GOSTEI

Conteúdo muito rico e variado.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

Em primeiro lugar, conhecimento [C INU] do que se fala. Depois, segurança [ASPEMOC POS]. Carisma e comprometimento .

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Recomendo de olhos fechados, porque aprender a falar em público não é somente um aprendizado a mais. Integra o desenvolvimento humano [F VIDA] como um todo. Deveria ser matéria obrigatória nas escolas [F ACAD], para a demanda do mundo atual.

Comportamentos: tranquilidade [ASPEMOC POS], firmeza [ASPEMOC POS], bom humor [C ELOC], ilustrações, entusiasmo [C ELOC], amor ao tema [C INU].

Informante 9

Avaliação diagnóstica

Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

Espero melhor comunicação com meus clientes [F PROF] e com as pessoas de uma maneira geral [F VIDA], quero ter habilidades para fazer reuniões [F PROF], falar ao telefone [F VIDA] e um poder de persuasão maior .

ASPECTOS FORMAIS

Ninho de gestos [C PRON], locomoção (tempo) [C PRON], gestos (formas concretos para gesticular) [C PRON], postura (como fica diante do público para não chamar atenção) [C PRON].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Quando fico nervosa [ASPEMOC NEG] ou ansiosa [ASPEMOC NEG] percebo que me complico ao falar às vezes coisas que tenho domínio [C INU].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Expressões fisiológicas, conhecimento de si mesmo [ASPEMOC NEUT], seus valores [ASPEMOC NEUT], crenças [ASPEMOC NEUT].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Nenhuma.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO [C DISP]

10 etapas:

1 vocativo, [C DISP]

2 Questões de ordem, [C DISP]

3 Proposição, [C DISP]

4 Afirmação, [C DISP]

5 Confirmação, [C DISP]

6 refutação, [C DISP]

7 Anúncio do fim, [C DISP]

8 Recapitulação, [C DISP]

9 Re-afirmação, [C DISP]

10 Fecho de ouro. [C DISP]

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? Comunicação. Para sobrevivermos [F VIDA].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? O poder da argumentação e da persuasão . A facilidade em falar com propriedade .

MAIS GOSTEI

Gostei muito dos exercícios práticos, exercícios escritos, a maneira de explicar oratória dentro da nossa realidade.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Para pessoa quebrar paradigmas e ter mais segurança [ASPEMOC POS] em si mesmo.

Informante 10

Avaliação diagnóstica

Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

As minhas expectativas em relação ao curso são as melhores possíveis, como não ficar [ASPEMOC POS] tensa [ASPEMOC NEG], e às vezes insegura [ASPEMOC NEG] antes de falar em público; pois muitas vezes tenho domínio do assunto [C INU] mas dependendo dos ouvintes ou até mesmo das minhas fraquezas [ASPEMOC NEG] em relação ao tema, sinto não ter atingido [ASPEMOC NEG] o interesse e as expectativas do público.

ASPECTOS FORMAIS

Aprendi o "ninho de gestos" [C PRON], mas tenho que aprimorar quanto gestos [C PRON], movimentos condizentes com o discurso [C PRON].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Sinto que melhorei quanto ao nervosismo [ASPEMOC POS], mas ainda tenho que controlar a ansiedade [ASPEMOC NEG].

Espero aprender dicas de como convencer a plateia mesmo não tendo total domínio do assunto de modo que, o publico ouvinte não se canse e sinta-se "preso " e convincente em relação a minha fala.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Quanto a elaboração [C INU] pude desenvolver o que mais ansiava aprender, a questão da objetividade [C ELOC]; através do roteiro [C DISP] para elaborar o discurso, aprimorei através de algumas técnicas a possibilidade de ser objetiva [C ELOC], clara [C ELOC], sem muito rodeios [C ELOC].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Do ponto de vista emocional, como já respondido na questão

MAIS GOSTEI



número um, dependendo da plateia, ou melhor, se, como educadora [F PROF], estiver falando para um público de educadores [F PROF], sinto-me mais cobrada, ou seja, devo ter domínio e segurança ao proferir meu discurso, portanto o meu equilíbrio emocional fica mais abalado [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Tendo chamar a atenção do público através de gesticulações [C PRON], da interatividade, ou seja, convido, faço uma interlocução [C ELOC], pois acredito que, quando os ouvintes participam, a palestra, a apresentação torna-se mais atrativa.

As circunstâncias sociais têm importância para mim, primeiramente, porque estou convicta que o investimento que estou fazendo condiz com o que sou o que pretendo ser e como pretendo atuar, ou melhor, agir daqui para frente até mesmo fazer uma reflexão: antes e depois do curso.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
Uma das funções da linguagem é proporcionar a comunicação entre os indivíduos; falamos por que somos uma sociedade evoluída e quando adquirimos a fala nos tornamos seres sociais, portanto, necessitamos da comunicação como meio de sobrevivência [F VIDA].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Ter a perspicácia de perceber os anseios do público e falar, escolher a forma de proferir [C ELOC] o discurso de acordo com os interesses e expectativas dos ouvintes; e principalmente ser convincente.

Ninho de gestos [C PRON], elaboração do discurso [C DISP], adequar os gestos [C PRON] e movimentos ao discurso [C PRON].

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque expressar-se diante de um público é exercer cidadania [F VIDA], e expressar-se bem, com clareza [C ELOC], objetividade [C ELOC], segurança [ASPEMOC POS], requer um aprendizado de oratória.

#### Informante 11

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso? Através de textos, peças processuais, pareceres que são as formas de comunicação do advogado [F PROF]. Tenho a expectativa de aprender as técnicas de oratória a fim de expressar com a mesma qualidade em tal modalidade de expressão.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?  
Péssima.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Nenhuma.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
Comunicação, expressão, relacionamento [ASPEMOC NEUT].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
As virtudes que admiro em um bom orador são, basicamente, a clareza [C ELOC] na articulação das ideias [C DISP] e forma de ressaltar a ideia principal [C DISP].

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Sem dúvida a postura [C PRON] perante o público evoluiu significativamente. A gesticulação [C PRON], o ninho de gestos [C PRON] e a locomoção [C PRON] são aspectos que não existiam e tendem a tornar-se naturais. Não conhecia a técnica de ninho [C PRON] ou de locomoção [C PRON], aspecto que acrescentou muito.

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Achei extremamente válida o esclarecimento sobre as fases da competência e a constatação que somente o estudo [T FUND] e a prática [T PRÁT] me tornarão a cada dia um melhor orador.

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Os dez passos de elaboração [C DISP] do discurso estavam presentes discretamente quando falava em público. Contudo, de forma roteirizada [C DISP], facilita a elaboração [C DISP] e o raciocínio do orador [C INU].

###### MAIS GOSTEI

Sempre me preocupei mais com o conteúdo da mensagem [C INU] do que com a forma [C PRON] da apresentação. Porém, a forma [C PRON] agora, aprendi faz com que o conteúdo [C INU] seja aprendido melhor. Nunca usei um exórdio [C DISP] com a intenção de aguçar a curiosidade pelo menos não intencionalmente. Foi o que mais gostei.

#### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Em fazer da evolução rígida a prática dos alunos na oratória e na segurança [ASPEMOC POS] passada pelo professor que incentiva o aluno.

#### Informante 12

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Tenho várias expectativas em relação a esse curso. Sou dentista, especialista em Endodontia e finalizei meu mestrado em Administração de Empresas há três meses. Já lecionei [F PROF] minha primeira aula e percebi que, apesar de não ter muita dificuldade de falar em público, possuo alguns vícios de linguagem [C ELOC], postura [C PRON], além de falar um pouco rápido [C PRON]. Tenho a expectativa de corrigir o quanto antes esses erros e também penso que com o curso, poderei ministrar [F PROF] aulas e palestras com mais tranquilidade [C ASPEMOC POS D] e competência.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Acho que falo bem em público, apesar de ter consciência de que preciso melhorar em determinados pontos. Também sou músico [F PROF] e, por estar em cima do palco há algum tempo de frente ao público, já tenho um pouco de facilidade para me expressar e dizer o que preciso. Em relação ao emocional, fico tranquilo [ASPEMOC POS], apesar de ficar nervoso [ASPEMOC NEG] em situações novas e diferentes, principalmente no início do discurso [C DISP] .

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Não conheço nenhuma técnica de oratória específica. Apenas suponho que existem pontos cruciais para ser um bom orador, tais como: olhar [C PRON] nos olhos do ouvinte para passar credibilidade; saber ouvir e falar com convicção [C ELOC]; ter a postura [C PRON] correta que auxilia na credibilidade e segurança [ASPEMOC POS] percebida pelas pessoas; além de saber falar em um tom não tão alto nem tão baixo [C PRON], com tranquilidade [ASPEMOC POS]. Mas sei da importância que tem as técnicas específicas de oratória e pretendo conhecê-las para poder aplicá-las com sucesso.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A linguagem possui várias funções, mas a principal é a comunicação entre seres vivos. Existem alguns tipos de linguagem, como linguagem verbal (fala) [C INU], corporal [C PRON], sonora [C PRON], entre outros. Nós falamos para nos expressar , podendo assim ser compreendidos. É uma função

##### Avaliação final

#### ASPECTOS FORMAIS

Ninho de gestos [C PRON] (Esta postura me ajudou bastante, pois não tinha ideia de como me portar adequadamente em relação ao público.)

#### ASPECTOS EMOCIONAIS

Tranquilidade [ASPEMOC POS] durante o discurso (tenho mais tranquilidade ao falar mais, falar em público, após o curso, pois antes parecia estar mais nervoso [ASPEMOC NEG])

#### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Todo o processo de elaboração do discurso [C INU] foi muito bem assimilado (a pontos). Desta forma aprendi a iniciar [C DISP], desenvolver [C DISP] e encerrar [C DISP] um discurso de maneira correta e que irá facilitar ainda mais a compreensão da mensagem por parte dos ouvintes.

#### MAIS GOSTEI

Conteúdo de fácil acesso e compreensão. Apostila de fácil entendimento. Utilizando de autores sem iguais na área de sua importância.

#### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Não tinha ideia da quantidade de minúcias que existem ao falar e o curso proporciona o conhecimento e o aprendizado dessas minúcias. O curso foi de muita valia.

natural dos seres vivos para que sejamos entendidos e que possamos entender o que as outras pessoas têm a dizer.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Admiro algumas virtudes em um bom orador, tais como: tranquilidade [ASPEMOC POS] na fala, falando pausadamente [C PRON] e com entonação [C PRON]; ter presença e saber fazer os outros captarem e entenderem o conteúdo do discurso; saber gesticular [C PRON] na hora certa; saber sair de situações e perguntas desconfortáveis ; empatia com o público ; ser convincente ; mostrar que sabe o conteúdo [C INU]; prender a atenção das pessoas durante o tempo do discurso .

Consigo perceber tais comportamentos em um bom orador quando presto a atenção e me interesso pelo discurso que está sendo realizado, // quando percebo que as outras pessoas estão interessadas no discurso e entendendo o conteúdo e quando o orador é cumprimentado após seu discurso, recebendo elogios.

#### Informante 13

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Adquirir uma postura [C PRON] mais profissional, elegante e convincente diante de um público seletivo, especialmente em eventos de maior relevância, como em mesas redondas [F PROF], seminários [F PROF], debates [F PROF], reuniões e comissões acadêmicas [F ACAD].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Razoável e relativa, dependendo da natureza do evento. Eu explico. Como professora universitária há alguns anos, avalio minha postura [C PRON] e segurança diante dos alunos como tranquila [ASPEMOC POS] e segura [ASPEMOC POS], justificável pela própria hierarquia acadêmica. Entretanto, diante de profissionais do mesmo nível ou de maior titulação, ainda que passe despercebido aos olhos dos meus colegas (ou não!) tenho receio [ASPEMOC NEG] de atropelar as palavras [C PRON], de não me fazer objetiva [C ELOC] e de me perder nas minhas colocações [C INU]. Gostaria de falar com mais naturalidade [ASPEMOC NEG] e serenidade [ASPEMOC NEG] nessas situações. Saber também o momento mais adequado para falar e quando devemos apenas ouvir. Será que o curso de oratória poderia ser um primeiro passo para esse objetivo? Ou devo procurar outros recursos, terapias para trabalhar o auto-domínio [ASPEMOC NEUT] e auto-confiança [ASPEMOC NEUT]?

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Nunca participei de qualquer curso de oratória. Não conheço as técnicas.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Locomoção [C PRON], conhecimentos sobre tipos e recursos na utilização dos gestos [C PRON].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Muito bom aprender a valorizar o que temos de melhor e saber que não há um orador perfeito. O melhor é aquele que incorporou em seu inconsciente: "sou um grande orador e as pessoas se encantam com minhas palavras."

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Aprender o que é a ideia central [C INU]: Fará toda diferença para a elaboração [C DISP] de minhas próximas palestras.

MAIS GOSTEI

Aspectos formais; [C PRON]

Fases da competência;

Aspectos emocionais. [ASPEMOC POS]

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Além de seu carisma e excelente didática [C COMPET], o conteúdo do curso se aplica à diversas circunstâncias especialmente no meio em que trabalho.

- Expressão de sentimentos e desejos [ASPEMOC NEUT], questionamentos, pensamentos [ASPEMOC NEUT].
- Instrumento universal para a divulgação de ideias e transmissão de conhecimentos
- Comunicação interpessoal e intercultural.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? A tranquilidade [ASPEMOC POS] ao falar, o equilíbrio [ASPEMOC POS] entre a simpatia [C ELOC], o humor [C ELOC] e a seriedade [C ELOC]; o domínio de conteúdo [C INU], a capacidade de contextualização do tema [C DISP], a coerência [C INU] e sequencia lógica de ideias [C DISP], a capacidade de síntese [C INU] sem a obrigatoriedade do apoio audiovisual [C MEM], a perfeita distribuição do tempo [C DISP], sem excessos.

#### Informante 14

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Pretendo por meio deste curso, conhecer e aprender como aplicar as técnicas da oratória, visando minimizar, por consequência, as influências negativas que a tensão [ASPEMOC NEG], ansiedade [ASPEMOC NEG], tom de voz [C PRON], gestos [C PRON] em excesso ou falta deles, podem acarretar negativamente nas minhas explicações. Aprender como usar de forma implícita as técnicas da oratória para que me forneçam suporte para ter confiança [ASPEMOC POS] para passar a mensagem de forma clara [C ELOC] e objetiva [C ELOC].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Fico nervoso [ASPEMOC NEG], entretanto, quanto mais me preparo, ou seja, me aprofundo sobre o assunto [C INU] que vou dizer passo a me sentir mais confiante [ASPEMOC POS], contudo, preocupações [ASPEMOC NEG] que são relacionadas às técnicas da oratória persistem em me deixar tenso [ASPEMOC NEG], tendo em vista que não as conheço.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Acho que não sei muito sobre técnicas de oratória, mas nas minhas apresentações tento não gesticular [C PRON] muito, e nem ficar segurando algo [C PRON] que possa transparecer o meu nervosismo [ASPEMOC NEG] como por exemplo: folha e caneta; me preocupo [ASPEMOC NEG] em não ficar apoiando sobre uma perna só [C PRON], e não olho direto nos olhos dos ouvintes [C PRON], procuro um ponto neutro geralmente a parede no fundo do auditório [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Acredito que a linguagem estabelece a comunicação e falamos para podermos ser compreendidos e para trocar experiências e conhecimentos.

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Aprendi a me posicionar [C PRON] diante do público, a possuir uma postura [C PRON] que passa confiança [ASPEMOC POS], tranquilidade [ASPEMOC POS] e serenidade [ASPEMOC POS]. Fazendo, quando necessário gestos [C PRON] e movimentos de forma objetiva [C PRON].

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Aprendi a conviver com as minhas emoções [ASPEMOC POS] a me lidar com elas de forma a não deixar que tomem conta de mim [ASPEMOC POS], como por exemplo: ansiedade. Eu sempre terei [ASPEMOC NEG], mas sei controlá-la [ASPEMOC POS] e conviver com ela [ASPEMOC POS].

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Aprendi a desenvolver o foco [C INU] e a técnica, o tema [C INU] que irei falar. A desenvolver [C DISP] o discurso de maneira objetiva [C ELOC] e que possa só no final [C DISP] transmitir a minha ideia central [C INU]. Passei a usar estes passos [C DISP] na elaboração do discurso, pois percebi que têm participação fundamental em um discurso coerente [C INU] e objetivo [C ELOC].

###### MAIS GOSTEI

Os fundamentos da postura [C PRON], voz [C PRON], gestos [C PRON], locomoção [C PRON], postura [C PRON]. Estes por terem relação direta a exposição física, contudo, gostei também de aprender a elaboração do discurso [C DISP], saber trabalhar o ambiente e ter um público favorável.

###### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Com certeza recomendaria o curso porque para mim ele foi um divisor de águas, por ter me possibilitado conhecer técnicas "simples" que fazem toda a diferença para uma ótima apresentação. Desde a elaboração do discurso [C DISP], passando pelo ambiente até a apresentação [C PRON].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Admiro o orador que não se destaca mais que a mensagem; percebo isso quando o orador não gesticula [C PRON] demais, não fala nem alto e nem muito baixo [C PRON], não fala embolado [C PRON]. E quando consegue desenvolver um raciocínio lógico [C DISP] e persuasivo para apresentação. Acredito que o orador chega neste nível por meio do trabalho feito antes da própria apresentação [C INU], ou seja, houve um estudo sobre o quê apresentar [C INU] , como apresentar [C PRON] e sem esquecer-se de levar em consideração para quem será apresentado.

Informante 15

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

R: As expectativas são aprender a me expressar melhor frente ao público desconhecido, passando sempre credibilidade .

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

R: Às vezes me sinto um pouco acanhado [ASPEMOC NEG] para falar com o público, primeiro pela minha idade e pelo fato de ter que falar para pessoas bem mais maduras e vividas. Idade.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

R: Falar em bom tom [C PRON] e com clareza [C ELOC], Sempre olhar [C PRON] para frente e nunca para baixo, evitar gesticular [C PRON] bastante.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Transmitir ao público alguma mensagem. Para nos expressarmos, dizermos o que sentimos [ASPEMOC NEUT] ou vemos, para compartilhar ideias [C INU].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

R: A presença, a forma [C PRON] com que ele fala, seu tom de voz [C PRON]; não tropeçar nas palavras [C PRON], dominar o assunto tratado [C INU].

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

A postura ereta [C PRON], se está com os braços curvados [C PRON], dentro dos bolsos [C PRON], estar sempre de cabeça erguida [C PRON], nunca para baixo [C PRON].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Aprendi no decorrer do curso que os aspectos emocionais contam muito [ASPEMOC POS] para que se consiga trazer o público mais próximo do orador. Aspectos formais como experiência de vida [C INU] do palestrante vivências [C INU] que os participantes gostem de ouvir.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

O discurso deve ser elaborado visando os participantes da palestra, o seu grau social, seus conhecimentos em gerais, deve ser elaborado de forma clara [C ELOC] e objetiva [C ELOC], sem ler muito [C PRON], ter autoconhecimento [C INU] sobre o tema abordado.

MAIS GOSTEI

Conteúdo bem amplo com vários exemplos, uma boa diversidade de conteúdo, abordando vários temas e o porquê [FUND] destes.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, pois abre um leque de opções que nunca veremos se não possuímos os conhecimentos adequados como: postura [C PRON], vestimentas [C PRON], conhecimento do público e da palestra [C INU].

Informante 16

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as funções da linguagem? Para que falamos? <EM BRANCO>	ASPECTOS FORMAIS Apreendi como me compenetrar diante de um público.
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Na minha visão, um bom orador deve cativar, se relacionar e interagir com a plateia. Além disso, deve estar preparado e conhecer amplamente [C INU] o tema central do discurso (saber o que vai falar).	ASPECTOS EMOCIONAIS Penso que o curso me ajudou a controlar os sentimentos [ASPEMOC POS], tentando passar para o público mais tranquilidade [ASPEMOC POS].  ELABORAÇÃO DO DISCURSO Apreendi a refletir mais sobre as ideias [C INU], além dos elementos a serem usados .  MAIS GOSTEI A divisão como foi feita da matéria a ser estudada.  RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim, pois os ensinamentos que nos foram passados acrescentaram em muito na melhora da minha oratória.

#### Informante 17

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Não tenho muita noção sobre o que esperar do curso. Não sei como é a dinâmica e não conheço ninguém que tenha feito. Espero, de modo geral, a me expressar de forma mais clara [C ELOC].	ASPECTOS FORMAIS A postura corporal [C PRON] e o modo de se portar [C PRON] frente ao público. Posição dos pés [C PRON] e locomoção [C PRON] para produzir sentido [C INU] em relação àquilo que se pretende transmitir.
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Não tenho muitas dificuldades para falar em público no que tange aspecto emocional [ASPEMOC POS], porém acredito que gesticulo [C PRON] muito e, às vezes, falo rápido demais [C PRON].	ASPECTOS EMOCIONAIS Como dar o sentido adequado [C INU] a um respectivo discurso de modo que demonstre, de forma clara [C ELOC], a intenção do discurso [C INU]. Diferença entre fala memorizado [C MEM] e pensada [C INU].
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Não as conheço.	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Elaborei um discurso tendo em vista todo um pré-planejamento [C INU]. Contracenar de forma coesa [C DISP] as ideias [C INU] e atribuir significado [C INU] ao discurso tendo em vista as suas finalidades .
Quais as funções da linguagem? Para que falamos? As funções da linguagem são: interagir com o próximo, de modo a socializarmos de maneira coerente, lógica e transmitir nossos pensamentos e ideias [C INU]. Falamos para que possamos compreender os outros, bem como relacionarmos .	MAIS GOSTEI Em branco. RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim. Porque é uma maneira útil e eficaz de aprimorar a Retórica, de modo que somente a partir do curso pude ter consciência da minha postura [C PRON], meus conhecimentos [C INU] sobre o assunto. Aprimoramento do saber da oratória .
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Um bom orador deve ser capaz de se expressar de maneira coerente [C INU] e sucinta [C ELOC] seu ponto de vista ou aquilo pelo qual se propôs a falar, evitando <b>procrastinação</b> . O orador que consegue ter sensibilidade para utilizar os recursos linguísticos da melhor forma, tendo em vista o perfil do público alvo.	

Informante 18

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
 Pretendo obter maior desenvoltura ao falar perante uma plateia, de forma explicitar os argumentos [C INU] de forma organizada [C DISP] e compreensível [C ELOC].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Depende, se domino o assunto [C INU] e me preparei bastante [C INU], acredito ser muito hábil, mas se estou insegura [ASPEMOC NEG] quanto ao assunto [C INU] ou tempo que dediquei a prepará-lo, acredito deixar a desejar [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
 Nenhuma.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
 A linguagem possui a primordial função de possibilitar as relações humanas. Isso, porque o ato de comunicação é a maneira que possuímos para estabelecer contato com o que nos é externo. Falamos para exprimir o que pensamos e para interagir com o mundo.

Quais virtudes você admira em um bom orador?  
 O desembaraço de discorrer sobre qualquer tema de maneira desenvolta [C ELOC] e direta [C ELOC]; a segurança [ASPEMOC POS] ao proferir [C PRON] o discurso e a sensibilidade de se fazer entender pelos interlocutores.

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Aprendi a executar o ninho de gestos [C PRON], o qual deu forma à minha postura [C PRON] quando falando em público.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Evoluí um pouco ao distinguir a impressão que imagino estar passando e aquela que realmente transmito. Assim ficou mais fácil dissimular o nervosismo [ASPEMOC POS] e aparentar-se mais seguro [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Utilizarei o quadro esquemático [C DISP] com grande atenção, haja vista que faltei nossa aula. Mas pela leitura do material tem-se facilitado a elaboração do discurso [C DISP].

MAIS GOSTEI

Do material prévio que embora não organizado é muito rico.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque trabalha aspectos necessários ao dia a dia das relações com as pessoas [ASPEMOC POS]. Embora tenha a quem indicar, haja vista minha pouca sociabilidade com pessoas certamente indicaria se houvesse quem.

Informante 19

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
 Falar com melhor desenvoltura [C ELOC], maior confiança [ASPEMOC POS] e menor timidez [ASPEMOC POS].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?  
 Fico muito nervoso [ASPEMOC NEG], principalmente no início da fala, chegando a tremer as mãos [C PRON].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
 Procuo me movimentar [C PRON] um pouco e olhar [C PRON] para a plateia como um todo.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
 Comunicar desejos, necessidades, orientações Para que falamos? Falamos para manifestar desejos, necessidades, etc. e para o nosso bem-estar. É bom falar o que sentimos [ASPEMOC POS].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
 Segurança [ASPEMOC POS] no falar, tom de voz [C PRON],

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Melhorei na parte textual [C INU], forma de olhar [C PRON] o público.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Sinto-me mais seguro [ASPEMOC POS] e consciente de minhas limitações.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Estou mais atento à sequência lógica [C DISP] necessária à compreensão.

MAIS GOSTEI

Bom.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque acrescenta muito a quem queira melhorar a oratória.

objetividade [C ELOC], capacidade de transmitir o que se propõe [C INU]. Riqueza de informações [C INU], atinência ao tema [C INU], respeito à plateia, descontração [C ELOC].

#### Informante 20

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso? Aprender as técnicas de uma boa oratória e desenvolver as habilidades que possuo.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Fraco, [ASPEMOC NEG] deixo o lado emocional atrapalhar um pouco [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Antes de falar sobre algum assunto ler e escrever [C INU] o que eu preciso falar, mas isso não acontece com frequência.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? Para nos comunicar, informar, mas vi no curso que na verdade serve para criarmos realidades satisfatórias.

Quais virtudes você admira em um bom orador? A escolha de boas palavras [C ELOC] e rapidez de raciocínio [C INU]. Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Segurança [ASPEMOC POS] na hora de falar [C PRON].

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Acredito que nesse módulo evoluí muito na parte do semblante [C PRON], dos gestos [C PRON] e da locomoção [C PRON].

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Aprendi muito bem a tridimensionalidade do discurso, as possibilidades do discurso.

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Em branco.

###### MAIS GOSTEI

Os aspectos formais [C PRON] foram bem interessantes.

###### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Acredito que foi muito bom, evoluí quanto a oratória, e como pessoa. Acredito que é um curso que todas as pessoas deveriam fazer.

#### Informante 21

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Tenho como expectativa aprender a falar em público. Todavia, antes disso, vejo como imprescindível melhorar minha dicção [C PRON]. Percebo que algumas vezes as pessoas têm dificuldade de me entender e sempre e na grande maioria, alegam que eu falo um pouco "embolado" [C PRON].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Vejo-me muito ansioso [ASPEMOC NEG] quando vou falar em público. Procuo evitar ao máximo com medo [ASPEMOC NEG] de errar, esquecer alguma coisa [C MEM] ou simplesmente porque sinto vergonha [ASPEMOC NEG]. Contudo, não sou uma pessoa muito tímida [ASPEMOC POS] para outras coisas.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Nenhuma.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
A função da linguagem é transmitir pensamentos. O ser humano é um ser gregário que por viver em comunidade tem como essência comunicar para que possam transmitir de uma forma mais rápida as ideias [C INU] e desejos que possuem.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Ninho de gestos [C PRON], gesto [C PRON]– melhora na diversidade.

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Tranquilidade [ASPEMOC POS].

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Foi uma melhora enorme. Não fazia ideia das etapas [C DISP] e com o e-mail e a apostila pude melhorar muito essa parte.

###### MAIS GOSTEI

Seria sempre muito interessantes os grandes oradores.

###### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, porque foi muito importante para minha evolução. Importante falar bem todas ocasiões, o curso é extremamente importante por isso.



comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
A maior virtude de todas é prender a atenção do seu público.  
Após isso, o orador tem que conseguir passar de uma forma mais simples possível [C ELOC] o tema que pretende tratar.

#### Informante 22

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Minha expectativa principal é absorver ao máximo os conteúdos ministrados uma vez que são de grande importância para minha profissão [F PROF].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?  
Em geral, não tenho problemas para falar em público, apresentar trabalhos [F ACAD], etc.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Talvez até use alguma técnica, pois, em geral, consigo transmitir informações de maneira adequada e ser entendido, mas não saberia discernir o que são e o que não são técnicas de oratória no meu trabalho. Algumas questões fundamentais, como preparação do conteúdo [C INU] a ser apresentado e a tentativa de organizar a informação [C DISP] da maneira mais clara [C ELOC] possível, talvez possam figurar entre tais técnicas.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
A linguagem serve, do ponto de vista externo, à comunicação entre indivíduos que compartilhem o mesmo código. Do ponto de vista interno (cognitivo), a linguagem traduz nossas ideias [C INU] e pensamentos. A fala propriamente dita está obviamente relacionada à linguagem, mas os motivos pelos quais um indivíduo cumpre tal ação pode variar de situação para situação.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Mais uma vez, não sei se esta é uma virtude do orador, mas o que mais admiro em qualquer pessoa que se proponha a transmitir uma informação é a capacidade de fazê-lo com naturalidade, como se aquilo fizesse parte de seus instintos. Não gosto quando o orador deixa transparecer que está usando técnicas de oratória causando certa artificialidade ao evento.

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Creio ter havido melhoras em todos os aspectos formais [C PRON] da apresentação, principalmente na questão dos gestos [C PRON].

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Nos aspectos emocionais, foi importante compreender [ASPEMOC POS] que elementos devem ser levados em consideração.

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Houve melhoras na parte de elaboração do discurso [C DISP], ainda que haja muito a ser melhorado.

###### MAIS GOSTEI

Em geral, o conteúdo me agradou na medida em que tratava os elementos abordados de maneira prática, visando o uso real e imediato [PRÁT], e teórica [FUND], visando a compreensão profunda de cada elemento.

###### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, e já recomendei. A importância do que foi ensinado no curso é muito grande. Tendo em vista uma sociedade cada vez mais baseada no conhecimento, saber organizá-lo [C DISP] e transmiti-lo com eficiência é essencial.

#### Informante 23

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
A expectativa é adquirir domínio e segurança [ASPEMOC POS] da fala perante o público durante minha comunicação.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?  
Confuso! As palavras não se encaixam no contexto o que

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Fez com que observasse mais um conjunto de conhecimento [C INU], postura [C PRON], expressões corporal [C PRON], gestos [C PRON] e outros.

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Nos aspectos emocionais não consegui o controle de falar

torna difícil o entendimento para o ouvinte e interlocutor.

bem, não tive conhecimento para poder me expressar melhor.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Essa parte da elaboração do discurso [C DISP] fez com que eu pensasse mais, aprendi muito com as etapas [C DISP].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

As funções são denotativa, emotiva e expressiva, conativa e apelativa, metalinguística, fática, poética.

MAIS GOSTEI

Falamos para expressar, comunicar, defender e convencer .

A elaboração do discurso [C DISP]

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? É preciso que aja o início meio e fim [C DISP], para que posso organizar as ideias [C DISP] e chegar a uma conclusão de entendimento.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, porque me ajudou muito, talvez não para falar em público, mas em organizar ideias [C INU] e lógico de uma ótima ajuda [ASPEMOC POS] na minha timidez

#### Informante 24

##### Avaliação diagnóstica

##### Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

ASPECTOS FORMAIS

Espero aprender como aumentar minha capacidade de oratória, desenvolvendo mais segurança [ASPEMOC POS] e aumentando minha habilidade para proferir aulas [F PROF], palestras [F APLIC PROF e congressos [F PROF].

Aprender sobre os aspectos formais [C PRON], especialmente postura [C PRON], gestos [C PRON], locomoção [C PRON] e semblante [C PRON], foram importantes para ter segurança [ASPEMOC POS] de como se comportar.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

ASPECTOS EMOCIONAIS

Sou insegura [ASPEMOC NEG], pois penso muito e sou muito crítica [ASPEMOC NEG]. Sendo assim, tenho a tendência de avaliar como as outras pessoas vão receber o que falo. Muitas vezes sou mais crítica [ASPEMOC NEG] que os outros e desmereço [ASPEMOC NEG] o que falo. Além disso, falo muito rápido [C PRON] e tenho dificuldade de articular fala e respiração [C PRON].

A discussão sobre os aspectos emocionais foi fundamental para adquirir segurança [ASPEMOC POS] e tranquilidade [ASPEMOC POS] para proferir um discurso.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Aprendi muito. Destaco a importância desse elemento, que dá corpo e forma ao discurso [C DISP].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

MAIS GOSTEI

Conscientemente nenhuma.

A função da linguagem e a elaboração do discurso [C DISP].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Para transmitirmos nossas ideias [C INU] pensamentos, conhecimentos [C INU], sentimentos (parte do que vivemos) [ASPEMOC NEUT] e para conhecermos a realidade (ideias, pensamentos, conhecimentos) dos outros. Por meio da linguagem a cultura e as civilizações se desenvolvem/evoluem.

Sim. Permitiu meu crescimento e é bastante rico.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Segurança [ASPEMOC POS], tranquilidade [ASPEMOC POS], boa organização das ideias conduzindo passo a passo ao que se deseja transmitir [C DISP], falando de forma clara [C ELOC] e transmitindo conteúdos [C INU] úteis / importantes / interessantes.

#### Informante 25

##### Avaliação diagnóstica

##### Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

ASPECTOS FORMAIS

Espero sair do curso menos sujeita à timidez [ASPEMOC NEG] na hora de falar em público, e com mais habilidade para falar e construir [C INU] o discurso.	A tabela da construção do discurso [C DISP], com seus dez itens [C DISP] foi fundamental para mim, e com certeza será usada no futuro.
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Sou muito tímida [ASPEMOC NEG], por isso às vezes tenho dificuldade de falar em público, tanto na construção do discurso [C INU], quanto no momento da fala. [C PRON]	ASPECTOS EMOCIONAIS Ninho de gestos [C PRON], antes eu não sabia o que fazer com as mãos.
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Nenhuma.	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Tinha muito medo de falar em público, hoje vejo que esse medo [ASPEMOC POS] diminuiu bastante. Ainda tenho a aprender quanto à ansiedade [ASPEMOC NEG] de ser perfeita no discurso.
Quais as funções da linguagem? Para que falamos?	MAIS GOSTEI
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Prender a atenção do público. Eu fico atenta ao orador quando ele tem a fala tranquila [ASPEMOC POS], sabe dar um tempo [C PRON] para os ouvintes analisarem e entenderem o que estão ouvindo, e sabe manter o ambiente leve, fazendo piadas [C ELOC], e não sendo tão formal em sua fala [C ELOC].	Itens para elaboração do discurso [C DISP], segunda aula sobre gestos [C PRON].  RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim. Porque foi uma ótima experiência, aprendi muito, exercitei coisas que não teria a oportunidade.

Informante 26

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Conhecer técnicas de oratória Aprender falar em público Melhorar minha voz [C PRON] Perder o medo [ASPEMOC NEG] de falar	ASPECTOS FORMAIS Ninho de gestos [C PRON].  ASPECTOS EMOCIONAIS Autoconfiança [ASPEMOC POS].
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Muito deficiente.	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Ordenar as ideias [C DISP], identificar as fases do discurso [C DISP], despertar atenção do público.
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Conscientemente, nenhuma.	MAIS GOSTEI Fundamentos de oratória, material muito rico.
Para que falamos? Para nos comunicar .	RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim. Vivenciei considerável melhora.
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Conhecimento [C INU] (saber mais do que aquilo que vai expor); Entusiasmo [C ELOC] Voz [C PRON] Vocabulário [C INU] Expressão corporal (gesticular com naturalidade), [C PRON]	

Informante 27

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Desenvolver habilidades de comunicação verbal	ASPECTOS FORMAIS Ninho de gestos [C PRON], aprendizado fundamental.
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista	ASPECTOS EMOCIONAIS

emocional?  
Não tenho inibições severas.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Não conheço técnicas.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
Comunicação

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Manter a atenção da plateia e transmitir sua ideia com clareza [C ELOC].

Bastidores e encenação [ASPEMOC POS], valorização do próprio discurso [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
As dez etapas de elaboração do discurso [C DISP] completamente desconhecidas para mim. Certamente vão me ajudar bastante.  
O foco por meio do conceito de “ideia central” [C INU] me auxiliará bastante.

MAIS GOSTEI  
Didática das aulas e a dinâmica adotada.  
Empenho do professor com feedbacks contínuos.  
Material didático.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Recomendaria fortemente. Acredito que ele nos permite aprender informações e técnicas extremamente importantes no nosso dia a dia.

#### Informante 28

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso? Aprender técnicas de oratória que me auxiliem a expor ideias [C INU] e conceitos de forma clara [C ELOC].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Geralmente fico nervoso [ASPEMOC NEG] e, algumas vezes, não faço a exposição como deveria ou gostaria.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Falar devagar [C PRON], mas com firmeza [C ELOC]; evitar gesticular [C PRON] muito, evitar repetir frases e palavras a todo momento, como “né”, “entendeu” [C PRON], etc.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? As funções da linguagem: comunicação, expor ideias [C INU]. Falamos para sermos compreendidos e buscarmos conhecimento.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Boa dicção [C PRON], exposição clara [C ELOC] e coerente das ideias [C INU], gesticular [C PRON] na medida certa, expressões compatíveis [C ELOC] com o assunto exposto. Percebo tais virtudes quando você entende plenamente a ideia [C INU] debatida e tem prazer em ver e, principalmente, em escutar o orador...

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Entendi a importância e aprendi (ou estou aprendendo) a utilizar ou “gestos” [C PRON], “locomoção” [C PRON], “semblante” [C PRON] e “postura” [C PRON] durante o discurso.

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Em branco.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
A importância da ideia-mãe [C INU], como começar [C DISP], dar continuidade [C DISP] e terminar [C DISP] o discurso.

MAIS GOSTEI  
Em branco.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Em branco.

#### Informante 29

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
adquirir conhecimentos para ser um bom orador

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Conheci o ninho de gestos [C PRON] e a melhor postura [C PRON] para apresentar um discurso.

emocional?  
muito fraca.

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Aprendi sobre a importância de preparar o discurso [C INU].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
não conheço nenhuma técnica.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
Conhecimento das fases do discurso [C DISP] e a importância de cada uma [C DISP] delas.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
a função da linguagem é, sem dúvida, de se comunicar ,  
passar para o outro alguma informação.

MAIS GOSTEI  
O conteúdo é muito completo e convida para um maior aprofundamento nas técnicas.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
admiro a capacidade do orador de prender a atenção do público através da interação

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Com certeza, pois o curso superou todas as minhas expectativas.

#### Informante 30

##### Avaliação diagnóstica

##### Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso? A minha expectativa é desenvolver-me para falar em público.

ASPECTOS FORMAIS  
Devemos adotar uma postura reta [C PRON], pés pouco afastados [C PRON], fazer o ninho de gestos [C PRON].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Tenho um pouco de ansiedade [ASPEMOC NEG] um pouco antes de começar a falar, mas consigo me controlar, mantendo a calma [ASPEMOC POS] e me preparando para falar.

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Aprendi que devemos dar emoção [C INU] ao discurso com voz [C PRON], semblante [C PRON].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Procuo elaborar o discurso [C INU] ou a minha fala de maneira ordenada [C DISP], usando os dados e fatos numa ordem cronológica [C DISP], quando é o caso, utilizar palavras simples [C ELOC], não fugir do conteúdo [C INU] e tema abordados. Procuo me movimentar [C PRON] para ser visto por todos e gesticular [C PRON] de forma natural, procurando interagir com o público.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
Começar o discurso com o exórdio [C DISP], explicar a afirmação [C DISP], apresentação as provas [C DISP], fazer a peroração (conclusão) [C DISP].  
Fechar com uma frase de efeito [C DISP].

MAIS GOSTEI  
Usar as técnicas corretas, gestos [C PRON], locomoção [C PRON], semblante [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? A linguagem tem a função de expressar nossos pensamentos. Falamos para comunicar e interagir com outras pessoas, para criar realidades desejadas (colei).

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Sim, porque ensina as técnicas corretas. Hoje, vendo várias pessoas falando em público, percebemos como fazem mais gestos [C PRON] e locomoção [C PRON].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Falar sem gaguejar [C PRON], ordenar os assuntos numa ordem de fácil entendimento [C DISP], utilizar linguagem simples [C ELOC], olhar para o público [C PRON], ser objetivo [C ELOC], utilizar de locomoção [C PRON], gestos [C PRON], expressões fisionômicas [C PRON] e voz de maneira adequada [C PRON], sem exageros.

#### Informante 31

##### Avaliação diagnóstica

##### Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Espero que o curso me dê subsídios para ter mais segurança [ASPEMOC NEG] ao falar em público e até mesmo no relacionamento interpessoal [F VIDA] do dia-a-dia, aumentando a minha capacidade de persuasão .

ASPECTOS FORMAIS  
Ninho de gestos [C PRON].  
ASPECTOS EMOCIONAIS  
Não dividir bastidores [ASPEMOC POS] controlar o

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? nervosismo [ASPEMOC POS]; ter a consciência que o orador percebido pelo público é diferente do idealizado[ASPEMOC POS].

Fico ansiosa [ASPEMOC NEG] quando tenho que falar em público, a face enrubesce [C PRON] e os membros tremem [C PRON]. Para me controlar, tento fingir que não estou aflita [ASPEMOC POS], respiro fundo [C PRON] e tento ser o mais espontânea [ASPEMOC POS] possível.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
Enquadramento do discurso nos dez passos [C ELOC]; tratar somente de uma única matéria [C INU].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico? MAIS GOSTEI  
Não sei se posso dizer que conheço técnicas de oratória, já que nunca fiz um curso ou estudei [FUND] sobre tal assunto. Mas imagino, por intuição, que algumas coisas não devem ser produzidas durante uma apresentação, como gesticular demais [C PRON], fixar o olhar [C PRON] em uma só pessoa, fazer piadinhas além do necessário [C ELOC], falar alto ou baixo demais [C PRON]... Em algumas experiências como estudante [F APLIC EST], antes de apresentar um trabalho à turma, além de estudar e pesquisar bastante [C INU] o assunto a ser tratado, treinava o seu conteúdo [C PRON] com algum amigo ou familiar para que o mesmo pudesse avaliar se estava bom ou não. E durante a apresentação tentava ser o mais segura [C ELOC] possível, no tom de voz [C PRON] e no olhar [C PRON] para que as pessoas que me ouvissem, tivessem confiança [ASPEMOC POS] no meu discurso.

As técnicas, gestos [C PRON] /movimentação [C PRON] que produzem sentidos [C INU] ao discurso. Contextualização com grandes oradores da história.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Recomendaria não. Já recomendo. Porque acredito que através da oratória podemos melhorar a nossa comunicação e ser muito mais compreendidos.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
A linguagem tem as funções de informar, comunicar, expressar sentimentos, convencer, comover, interpretar a realidade, bem como criar novas realidades... O ser humano depende do outro para viver, para tanto necessita relacionar-se com o outro, e a fala é uma das formas de comunicação mais completa. Falamos para expressar sentimentos, comunicar pensamentos. Falar é uma maneira de sentir a própria existência [F VIDA]. Como podemos verificar no filme o *Náufrago*, em que o personagem principal, interpretado por Tom Hanks, após um acidente aéreo, fica isolado em uma ilha por quatro anos, onde precisa lutar para sobreviver [F VIDA] tanto fisicamente quanto emocionalmente [ASPEMOC NEUT]. Para não enlouquecer, cria um amigo imaginário utilizando uma bola, com a qual pode conversar e externar seus sentimentos [ASPEMOC NEUT]. Lembrando que há uma passagem do filme em que o náufrago não comete suicídio devido ao seu amigo imaginário [F VIDA].

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Admiro a eloquência [C ELOC], a espontaneidade [C ELOC], a capacidade de persuadir e de improvisar [C INU], o bom humor [C ELOC].

Informante 32

Avaliação diagnóstica

Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso? ASPECTOS FORMAIS  
Espero aprender técnicas e regras a fim de melhorar a minha Ninho de gestos [C PRON] foi fundamental, pois minha

fala em público.	postura [C PRON] era horrível e eu nunca sabia o que fazer com as mãos [C PRON].
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Média. Não fico muito nervoso [ASPEMOC POS], mas depende um pouco da situação [ASPEMOC NEG].	ASPECTOS EMOCIONAIS Aprendi a controlar mais o nervosismo [ASPEMOC POS], ficar mais seguro [ASPEMOC POS] de mim mesmo.
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Nenhuma.	ELABORAÇÃO DO DISCURSO Aprendi a elaborar um discurso sólido [C INU], com agradecimentos [C DISP], ideia-mãe [C INU], desenvolvimento [C DISP], refutamento [C DISP], reafirmação [C DISP]. Antes enchia linguiça [C INU] e meus discursos ficavam fracos [C INU].
Quais as funções da linguagem? Para que falamos? A linguagem tem como objetivo levar o leitor a compreender determinado efeito, para determinado objetivo.	MAIS GOSTEI Aprender o ninho de gestos [C PRON] e a forma de preparar discursos [C INU].
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Despertar e prender a atenção dos ouvintes, conseguindo explicitar o fato claramente [C ELOC] sem ser monótono [C PRON].	RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim, pois me fez evoluir muito no quesito apresentação em público [C PRON] e até relacionamento com as pessoas [F VIDA].

Informante 33

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Controlar meu emocional [ASPEMOC POS] a fim de expressar minhas ideias [C INU] com clareza [C ELOC].	ASPECTOS FORMAIS Postura corporal [C PRON], movimentação [C PRON], gestos [C PRON].
Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Nervosismo excessivo [ASPEMOC NEG] e quando estou esboçando uma ideia [C INU] e gera questionamentos perco o foco [C INU]	ASPECTOS EMOCIONAIS Não consegui assimilar.  ELABORAÇÃO DO DISCURSO Definir o foco [C INU]. Estrutura [C DISP].
Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Desconheço.	MAIS GOSTEI Aspectos formais [C PRON]. A postura [C PRON] e modo de movimentação [C PRON] e a qualidade dos gestos [C PRON].
Quais as funções da linguagem? Para que falamos? Comunicar , Expressar ideias [C INU].	RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ? Sim, clareza [C ELOC] do professor em expor o conteúdo trazendo para a realidade [C INU].
Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? A Entonação da voz [C PRON] e os gestos [C PRON] que criam em sua mente o que esta sendo dito, os dados apontados e demonstrados [C INU], a confiança [ASPEMOC POS] e clareza [C ELOC] no que esta sendo dito e o domínio do assunto [C INU].	

Informante 34

Avaliação diagnóstica	Avaliação final
Quais as minhas expectativas para o curso? Aprender a me comunicar em público sem demonstrar nervosismo [ASPEMOC POS] e de forma eficaz e clara [C ELOC] para os que me ouvirão.	ASPECTOS FORMAIS Evolução em manter a postura ereta [C PRON], evitando movimento pendular [C PRON], sempre olhar [C PRON] para o público.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Fico extremamente nervoso [ASPEMOC NEG] quando falo em publico, só consigo falar o que está preparado [C MEM]. Não tenho capacidade de improvisar [C INU]. Então considero fraca a minha habilidade na oratória.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Acho não conheço nenhuma especifica. Durante as minhas apresentações tento me policiar para não colocar as mãos no bolso [C PRON], manter o tom de voz [C PRON] e evitar vícios de linguagem [C ELOC].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Função referencial, emotiva, conativa, fática, metalinguística e poética.

Utiliza-se a falar para se expressar de maneira clara [C ELOC] uma opinião, sentimento ou questionamento.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

A capacidade e manter a plateia sempre atenta e participativa durante o discurso. Para isso ele sempre mantém uma boa postura [C PRON], faz brincadeiras [C ELOC] e domina o assunto [C INU].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Evolução no controle do nervosismo [ASPEMOC POS], não apresentá-lo de maneira explícita [ASPEMOC POS] para o público.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Foi extremamente importante, pois me fez perceber as diferentes partes [C DISP] do discurso, quais são os enfoques [C INU], como argumentar [C INU], fazer com que o público fique atento, dócil e benevolente [C DISP]. Terminar um discurso [C DISP] sem a famosa frase: "Então, é isso que tinha pra falar."

MAIS GOSTEI

Abrange a maioria dos temas importantes para um orador.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, é curso de rápido aprendizado, dinâmica e que trata as diferentes situações de um discurso.

Informante 35

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Minhas expectativas para curso é conhecer métodos e técnicas da oratória os quais me proporcionalizarão melhor desempenho tanto na vida acadêmica [F ACAD], quanto na profissional [F PROF] e até mesmo pessoal [F VIDA].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Emocionalmente avalio minha habilidade na oratória bem singela.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Domínio sobre o tema a ser exposto. [C INU]

Utilização de recursos visuais (em caso de apresentações) [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A função da linguagem é a comunicação . Falamos para expressarmos a mensagem que queremos que seja entendida.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

Domínio [C INU], confiança [ASPEMOC POS], Extroversão [C ELOC].

É percebido quando o orador tem desenvoltura ao falar [C

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Ninho de gestos [C PRON] foi a postura [C PRON] que evolui e que me proporcionou ficar livre de "manias" como pender o corpo [C PRON] . Ajudou também no sentido de definir uma posição confortável para as mãos [C PRON] sem chamar atenção do público.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Controle de nervosismo [ASPEMOC POS] com técnicas como a respiração [C PRON] e pausas mais longas [C PRON] entre palavras e o sorriso [C PRON], sem demonstrar "bastidores" [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Aprendi que tenho que definir a ideia central [C INU] com o cuidado de não gerar ramificações que dificulte o desenvolvimento do tema [C INU] e o entendimento do público. Aprendi que o discurso deve se estruturado com uma hierarquia [C DISP]. Deve conter um texto conciso [C ELOC] e que sempre devo fazer algumas perguntas chave [C INU] para verificação e certificação que está ficando como desejado.

MAIS GOSTEI

Gostei muito do conteúdo, principalmente na parte das descrições dos gestos [C PRON]. Embora um pouco extensa, para ler até a data de projeção de término do curso, achei a



ELOC] e capacidade de envolvimento do público.

apostila muito rica e com o conteúdo didático.

#### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Recomendaria, como na verdade já recomendei a alguns colegas. Porque, seja qual for a profissão [F PROF] de área de atuação da pessoa, vale, fazer o curso, seja para desinibir, seja para ter as técnicas da oratória, enfim, para falar bem em qualquer situação.

#### Informante 36

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso? Aprender a falar bem.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional? Não me considero uma pessoa hábil para oratória, pois tenho dificuldade de falar em público (4 ou mais pessoas). A timidez [ASPEMOC NEG] e o nervosismo [ASPEMOC NEG] me atrapalham.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico? Adequação do vocabulário [C ELOC] à circunstância, pausa para falar [C PRON], gestos [C PRON].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos? Metáfora, pleonasma, metonímia.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Clareza [C ELOC], domínio do assunto [C INU], postura [C PRON], boa dicção [C PRON] e pronúncia das palavras [C PRON]. Clareza [C ELOC], domínio do assunto [C INU], *EX.: ELE RESPONDE SEM TITUBEAR* [C PRON] às perguntas formuladas pelo público; postura [C PRON], boa dicção [C PRON] e pronúncia das palavras [C PRON].

##### Avaliação final

#### ASPECTOS FORMAIS

Posso aperfeiçoá-la, principalmente, quanto ao ninho de gestos [C PRON] e posição dos pés [C PRON].

#### ASPECTOS EMOCIONAIS

Soube controlar minha ansiedade [ASPEMOC POS] durante o discurso, embora, por dentro, estivesse bem nervosa [ASPEMOC NEG].

#### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Poderia ter focado mais em algum aspecto do discurso. Pelo fato de ele ser extenso [C INU], acho que não consegui destacar uma única mensagem [C INU].

#### MAIS GOSTEI

Leitura em sala, apostilas a serem lidas, dicas, filmagem (clara noção de aperfeiçoamento).

#### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. O curso é de grande importância e validade para as diversas situações do dia a dia [F VIDA].

#### Informante 37

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

Ótimas são minhas expectativas para realizar o curso de oratória. Espero correção e melhoramento a cada dia, especialmente quando necessito de usar minha voz [C PRON]. Para que eu possa crescer [F VIDA], além de poder tirar dúvidas.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Hoje avalio como fraca minha habilidade na oratória. Isto em especial sob o ponto de vista emocional [ASPEMOC NEG], talvez por ter ficado frustrado [ASPEMOC NEG] pelo ruim desempenho de uma apresentação na faculdade.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Realmente não aplico nenhuma técnica de oratória. Conheço algumas poucas técnicas de oratória, como o ninho de gestos [C PRON], entre outras. Mas pressionado, com minhas faltas

##### Avaliação final

#### ASPECTOS FORMAIS

Acredito no apresentado e mostrado. Portanto, tenho a destacar o trabalho de interação e filmagem feito. Aqui no curso todos veem os erros, limitações e as maneiras de melhorar claramente.

#### ASPECTOS EMOCIONAIS

Excelente, a parte dos aspectos emocionais [ASPEMOC POS], sendo bom o conteúdo é curso em formato EAD que são apresentações muito bem trabalhadas. Estou aqui com dificuldades [ASPEMOC NEG] e tarefas que foram facilmente [ASPEMOC POS] identificados.

#### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Penso que foi trabalhado e mostrado prof. Ivan, a diferença está clara no processo e convivência. Você tem domínio [C INU] e faz melhor assim, além de mostrar a individualidade, mas que segue tais parâmetros.

[ASPEMOC NEG] e lacunas [ASPEMOC NEG], tive medo [ASPEMOC NEG] de aplicá-las errado. Mesmo porque, após a palestra de oratória ministrada Prof. Ivan aqui em Pará de Minas, tive críticas sobre a utilização das técnicas pouco antes do início das apresentações na minha sala de aula [F PROF]. Contudo, antes deste dia tinha conseguido fazer normalmente apresentações. Mas neste dia juntou a falta de prática [F PRÁT], preparo [C INU], com o nervosismo [ASPEMOC NEG], que acabei por não conseguir dizer muita coisa e o que disse foi bobagem. Pois mim deu um branco [C MEM] que eu nem sabia o que fazia ali. Depois deste acontecimento acabou, não fiz mais apresentações, e sinto “apertado” [ASPEMOC NEG] em como superar?! Tenho sofrido [ASPEMOC NEG] para passar pelo caminho de ter que falar diante das pessoas, e quem sabe até fixar ou convencê-las no que digo.

MAIS GOSTEI

Penso que devido a minha fase, os aspectos emocionais [ASPEMOC POS].

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim, porque gostei e tem ajudado muito.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Creio que a linguagem tem por funções a comunicação, desenvolvimento e transmissão de ideias [C INU]. Além de acreditar que falamos para que possamos sobreviver [F VIDA] e transmitir informações através do diálogo com outras pessoas no mundo, podendo assegurar assim a ordem.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes? Admiro um bom orador, em virtudes destaco a alegria [ASPEMOC POS], a bondade [ASPEMOC POS], a confiança [ASPEMOC POS], a esperança [ASPEMOC POS], a honestidade [ASPEMOC POS], e a simplicidade [ASPEMOC POS]. Podendo perceber tais virtudes no caso com foco o orador, às vezes pelas decisões e escolhas no modo de agir, na atenção e dedicação com seus trabalhos, além da forma de transmitir e tratar com firmeza [C ELOC] suas palavras e objetivos [C ELOC].

Informante 38

Avaliação diagnóstica

Avaliação final

Quais as minhas expectativas para o curso?

Aprimorar o meu discurso a partir de técnicas que envolvem desde a escolha das palavras [C ELOC] até a sua ordenação na frase [C DISP], bem como, a postura [C PRON] ao falar.

ASPECTOS FORMAIS

Tendo em vista que a postura [C PRON] minha profissão militar [F PROF] é um aspecto cobrado, talvez pouco me foi acrescentado.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Eu me sinto seguro [ASPEMOC POS] ao falar desde que conheça o objeto [C INU] sobre o que se fala.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Vencer o medo [ASPEMOC POS] de falar em público talvez seja um aspecto que eu tenha percebido com mais importância, pois o medo “comedido” é inclusive recomendável [ASPEMOC POS] – respeito ao público.

Quais as técnicas de oratória conheço e aplico?

CPI (Curso de preparação de instrutores).

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Achei interessante o aspecto relacionado à elaboração do discurso [C INU]: sua estrutura [C DISP].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Para manter o público “conectado” com o conteúdo da fala. A linguagem não-verbal [C PRON] serve à função de complementar a linguagem verbal naquilo que ela não dá conta [C INU]. No caso de alterar a voz [C PRON], penso que

MAIS GOSTEI

Conteúdo rico e vasto.

é como “apertar um nó” que está frouxo.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

Segurança [ASPEMOC POS] – diz respeito ao conhecimento que orador demonstra ter [C INU], com base em referências bibliográficas [C INU] e no modo de explicar [C ELOC].

Capacidade de convencimento – diz respeito ao “como” [C INU] ele demonstra ser conhecimento.

Humildade [ASPEMOC POS] – Diz respeito à postura [C PRON] adotada perante o discurso.

Segurança [ASPEMOC POS] – o orador sustenta sua fala em teorias reconhecidas [C INU], no caso de um discurso acadêmico, apresentando uma bibliografia consistente [C INU].

Capacidade de convencimento – O orador é hábil na escolha das palavras [C ELOC] e na “força ilocucional” que poderá provocar na plateia um efeito “perlocucional” desejado.

Humildade [ASPEMOC POS] – Não adotar uma postura excessivamente ereta (prepotência) [C PRON] e usar palavras modalizadas [C ELOC].

Obs: postura ereta [C PRON] no caso pode-se entender como olhar [C PRON] de cima para baixo.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Sempre irei recomendar o curso devido a seriedade e dedicação de seu idealizador.

#### Informante 39

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Aprender as melhores técnicas para falar em público e aprimorar os conhecimentos que já possuo.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Tenho uma habilidade regular, pois não me sinto totalmente confortável [ASPEMOC NEG] ao falar em público.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Sei que é importante ter muito conhecimento sobre o tema [C INU] a ser falado e se preparar. Saber qual é o público que vai ouvir. Prestar atenção ao vestuário [C PRON], não gesticular [C PRON] exageradamente, manter as mãos na altura do “meio do corpo” [C PRON], movimentar-se com desenvoltura [C PRON], olhar [C PRON] para as pessoas.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

Penso que a principal função da linguagem seja a comunicação. Falamos para expressar nossos sentimentos, para fazer valer nossa opinião, para obter o que desejamos.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Admiro num bom orador o conhecimento [C INU], segurança [ASPEMOC POS], objetividade [C ELOC]. Os comportamentos do bom orador envolvem desenvoltura [C PRON], boa dicção [C PRON], boa postura [C PRON], boa aparência [C PRON].

##### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Mãos em ninho [C PRON], não se apoiar em uma das pernas [C PRON], não fazer gestos [C PRON] exagerados.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Não revelar “bastidores”.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Ter em mente o vocativo [C DISP], questões de ordem [C DISP], proposição [C DISP], afirmação [C DISP], desenvolvimento [C DISP], confirmação [C DISP], conclusão [C DISP] e anúncio do fim [C DISP], recapitulação [C DISP], reafirmação [C DISP] e fecho de ouro [C DISP], a ordenação das ideias nesta ordem [C DISP]. Ideia-mãe (uma frase com predicado) [C INU].

MAIS GOSTEI

Aspectos emocionais [ASPEMOC POS] do discurso.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Porque foi um curso muito bem elaborado, organizado, bom e rico material didático, pontualidade.

#### Informante 40

#### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Agregar conhecimentos da arte de comunicação (oratória), de forma a enriquecer meus poderes de argumentação [C INU] em minhas atividades profissionais de advogado [F PROF].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Acredito que sou uma pessoa emocionalmente equilibrada [ASPEMOC POS] e consigo transmitir de forma satisfatória a mensagem desejada, porém, preciso aperfeiçoá-la, principalmente a eloquência [C ELOC], a voz [C PRON] e principalmente a expressão corporal [C PRON]. As vezes fico perdido sem saber onde colocar as mãos [C PRON].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Apesar de já ter participado de um curso de oratória pelo IEC/PUC-Minas, há aproximadamente dois anos, com o professor Marcio Barros, não tenho domínio de nenhuma técnica, até mesmo porque nunca as utilizei. (acredito que não consegui evoluir o necessário naquele curso).

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
Exteriorizar a ideia [C INU]. É o símbolo mais importantes para comunicar-se.

Quais virtudes você admira em um bom orador?  
A eloquência [C ELOC]. A demonstração de segurança [ASPEMOC POS].

#### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Foi excelente o ninho de gestos [C PRON] era realmente o que eu mais precisava.

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Melhorei muito no controle das emoções [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
As técnicas de recorte do assunto [C INU], da ideia-mãe [C INU] foi muito importante.

MAIS GOSTEI  
Foi muito rico – as apostilas, livros e sites indicados.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Sim. Apesar de já ter feito dois outros cursos de oratória, inclusive em uma universidade de renome, este foi o único curso que realmente me ensinou oratória e proporcionou-me condições para prosseguir no aprendizado.

#### Informante 41

#### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
Aprender a me expressar bem e fazer com que as pessoas se recordem do que eu falar.

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?  
Consigo expressar meus sentimentos [ASPEMOC NEUT].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Nenhuma.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
Em branco.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
A convicção sobre o tema [C ELOC] exposto e a quantidade de pessoas que conseguem manter-se atentas a eles.

#### Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS  
Foi uma evolução incrível do primeiro dia ao discurso final onde o ninho de gestos [C PRON] foi marcante.

ASPECTOS EMOCIONAIS  
Ainda demonstrei muito nervosismo [ASPEMOC NEG] e não achei a voz [C PRON] adequada. Falta mais empenho [P COMPET NEG] da minha parte.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO  
Evoluí muito no dia da apresentação com um discurso de improviso [C INU], apesar de o tema ter sido revisto [C INU] com mais três pessoas da área o que possibilitou mais segurança [ASPEMOC POS] para falar.

MAIS GOSTEI  
As várias possibilidades de transmissão da mensagem e como serão captadas pelos ouvintes.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?  
Claro que sim. Acredito nas várias possibilidades de realidades que podem ser alcançadas através da oratória.

Informante 42

Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?  
As minhas expectativas são as melhores possíveis, espero aprender e aperfeiçoar minhas apresentações e conseguir criar métodos que me ajudem na melhor escolha de atitudes [C PRON].

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Tenho grandes dificuldades, pois além de ser tímido [ASPEMOC NEG], tenho um “medo” [ASPEMOC NEG] muito grande de cometer algum erro durante as minhas falas e não saber contornar a situação.

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?  
Até onde eu saiba nenhuma!

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?  
A linguagem nos serve como meio de comunicação, expressão de ideias [C INU], valores e sentimentos. Falamos para nos comunicar e ser capaz de interpretar situações.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?  
Capacidade de fala, humor [C ELOC], saber trazer a atenção dos espectadores, conseguir chamar atenção [C INU], saber como contornar situações [C PRON], jeito de falar [C PRON], comportamento [C PRON], expressões [C ELOC].

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

Ninho de gestos [C PRON], olhar [C PRON], prestar atenção aos gestos [C PRON].

ASPECTOS EMOCIONAIS

Ter calma [ASPEMOC POS] ao apresentar, organizar ideias [C INU], preparar o discurso [C INU] de forma a ter o maior grau de sucesso possível ao apresentar.

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

Elaborar um discurso de forma prática contendo uma ideia central [C INU], saber trabalhar tópicos [C INU], escolher melhor [C INU] sobre o que falar sem escolher vários assuntos.

MAIS GOSTEI

Tópicos bem divididos [C DISP], seguindo uma lógica [C INU].

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. O curso é interessante, me trouxe um bom conhecimento, me fez refletir meus pensamentos e hoje me sinto muito mais preparado para uma apresentação.

Informante 43

Avaliação diagnóstica

Quais são suas expectativas para o curso?  
Minhas expectativas são no sentido de desenvolver a habilidade de me expressar em público, por meio de um processo de desinibição [ASPEMOC POS], aprimoramento da dicção [C PRON], desenvolvimento da organização [C DISP] e agilidade de raciocínio [C INU], clareza da fala [C ELOC], correção da postura [C PRON] e aquisição de desenvoltura. Espero obter um maior autoconhecimento em relação à forma com que eu exponho minhas ideias [C INU] e como eu me interajo com o ouvinte não só perante uma plateia como no dia a dia.

Como avalio minha habilidade de oratória, sob o ponto de vista emocional?

Não tenho muita habilidade de oratória, sob o ponto de vista emocional [ASPEMOC NEG]. Pelo fato de nunca ter me submetido muito a situações em que eu tenha que praticar a oratória, eu fico muito nervoso [ASPEMOC NEG], perco capacidade de raciocínio [C INU], falo embolado [C PRON] e demonstro muita insegurança [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Avaliação final

ASPECTOS FORMAIS

A posição ninho do gestos [C PRON] para mim foi um alívio [ASPEMOC POS] em relação a como posicionar minhas mãos [C PRON] de maneira confortável.

ASPECTOS EMOCIONAIS

Aprendi de maneiras mais consolidada o capítulo de bastidores x encenação, evitando demonstrar meus sentimentos [ASPEMOC POS] ao público e despertando novas sensações de modo intencional [ASPEMOC POS].

ELABORAÇÃO DO DISCURSO

A direção do discurso [C DISP] em si, muito me foi útil, além da noção de que o discurso deve se basear na ideia-mãe [C INU] e não se desviar [C INU].

MAIS GOSTEI

A parte preferida foi a de aspectos emocionais [P ASPEMOC F], e de como saber trabalhá-los a seu favor.

RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Recomendaria, acho muito enriquecedor aprender a ver a arte

Penso que fazer um texto [C INU] do que vai expor e decorá-lo [C MEM], organizar o que vai ser falado em tópicos [C DISP] e treinar anteriormente [C PRON] o discurso são técnicas de oratória.

Quando eu vou fazer uma exposição eu apenas procuro estudar muito [C INU] sobre o tema. Não procuro decorar [C MEM] o que vou falar, algumas vezes faço um resumo [C DISP] para me orientar melhor. Também não tenho costume de treinar [C PRON] o meu discurso.

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

A linguagem serve para nos comunicarmos. Ela é qualquer forma de interação do ser com o ambiente externo. Para todos os seres a linguagem é algo essencial à sua sobrevivência [F VIDA], seja esta por meio de expressão corporal [C PRON] ou produção de sons [C PRON], eles caçam, se defendem, se acasalam por meio da linguagem, afinal a interação com o ambiente externo é sempre necessária.

Já para o ser humano, a finalidade da linguagem é ainda mais interessante. Nossa espécie possui uma complexa habilidade de raciocínio [C INU] que se desenvolve também por meio da linguagem. Nós somos capazes de criar conceitos abstratos [C INU], o que nós denominamos de conhecimento. O conhecimento sempre parte da interação com o meio externo, ou seja, da linguagem.

Por muito tempo, com o pensamento metafísico acreditou-se que a linguagem levava a um conhecimento já pré-existente, em um plano diferente do nosso mundo. No entanto hoje, principalmente sob influência de Habermas, não se acredita nesse conhecimento absoluto e transcendental. Para ele a linguagem desenvolve o próprio conhecimento que é mutável e está sempre em mutação.

Desta forma, para o ser humano, a linguagem é essencial para a sua sobrevivência [F VIDA], em todos os aspectos, e para o desenvolvimento do conhecimento.

Uma das mais importantes formas de linguagem é a fala, tanto para a sobrevivência [F VIDA], como para a interação com o meio externo e produção do conhecimento.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamento do orador fazem você perceber tais virtudes?

Eu admiro um orador que demonstre domínio e segurança [ASPEMOC POS] do que está expondo. Isso pode ser percebido pelo próprio conteúdo [C INU] da exposição que deve ser coerente [C INU], pelo controle emocional [ASPEMOC POS] e capacidade de debater sobre o assunto quando questionado .

Admiro também um orador que saiba polemizar [C INU] o assunto exposto, incitando um debate realmente fértil [C INU]. Isso pode ser percebido quando o orador demonstra sua postura crítica a respeito do tema [C INU].

Aprecio um orador com boa organização [C DISP] e velocidade de raciocínio [C INU]. Isso pode ser demonstrado pela qualidade do discurso [C INU] do orador, das suas críticas [C INU], das respostas às questões propostas [C INU].

do discurso de forma técnica. Com a base do curso ver pessoas se comunicando e as si mesmo pode ser um aprendizado diário.

Valorizo um orador com boa desenvoltura com o público, que coloque emoção [C ELOC] no que fala o que pode ser notado pela gesticulação [C PRON] e expressão fisionômica [C PRON]. Gosto do orador que tenha bom conhecimento geral [C INU], e vivência [C INU] do tema exposto. Isso é demonstrado por referência [C INU] à literatura, filmes, cultura em geral e em exemplos [C INU] bem ilustrativos.

#### Informante 44

##### Avaliação diagnóstica

Quais as minhas expectativas para o curso?

As expectativas são de desenvolver a arte de falar em público com clareza [C ELOC], objetividade [C ELOC] e eloquência [C ELOC] necessária ao exercício da minha profissão. [F PROF]

Como avalio minha habilidade na oratória, sob o ponto de vista emocional?

Via de regra, acredito que me saio bem [ASPEMOC POS], embora sempre fique bastante nervoso [ASPEMOC NEG] e com a confiança em baixa [ASPEMOC NEG].

Quais técnicas de oratória conheço e aplico?

Na realidade não conheço ou aplico qualquer técnica de oratória. Somente me preparo [C INU] e tento seguir um cronograma [C DISP].

Quais as funções da linguagem? Para que falamos?

As funções da linguagem é transmitir ideias [C INU], pensamentos. É através dela que conseguimos expressar nossas vontades. Sua principal função é a comunicação, troca de informações.

Quais virtudes você admira em um bom orador? Que comportamentos do orador fazem você perceber tais virtudes?

Um bom orador deve ter eloquência [C ELOC] em sua oratória, deve saber atrair [C INU] a atenção do público, deve saber a como e a hora de interagir [C DISP] com o público, deve gesticular [C PRON] nem muito nem pouco, mas sempre que necessário, deve manter uma postura [C PRON] correta, boa entonação da voz [C PRON], falar alto e devagar [C PRON], mas sem exageros.

##### Avaliação final

###### ASPECTOS FORMAIS

Acredito que consegui assimilar bem os aspectos formais [C PRON], principalmente a postura [C PRON].

###### ASPECTOS EMOCIONAIS

Acredito que ao final do curso me tornei um orador mais confiante [ASPEMOC POS] e um pouco menos neurose [ASPEMOC POS] com a apresentação.

###### ELABORAÇÃO DO DISCURSO

As técnicas e formas de elaboração do discurso [C INU] são bastante claras e auxiliam demais no momento de pronunciar o discurso [C PRON] e, ainda, ajuda e refletir [C INU] acerca do discurso.

###### MAIS GOSTEI

Bastante vasto e diferenciado. Interessante.

###### RECOMENDARIA O CURSO? POR QUÊ?

Sim. Importante e bastante proveitoso.

## ANEXO II: Excertos de manuais de oratória e livros sobre Retórica

Excerto 1: Introdução à Retórica - Olivier Reboul

Total: 14 [ars]: 12 [natura]: 0 [exercitatio]: 2

Excerto 2: Como falar corretamente e sem inibições — Reinaldo Polito

Total: 26 [ars]: 3 [natura]: 17 [exercitatio]: 6

Excerto 3: Como falar de improviso e outras técnicas de apresentação - Reinaldo Polito

Total: 26 [ars]: 9 [natura]: 8 [exercitatio]: 9

Excerto 4: Como Falar De Improviso e outras técnicas de apresentação - Reinaldo Polito

Total: 17 [ars]: 10 [natura]: 5 [exercitatio]: 2

Excerto 5: Língua: instrumento de comunicação - Suely Shibao

Total: 20 [ars]: 4 [natura]: 0 [exercitatio]: 16

Excerto 6: Falar é fácil — Carlos Pimentel

Total: 11 [ars]: 8 [natura]: 3 [exercitatio]: 0

Excerto 7: Retóricas de ontem e hoje — Lineide do Lago Salvador Mosca (org.)

Total: 9 [ars]: 6 [natura]: 2 [exercitatio]: 1

Excerto 8: Como ouvir e falar com eficácia - Harvey Robbins.

Total: 7 [ars]: 2 [natura]: 2 [exercitatio]: 3

Excerto 9: Persuator — Dirce Conte & Maria Aparecida Feiges.

Total: 11 [ars]: 2 [natura]: 5 [exercitatio]: 4

Excerto 10: Introdução à Retórica - Dante Tringali

Total: 22 [ars]: 21 [natura]: 0 [exercitatio]: 1

Excerto 11: Gramática do Português Brasileiro. — Ataliba de Castilho.

Total: 20 [ars]: 12 [natura]: 4 [exercitatio]: 4

Excerto 12: Comunicação não verbal na interação humana — Mark L. Knapp, Judith A Hall.

Total: 28 [ars]: 12 [natura]: 0 [exercitatio]: 16

Excerto 13: Arte de falar em público — Paulo Silva Araújo.

Total: 16 [ars]: 6 [natura]: 5 [exercitatio]: 5

Excerto 14: O segredo de falar em público — Maurício Góis

Total: 20 [ars]: 10 [natura]: 2 [exercitatio]: 8

Excerto 15: Falar, ler e escrever português e literatura - Aires da Mata Machado Filho

Total: 14 [ars]: 3 [natura]: 4 [exercitatio]: 7

Excerto 16: Você quer falar melhor? — Pedro Bloch

Total: 13 [ars]: 4 [natura]: 7 [exercitatio]: 2

Excerto 17: Como falar bem em público — William Douglas e outros

Total: 44 [ars]: 16 [natura]: 13 [exercitatio]: 15

Excerto 18: Manual de expressão oral e escrita — Joaquim Matoso Câmara Junior

Total: 20 [ars]: 4 [natura]: 10 [exercitatio]: 6

Excerto 19: Comunicação em prosa moderna — Othon Garcia

Total: 14 [ars]: 7 [natura]: 1 [exercitatio]: 6

Excerto 20: A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura — Wander Emediato.

Total: 33 [ars]: 9 [natura]: 10 [exercitatio]: 14

Excerto 21: Oratória, liderança e eficiência pessoal da arte e da técnica — Antônio de Pádua Reis.

Total: 35 [ars]: 6 [natura]: 17 [exercitatio]: 12

Excerto 22: Da timidez à expressão de si mesmo — Denise Mascarenhas.

Total: 47 [ars]: 3 [natura]: 19 [exercitatio]: 25

Excerto 23: *Arte de falar em público* — Mário Viana

Total: 27 [ars]: 17 [natura]: 6 [exercitatio]: 4

Excerto 24: A arte de falar em público: Retórica, eloquência, acadêmica — Silveira Bueno.

Total: 65 [ars]: 18 [natura]: 27 [exercitatio]: 20

Excerto 25: A arte de falar em público — Osmar Barbosa

Total: 53 [ars]: 8 [natura]: 18 [exercitatio]: 27

Excerto 26: Técnica de redação — Magda Becker Soares e Edson Nascimento Campos.

Total: 9 [ars]: 5 [natura]: 2 [exercitatio]: 2



### Excerto 1:

#### Introdução à Retórica - Olivier Rebol

Total: 14 [ars]: 12 [natura]: 0 [exercitatio]: 2

REBOUL Olivier. Introdução à Retórica- tradução Ivone Castilho Benedetti — São Paulo: Martins Fontes, 2004.

“É teórico [ars] e prático [exercitatio] ao mesmo tempo. Por um lado pretende expor o que é Retórica [ars], sua unidade profunda através das transfigurações de sua história, discutir suas implicações [ars] e distinguir seus limites [ars]. Por outro lado, visa aplicar a Retórica à interpretação dos textos [exercitatio] mais diversos, oferecendo assim um instrumento hermenêutico [exercitatio] aos estudantes e aos futuros pesquisadores.” p. 11.

“À primeira vista, a Retórica desencoraja pelo vocabulário [ars]. Quantos nomes de argumentos [ars] e figuras [ars]! será realmente preciso falar em lugares em vez de provas, [ars] em hipérbole [ars] em vez de exagero, em ação [ars] em vez de dicção? Na verdade, cada um desses termos tem um sentido um pouco diferente daquele que pretende traduzi-lo; é, portanto, insubstituível [ars]. Assim como a medicina, a psicologia e a filosofia, a Retórica tem necessidade de um vocabulário técnico [ars].” (p. 12.)

### Excerto 2:

#### Como falar corretamente e sem inibições — Reinaldo Polito

Total: 26 [ars]: 3 [natura]: 17 [exercitatio]: 6

Blota Junior. Prefácio in: POLITO Reinaldo. Como falar corretamente e sem inibições. 45. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

“A alma de seu livro consiste na minuciosa colheita de antecedentes históricos, da ordenação sistemática de ensinamentos [ars] altamente válidos, da busca de exemplos imortais [exercitatio] de mestres da expressão e da Retórica. E o coração se abre no desejo de que seus leitores encontrem um roteiro seguro para a ambição legítima de saber transmitir, comunicar, expressar-se [ars]. Temos lutado sempre por liberdades fundamentais, entre as quais inclui, vital e nobre, a liberdade de expressão. A ela, sem dúvida, corresponde o dever da expressão certa, a idônea, democrática na essência [natura] e formosa na construção [ars]. Assim, será perfeita.” (p. 12)

“É verdade que o autor não exige pouco. Determinando que o orador não nasce feito [natura NEG], mas deve desenvolver [exercitatio] qualidades potenciais, nosso jovem mestre incumbe -se de regar e florescer [exercitatio] requisitos [natura] (que considera imprescindíveis) de memória [natura], habilidade [natura] criatividade [natura], entusiasmo [natura], determinação [natura], observação [natura], teatralização [exercitatio], síntese [exercitatio], ritmo [natura], voz [natura], vocabulário [exercitatio], expressão corporal [natura], naturalidade [natura], conhecimento [natura].” (p. 13)

É, sem dúvida, o orador a expressão mais completa e rutilante do comunicador. A ele compete enfrentar os auditórios, sejam pequenos comitês, sejam multidões farfalhantes na imensa praça pública. A ele cabe transmitir a nova, as ideias, a mensagem, a luz. Ali está a plateia, ou fria, ou indiferente, ou inamistosa, ou expectante, ou fanatizada, ou enlouquecida. A partir do instante em que desfecha a palavra inicial, não mais pertence ou se protege. Cabe-lhe enfrentar a incontrolável maré, e vencê-la. Por sua voz [natura], e apenas pelo que fala, ou domina ou se perde. Ou convence, ou se frustra. Pela simples força da sua expressão, terá que conquistar uma vontade esquiva e dispersa. Necessita persuadir, comover, abalar, conduzir a força estranha na direção que deseja. E sentir que tudo afinal se realizou por força da palavra, brotada do coração sensível [natura], nascida da alma transportada em êxtase [natura], sentir que se alcançou não apenas uma transigente benevolência, mas a rendição total dos espíritos.” (p. 14)

### Excerto 3:

#### Como falar de improviso e outras técnicas de apresentação - Reinaldo Polito

Total: 26 [ars]: 9 [natura]: 8 [exercitatio]: 9

Profª Drª Leny Rodrigues Kyrillos in prefácio de POLITO, Reinaldo. Como falar de improviso e outras técnicas de apresentação. 11 Ed. Reformulada — São Paulo: Saraiva, 2006.

“A comunicação é, cada vez mais, considerada uma habilidade [ars] pessoal [natura] necessária para demonstrar, revelar ao mundo quem somos [natura], como pensamos [natura] e o que conhecemos [natura]. Expressar-se bem nas relações interpessoais e profissionais garante ao indivíduo o status de bom comunicador, o que confere à impressão global que ele provoca uma aura de controle, [natura] competência [ars] e equilíbrio [natura].

O domínio do conteúdo [natura] sempre recebeu todo o cuidado e investimento [exercitatio] por parte do profissional que busca conhecer bem sua área de atuação e até outras áreas afins. Conhecimento técnico é realmente fundamental e sempre muito exigido, porém a forma de se comunicar [ars], o modo como a voz, a fala e o corpo interagem [ars], transmitindo informações adicionais, mais completas sobre o profissional, a consciência e o domínio dessa habilidade [ars] devem merecer toda a nossa atenção. Um belo conteúdo [natura], se embalado por uma fala insegura [ars], mal articulada [ars], com voz fraca [natura], sem energia [ars], e mãos trêmulas [ars], perde a possibilidade de impressionar positivamente, por mais interessante que seja.” (p. 11)

### Excerto 4:

#### Como Falar De Improviso e outras técnicas de apresentação - Reinaldo Polito

Total: 17 [ars]: 10 [natura]: 5 [exercitatio]: 2

“Para que você tenha sucesso em uma apresentação, a técnica [ars] que irá escolher para transmitir a mensagem é quase tão importante quanto a qualidade do conteúdo [natura] que deseja comunicar. Seu desempenho diante do público poderia ser prejudicado se, em uma circunstância apropriada para falar de improviso, você resolvesse ler o discurso [ars]. Assim como o resultado também talvez fosse negativo se, em uma situação adequada para a leitura,

você decidiu **improvisar** [ars]. A dúvida quanto à forma de apresentação **mais indicada** [ars] para um discurso poderá torná-lo **inseguro** [natura] e comprometer o resultado de sua exposição diante da plateia.

Há **várias formas** [ars] disponíveis para você apresentar um discurso. Elas vão desde a **leitura** [ars] até o **improviso total** [ars]. É muito importante que você **tenha o domínio** [natura] de todas elas, pois, embora a escolha de uma ou de outra deva considerar o **estilo** [natura] e a **habilidade** [natura] de cada pessoa, sua opção dependerá também – e acima de tudo – do **contexto que cerca a apresentação** [ars].

Você vai constatar que nem sempre as **técnicas** [ars] aparentemente simples de serem utilizadas **podem ser dominadas com facilidade** [exercitatio] e que, ao contrário, aquelas que à primeira vista são muito complicadas em alguns casos **podem até ser aplicadas** [exercitatio] com bastante tranquilidade.” (p. 17,18)

#### Excerto 5:

**Língua: instrumento de comunicação - Suely Shibao**

**Total: 20 [ars]: 4 [natura]: 0 [exercitatio]: 16**

LÍNGUA: Instrumento de comunicação/Suely Shibao (Coordenadora) –Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed. 1997. Coleção marechal Trompowsky

“Durante muitos anos, somente o **texto clássico** [exercitatio] e o **registro formal da linguagem** [exercitatio] ganharam espaço nas **aulas de Língua Portuguesa** [exercitatio]; a **análise literária** [exercitatio] e a **observação rigorosa das regras gramaticais** [exercitatio] **norteavam** [ars] a consecução dos objetivos do **ensino da língua materna** [exercitatio].

Hoje em dia, é inegável a existência de um universo cultural mais abrangente, dominado **pelos meios de comunicação social** [exercitatio], no qual **características** [ars] do literário e do não literário, do formal e do não formal se mesclam em **novas formas de texto** [exercitatio] que envolvem não só a palavra escrita como a exploração do signo visual. Por isso, cabe ao professor de língua materna – mediador do processo ensino-aprendizagem atento aos avanços da **linguística** [ars]– proporcionar a **interação** [exercitatio] entre educando e o universo cultural que o cerca, através do estudo de **produções textuais várias** [exercitatio] (**textos publicitários** [exercitatio], **administrativos** [exercitatio], **teóricos** [exercitatio], **regionais** [exercitatio], **musicados** [exercitatio], **não verbais** [exercitatio], entre outros) em que as **funções da linguagem** [ars] traduzem uma gramática de vida para a vida.” (p. 10)

#### Excerto 6:

**Falar é fácil – Carlos Pimentel**

**Total: 11 [ars]: 8 [natura]: 3 [exercitatio]: 0**

PIMENTEL, Carlos, 1955. Falar é fácil!: Como falar em público sem inibições/Carlos Pimentel – Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

“Este livro tem a pretensão de ensinar uma **apresentação perfeita** [ars]. Aqui eu busco mostrar a **perfeição técnica** [ars], o **uso de recursos** [ars], o **uso da voz** [ars], **do corpo** [ars], **do carisma** [ars] que **todos temos** [natura], mas poucos **sabem usar** [ars]. Quanto ao **conteúdo** [natura], isso é com você. Se você não tiver nada **importante e inteligente a dizer** [natura], não há **livro no mundo** [ars] que possa ajudá-lo.”

#### Excerto 7:

**Retóricas de ontem e hoje – Lineide do Lago Salvador Mosca (org.)**

**Total: 9 [ars]: 6 [natura]: 2 [exercitatio]: 1**

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. Retóricas de ontem e hoje/ Lineide do Lago Salvador Mosca,org. 3.Ed. –São Paulo: Associação Humanitas, 2004. 199p.

“A **consideração da situação discursiva** [ars] como elemento determinante da produção do sentido, bem como a **relação entre os interlocutores** [ars] e a **procura do consenso** [ars], a **preocupação com o público** [ars] e a formação de opinião colocam os **estudos retóricos-argumentativos** [ars] em plena ordem do dia. Na medida em que se encara o **discurso como ação** [exercitatio], importa salientar o poder decisório que dele emerge e a sua importância na criação de **atitudes** [natura] e de **posicionamentos** [natura]. De tudo isso, decorre a efervescência dos **estudos de argumentação e da Retórica** [ars] no panorama das Ciências da Linguagem.” (p. 8)

#### Excerto 8:

**Como ouvir e falar com eficácia - Harvey Robbins.**

**Total: 7 [ars]: 2 [natura]: 2 [exercitatio]: 3**

ROBBINS, Harvey. Como ouvir e falar com eficácia – tradução de Talita Macedo Rodrigues – Rio de Janeiro: Campus, 1994

“Uma das etapas mais importantes para se conseguir uma comunicação mais eficaz é, em primeiro lugar, **reconhecer** [exercitatio] e compreender **por que ocorrem** [ars] desentendimentos e, em seguida, **aprender a reduzi-los ou evitá-los** [exercitatio]. **Entender o gap** [ars] (*um hiato*) que ocorre durante o processo de comunicação o ajudará a **diminuir as confusões** [exercitatio] que podem surgir entre você e a outra pessoa, e esclarecer **suposições** [natura] que ambos fazem [natura] acerca das **intenções** [natura] um do outro.”

#### Excerto 9:

**Persuator – Dirce Conte & Maria Aparecida Feiges.**

**Total: 11 [ars]: 2 [natura]: 5 [exercitatio]: 4**

CONTE, Dirce & FEIGES, Maria Aparecida. Persuator: persuasão e influência. Rio de Janeiro: Qualitymark Ed. 2000.

“Quando assistimos [exercitatio] a palestras e eventos, apresentados por pessoas denominadas no mercado como pessoas de sucesso, vemos com clareza o quanto a palavra pode significar coisas diferentes.” p. 9 – introdução.

“Do mesmo modo, o Persuador torna sua ação não apenas casual [ars], mas agindo como se fosse aquele que influencia, ‘vestindo’ lentamente os pensamentos [natura] do Persuador, exercitando sua performance [exercitatio], de modo a criar a inspiração [natura] que se transforma em ação [exercitatio]. Tanto um ator genial [natura] como o Persuador, sob o efeito da inspiração [natura], adquirem a vontade de agir [exercitatio], e então agem [exercitatio] com todo o conteúdo da vida [natura], reforçada pelo espírito humano que o personagem assume [ars].”

#### Excerto 10:

##### Introdução à Retórica - Dante Tringali

Total: 22 [ars]: 21 [natura]: 0 [exercitatio]: 1

in prefácio de TRINGALI Dante, Introdução à Retórica : a Retórica como crítica literária/ São Paulo : Duas Cidades, Araraquara, 1988

“No que concerne às figuras, ninguém contesta a possibilidade de se constituírem numa área autônoma de conhecimento, no entanto, o estudo das figuras [ars] só será retórico à medida que se subordinar ao espírito da Retórica [ars], a a intenção de persuadir [ars]. E a propósito é mesmo de se perguntar [ars] se ocorre, na prática [exercitatio], alguma figura que não seja persuasiva.” (p. 7)

“A primeira Retórica [ars], a Retórica por excelência, a Retórica integral [ars], nascida na Grécia e chamada de convenção, Retórica Antiga [ars], sofreu, no decorrer do tempo, mutilações sucessivas [ars] e, algumas de suas partes [ars], que se tornaram autônomas [ars], pretenderam representar toda a Retórica [ars]. Nada obstante, as novas Retóricas [ars] surgidas por esse processo, nunca invalidaram as anteriores e, atualmente, convivemos com muitas Retóricas [ars], a saber, a Retórica Antiga [ars], a Retórica Clássica [ars], a Retórica das Figuras [ars], a Retórica Nova [ars] e a Retórica Semiótica [ars]” (p. 9)

“Persuadir é gênero e compreende três espécies [ars], três modos de persuadir, a saber, convencer, comover, agradecer. A estes três níveis de persuasão, Cícero chama [ars] de ‘*Tria officia*’, as três funções essenciais da Retórica [ars]. A primeira se diz lógica, a segunda afetiva, a terceira estética.” (p. 21 )

#### Excerto 11:

##### Gramática do Português Brasileiro. — Ataliba de Castilho.

Total: 20 [ars]: 12 [natura]: 4 [exercitatio]: 4

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo:Contexto, 2010.

“Teorias linguísticas [ars] há muitas. Mas falta uma teoria que postule a língua em seu dinamismo, [ars] como um conjunto articulado de processos [ars]. Enfrento esta questão nesta gramática. Quando falamos [exercitatio] ou quando escrevemos [exercitatio], uma intensa atividade é desencadeada em nossas mentes [natura]. Isso ocorre com enorme rapidez, acionando quatro sistemas linguísticos [natura], cada um deles configurado por um elenco de categorias [ars]: o léxico [ars], a semântica [ars], o discurso [ars] e a gramática [ars]. Esses sistemas são articulados pelos princípios sociocognitivos [ars] que regem a conversação, a mais básica das atividades linguísticas [exercitatio]. p. 31

A teoria multissistêmica [ars] aqui exposta tem um forte conteúdo funcionalista-cognitivista [ars]. Reconheço que ainda é impossível descrever [ars] todos os movimentos mentais envolvidos [natura] na atividade linguística [exercitatio]. Mas não há dúvida de que em cada som emitido [exercitatio], em cada sinal gráfico lançado ao papel [exercitatio], toma corpo um enorme conhecimento linguístico que foi ativado [natura], permitindo o milagre da compreensão mútua por meio de tão poucos sons e letras, e de tão escassas palavras e construções.” (p. 32)

#### Excerto 12:

##### Comunicação não verbal na interação humana — Mark L. Knapp, Judith A Hall.

Total: 14 [ars]: 12 [natura]: 0 [exercitatio]: 16

KNAPP, Mark L. Comunicação não verbal na interação humana. Tradução Mary Amazonas Leite de Barros — São Paulo, JSN Editora, 1999.

“Para a maioria das pessoas a expressão comunicação não verbal refere-se à comunicação feita [exercitatio] por meios diferentes das palavras (supondo as palavras como elemento ‘verbal’). Embora tal definição [ars] forneça uma perspectiva inicial útil, ela se torna menos adequada (e precisa) à medida que aprendemos mais sobre a complexidade da comunicação enquanto comportamento [exercitatio].

Por exemplo: Seriam os comportamentos [exercitatio] estudados [ars] sob o título de não verbais literalmente não verbais? Ray Birdwhistell, um pesquisador pioneiro, teria dito que estudar comunicação não verbal é como estudar fisiologia não cardíaca. De fato, não é fácil dissecar [ars] a interação humana [exercitatio] e apresentar um diagnóstico [ars] restrito ao comportamento verbal [exercitatio] e outro relativo apenas ao não verbal [exercitatio]. A dimensão verbal está tão intimamente entrelaçada e representada com tal sutileza em tudo aquilo a princípio rotulado de não verbal que o termo [ars] nem sempre descreve de modo adequado o comportamento [exercitatio] em estudo. Alguns dos mais notáveis estudiosos do assunto [ars] recusam-se a separar [ars] palavras de gestos; daí trabalharem com expressões mais amplas [ars] como comunicação [exercitatio] ou interação face a face [exercitatio].

Por exemplo, os gestos que compõem [exercitatio] a linguagem de sinais dos surdos são claramente linguísticos [ars], ou seja, verbais. No entanto, gestos com as mãos [exercitatio] com frequência são considerados comportamentos [exercitatio] ‘diferentes das palavras’. Por outro lado, nem todas as palavras faladas [exercitatio] ou ‘aparentes’ cadeias de palavras são claras ou estritamente verbais [ars], a exemplo as palavras onomatopáicas [exercitatio] e da fala particular [exercitatio] usada por leiloeiros e alguns afásicos. Às vezes, a linha entre comunicação verbal e não verbal é muito difusa [ars]. Esperar por categorias precisas [ars] e organizadas é com frequência menos realista do que esperar por pontos de interseção, em que determinados comportamentos [exercitatio] apresentam aspectos de duas categorias distintas [ars].” p. 17

### Excerto 13:

#### Arte de falar em público — Paulo Silva Araújo.

Total: 14 [ars]: 6 [natura]: 5 [exercitatio]: 5

ARAÚJO, Paulo Silva de. Arte de falar em público: discursos, conferências, palanque, eletrônico. Rio de Janeiro: Forense, 2003

“Retórica é o estudo teórico [ars] das normas relativas [ars] ao uso eloquente [exercitatio] e artístico da palavra oral. Teoria da oratória [ars].” p. 1

“O homem sente particular agrado [natura], de natureza desinteressada [natura], em falar ante o público [exercitatio].” (p.2)

“O ente humano gosta [natura] de ver-se e mostrar-se objeto [exercitatio] dos olhares e dos comentários de seletos auditórios [exercitatio].” (p.3)

“Discurso é a manifestação [exercitatio] de ideias [natura] e sentimentos [natura] em público segundo as normas retóricas [ars], a fim de convencer, persuadir, comover, deleitar e instruir os ouvintes. Todo discurso deve ser belo [ars], pois oratória é arte [ars], quer dizer, uma das singulares exposições da beleza.” (p. 25)

### Excerto 14:

#### O segredo de falar em público — Maurício Góis

Total: 14 [ars]: 10 [natura]: 2 [exercitatio]: 8

GÓIS, Maurício. O segredo de falar em público. 1. Ed. — São Paulo: Amadio, 2007.

“Para efeito didático [ars] apenas, sempre que ouvir o termo discurso [ars], deverá traduzi-lo por exposição [exercitatio] metódica [ars] sobre certo assunto, ou conversa dirigida [exercitatio] para um determinado público, fala [exercitatio] para uma audiência, texto escrito [exercitatio] para ser falado em qualquer lugar e até para uma multidão incontável. Seguindo o mesmo raciocínio, ao ler o termo orador [ars], tenha em mente: comunicador de um auditório [exercitatio], aquele que fala para uma audiência [exercitatio] grande ou pequena, o que usa a palavra [exercitatio], o que apresenta [exercitatio] uma ideia em público.

O termo discurso [ars] não deve se entendido como palavreado vão [ars], ostentoso [ars] e cansativo [ars]; assim como o vocábulo orador [ars] não significa apenas aquele que fala bonito [ars], que tem o dom da palavra [natura], que fascina multidões [natura] ou que ora em público.” (p. 13, Introdução).

### Excerto 15:

#### Falar, ler e escrever português e literatura.

Total: 14 [ars]: 3 [natura]: 4 [exercitatio]: 7

FILHO, Aires da Mata Machado. Falar, ler e escrever português e literatura. Coleção escrever certo. Vol VI 5- 2.Ed — Boa Leitura editora S.A. 1996.

“A diferença entre linguagem transmitida e linguagem adquirida, leva a compreender quanto é importante o exercício de composição [exercitatio]. A parte da linguagem sujeita a transmissão integra o indivíduo no grupo social a que pertence, habilitando-o às trocas expressivas indispensáveis [exercitatio]. A ampliação das necessidades idiomáticas [ars], quando o espaço linguístico ultrapassa os limites da região e o intercâmbio se alarga e se entrecruza, acarreta exigências numerosas, peculiares à linguagem adquirida [exercitatio].” (p.11)

“O afã de compreender explica-se pela necessidade humana de comunicar [exercitatio]. Compreender para comunicar equivale a redigir [exercitatio]. nem a outro objetivo [ars] serve o ensino da língua. Evidenciada assim a sua importância central, também se patenteia, como fundamental atividade, o exercício de composição [exercitatio].” ( p. 11-12.)

### Excerto 16:

#### Você quer falar melhor?

Total: 13 [ars]: 4 [natura]: 7 [exercitatio]: 2

BLOCH, Pedro. Você quer falar melhor? Edições Bloch, 7. Ed. Rio de Janeiro, 1977

“Todo profissional da voz precisa utilizar [exercitatio] seu instrumento de trabalho. Cada ser humano tem a voz do que é [natura], a voz que merece [natura]. Por isso não se deve restringir o seu conhecimento [ars], o seu aperfeiçoamento [exercitatio], ao profissional da voz. Todo ser humano deve falar bem [ars] com boa voz [natura]. A metade da vitória, no mundo em que vivemos, consiste em saber veicular [ars] suas ideias, comunicar-se adequadamente [ars], de acordo com o que pensa [natura], sente [natura], é [natura], faz, e deseja [natura].” (p. 5)

### Excerto 17:

#### Como falar bem em público — William Douglas e outros

Total: 44 [ars]: 16 [natura]: 13 [exercitatio]: 15

DOUGLAS, Willian, SPINA, Ana Lúcia e CUNHA, Rogério Sanches. Como falar bem em público. São Paulo: Ediouro, 2008.

“A palavra comunicação vem do latim e designa [ars] a ação de transmitir ideias e sentimentos, de partilhar, de dividir, de interagir socialmente. É amplo o seu sentido [ars] — nem sempre ligado ao expor-se falando em público”. p. 11

“Disse Rubem Alves: ‘Todos aqueles que têm a ousadia de falar e escrever [exercitatio] acreditam, ainda que de forma tênue, que o seu falar faz alguma diferença.’ É o nosso caso. Acreditamos na palavra como instrumento de crescimento pessoal [natura], de justiça [natura], de revolução e de poder [natura]

exercício em prol do bem coletivo [natura]. Nós, seres humanos, podemos — e devemos — fazer o melhor uso [exercitatio] desse sagrado instrumento que é a palavra. É algo que se aprende [ars] e que se aperfeiçoa na prática [exercitatio]. Há que estudar os fundamentos [ars] e experimentar [exercitatio]. Só assim vêm a segurança [natura], a desenvoltura [natura] e, sobretudo, a transparência [natura].” (p. 12)

“Esta arte [ars] — falar bem em público — é bem mais ampla e gratificante do que um simples reconhecimento de um bom orador possa sugerir. Como diz Arthur Távola, ‘a palavra é a expressão por excelência do pensamento [ars]. Quanto mais o expresse [exercitatio], amplie [exercitatio] e o conduza a profundidades [exercitatio], mais fecundo o torna’. Aprimorar a comunicação, portanto, é ampliar cada vez mais nossa capacidade de raciocínio [natura]. Nesse sentido, na verdade, enquanto estetas da fala [ars], somos também (e quem sabe até principalmente) serviços do pensamento [natura]. Sem a palavra não há construção de pensamento. Sem a palavra, jamais expressaríamos ideias, uma capacidade que ficaria condenada ao degredo interno, às nossas profundezas, como mistérios até para nós mesmos.

É bem verdade que a palavra pode ser posta a serviço [exercitatio] do mal ou do bem. Trata-se de uma questão de escolha [natura], porque as pessoas que dela fazem uso desenvolvem sabendo perfeitamente a que estão servindo. Líderes históricos de grande capacidade de expressão [exercitatio] demonstram bem a que ponto pode chegar essa possibilidade. Levam as massas [exercitatio] a um estágio mais avançado ou à volta à barbárie. A palavra é um sagrado instrumento [ars] para caminhar em busca da verdade [natura]: defini-la, concebê-la e propagá-la.” (p.13)

“Quem quer se comunicar bem em público tem de aprender a fazê-lo [ars], e isso, além de conhecer os fundamentos [ars], requer prática [exercitatio]. Assim, comece com o propósito de vencer [natura] a limitação que o paralisa quando tem de se expor, e disponha-se a praticar exercícios [exercitatio] [...] a prática [exercitatio] se encarrega de consolidar os fundamentos [ars] e ampliar ainda mais as novas possibilidades que você agrega a seu perfil [natura].” (p.14-15)

“Uma de nossas premissas [ars] equivocadas é a de que basta expor argumentos [ars] para que sejam imediatamente absorvidos por outras pessoas. Muitas e muitas vezes isso não basta. É preciso encontrar a maneira certa de expor [ars] esses pensamentos, de chegar ao coração e à mente [ars] de quem nos escuta, ou, antes, dominar os recursos [ars] que podem cativar nossos interlocutores [exercitatio], fazendo com que prestem atenção no que falamos [exercitatio].”

(p.. 16)

#### Excerto 18:

##### Manual de expressão oral e escrita

Total: 20 [ars]: 4 [natura]: 10 [exercitatio]: 6

CAMARA JUNIOR, Joaquim Matoso. Manual de expressão oral e escrita — 9 ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

“Tem se discutido muito sobre as funções essenciais da linguagem humana [ars] e hierarquia natural [ars] que há entre elas. É fácil observar, por exemplo, que é pela posse e pelo uso da linguagem [exercitatio], falando oralmente ao próximo [exercitatio] ou mentalmente a nós mesmos [exercitatio], que conseguimos organizar o nosso pensamento [natura] e torná-lo articulado [natura], concatenado [natura] e nítido [natura]; é assim que, as crianças, a partir do momento em que, rigorosamente, adquirem o manejo da língua dos adultos e deixam para trás o balbúcio e a expressão fragmentada e difusa, surge um novo e repentino vigor de raciocínio [natura], que não só decorre do desenvolvimento do cérebro [natura], mas também da circunstância de que o indivíduo dispõe agora da língua materna [natura], a serviço de todo o seu trabalho de atividade mental [natura]. Se se inicia e desenvolve o estudo metódico [ars] dos caracteres e aplicações [exercitatio] desse novo e preciso instrumento, vai concomitantemente, aperfeiçoando-se [exercitatio] a capacidade de pensar [natura], da mesma sorte que se aperfeiçoa o operário [natura] com o domínio [exercitatio] e o conhecimento seguro [ars] das ferramentas da sua profissão. E é este, e não outro, antes de tudo, o essencial proveito de tal ensino.” (p.11 )

#### Excerto 19:

##### Comunicação em prosa moderna — Othon Garcia

Total: 14 [ars]: 7 [natura]: 1 [exercitatio]: 6

GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever aprendendo a pensar. 25. Ed. — Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

“Dentro da liberdade de combinações [exercitatio] que é própria da fala ou discurso — liberdade que permite a cada qual expressar seu pensamento de maneira pessoal [exercitatio], sem ter de repetir sempre, servilmente, frases já feitas [exercitatio], já estereotipadas — há certos limites impostos pela gramática [ars], limites que impedem a invenção de uma nova língua cada vez que se fala. Nossa liberdade de construir frases [exercitatio] está, assim, condicionada a um mínimo de gramaticalidade [ars] - que não significa apenas nem necessariamente correção [ars] (há frases que, apesar de, até certo ponto, incorretas, são plenamente inteligíveis). Carentes da articulação sintática necessária [ars], as palavras se atropelam, não fazem sentido — e, quando não há nenhum sentido possível, não há frase, mas apenas um ajuntamento de palavras. ‘Cada qual é livre para dizer o que quer [exercitatio], mas sob a condição de ser compreendido [ars] por aquele a quem se dirige. A linguagem é comunicação [ars], e nada é comunicado se o discurso não é compreendido [exercitatio]. Toda mensagem deve ser inteligível’ [ars], diz Jean Cohen (Structure du langage poétique, p. 105-6)”

#### Excerto 20:

##### A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura — Wander Emediato.

Total: 33 [ars]: 9 [natura]: 10 [exercitatio]: 14

EMEDIATO, Wander. A fórmula do texto: redação, argumentação e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2005.



“Falar e escrever são ações comunicativas e, para que tais ações sejam eficazes, é preciso que se entenda, antes de tudo, o que significa comunicar. Comunicar é adaptar-se a uma situação de comunicação [exercitatio] e engajar-se em uma interação [exercitatio] com alguém. Para ampliar a sua competência comunicativa, o comunicador deve saber quais são as formas mais adaptadas e pertinentes para serem aplicadas em uma determinada situação de comunicação. Comunicar é “pôr em comum”. Nesse sentido, não há comunicação unilateral ou solitária. Toda comunicação inclui um parceiro. Essas são as noções fundamentais que um comunicador deve saber para iniciar um projeto de comunicação cujo objetivo é atingir a eficácia.” (p.17).

“A linguagem é um instrumento eficaz para atingir objetivos em um mundo marcado pela complexidade de relações humanas. Ela nos permite entrar em relação com outras pessoas [exercitatio], trocar informações [exercitatio], expressar afetos e emoções [natura], solicitar o auxílio do outro [exercitatio], levar o outro a agir [exercitatio], influenciá-lo em suas decisões e ações [natura]. É através da linguagem que materializamos [exercitatio] nossas intenções em relação ao outro. Segundo Peter Drucker, um dos pensadores modernos da administração, 60% de todos os problemas administrativos resultam de ineficiência e falhas na comunicação [exercitatio]. Não só na área empresarial, mas também em todos os outros domínios que demandam relações entre pessoas, a comunicação é importante [exercitatio] e sua ineficiência pode causar prejuízos materiais, afetivos e pessoais.” (p.17)

“Quando comunicamos desejamos, acima de tudo, materializar nossas intenções [natura]. Onde não há intenção [natura], não há necessidade de comunicação. O sujeito falante se comunica, portanto, quando quer colocar em cena [exercitatio] uma intenção qualquer [natura]. Quais são essas intenções [natura]? Emocionais [natura], vulgar [natura], influenciar [natura], construir uma ação [natura], informar [exercitatio], descrever [exercitatio] o mundo e os acontecimentos, explicar [exercitatio] o significado de um signo, de uma palavra, estabelecer uma relação com o outro [exercitatio], iniciar ou finalizar uma comunicação.”

#### Excerto 21:

**Oratória, liderança e eficiência pessoal da arte e da técnica — Antônio de Pádua Reis.**

**Total: 35 [ars]: 6 [natura]: 17 [exercitatio]: 12**

REIS, Antônio de Pádua. Oratória, liderança e eficiência pessoal da arte e da técnica. Editora Atlas S.A. I. ED. 1964.

“Nunca é demais repetir a velha assertiva: o poeta nasce [natura] o orador faz-se [exercitatio]. A acuidade poética [natura], a intuição [natura] do artista, a inspiração [natura], o talento [natura], nascem com o homem predestinado [natura]. E quanto a oratória? Seria ela privilégio de homens superiores, inacessível à competência média? Afirmaríamos, e argumentos sobejam-nos para tanto, que não há a mais fragilima alegação científica a assegurar da impossibilidade de atingirmos a oratória popular, de dominarmos a preciosa técnica da expressão verbal [exercitatio]. Se Deus nos deu a voz [natura], para falarmos; a mente [natura], para raciocinarmos; e as emoções [natura] e os sentimentos positivos [natura] — por que motivo o suor frio [exercitatio], a tremeadeira [exercitatio], o silêncio [exercitatio]?! Apenas por ignorarmos princípios de oratória [ars], por desconhecermos alguma coisa [ars], mas nunca, jamais, por falta de recursos físicos [natura] ou psíquicos [natura]. Vamos conceder, a bem da verdade, que a oratória dos imortais [ars] será inatingível por nós, que constituímos no homem normal [natura], de possibilidades mais restritas, porém sempre satisfatórias. Compreendendo oratória nessa acepção grandiosa, daríamos razão a Nietzsche, que afirmou ser ela: ‘uma das mais belas flores com que se ornam os super-homens’ [natura]. Mas estaremos sempre insistindo: não é o nosso propósito, e nem poderia ser, formar oradores tribunícios [exercitatio], apenas. Queremos e devemos nos dirigir a todos os homens saudáveis de corpo [natura] e de espírito [natura], que pretendam seu pleno desenvolvimento [exercitatio], o aproveitamento integral [exercitatio] de sua potencialidade interior [natura].” (p. 28-29)

“Se desejamos aprender oratória [ars], preparemo-nos para grandes sacrifícios [exercitatio]. oratória é fácil e é difícil. A apreciação depende do ângulo em que nos colocamos.” (p.31)

“Não há maneira de aprimorarmos a expressão verbal sem estudos [ars] e exercícios repetidos [exercitatio]. Simples assunto que se nos ofereça para o discurso [exercitatio], a mais comezinha palestra [exercitatio] no exercício de nossa profissão, exigem múltiplos conhecimentos [ars], tão amplo é, atualmente, o horizonte da ciência humana.” p. 31

#### Excerto 22:

**Da timidez à expressão de si mesmo — Denise Mascarenhas.**

**Total: 47 [ars]: 3 [natura]: 19 [exercitatio]: 25**

MASCARENHAS, Denise: Da timidez à expressão de si mesmo. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.

“Por meio das palavras [exercitatio], ideias [natura] são explicitadas, saem de uma realidade subjetiva particular [natura] e ganham forma [exercitatio] na realidade subjetiva do outro. Palavras descrevem [exercitatio] o que pensamos [natura], sentimos [natura], projetamos [natura], queremos [natura]. Expressam sentimentos [natura], formulam ideias [natura], convencem [exercitatio], influenciam [exercitatio], sugerem [exercitatio], sensibilizam [exercitatio] e manipulam [exercitatio] pessoas. São usadas para argumentar pontos de vistas [exercitatio], informar [exercitatio], promover trocas [exercitatio]. Estão presentes nos grandes feitos humanos [exercitatio] e também nos piores horrores [exercitatio] vividos pela raça humana. Tanto serve de ponte [exercitatio] entre os mundos internos [natura] das pessoas que se comunicam quanto cria barreiras que dificultam a comunicação interpessoal. É usada na construção saudável de relações humanas [exercitatio], mas também na manipulação destrutiva [exercitatio] de pessoas e situações. Abre portas de interação [exercitatio], ou as fecha. O bom ou mau uso que fazemos da palavra reflete nossa intenção [natura] para com o outro e para com nós mesmos.” (p.13-14).

“Nas relações humanas, na prática da comunicação [exercitatio], tanto oradores profissionais [ars] quanto pessoas comuns usam a emoção [natura] como ferramenta [ars] de convencimento [natura] e também de manipulação [exercitatio]. Cabe a cada um, de acordo com sua ética [natura], fazer bom uso desse poder [ars].” p. 15

“O verdadeiro aprendizado da comunicação envolve não apenas a oratória ou a Retórica, mas a Expressão de Si, verdadeira e autêntica. Os grandes oradores [exercitatio] da Antiguidade eram filósofos [natura]. Transmitiam [exercitatio] suas filosofias de vida [natura]. Expressavam-se coerentemente, e entre o que diziam [exercitatio] e o que faziam [natura] não havia distância. Eles eram [natura] suas palavras [exercitatio], e as suas palavras tinham vida, porque eram eles próprios. Palavras que estão em sintonia com a expressão verdadeira [natura] de quem fala têm grande poder de transformação [exercitatio]. Palavras com esse tipo de poder [natura] perduram. São quase mágicas, têm vida própria, transformam o ouvinte [exercitatio].” (p. 16)

#### Excerto 23:

Arte de falar em público — Mário Viana

Total: 27 [ars]: 17 [natura]: 6 [exercitatio]: 4

VIANA, Mário Gonçalves. Arte de falar em público. Editorial Domingos Barreira.

“Mas para ser orador, isto é, para ser eloquente, não basta sentir [natura]: é preciso saber dizer [ars] aquilo que se sente [natura], saber exprimir [ars] aquilo que se pensa [natura] e saber descrever [ars] aquilo que se vê [natura]. Por isso, disse Pascal que a eloquência é uma pintura [ars] do pensamento [natura]; e Ferri explicou melhor: ‘A eloquência é o talento de transmitir com força [ars], ao espíritos dos outros, o sentimento de que o orador está possuído [natura].’ p. 9

“A oratória é hoje para muitos, literatura [ars]. Engana-se, porém, quem supuser que se produz um discurso como se escreve um artigo [ars], uma crônica, uma nota política. Não. A eloquência tem as suas características imutáveis [ars], a sua técnica própria [ars], a sua vibração [ars], os seus ritmos [ars], os seus timbres [ars], que as distinguem e individualizam [ars] entre todos os outros gêneros literários [ars]. O facto de escrever um discurso antes de pronunciá-lo [exercitatio], não quer dizer que na sua elaboração [ars] deixem de observar-se as regras da oratória [ars], clássica ou moderna, e que o autor se esqueça de que está produzindo um trabalho [exercitatio] especialmente destinado, não a ser lido, mas a ser ouvido. É o esquecimento desta condição fundamental [ars] (agravado ainda pela má leitura [exercitatio] ou pela dicção defeituosa [exercitatio]) que torna francamente insuportáveis muitos discursos”. (Citação de Júlio Dantas, Eloquência, in “O Comércio do Porto”, Porto, 16 de julho de 1944) — (p.16-17)

#### Excerto 24:

A arte de falar em público: Retórica, eloquência, acadêmica — Silveira Bueno.

Total: 65 [ars]: 18 [natura]: 27 [exercitatio]: 20

BUENO, SILVEIRA. A arte de falar em público: Retórica, eloquência, acadêmica. 10ª Edição, São Paulo, 1987.

“De maneira geral diz-se que a eloquência é a faculdade natural de operar sobre o espírito, o coração e a vontade por meio da palavra. Na linguagem rica do povo ouvimos falar em eloquência do olhar, eloquência dos gestos, eloquência do silêncio. Realmente há olhares eloquentes: olhar terno de quem pede, olhares serenos de quem afirma, olhares tristes de quem se despede, olhares irresistíveis de quem manda. Há também eloquência de gestos: numa destra que se agita num adeus, num indicador áspero que aponta a rua, numa concha de mão que oferece água ao sedento, num punho ameaçador e temível. E há silêncios que valem por perorações eloquentíssimas: o silêncio noturno de uma cidade morta. Há em tudo eloquência porque em tudo isto há qualquer força comovedora e impressionante a operar sobre o nosso ânimo. A eloquência depende dos gestos, dos sorrisos, das lágrimas; entretanto, sendo principalmente o efeito da palavra, é necessário para defini-la bem, dizer-se eloquência é a faculdade natural de operar sobre o espírito, sobre o coração, sobre a vontade por meio da palavra.” (p.17)

“Estudar, pois, a Retórica, é por em prática as regras, os princípios que servem para dirigir e aperfeiçoar as disposições inatas da eloquência. Esta é o talento de persuadir ou de comover, dom natural que nasce conosco. A Retórica é útil ao talento porque o dirige com segurança aos seus fins, aumentando-lhe o vigor, desenvolvendo-o inteligentemente, multiplicando-o pelos vários processos de que dispõe, pelos inúmeros artificios de que pode lançar mão. A Retórica desperta, educa e aperfeiçoa o espírito crítico dos homens, dando-lhes o gosto estético pois que a arte da palavra foi sempre a mais antiga e a mais nobre das artes. O fim principal da Retórica é tornar-nos capazes de persuadir ou de comover o ânimo dos ouvintes. Persuadir é convencer, é obrigar com provas e argumentos a inteligência a reconhecer uma verdade, um fato. Comover é mudar a disposição da vontade de um auditório para que ele experimente os mesmos sentimentos e emoções que o orador sente e tenta comunicar-lhe. Não é digno do nome do orador qualquer um que fale em público, mas só aquele que com a palavra consegue a dupla finalidade da oratória: convencer e comover.” p. 18

“Entendido como entendemos o adágio que — O poeta nasce e o orador se faz - concluímos pela necessidade de certos dotes naturais na pessoa do orador, qualidades que a arte aperfeiçoa, desenvolvendo e aumentando extraordinariamente. Sem essas qualidades, todos os esforços da arte serão inúteis, bem como todos esses dotes da natureza, se não forem dirigidos e polidos pelas regras da arte, de muito pouco hão de valer. Assim diz com muito acerto o escritor R. P. Dias que as qualidades naturais do orador são como diamantes brutos, de algum valor natural, mas se forem polidos e lapidados, crescerão enormemente de preço, tornando-se uma joia perfeita. Quais são os dotes naturais que todo orador deve ter? Dividi-los-emos em dois grandes grupos: 1) Dotes internos: talento, memória, imaginação e inspiração. 2) Dote externos: Aparência agradável, posição natural e voz perfeita.”(p. 18-19.)

#### Excerto 25:

A arte de falar em público — Osmar Barbosa

Total: 53 [ars]: 8 [natura]: 18 [exercitatio]: 27

BARBOSA, Osmar. A arte de falar em público. Edições de ouro.

“Falar bem, saber encantar e vibrar um auditório por meio da palavra, eis um dos engenhos maravilhosos de que se pode ufanar o gênero humano. Trata-se de executar o que se podia denominar de magia sonora. Encontrar a expressão que se combina com ambiente, a substância oral que se adapta amplamente à circunstância, o verbo que consegue penetrar a alma, poder metamorfosear o pensamento nas vibrações silábicas, isso não há de ser obra de um instante nem coisa que se agrega simplesmente ao berço, pois, conforme a célebre máxima de Quintiliano, *‘nascuntur poetae, fiunt oratores’*. Sim, na verdade, os poetas já nascem feitos, com estrela em forma de lira sobre o berço, ao passo que os oradores têm de fazer-se, uma vez que não se sobe a uma tribuna com o mesmo jeito com que se galga o Parnaso. Todavia, ao contrário da famosa máxima, como no caso dos poetas, a natureza também não deixa de contribuir para o sucesso dos oradores. Mesmo assim, todo o triunfo e todo o progresso do homem que procura falar bem, que deseja expressar com acerto, sem contar com a eloquência natural, tem como principais fatores os esforços despendidos em longos e pacientes estudos, em constantes e firmes exercícios, com especialidade. a Retórica.” (p. 7-8, Introdução)

“Falar bem não é apenas elevar a voz à maneira dos trovões nem fazer gestos à moda dos cata-ventos. É preciso que se aprenda a persuadir por meio da palavra atraente, ficando a mimica em um segundo plano, pois a gesticulação só tem graça quando sabe ritmar o verbo.” (p. 8, Introdução).

“O bom orador precisa reunir em si várias qualidades com as quais possa prender o interesse dos que o ouvem e difundir-lhes suas ideias. Não pode esquecer a aparência antes de galgar a tribuna. Seu olhar deve ser firme, dirigido sempre para toda a assembleia que o fita, e não apenas para um só lado ou para uma única pessoa. Vai tornar-se o fluido principal da psicose coletiva, e daí a sua obrigação de ser correto em todos os pormenores. Seus gestos não poderão ser mais amplos do que sua voz, e a entonação desta não depende somente da acústica, mas também da própria substância e do próprio ritmo do discurso. Seu vocabulário não pode ser pobre, nem demasiadamente rico. O preciosismo pode ser usado no estilo de um escritor, porém, na arte oratória, mesmo nos meios acadêmicos, pode tornar enfadonho um discurso que seria brilhante sem o uso do que há de mais raro em nossos dicionários. Não basta a facilidade da expressão, a falta de timidez, se não existe mais íntimo conhecimento do idioma, pois um erro sintático em meio de uma catarata de frases retumbantes joga por terra toda a verbosidade do orador.” (p.11-12)

Excerto 26:

Técnica de redação — Magda Becker Soares e Edson Nascimento Campos.

Total: 9 [ars]: 5 [natura]: 2 [exercitatio]: 2

SOARES, Magda Becker e CAMPOS, Edson Nascimento. Técnica de redação Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.

“Fazer uma redação significa construir atos de comunicação. E todo ato de comunicação existe um emissor, sujeito que possui intenções e que as coloca em forma de mensagem, construídas por um conjunto organizado de sinais chamado código, e endereçada a um receptor: o leitor. Fazer uma redação é tarefa de produção de mensagens, concretizadas por um ou mais códigos disponíveis, que materializam diversas intenções, tendo em vista diversos leitores. O objetivo geral básico é: produzir mensagens, utilizando o código língua.



## ANEXO III - ROTEIRO DO CURSO DE ORATÓRIA NO FORMATO EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

### UNIDADE III - Aspectos formais

Vamos estudar diversos aspectos formais

São os aspectos observáveis pelo público, objetivos, externos à individualidade do sujeito-orador. Influenciam sobremaneira a percepção que o público tem do orador e, conseqüentemente, a avaliação quanto à qualidade do discurso.

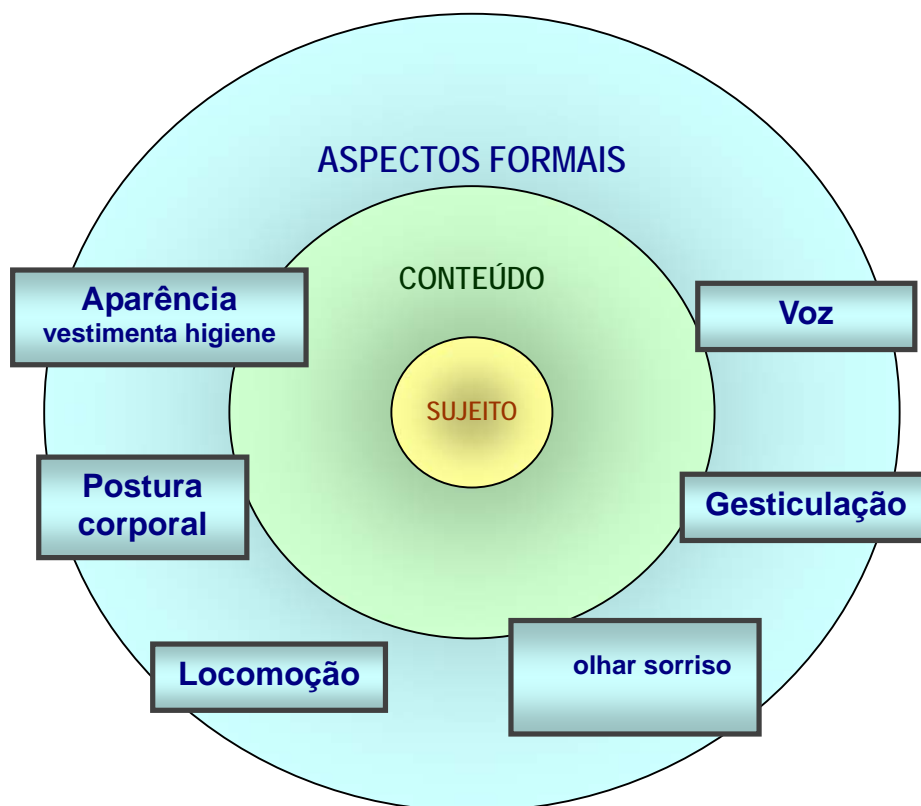
Cada um, isoladamente, poderia render material para muita discussão e até cursos específicos de muitas horas. Porém, como nosso objetivo é trabalhar os fundamentos da oratória, veremos pontos importantes sobre cada um desses aspectos, sem a pretensão de explorar à exaustão cada um deles.

ATENÇÃO: não existem procedimentos aplicáveis indistintamente a todas as situações ou regras absolutas de como agir em relação aos aspectos formais. A oratória é uma arte. Portanto, cabe ao orador a sensibilidade de perceber qual técnica é mais apropriada para cada circunstância.

Vejamos de que trataremos em relação a cada um dos aspectos formais que estudaremos.

**CLIQUE** nos quadros, na ordem desejada.

*Melhor usar imagem d os 3 círculos concêntricos e dispor os 6 itens ao longo do círculo, já que NÃO HÁ uma seqüência dos aspectos. Tirar os quadros com letras vermelhas*



*Ao clicar, aparecem as definições de cada aspecto formal.*

**Aparência:**

- **Vestimenta:** roupas e acessórios que o orador usa
- **Higiene:** cuidados com cabelos, unhas, higiene pessoal, perfume

**Postura corporal:** modo como se apresenta diante do público. Como se posta à tribuna, à mesa, em pé, sentado, diante ou não do microfone.

**Locomoção:** deslocamentos do orador no espaço disponível

**Semblante:** expressões fisionômicas

- **Olhar:** modo com estabelece contato visual com o público
- **Sorriso:** expressão dos lábios.

**Gesticulação:** movimentos corporais, principalmente das mãos e braços, mas que incluem alguns da cabeça, do rosto, dos ombros, dos pés e pernas e de outras partes do corpo.

**Voz:** *pronúncia, dicção, entonação, ritmo, modulações vocais*

**ENFEZADO:** É bobagem estudar esses aspectos, pois eles são superficiais. São apenas a “casca” do discurso. É muito mais importante o que está sendo dito do que a forma como se diz.

Portanto, o orador deve se preocupar apenas em elaborar seu discurso. Se o que ele falar for verdadeiro e convincente, atingirá seus objetivos.

**PEQ FALADOR:** É mesmo! Quero ganhar tempo e acho frescura ficar “maquiando” minha fala.

**POETA:** Em “Retórica a Herênio” há uma passagem muito apropriada para se evitar cair nessa armadilha de discutir qual parte da oratória é a mais importante. *colocar aqui a passagem sobre a importância de todas as partes, dada em resposta àqueles que privilegiavam a pronuntiatio.*

**VENDEDOR DE LIVROS:** Legal, além de gostar de poesia, você está lendo os clássicos da oratória. Parabéns! Há uma edição brasileira bilíngüe desse livro. *LINK para livro.*

Essa discussão levou a Retórica a uma redução de seu campo de estudos ao longo dos séculos. Se quiser percorrer essa trajetória da Retórica, na visão do Prof. Sebastião Cherubim, clique **AQUI**. *JANELA para Introdução ao DFL. Ao abrir a janela, aparece o* **VENDEDOR DE LIVROS, com o Dicionário de Figuras de Linguagem, de Sebastião Cherubim.** Na verdade, porém, o ideal seria desenvolver nossas capacidades integralmente.

**DIPLOMATA:** Tem razão, eu gosto do meu público e quero oferecer a ele o melhor, bem embaladinho. Sei que o conteúdo é fundamental, mas não custa melhorar a apresentação.

**GIRIATO:** Faço isso quando me arrumo pra uma namorada. Sei que ela gosta de mim pelo que sou, mas não custa caprichar no visual para ela gostar mais ainda...

**ROMÂNTICA:** Até quando faço compras, às vezes escolho um produto por causa da embalagem. Sei que o que está por fora nem sempre tem a mesma qualidade do que está por dentro. Porém, se o fabricante teve cuidado nos detalhes e investiu em embalagem, deve ter cuidado semelhante e cuidar também do produto em si.

PROF. IVAN: Sim, todos estão certos. Cabe ressaltar, entretanto, que os aspectos formais não são simplesmente a “casca” do discurso. Muito mais que embalar o conteúdo, a forma como é apresentado ajuda na captação, no entendimento, no proveito, enfim, da mensagem. Por isso, deve o orador se ocupar de desenvolver a capacidade de utilizá-los bem e de programar, quando possível, sua apresentação também em relação a tais aspectos.

APRESSADINHO: Ficar pensando em aspectos formais tira o tempo para pensarmos no assunto. Além disso, treinar uma apresentação demora demais. Eu gosto de ganhar tempo!

PROF. IVAN: Não seria melhor ganhar as mentes e os corações das pessoas, do que economizar algum tempinho? Além disso, treinando, você incorpora recursos que causam melhor impacto e permitem ao público aproveitar mais o seu discurso.

SERMONISTA: Sem esforço, não se avança na oratória. É preciso tempo, treino, observação, prática. E é preciso atenção a todos os detalhes. Deixar de lado qualquer dos aspectos compromete os resultados. Dá trabalho, mas vale a pena!

## APARÊNCIA – vestimenta e *higiene*

**Como diz o ditado, “a primeira impressão é que fica”. Antes mesmo de o orador pronunciar a primeira palavra, os ouvintes percebem sua presença e prejulgam sua capacidade pela sua apresentação pessoal. Claro, o orador pode mudar, no transcurso da fala, essa primeira visão. Porém, se, desde o início, causar uma boa impressão, facilita seu próprio trabalho.**

GIRIATO: É mesmo, brother. Me deram uma cubada e eu fiquei todo sem jeito no dia que fui dar um alô pra galera.

ROMÂNTICA: hein?

GIRIATO: Digo: Sim, Prof. Ivan. Fiquei constrangido por todos repararem nos mínimos detalhes da forma como me apresentava para a palestra.

ROMÂNTICA: Engraçado. Toda vez que emoções mais fortes afloram, você retorna às gírias.

Poderíamos resumir as recomendações principais quanto à vestimenta para a oratória em três palavras: discrição, conforto e elegância

**DISCRIÇÃO:** A roupa não deve aparecer mais que a mensagem.

**CONFORTO:** A roupa deve dar condições para o orador executar bem seu trabalho.

**ELEGÂNCIA:** A roupa deve estar adequada à circunstância.

Enfim, o orador deve estar à vontade com sua roupa e jamais ficar ajustando a roupa na frente do público, como vimos na unidade ASPECTOS EMOCIONAIS, ao tratar do assunto BASTIDORES.

**ESQUECIDINHO:** Não me lembro bem... *voltar à unid com ESQUECIDINHO*

O quadro a seguir relaciona questões práticas sobre vestimenta e higiene a cada uma das três recomendações:

Cuidados especiais	Dicas para vestimenta e higiene			O que o orador “está dizendo” (sentido produzido)
Peças ou itens	DISCRIÇÃO A roupa não deve aparecer mais que a mensagem	CONFORTO A roupa deve dar condições para o orador executar bem seu trabalho	ELEGÂNCIA A roupa deve estar adequada à circunstância e gerar bem estar.	Agindo bem
				Agindo mal
	roupas			
Decotes e transparências	SERMONISTA: Assim, o público não consegue prestar atenção ao discurso. O povo já tem certa tendência a pensar “bestagem”. Se o orador,	É possível usar roupas confortáveis no calor, que trabalhem a temperatura não com base na falta de pano, mas na	Resguardar-se demonstra nobreza.	Procurou chamar a atenção para o discurso, não para a minha pessoa.
				Quero reforçar mais a minha imagem sensual que a

	ou oradora, ajudam...	qualidade dele.		<i>mensagem.</i>
Saias curtas	Em especial, quando a oradora fala sentada e a mesa, mais elevada que os assentos para o público não tem toalha.	Restringem algumas possibilidades de locomoção.	Resguardar-se demonstra seriedade e maturidade .	<i>Zelo pela minha imagem.</i>
				<i>Para mim, o mais importante é preservar meus hábitos.</i>
Bolsos	Bolsos cheios enfeiam a figura do orador.	Se procura anotações nos bolsos, mas eles estão repletos de outras coisas, o orador se desconcentra e ao público.	Recomenda-se esvaziar os bolsos e colocar os pertences numa pequena pasta ou nécessaire bem antes de assumir a tribuna.  No máximo, lenço no bolso da calça e portacartões no bolso do paletó.	<i>Estou ocupado exclusivamente em fazer um bom discurso. Não quero que nada me distraia.</i>
				<i>Sou desorganizado. Tenho que levar tudo no bolso.</i>
Uniformes	Válido usar quando se está em ambiente profissional.	Como é um traje habitualmente usado, já se está acostumado a ele.	É importante cuidar para que esteja bem limpo e cuidado.	<i>Sou profissional. Portanto, você deve acreditar em mim.</i>
				<i>Caso do bombeiro</i> <i>Só sei me posicionar no âmbito profissional.</i>
Combinações de cor e estampas	Devem ser sóbrias e acompanhar as recomendações mais permanentes. Roupas “super na moda” somente em casos muito especiais. Melhor não ser tão	Cores muito berrantes cansam os ouvintes mais rapidamente. Listras não são recomendadas quando se dá entrevistas na TV, pois fazem a	Além do bom gosto, há a questão de determinadas estampas não caberem em certas circunstâncias, por mais belas que sejam as peças do vestuário. <b>Caso da</b>	<i>Compreendo o valor da moda, mas não sou escravo dela. Procuro me igualar ao público, inclusive no modo de vestir. Assim, gero identificação mais facilmente.</i>

	vanguardista nem tão démodé. Para homens, é quase infalível usar paletó claro durante o dia e escuro à noite. Em ocasiões formais, o “pretinho básico” sempre funciona bem para mulheres.	imagem parecer tremida.	<b>gravata.</b> Certa feita, um orador discorria sobre os resultados financeiros da empresa de forma brilhante. Porém, no corredor após a palestra, só se comentava sobre a estampa de Pato Donald estilizado que ele tinha na gravata. Como fora agraciado com ela num seminário da mesma empresa em Orlando, ostentava a peça como um troféu...	<i>Gosto de chamar bem a atenção. Preciso de reforço dos demais. Preciso me impor por fatores externos. Portanto, não tenho tanta convicção em minhas ideias.</i>
<b>Sapatos</b>	Salto alto coloca muito em evidência a mulher. Deve ser usado se já for costume. Do contrário, pode provocar problemas.	O sapato pesado, no caso de homens, ou o salto alto, no caso das mulheres, pode cansar mais rapidamente quem fala. <b>Dica:</b> Opananken e Comfort shoes.	Devem apresentar-se bem cuidados e engraxados. Conhece-se a pessoa pelos calçados que usa. Combinar bem com o cinto, para compor o visual completo.	<i>Eu me concentro só no discurso. Nem me lembro do que estou calçando.</i>
				<i>Vou restringir a locomoção para evitar cair ou porque meus pés estão doendo. Azar do público, que fica sem a produção de sentido permitida por tal aspecto formal.</i>
<b>Limpeza das roupas</b>	Verificar, antes de se dirigir ao auditório, se há manchas, em especial em palestras que sucedem um almoço com os anfitriões.	Se viajar, preferir roupas que não amassem tanto.	Apresentar-se de modo impecável quanto à limpeza. Esse ponto chama mais a atenção do que a sofisticação dos trajes.	<i>Eu me preparo com esmero e com antecedência, pois respeito os ouvintes.</i>
				<i>Estou apressado para falar. Depois eu limpo.</i>
	DISCRIÇÃO	CONFORTO	ELEGÂNCIA	
	acessórios			
<b>Óculos</b>	Armações coloridos ou muito sofisticadas tiram a concentração das pessoas.	Óculos pesados ou desajustados obrigam o orador a arrumá-los continuamente.	Se optou por óculos, em vez de lentes, o orador deve agir como se estivesse sem eles.	<i>Sinto-me tão à vontade, que nem me lembro dos óculos.</i>
				<i>Estou inseguro.</i>

				<i>Então vou ficar segurando os óculos para saber o que fazer com as mãos. Estou impaciente. Por isso tiro e coloco os óculos repetidamente.</i>
<b>Lenços</b>	<b>Não devem ser grandes nem coloridos demais.</b>	<b>Lenço de pano deve ser usado para enxugar o suor.</b>  Para corizas, ou estando gripado, melhor usar lenços descartáveis.	<b>A não ser em ocasiões solenes, lenço no bolso do paletó atrai a atenção do público, por não ser usual.</b>	<i>Eu sei a função de cada peça do vestuário. Portanto, sou educado e confiável.</i>
				<i>Sou porco. Não me importo de assoar o nariz e depois passar esse mesmo lenço no rosto.</i>
<b>Relógio</b>	<b>Relógios muito vistosos distraem, tanto pelo brilho quanto pelo barulho da pulseira.</b>	<b>Ficar olhando toda hora para o relógio gera impaciência na plateia.</b>	<b>Para controlar o tempo, o melhor é usar um relógio de mesa ou um relógio de parede, ao fundo.</b>	<i>Gosto do meu público e não quero que fiquem inquietos por me verem controlando o tempo.</i>
				<i>Estou apreensivo quanto ao horário. Será que dará tempo para falar tudo? Será que ainda terei que “encher lingüiça” por muito tempo?</i>
<b>Colares, brinco</b>	<b>Distraem, tanto pelo</b>	<b>Colares cujas contas</b>	<b>Proporcionais e singelos</b>	<i>Sou comedido e não aprecio</i>



s e pulseiras	tamanho, quanto pelo brilho e até pelo barulho.	saem do lugar obrigam o orador a gestos involuntários para refazer-se.  Cuidar para que não enganchem no fio do microfone.	compõem bem o visual.	<i>superfluos. Serei breve no discurso. Em vez de resolver problemas, prefiro evitá-los.</i>
				<i>Adoro algo diferente e chamativo.</i>
Jóias	Distraem, tanto pelo tamanho, quanto pela beleza e pelo brilho. <i>Caso do prendedor de gravata.</i>	Cuidado para que não atrapalhem o manuseio de material de apoio	Discernir bem a fronteira entre a sofisticação e a ostentação.	<i>Tenho bom gosto e aprecio o belo.</i>
				<i>Tenho posses e me afirmo não pelo que sou, mas por elas.</i>

DISCRIÇÃO

CONFORTO

ELEGÂNCIA

	higiene			
Banho	Preparar-se com antecedência, para evitar chegar em cima da hora ou parecendo ter acabado de cuidar da própria higiene. Claro, também as unhas devem estar bem aparadas e limpas. Dentes bem escovados e hálito fresco. Embora vá falar longe dos ouvintes, antes e depois há muitos contatos mais próximos.	Se fala suado, o orador acaba se impacientando e realizando vários gestos involuntários, para arrumar os cabelos, ou a gola da camisa. Não distanciar-se das pessoas por receio de sujar-se, em especial quando se fala para comunidades carentes. Para políticos, essa atitude é fatal.	Irradiar sensação de limpeza, bem estar físico e ânimo. Homens devem apresentar-se com a barba bem feita, mulheres bem depiladas, em especial quando falando com vestidos sem manga ou com decotes laterais.	<i>Quero que as pessoas que se aproximarem de mim sintam-se bem.</i>
				<i>Evito tocar e abraçar os ouvintes porque acabei de tomar banho. Acho o povo meio nojento. Não me importo de não gerar benevolência.</i>
Perfume	Preferir sempre os mais discretos.	O excesso pode provocar espirros ou sensação de sufocamento.	Diferenciar fragrâncias apropriadas para o dia e para a noite.	<i>Torno minha presença marcante, sem exageros.</i>
				<i>Adoro aparecer. Quero que sintam minha presença de</i>

				<i>longe...</i>
<b>Penteados</b>	<i>A psicologia gestual conhece como <b>sacarrolha de ideias</b> o hábito de ficar enrolando um ponta de cabelo entre os dedos. Demonstra que o orador ainda não pensou no que vai falar ou está inseguro quanto ao que dizer.</i>	O orador não deve ficar ajeitando os cabelos soltos com as mãos ou com balanços de cabeça. Se necessário, prender o cabelo. Mesmo que não tenho o hábito de fazê-lo, por vezes, uma janela aberta ou um ventilador o obrigam a isso.	Ao se dirigir para o auditório, caso se tenha produzido um penteado especial, evitar que se desmanche pela ação do vento no veículo usado para o transporte. Jamais ficar arrumando o cabelo ou o prendendo com grampos a diante do público.	<i>Valorizo meus cabelos,mas estou mais atento ao que irei falar,pois sei que isso é mais importante para o público.</i> <i>Estou mais preocupado com meu visual do que com o discurso.</i>
<b>Maquiagem</b>	Maquiagem leve, apenas para dar uma vida. Ao falar na TV, a maquiagem, para homens e mulheres, é fundamental para evitar reflexos. Cabe ao orador chegar mais cedo para dar tempo para os necessários preparativos.	Não ficar retocando maquiagem perante o auditório, ainda que não esteja falando.	É válido fazer um curso de automaquiagem para aprender a usar os recursos corretamente.	<i>Cuido de mim,mas assumo integralmente minha idade,meu jeito e minha aparência. Sou sincero e digno de confiança.</i> <i>Quero realçar bem os meus traços e disfarçar imperfeições. Preocupo-me muito com a aparência das coisas. Portanto, não sou digno de confiança.</i>

Como nosso objetivo não é ministrar um curso de etiqueta ou de moda, listamos uma série de livros que podem auxiliar quem deseje se aprofundar em tais questões. ***Bibliografia de etiqueta e moda***

## SEMBLANTE

Podemos estudar nesse tópico as expressões fisionômicas, compostas pelas sobrancelhas, pálpebras, maçãs do rosto, bochechas, testa e até incluir o pescoço e alguns meneios de cabeça. Entretanto, como os principais componentes do semblante são o olhar e o sorriso, vamos nos deter com mais atenção nesses pontos. Indicamos uma pequena bibliografia para quem se interessar em aprofundar. ***Bibliografia expressões fisionômicas***

**Os olhos são as janelas da alma. Com base nesse dito popular, podemos perceber a importância do olhar na oratória. Pelas janelas dos olhos dos ouvintes, o orador verifica se estão atentos, se estão gostando, se estão entendendo o discurso. Pelas janelas dos olhos do orador, os ouvintes percebem o quanto ele se interessa em compartilhar pensamentos, sentimentos e o quanto busca moldar o que diz à compreensão dos presentes.**

O olhar do orador direciona o olhar dos ouvintes. Basta experimentar olhar atentamente para um ponto aleatório para constatar que, em poucos instantes, a quase totalidade dos presentes estará com os olhares voltados para a mesma direção. O olhar também controla, gera cumplicidade, troca informações sem palavras. Enfim, é um dos aspectos formais mais marcantes e decisivos para a boa aceitação do discurso.

Já o sorriso desarma os espíritos, gera simpatia, demonstra tranquilidade e confiança, irradia segurança. Especialmente antes de iniciar a fala, é recomendável olhar para o auditório como um todo, sem dizer palavra alguma, com um leve sorriso nos lábios. Somente após essa breve interação, devem ser proferidas as palavras iniciais.

Cabe diferenciar esse sorriso que, de certa forma, cumprimenta a todos, das sonoras gargalhadas, só cabíveis em ocasiões muito restritas. Uma das características do bom homem, base para o bom orador, é manter o controle de si. Se gargalha ao exagero, demonstra não dominar as próprias emoções. Além, disso, o orador pode achar algo muito engraçado e querer gargalhar. Porém, se o público não acha tanta graça, o orador fica numa posição vulnerável. Se conta uma piada, o orador deve deixar as gargalhadas para o público e, enquanto aguarda o término do burburinho causado, já vai repassando mentalmente a sequência do discurso.

### **O OLHAR PRODUZ QUE SENTIDOS?**

#### **O QUE O ORADOR FALA AO OLHAR PARA OS OUVINTES?**

**Eu reconheço sua existência.**

**Eu me importo com o que você pensa.**

**O que você está sentindo me faz adaptar o discurso.**

**ENTÃO, SE O ORADOR NÃO OLHAR PARA O PÚBLICO, ESTARÁ DIZENDO:**

**Só me preocupo com o que tenho que falar.**

**Eu tenho medo de você e não quero encará-lo.**

**Receio que você não concorde comigo. Então, prefiro só falar, sem me adaptar às suas dificuldades.**

**PERS DIPLOMATA: Já fiz um curso em que me disseram para ficar olhando para um ponto fixo, no fundo do auditório. isso é bom?**

**PROF. IVAN: O que vc acha que as pessoas sentiriam? Em que isso contribui para vc fazer um discurso melhor?**

**Pode até ser uma técnica válida para quem tenha MUITO receio de enfrentar um auditório. Os resultados não serão os melhores.**

**PERS DIPLOMATA: Como fazer, então?**

**PROF. IVAN: O ideal seria aprender a forma correta de olhar para o público. Conversei sobre isso com a Márcia, apresentadora do Programa Super Feliz, exibido pela Rede Super. Tratamos dos dois pontos cruciais sobre o olhar para a oratória: Primeiramente, a PROFUNDIDADE, que se refere ao modo de olhar para cada ouvinte.**

**POETA: Toda vez que ouço algo sobre o olhar, me lembro da música OLHOS NOS OLHOS.**

**ROMÂNTICA: Minha mãe adorava essa música... Até gravou para mim no meu pen drive. Quer ouvir?. [Link para a música](#)**

**PROF. IVAN: O segundo ponto é a DISTRIBUIÇÃO, que se refere a quem, e com que frequência, deve ser alcançado pelo olhar do orador.**

**POETA: Para esse ponto não sei nenhuma música não...**

**PROF. IVAN: Ainda conversamos sobre o que fazer se alguém do auditório nos encarar de forma hostil, que é a técnica do “olho de Shiva”. Já que não tem música para a distribuição, vamos assistir a um trecho da entrevista?**

**TRECHO DA ENTREVISTA NO PROGRAMA SUPER FELIZ, da REDE SIPER [verificar colocar em vídeo](#)**

**Márcia:** Só fazendo parênteses, uma parada no olhar também, Ivan. Muitas pessoas têm dificuldade de olhar as pessoas, tem gente que fala assim: “Ah, eu olho o geral, eu fico com vergonha, então eu olho o geral.” Tem gente que fala assim: “Eu olho um ponto só. Eu pego um ponto só e fico olhando só aquele ponto.” É importante olhar nos olhos das pessoas? É importante distribuir o olhar? Porque tem gente, por exemplo, que tem... vamos supor, tem um auditório com duas partes, a pessoa só se volta para uma parte, só fala com aquela parte, conversa só com aquelas pessoas ali da direita. As pessoas da esquerda estão lá, mas é como se elas não existissem. Qual a importância de distribuir esse olhar? E as pessoas também treinarem olhar nos olhos das pessoas?

**Ivan:** Essa é uma questão fundamental. E com relação ao olhar nós temos dois pontos cruciais que devem ser observados. Primeiro, **a profundidade**. Eu devo falar olhando para as pessoas, porque os olhos são as janelas da alma. Então, para eu captar o que está se passando dentro da alma de cada ouvinte, é preciso que eu observe durante um segundo, dois segundos. Tem algumas pessoas que vão fazer leituras, por exemplo. Essas pessoas, o que fazem na hora em que vão fazer leitura? Tomam o papel, colocam o olho somente no papel e falam tudo aquilo. Não é adequado. Eu devo fazer a leitura como? Olhando para o público. Cada vez que eu levantar o olhar, eu vou olhar para um dos quadrantes. Porque eu divido o auditório em quatro partes e faço como se fosse um Z. Olho para cada quadrante num determinado ponto, aí tem **a distribuição**. Então, além de olhar para cada pessoa durante um segundo, dois segundos, até que a pessoa perceba que eu olhei para ela e eu perceba o que se passa nessa pessoa, eu preciso distribuir, porque o olhar do orador é como se fosse um presente de uma mãe para os seus filhos. Se a mãe for a um *shopping*, comprar um presente para um e não comprar para o outro, aquele se sente deixado de lado. Se o orador olhar para um lado do auditório e não olhar para os demais, aquele lado se sente completamente afastado da proposta dele. Então ele precisa de olhar em vários lugares diferentes. Há algumas dicas de olhar que são importantes: por exemplo, num auditório grande, você deve dar uma atenção maior, não exclusiva, claro, para a última fileira. Porque, quando a gente olha na última fileira, todos os que estão na frente se sentem também olhados. Além disso, é importante olhar para a extremidade esquerda e para a extremidade direita, porque, quando você olha da extremidade direita para a esquerda, todos que estão naquele intervalo se sentem também olhados. Eventualmente, é preciso olhar para a mesa, às vezes tem gente na mesa e, se você não olha para a mesa, o pessoal da mesa começa a conversar, beber água, dormir. Então, quando você olha para a pessoa da mesa, ela já se sente participante daquele encontro e aí fica mais atenta, dando um exemplo positivo para os que estão assistindo.

**Márcia:** é verdade.

**Ivan:** Por fim, a gente tem que considerar que, quando a gente olha para as pessoas, tem pessoas que estão amistosas, transmitindo força grande, e tem aquelas que estão hostis, fazendo cara feia, discordando, achando ruim o que você está falando.

**Márcia:** Verdade.

**Ivan:** Como o orador, e essa é uma dificuldade que acontece frequentemente, deve encarar essa pessoa com olhar hostil? Ele deve utilizar a técnica que se chama: “Olhar de Shiva”. É o chamado “terceiro olho”, essa região da nossa face [*entre e um pouco acima as sobrancelhas*]. Então, ela olha no terceiro olho e fala uma frase completa, importante dentro do seu discurso. Com isso, ela está dizendo para aquela pessoa: “não adianta fazer cara feia para mim, eu não tenho medo de você”. Da segunda vez que ela olha, ela já tenta captar aquela pessoa e mostrar que ela compreende as opiniões divergentes e tenta conquistar. Porque o objetivo do orador não é confrontar o público...

**Márcia:** Claro.

**Ivan:** ...mas conquistar esse público para que ele possa se associar às ideias dele, ou, pelo menos, levá-las em consideração.

**Márcia:** É interessante, porque tem gente que fica intimidado! Você está falando e tem uma pessoa fazendo cara feia, tipo “ah, que é isso, esse cara tá falando bobagem e tal...” então você tem que...

**Ivan:** olhar fixamente no terceiro olho. Por que no terceiro olho? Porque você não confronta o olhar diretamente, a pessoa se sente invadida lá no seu íntimo e você tem força para dizer a frase completa. Esse é um ponto fundamental, que realmente transmite energia e força. Eu tenho o caso de um aluno que fez o curso conosco. Ele foi para o tribunal do júri e o defensor público, para intimidá-lo, colocou-se do lado dos jurados fazendo uma cara horrível para ele. Ele tinha preparado todo o discurso com muito carinho, mas se ele não soubesse essa técnica, de nada adiantaria a preparação do discurso, porque ele se perderia emocionalmente.

**ROMÂNTICA:** Pode explicar melhor como fazer a distribuição do olhar?

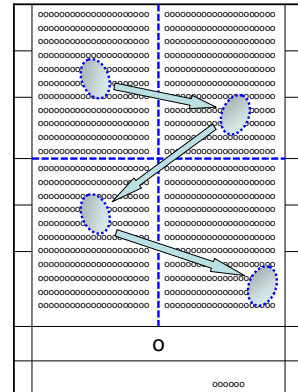
**VER APRESENTAÇÃO POWER POINT Distribuição do olhar**

# Distribuição do olhar

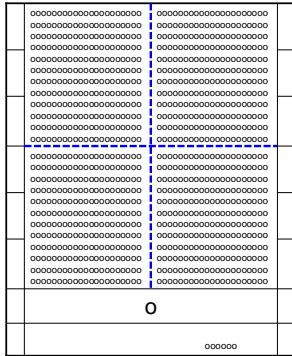
Oratória:  
Fundamentos e Prática do Falar Bem

Dica:

variá a formação do "Z", de modo a não ficar o olhar parecendo mecânico



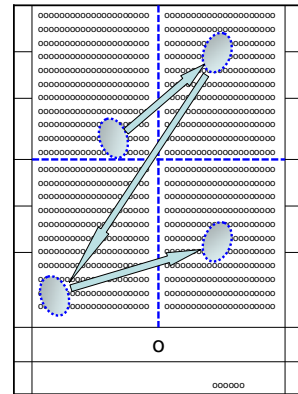
Primeiro passo:  
dividir o auditório em quatro quadrantes



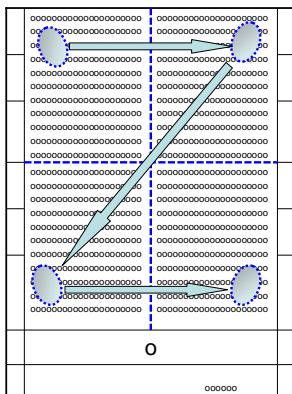
Dica:

variá a formação do "Z", de modo a não ficar o olhar parecendo mecânico

Assim, cada quadrante é percorrido por inteiro

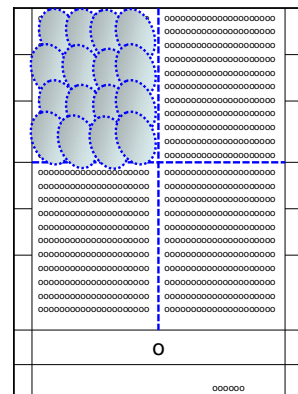


Segundo passo:  
olhar alternadamente para cada quadrante, formando um "Z"



Dica:

a cada momento em que voltar o olhar para um quadrante, olhar para diferentes pessoas, para cada quadrante ser percorrido por inteiro



Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 1 última fileira
- 2 extremidades
- 3 primeira fila
- 4 fila do meio
- 5 mesa

Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 3 primeira fila  
porque o orador retribui o carinho dessas pessoas, já que sentar-se à frente é demonstração de mais interesse pelo discurso

Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 1 última fileira  
porque todos imediatamente à frente se sentem olhados também

Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 4 fila do meio especialmente em auditórios maiores, para demarcar bem os quadrantes e obter nos quadrantes mais próximos o mesmo efeito ao olhar para a última fileira

Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 2 extremidades  
porque ao percorrer o olhar de uma extremidade à outra, o orador alcança todos os presentes

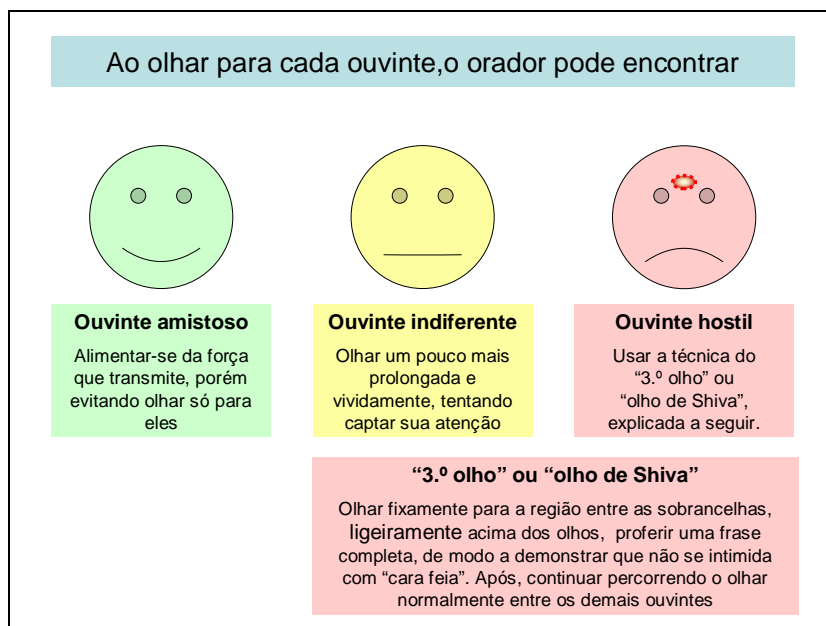
Pontos para os quais o olhar deve ser dirigido com especial atenção:

- 5 mesa  
para envolver e mostrar respeito por quem a compõe, evitando que conversem ou adotem atitudes que distraiam o público.



ESQUECIDINHO: Prático e fácil de se lembrar: olhar com PROFUNDIDADE, para captar o que se passa na mente dos ouvintes e fazer a DISTRIBUIÇÃO do olhar, procurando contemplar igualmente a todos os presentes. Mas ainda acho que estão faltando alguns aspectos formais.

De acordo com as reações dos ouvintes, o orador usa diferentes formas de olhar:



GIRIATO: Sim, já tratamos de aparência, postura, locomoção, semblante. Porém, falta falar sobre a gesticulação e sobre a voz.

## GESTOS

Aristóteles, na Introdução ao Livro III da Retórica, ao se referir à questão de como proferir o discurso, informa não ter sido o tema dos aspectos formais objeto de profunda análise nos tratados sobre a oratória.

**Bonequinho OU IMAGEM de Aristóteles:** "Nenhum tratado, porém, foi composto sobre esta temática [*pronuntiatio - hipócrisis*], visto que mesmo os aspectos concernentes ao estilo só muito tarde começaram a ser considerados. Além disso, quando devidamente examinada, parece assunto vulgar [...] Em todo caso, ela é extremamente importante, como foi dito, por causa do baixo nível do auditório. Daí que, em qualquer método de ensino, seja necessário que haja algo referente à

expressão; pois, no que respeita a demonstrar algo com clareza, há uma certa diferença entre exprimirmo-nos deste ou daquele modo. [...] apenas alguns autores tentaram dizer algo, e muito pouco, acerca da pronúncia, como Trasímaco nos Éleos\*.”

\* Trasímaco da Macedônia foi um sofista e retor cuja atividade se centra no último terço do século V a.C. Na história da oratória, a sua importância reside em questões como o emprego das emoções na *actio* e o interesse devotado ao ritmo e à construção do período.

Vide: Platão, *Fedro*, 267c e 271a; Cícero, *Orator*, 12.39

in: ARISTÓTELES: Retórica. Volume VIII, Tomo I das Obras Completas de Aristóteles, em projeto promovido e coordenado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. Coordenação de António Pedro Mesquita. Tradução e notas de Manuel Alexandre Junior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena

Aparecem, de modo geral, algumas recomendações, na maior parte bem genéricas, sobre a gesticulação e a voz. Ao contrário do que fizeram os gregos com as palavras, categorizando-as de modo bem detalhado, em variados aspectos, o que redundou na gramática como ainda a conhecemos, a linguagem não-verbal não se tornou objeto de uma reflexão semelhante.

Mesmo modernamente, GREIMAS se refere à questão da gestualidade como um “domínio semiótico *ainda mal estudado*”, “aparentemente confuso, em que os diferentes elementos, signos e sintagmas gestuais, os seus programas e os seus códigos, sejam eles naturais ou artificiais, se encontram na maioria das vezes confundidos e misturados na manifestação”.

GIRIATO: Quem foi esse cara?

ROMÂNTICA: Hein? Pode melhorar a forma de se expressar?

GIRIATO: Alguém pode dar mais informações sobre esse autor? (melhorou?)

ROMÂNTICA: Que lindo!

APRESSADINHA: Eu quero é seguir logo no curso. Só me importa o que ele disse, não quem foi....

### **SEQUÊNCIA do curso**

DIPLOMATA: Mas se alguém quiser saber mais sobre ele, cuja obra descortina uma maneira inovadora de compreender como se constroem as narrativas, pode consultar **LINK para**

**Wikipédia**: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Algirdas\\_Julius\\_Greimas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Algirdas_Julius_Greimas)

VENDEDOR DE LIVROS: Tenho aqui uma bibliografia sobre Semiótica Greimasiana em português: **LINK para**

[http://www.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/dcmnts\\_gescom/manuais\\_de\\_semiotica\\_greimasia\\_na\\_em\\_portugues.pdf](http://www.faac.unesp.br/pesquisa/gescom/dcmnts_gescom/manuais_de_semiotica_greimasia_na_em_portugues.pdf)

Embora pouco estudada por lingüistas como código ou sistema de significação, a linguagem não-verbal, no que se refere a gestos, tem sido objeto de estudos da psicologia. Entretanto, tais estudos se dedicam a perceber o que os gestos revelam do inconsciente ou de estados emocionais. Ora, como vimos que o que somos influencia a forma como nos comportamos e vice-versa, é bom analisar a EXPRESSÃO GESTUAL.

Vemos, portanto, que a questão da significação dos gestos se constitui num desafio ainda a ser enfrentado. Alguns manuais do “falar bem” procuram aprofundar a questão, mas, quando o fazem, normalmente tentam criar uma espécie de dicionário gestual. Geram uma relação entre um gesto e o que ele significaria. Entretanto, como a linguagem não-verbal é extremamente complexa, a tentativa de arrolar os gestos disponíveis para esclarecer-lhes o significado se traduz em listas intermináveis, com limitada aplicação prática.

A significação dos gestos transcende os movimentos realizados. Depende da forma como se faz cada movimento, de sua amplitude e guarda íntima relação com o conceito já visto de sinergia. É da integração de palavras, elementos contextuais, gestos, postura, dentre outros elementos, que se podem extrair os significados do discurso (ou de uma de suas partes) e interpretá-los em sua plenitude.

De todo modo, é bastante útil procurar o desenvolvimento das possibilidades expressivas por meio de gestos. O orador, ao estudar os gestos, no mínimo, ganha a CONSCIÊNCIA ORATORIA, que lhe permite conseguir a SINERGIA dos elementos do discurso. Será fundamental o orador enriquecer sua própria condição de dizer algo com os gestos. Porém, não deve deixar o estudo desse ponto tornar afetado cada movimento seu. Mais uma vez, cabe recordar as recomendações vistas quando estudamos as fases da competência.

ESQUECIDINHO: que a NATURALIDADE vem com o tempo, após a fase do aprendizado, em que é preciso praticar bastante e durante a qual o esforço para empregar o conhecimento é facilmente perceptível.

ROMÂNTICA: Puxa, eu só lembrava vagamente dessa parte. Você está evoluindo, hein?

ESQUECIDINHO: De tanto ouvir falar aqui em ESFORÇO, percebi que cada um tem que se esforçar em determinado ponto. Estou procurando melhorar quanto à memória...

DIPLOMATA: Se a NATURALIDADE vem com o tempo, durante a fase em que consolidamos o conhecimento sobre como GESTICULAR, pareceremos um tanto quanto artificiais.

SERMONISTA: Sim, mas isso não deve incomodar a ponto de fazer o orador desistir do aperfeiçoamento. Claro, ele deve deixar “treinos de novos gestos” para ocasiões em que a importância do discurso os permita. Em ocasiões em que muito esteja em jogo, deve falar utilizando recursos já consolidados.

Vimos que a postura básica é o NINHO DE GESTOS.

ESQUECIDINHO: eu vou lembrar, eu vou lembrar...

ROMÂNTICA: Agora é minha vez. Deixa eu treinar também a memória.

**LINK para parte do curso sobre o NINHO DE GESTOS**

A partir dessa posição, os gestos se realizam, principalmente com as mãos. Recomendam-se **alguns cuidados** para evitar exageros comuns durante a fase de aquisição dessa técnica:

- voltar as mãos para o ninho de gestos suavemente, sem bater palmas
- realizar o gesto com as mãos, soltando-as completamente do ninho
- evitar transferir os gestos para ombros ou cotovelos
- não gesticular somente com os dedos, mantendo as mãos no ninho. *Mostrar filminho*

Para desenvolver a capacidade de produzir gestos de qualidade, vamos estudar alguns conceitos importantes, quais sejam: tipos, funções, momento, elementos e modos para executá-los. Logo em seguida, falaremos sobre as virtudes que os gestos devem buscar para proporcionar uma apresentação de qualidade.

Na publicação “Psicologia em Revista”, (*Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 9, n. 13, p. 153-158, jun. 2003*) um artigo se dedica a estudar a importância dos gestos na oratória. Traz conceitos muito válidos, que podem servir de suporte para um aprofundamento no tema.

DIPLOMATA: Eu gostaria de ler o artigo **LINK para ARTIGO Gestos em bons e maus oradores**

APRESSADINHA: Eu quero é seguir logo no curso. Se der tempo, depois eu leio.


SERMONISTA: Então, pelo menos, veja uma tabela esquemática com os tipos de gestos relacionados no artigo:



### Os TIPOS de gestos

Os gestos podem ser classificados de acordo com vários critérios. Escolhemos alguns tipos, baseados em diferentes classificações, porque tais tipos ajudam a refletir sobre a importância dos gestos na comunicação e podem ajudar o orador a desenvolver sua potencialidade.

	DEFINIÇÃO	EXEMPLO	NA ORATÓRIA
Emblemas	Atos não-verbais que têm uma tradução verbal específica, conhecida pelos membros do grupo. Pouco utilizado em grupo, sendo mais freqüente quando o silêncio é necessário ou quando queremos conversar com alguém que se aproxima, mas estamos em uma conversa com outra pessoa.	Mão espalmada para o interlocutor, a significar “espera”  Indicador e polegar esticados na horizontal, com as pontas próximas, sem se tocarem, restando os demais dedos fechados, à altura da visão, a indicar “um pouco”  Dedos levantados, a indicar a quantidade mencionada	Auxiliam na comunicação com o pessoal de apoio e no gerenciamento de questões extradiscursivas. Por exemplo: para passar os slides em uma apresentação, é melhor combinar um gesto emblema com o operador que “poluir” o discurso dando instruções na frente do público, falando “o próximo” toda hora
Ilustradores	Gestos mais comuns. São movimentos, realizados principalmente pelos braços e mãos, que acompanham o fluxo da fala e estão intimamente relacionados com ela. Têm um importante papel na efetividade da comunicação e <b>adicionam, esclarecem</b> ou <b>repetem</b> informações transmitidas pela fala, especialmente sobre formas, objetos e relações espaciais	<b>Depois de dizer “era um homem rico”, sobre o centro da palma de uma das mãos, que está na horizontal, espalmada para baixo, girar a ponta do polegar da outra mão, com os dedos entreabertos</b>  <b>Ao falar “um homem caminhava”, percorrer uma trajetória com a mão.</b>  <b>Ao falar “coragem”, dar uma breve sacudida com a mão toda fechada.</b>	Aqui, temos as <b>FUNÇÕES</b> do gesto em relação à palavra, que veremos com mais detalhes no quadro a seguir. <b><i>LINK direto para o quadro</i></b>  É importante que o orador verifique qual desses ilustradores usa com mais frequência e procure se desenvolver naqueles pouco utilizados, de modo a ganhar expressividade gestual.

<p>Adaptador es (auto , objetos, outrem)</p>	<p>Movimentos que visam a ajeitar algo no orador, (auto-adaptadores) objetos à sua volta (objeto-adaptadores) ou seus interlocutores (outro-adaptadores). Normalmente, são comportamentos executados sem plena consciência e relacionados a sentimentos a respeito de si e de outras pessoas.</p>	<p>Ajeitar os cabelos, arrumar a roupa, colocar e retirar os óculos ou os acomodar sobre o nariz. Tais gestos podem dar a impressão de insegurança, de que o orador se preocupa mais com sua aparência que com o assunto sobre o qual fala</p> <p>Ficar apertando e soltando a mola da caneta, ficar repassando as folhas de papel que usa como notas. Tais gestos podem dar a impressão de ansiedade, de o orador estar perdido em meio a tantas anotações e não dominar a matéria.</p> <p>Tirar um fio de cabelo da roupa do interlocutor, ajeitar-lhe o nó da gravata, tocar em seu braço enquanto conversa. Tais gestos podem ser interpretados como excesso de intimidade</p>	<p>Como são percebidos como próprios de maus oradores, normalmente, devem ser evitados.</p> <p>Associados com a postura e locomoção, podem produzir sentidos subliminares. Por exemplo, se o orador quiser que uma posição seja percebida como menos recomendável que outra, pode usar alguns desses gestos durante o tempo em que a expõe.</p> <p>Os gestos outro-adaptadores são mais comuns em conversas, já que em público normalmente se mantém alguma distância dos interlocutores.</p>
--	---	--	---

As FUNÇÕES dos gestos ilustradores em relação à palavra			
	FUNÇÃO	EXEMPLO	NA ORATÓRIA
<p></p> <p>Adicionar significados</p>	<p>funcionam como palavras, tornando-as prescindíveis</p>	<p>Gesto relativo à ideia de roubo, feito com o encontro da ponta do polegar de uma mão com o centro da palma da outra mão, espalmada para baixo, sendo que os dedos da mão que tem o polegar em riste se fecham circularmente.</p> <p>Ao dizer “o homem era muito rico” e fazer esse gesto, o orador ADICIONA significado ao que disse. No caso, que a origem da riqueza mencionada com as palavras é ilícita.</p> <p><b>EXERCÍCIO OPCIONAL:</b>  <b>Dê mais exemplos de gestos que adicionam significados.</b>  <i>As respostas devem ir para um</i></p>	<p>São mais raros. Se usados em excesso, o orador parece transformar-se me mímico.</p> <p>Como apresentam grande carga semântica, ou seja, são muito significativos, e podem, portanto, mudar a compreensão do que está sendo dito, o orador, antes de realizar esse tipo de gesto, deve assegurar-se de que todos estejam prestando atenção e vendo o gesto que ele faz,</p>

		<p><i>banco de respostas, cujos itens são validados pelo professor e depois podem ser acessados pelos alunos ds turmas posteriores. Portanto, logo após o enunciado do exercício, deve estar a frase: <b>Acesse aqui exemplos fornecidos por outros alunos.</b></i></p>	
 <p>Esclarecer significados</p>	<p>funcionam como advérbios, especificando como se dá determinada ação ou adjetivos, destacando as qualidades de algo</p>	<p>Gesto com a mão direita percorrendo uma linha reta, paralela ao chão, na própria altura do ninho de gestos, da esquerda para a direita.</p> <p>Ao dizer “o homem caminhou pela estrada” fazendo tal gesto com rapidez, ESCLARECE que a caminhada do personagem foi célere. Se o fizer lenta e gradualmente, incluindo movimentos circulares com a mão, ESCLARECE que a caminhada foi difícil.</p> <p><b>EXERCÍCIO OPCIONAL:</b>  <b>Dê mais exemplos de gestos que esclarecem significados.</b>  <i>As respostas devem ir para um banco de respostas, cujos itens são validados pelo professor e depois podem ser acessados pelos alunos ds turmas posteriores. Portanto, logo após o enunciado do exercício, deve estar a frase: <b>Acesse aqui exemplos fornecidos por outros alunos.</b></i></p>	<p>Dão uma graça especial ao discurso, permitindo efeitos que variam da explicação à ironia.</p> <p>Ajudam a organizar o próprio pensamento e a aumentar a compreensão quanto ao conteúdo do que se fala.</p>
 <p>Reforçar significados</p>	<p>funcionam como o sublinhado, realce ou negrito em texto escrito, destacando parte importante da fala</p>	<p>Gesto com a quantidade de dedos levantados relativa à quantidade que se menciona.</p> <p>Ao dizer “vamos tratar de duas questões” mostrando dois dedos, indicador e médio, levantados, o orador não acrescenta significado. Apenas reforça a ideia já dita pelas palavras.</p> <p><b>EXERCÍCIO OPCIONAL:</b>  <b>Dê mais exemplos de gestos que reforçam significados.</b>  <i>As respostas devem ir para um</i></p>	<p>Mesmo já tendo sido falado o conteúdo, esse tipo de gesto realça uma palavra, uma expressão ou uma frase.</p> <p>Mantém a atenção dos ouvintes e torna a apresentação mais interessante.</p>

		<p><i>banco de respostas, cujos itens são validados pelo professor e depois podem ser acessados pelos alunos ds turmas posteriores. Portanto, logo após o enunciado do exercício, deve estar a frase: <a href="#">Acesse aqui exemplos fornecidos por outros alunos.</a></i></p>	
--	--	--	--

QUANDO devem ser executados

Como vimos, os gestos, como os demais aspectos formais, têm como função primordial PRODUIR SENTIDOS. Também há funções complementares, tais como atrair a atenção e tornar o discurso interessante. O orador deve escolher pontos do discurso para executar GESTOS onde deseje criar algum significado. Não é o texto que determina quando o gesto deve ser realizado. Portanto, não é necessário - nem recomendável - que, ao pronunciar determinada expressão sempre se produza o mesmo gesto.

Quem “manda no discurso” é o orador. Portanto, ele tem total liberdade para determinar quando realizar gestos e quais deles executar, do modo que julgar melhor.

Cabe, no entanto, considerar que os gestos REVELAM ESTADOS MENTAIS do orador. O modo como ele gesticula dirá muito sobre quem é, sobre como pensa, como se sente no momento e pode dar margem a interpretações distintas do que ele deseja. Assim, é preciso CONSCIÊNCIA GESTUAL, em outras palavras, ter o domínio da produção gestual. Muitos gestos surgem espontaneamente, o que não deve incomodar o orador. Afinal, se ficar pensando demais em que gestos realizar, acaba se esquecendo do que tem a dizer... Mas é preciso domínio consciente, pelo menos, da maior parte dos gestos produzidos.

Há outra classe de gestos: os MARCADORES TEMPORAIS. Não têm significado em relação às palavras que estão sendo ditas, mas indicam o andamento das partes do discurso. São normalmente gestos repetidos e realizados sempre do mesmo modo. Como carecem de sentido específico, o orador deve ter um certo cuidado para não dar a impressão, ao usá-los excessivamente, de ter pouca expressividade.

PEQUENO FALADOR: Sim, mas eu já vi muito orador que gesticula demais, distraindo o público  
GIRIATO: E eu já vi outros que ficam muito parados, tornando a apresentação cansativa.



ROMÂNTICA: E eu já vi oradores que sempre executam o mesmo gesto, qualquer que seja o tópico abordado.

DIPLOMATA: Haveria critérios para ajudar o orador a escolher os gestos?

PROF. IVAN: Sim, basta ao orador atentar para as VIRTUDES do GESTO.

**Os gestos devem ser produzidos considerando as seguintes virtudes:**

#### SIGNIFICÂNCIA

**Precisão: o gesto deve significar exatamente o que orador pretende. Devem também ser facilmente reconhecíveis pelo público.**

**Momento oportuno: o gesto não deve vir, salvo casos especiais, nem muito antes da palavra à qual se refere nem muito depois. Se estiver deslocado no tempo em relação à palavra, dificulta a compreensão ou tira a graça do discurso.**

#### BELEZA

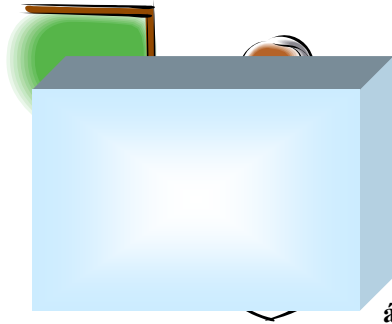
**Elegância: o gesto deve ser bonito, gracioso, sem exageros. Tanto quanto possível, deve sugerir a ideia sem tentar reproduzir todos os elementos do que é dito. Não se trata de mímica, mas de produzir sentidos, acompanhar a palavra e destacar pontos que o orador julga mais importantes.**

**Dignidade: jamais devem, ainda que involuntariamente, dar margem à expressão do chulo ou vulgar.**

#### SUFICIÊNCIA

**Quantidade: o orador não deve sobrecarregar o discurso com muitos gestos nem deixar de executá-los. Deve lançar mão deles com sobriedade.**

**Amplitude: cada gesto, segundo o sentido a produzir desejado, deve ser executado dentro de limites que garantam a boa percepção do público e a elegância do orador. Devem se manter acima da linha da cintura e abaixo do topo da testa e entre as extremidades direita e esquerda que se alcançam com os cotovelos em 90°. Para a frente, devem ser realizados com o antebraço não totalmente levantado e pra trás não devem passar da própria linha do tronco.**



**área de amplitude da execução dos gestos**

## HARMONIA

Os gestos devem se harmonizar com os demais aspectos formais. Se o orador resolve usar gestos, não precisa de, para a mesma ideia e no mesmo ponto, usar, por exemplo, a locomoção para obter o mesmo efeito de sentido. Pode haver simultaneidade de utilização de aspectos formais, mas para a produção de cada sentido deve preponderar um deles. A conjugação dos aspectos formais deve intentar alcançar a UNIDADE ORATÓRIA, ou seja, a produção de sentidos com a sinergia entre todos os elementos verbais e não-verbais utilizados pelo orador.

## DIVERSIDADE

Os gestos devem ser diversificados, variados, tanto para manter com mais facilidade a atenção dos ouvintes, como para demonstrar a riqueza mental do orador.

Para variar os gestos, é preciso estar atento a:

- ELEMENTOS para executar os gestos

Mão direita

Mão esquerda

Duas mãos em conjunto

Duas mãos separadas

Dedos (juntos, separados, esticados, fechados)

Outras partes do corpo, como cabeça, braços, pernas, ombros, com as quais também se executam gestos.:

- MODOS de executar os gestos

Velocidade (lentamente / rapidamente)

Amplitude (vastos / comedidos)

Forma (arredondados / retos)

-

FUNÇÕES dos gestos:

Como já visto, adicionar, esclarecer ou reforçar o que se diz com as palavras.

ESQUECIDINHO: Pode me ajudar a lembrar? **LINK para o quadro “As FUNÇÕES dos gestos em relação à palavra”**

Agora, basta praticar bastante para realizar gestos significativos, bonitos, capazes de encantar os ouvintes!

### **EXERCÍCIO (OPCIONAL) para desenvolver o potencial expressivo dos gestos.**

**PASSO 1:** No trecho da fala a seguir, determinar a quais palavras ou trechos devem ser integrados gestos.

**OBJETIVO:** estar atento à **suficiência**, no que se refere à quantidade dos gestos durante o discurso.

**DICA:** Não deve haver nem pouquíssimo gestos, nem excesso deles.

**DICA:** Utilize outros trechos se julgar necessário. Além do abaixo listado, você pode tomar qualquer trecho, de qualquer discurso, para o mesmo exercício.

**TRECHO 1:** *Um homem caminhava pela praça central da cidade quando encontrou um padre conversando com duas moças sob a árvore mais frondosa.*

**PASSO 2:** Pensar, considerando as virtudes dos gestos, qual gesto empregar.

**OBJETIVO:** estar atento à **significância** e **beleza** dos gestos.

**DICA:** Tente várias opções. Não faça apenas o primeiro gesto que vier à mente.

**DICA:** Verifique se o gesto tem estreita relação com a ideia mencionada

**DICA:** Considere se os gestos resvalam para a indignidade.

**PASSO 3:** Descrever por escrito o GESTO a realizar.

**OBJETIVO:** ganhar **CONSCIÊNCIA GESTUAL**. Ao descrever o gesto por escrito, nos obrigamos a prestar atenção a detalhes para sua realização, tais como elementos utilizados, rapidez de execução, formas e direções dos movimentos e muitos outros.

DICA: Descreva tão minuciosamente quanto julgar necessário para que outra pessoa, lendo a descrição, seja capaz de reproduzir fielmente o gesto pensado. O melhor teste é mesmo repassar a descrição do gesto para alguém e pedir-lhe que o reproduza.

PASSO 4: Verificar a **diversidade** dos gestos.

Anotar logo após cada um códigos que permitam:

- explicitar qual a **função** (A= adicionar; E= esclarecer; R= reforçar)

- explicitar os **elementos** usados para produzi-lo (MD = mão direita; ME = mão esquerda;

BMJ = bimanuais com as mãos juntas; BMS = bimanuais com as mãos separadas, D = dedos; BD = braço; BE = braço esquerda; CD = meneio com a cabeça para a direita; CE = meneio com a cabeça para a esquerda, etc)

DICA: Se o mesmo código aparecer repetidas vezes, é preciso variar. Se algum dos códigos não aparecer, como treino, tente criar algum gesto relativo a ele.

OBS,: deixamos de lado a **harmonia**, que se refere à integração com outros aspectos formais, pois o objetivo desse exercício é treinar APENAS os gestos. Didaticamente, é preciso isolar os aspectos a serem trabalhados, de modo a dominá-los bem.

## VOZ e DICÇÃO

Como vimos, Aristóteles, na Introdução ao Livro III da Retórica, ao se referir à questão de como proferir o discurso, informa não ter sido o tema dos aspectos formais objeto de profunda análise nos tratados sobre a oratória. Mas ressalta a importância da VOZ entre os elementos formais que compõem o discurso.

**Bonequinho OU IMAGEM de Aristóteles:** “A pronúncia assenta na **VOZ**, ou seja, na forma como é necessário empregá-la de acordo com cada emoção (por vezes forte, por vezes débil ou média) e como devem ser empregues os tons, ora agudos, ora graves ou médios, e também quais os ritmos de acordo com cada circunstância. São, por conseguinte, três os aspectos a observar: são eles **volume, harmonia e ritmo**. Aqueles que, entre os competidores, empregam estes três aspectos arrebatam quase todos os prêmios; e tal como os atores têm agora mais influência nas competições poéticas do que os autores, o mesmo se passa nos debates deliberativos devido à degradação das instituições políticas.”

De fato, a VOZ é um elemento importantíssimo, pois, dentre os aspectos formais, permite com mais riqueza criar efeitos de sentidos ligados às emoções, tanto as que o orador sente, quanto as que deseje emprestar aos personagens do discurso.

Vincula-se de modo estreito às palavras, já que, sendo produzidas pelo som, a variação de voz altera o que as palavras significam. O significado de uma frase, mantidas as palavras, pode ser completamente alterado de acordo com variações de entonação, acento, intensidade e ritmo.

Uma coisa é dizer “você é o culpado” aos gritos, o que significa acusação e indignação. Outra, dizer a mesma frase num sussurro, o que significa descoberta e surpresa. Na mesma frase, as variações de voz definem se temos uma afirmativa ou uma interrogação.

ROMÂNTICA: Então, a voz marca também a pontuação? Isso pode mudar o sentido do que está sendo dito...

PROF. IVAN Sem dúvida. Vamos a um exemplo. Vou dar a mesma frase para você e o Giriato lerem:: *Mostrar um bilhete com essa frase escrita*

*“Se o homem soubesse o valor que tem a mulher andaria de quatro à sua procura.”*

ROMÂNTICA: *arquivo sonoro com a leitura dela* “*Se o homem soubesse o valor que tem a mulher, [pausa] andaria de quatro à sua procura.*”

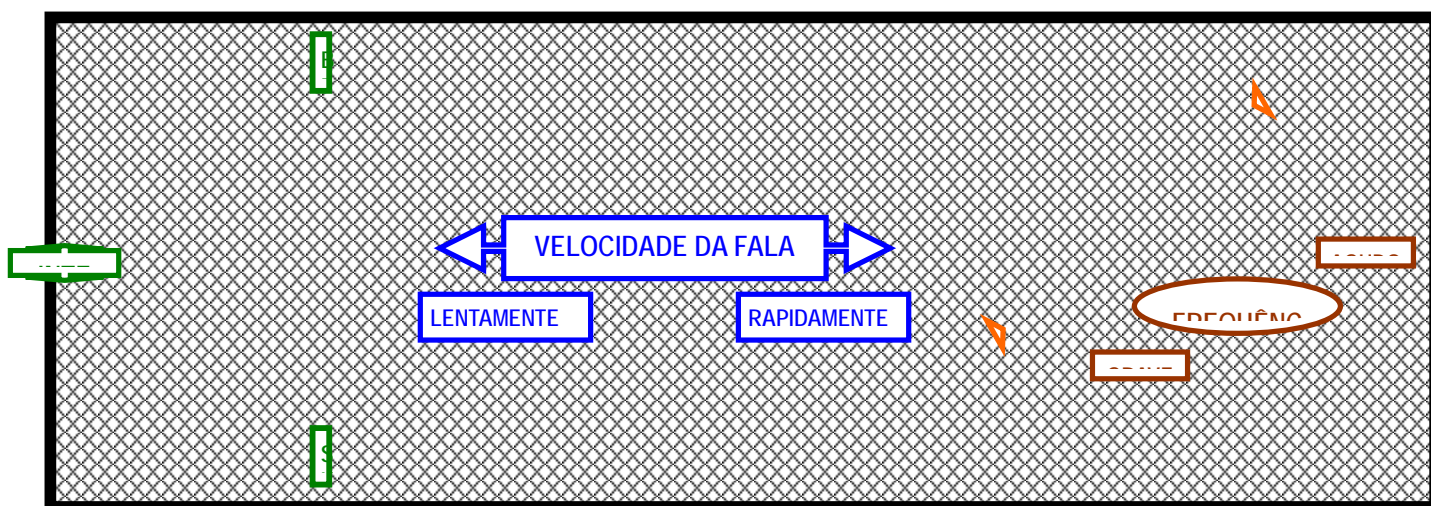
GIRIATO: *arquivo sonoro com a leitura dele* “*Se o homem soubesse o valor que tem, [pausa] a mulher andaria de quatro à sua procura.*”

PROF. IVAN: O que percebemos? Como toda mulher, você, com o sentido claro em sua mente de que a mulher tem muito valor, leu fazendo uma pausa maior depois de “a mulher”. É como se colocasse uma vírgula aí.

GIRIATO: Já eu, tendo claro o sentido de que o homem deveria valorizar-se, coloquei a vírgula depois de “tem”.

DIPLOMATA: Mas, independentemente da pontuação, podemos alterar as emoções produzidas com a voz. Como controlar a própria voz para ressaltar emoções distintas?

Vejamos os 3 elementos citados por Aristóteles, que comporiam uma espécie de “equalizador” da voz do orador, de modo a permitir a ele produzir os sentidos de emoção que deseja. São os elementos de voz que devem ser trabalhados conscientemente para a produção de sentidos.



*Fazer um desenho de um equalizador de som. Ao passa o mouse em cada controle, aparece a definição:*

## CONTROLES BÁSICOS DE VOZ PARA ORADORES

### Velocidade

**O orador deve estar atento a várias velocidades distintas envolvidas no processo da fala, de modo a variar a rapidez com que pronuncia as palavras.**

**Velocidade do pensamento:** o pensamento é muito mais rápido que a pronuncia das palavras em que se materializa. Quem desejar proferir as palavras com base na velocidade com que ocorrem à mente, tenderá a falar depressa demais, tal como um narrador de corridas de cavalos.

Por outro lado, eventualmente, em momentos em que o pensamento se forma, quem julgue que não pode parar de preencher o vazio com som, tenderá a usar expressões como ehhhh, ahnnnn, entããããããoo, até que a ideia completa se transforme em palavras.

**Velocidade de pronúncia:** é a velocidade necessária para as palavras serem pronunciadas de modo inteligível. É preciso conformar o aparelho fonador para articular bem as palavras e dizer o que se

retende com clareza. Muitas vezes, basta abrir um pouco mais o maxilar para melhorar a pronúncia. Ao final da unidade, veremos exercícios para melhorar a voz.

**Velocidade de compreensão:** refere-se ao tempo necessário para que os ouvintes compreendam a mensagem. Depende de dois fatores principais, a sofisticação intelectual do auditório e a complexidade do tema. Sendo mais preparado o público, o discurso pode transcorrer mais celeremente. Sendo mais complexo o tema, o discurso deve transcorrer mais lentamente. Note-se que há maneiras diferentes de ajustar o discurso, que, evidentemente, não se restringem apenas ao controle de velocidade de pronúncia das palavras. Pode-se, por exemplo, tornar um discurso com andamento mais lento dando-se exemplos de um conceito ou repetindo com outras palavras o que já foi dito. Porém, ajustar a pronúncia para menor velocidade também ajuda a aumentar a compreensão, pois os ouvintes têm mais tempo para processar a mensagem.

Em suma, o orador deve considerar essas três velocidades para definir qual usará no discurso como um todo e também em cada parte dele, sempre atento aos sentidos que deseja produzir..

Intensidade

**O orador deve variar o volume de voz, de modo a tornar sua exposição cativante. O que determina o momento de usar voz mais forte ou mais fraca não é apenas a reação do público, mas, principalmente, os sentidos que o orador deseja produzir, em especial as emoções que quer gerar com sua fala. Se quiser mostrar indignação, por exemplo, poderá usar uma voz mais forte; se desejar expressar ternura, uma voz mais fraca.**

Mas, atenção. Não se pode fazer uma associação simplista entre o volume da fala e a emoção produzida. Os sentimentos humanos são muito diversificados em sua manifestação. Vários fatores se conjugam ao mesmo tempo para representar emoções. Seria perfeitamente possível criar a emoção da indignação usando um tom de voz baixo. Há sutilezas nas emoções, que muitas vezes se fundem e ocorrem ao mesmo tempo.

De modo geral, o orador deve utilizar sua voz normal ao fazer o discurso. Hoje, valoriza-se o discurso proferido em tom de conversa, não mais a “voz impostada”, necessária quando não existia microfone. Fato é que, mesmo na maior parte do discurso usando sua voz normal, o orador ser capaz de destacar partes do discurso variando a voz do sussurro ao brado, de acordo com a mensagem, a circunstância, o ambiente e o público.

ROMÂNTICA: Pode dar um exemplo?

PROF. IVAN: Como um dos exercícios mais interessantes para desenvolver o potencial expressivo da voz é declamar poemas, vejamos o exemplo do famoso “Soneto da Fidelidade”, do Vinicius de Moraes.

POETA: Esse eu conheço. Começa assim:

“De tudo, ao meu amor serei atento  
Antes, com tal zelo, e sempre e tanto,  
Que mesmo em face do maior encanto,  
Dele se encante mais pensamento”

ROMÂNTICA: Que lindo...

POETA: O poema deve ser declamado segundo as intenções do autor quando o compôs, certo?

Basta, então, seguir a gravação que o Vinicius fez do poema e declamar igualzinho.

PROF. IVAN: Não,não. Quem manda no discurso é o orador. Toda ato de fala envolve uma nova criação de sentidos, não necessariamente idênticos aos sentidos que pretendia o autor.

GIRIATO:Como assim?

PROF. IVAN: Se o orador quiser produzir o sentido de que está tão apaixonado, que pretende revelar sua paixão para o mundo todo, deverá declamar com um volume de voz maior que o normal, de modo a significar que o que conta, conta para todos. Pode nos mostrar, Poeta?

***Arquivo de som com declamação do trecho em volume alto***

Porém, se desejar declamar o poema produzindo o sentido de que faz uma declaração de amor à mulher amada, deve privilegiar o volume mais baixo, de modo a significar que está num momento particular com ela, como se lhe dissesse tais palavras aos ouvidos dela.

PEQUENO FALADOR: É mesmo, Se gritar, corta o clima. A menos que a mulher seja meio surda...

GIRIATO: Não é nosso caso. Você escuta bem, não escuta, Romântica? Então, em sua homenagem...

***Arquivo de som com declamação do trecho em volume alto***

ROMÂNTICA: Que lindo... Mais que da primeira vez...

Frequência

Outra variação possível é a variação do tom, que vai do muito grave ao muito agudo. Na fala normal, da maior parte das pessoas, encontra-se uma variação de frequência em torno de 3 a 4 notas musicais. Variações muito maiores que essa podem dar a impressão de representação teatral e comprometer a credibilidade do orador. Por outro lado, não fazer variação alguma deixa a



apresentação monótona. Alguns casos especiais requerem o uso de graves ou agudos, sempre com o intuito de produzir os sentidos desejados pelo orador.

ROMÂNTICA: Pode dar um exemplo?

PROF. IVAN: Digamos que o orador esteja contando a passagem bíblica da travessia do mar vermelho.

“Moisés, fugindo com o povo hebreu, se defronta com o Mar Vermelho. Nesse momento, aflito com a proximidade dos egípcios, pensa não ter como escapar. Porém, uma voz lhe ordena do alto:

- Atravesse o Mar Vermelho, Moisés!”

Como deveria ser o efeito de voz na frase que representa a ordem divina?

PEQUENO FALADOR: Se ele está aflito para ajudar Moisés a fugir, provavelmente transmitiria essa emoção.

*Arquivo de som com declamação do trecho em agudo*

SERMONISTA: Mas isso não vai pegar bem para o Todo Poderoso... E Deus não fica aflito.

DIPLOMATA: Se é essa a imagem que você faz de Deus, então a ordem deveria vir em voz grave, para demonstrar a solenidade e força da ordem dada. Talvez assim: *Arquivo de som com declamação do trecho em grave*

PROF. IVAN: Muito bem! Como os demais aspectos formais, é preciso usar representações coincidentes com o estabelecido socialmente para atingir a um maior número de ouvintes. Somente em casos especiais quebram-se os paradigmas vigentes.

ESQUECIDINHO: Quer dizer que, se trabalharmos os 3 elementos de voz, velocidade, intensidade e frequência, estaremos prontos para belos discursos?

ROMÂNTICA: Você tem trabalhado bem a memória, hein? Parabéns!

Esses três elementos, ligados aos sons produzidos, são fundamentais. Mas ainda há um outro elemento essencial para se conseguir um nível superior na oratória.

APRESSADINHA: Já sei. Em vez de falar logo qual é, quer que a gente descubra, pensando.

PROF. IVAN: Boa ideia! Afinal, o trabalho essencial do orador é PENSAR. Muitas das dificuldades que relatam os que chegam ao curso se devem ao inimigo da PREGUIÇA MENTAL. Assim, exercitando o pensamento, na verdade, é como se conseguem os maiores avanços no falar bem.

DIPLOMATA: Pelo menos uma dica...

PROF. IVAN: Darei duas. Se, enquanto pensa, descobrir qual é o quarto elemento essencial pra se trabalhar bem a VOZ, escreva aqui: *colocar um quadrinho para as respostas do aluno*.

**Primeira dica:** observe a partitura musical. *Link para uma partitura* Quais elementos são descritos para se executar a música como o compositor a criou?

GIRIATO: As notas: que indicam

1) a frequência, já que cada nota é uma frequência diferente.

2) a duração, que é outro modo de entender a velocidade, sendo-lhe inversamente proporcional

ROMÂNTICA: O andamento: que indica a intensidade.

APRESSADINHA: Mas ainda não apareceu o elemento novo. Frequência, intensidade e velocidade já foram comentados. Qual será? Qual será?

DESCUBRA AGORA

PRÓXIMA DICA

*link para segunda dica*

*Resposta abaixo*

As pausas! Repare que o silêncio também é marcado na partitura musical. *mostrar*

Assim como a música fica completa quando se atenta para as pausas,

o discurso bem feito deve considerar não apenas as palavras que serão ditas, mas os momentos em que se farão as pausas. Elas são fundamentais para o orador processar seu pensamento, para criar suspense e emoções, bem como para o público digerir as informações repassadas.

POETA: Mesmo já sabendo a resposta, quero ver a PRÓXIMA DICA

PEQUENO FALADOR: Também, afinal sempre se aprende um pouco mais...

PRÓXIMA DICA

*link para segunda dica*

APRESSADINHA: Eu quero seguir. *link para o texto\*\*\* após o parágrafo em azul, que repete o anterior*

**Segunda dica:** Vamos aprender com o Sábio Confúcio...Quando recebia novos discípulos, ele lançava um desafio para que entendessem a importância da meditação e exercitassem o pensamento.

*Bonequinho OU IMAGEM de Confúcio* Qual é a parte mais importante do jarro?

Cada discípulo, então, meditava durante alguns dias sobre a pergunta *mostrar 4 discípulos pensando* e, na presença dos demais, defendia a parte que julgava mais importante, ouvindo em seguida os comentários do Sábio.

GAFANHOTO: A **base**, porque é onde se apóia todo o restante.

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas se houvesse apenas a base, seria um prato, e não um jarro...

BESOURO: O **bojo**, que dá a forma ao jarro.

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas não podemos nos prender às formas, mas buscar a essência das coisas

LOUVA-A-DEUS: O **gargalo**, que permite controlar a saída do líquido.

CONFÚCIO: Belo pensamento! Porém controlar não é tudo. É preciso deixar a vida fluir.

GRILO: **Todas**. Agora não tem jeito de estar errado!

CONFÚCIO: Belo pensamento! Indica uma visão de conjunto. Mas a busca é pela VERDADE, não por ESTAR CERTO. Exercitar a meditação é querer chegar a uma resposta. Dizer “todo” ou “nenhum”, muita vezes, pode significar “não quero pensar direito sobre o assunto”. Continue pensando...

E Confúcio dava mais alguns dias para os discípulos continuarem a meditar.

Voltavam com novas respostas, que recebiam comentários semelhantes.

GAFANHOTO: A **boca**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

BESOURO: O **bico**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

LOUVA-A-DEUS: A **alça**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

GRILO: O **material** de que é feito

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

E Confúcio dava mais alguns dias para os discípulos continuarem a meditar.

Voltavam com novas respostas, que recebiam comentários semelhantes.

GAFANHOTO: A **tampa**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

BESOURO: Os **ornamentos**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

LOUVA-A-DEUS: A **tinta**

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

GRILO: O **conteúdo**.

CONFÚCIO: Belo pensamento! Mas... *caracteres chineses*

Se ninguém apresentava a resposta, Confúcio, enfim revelava:

“A parte mais importante do jarro é o VAZIO. Será o vazio que determinará quanto conteúdo poderá o jarro conter. Será o vazio que determinará a forma do jarro. Será o vazio que fará o jarro ter utilidade!

Esse princípio, ADMINISTRAÇÃO PELO VAZIO, é um dos basilares da doutrina confucionista.

PEQUENO FALADOR: Mas o que tem a ver com a VOZ?

DIPLOMATA: Eu já entendi. É que, além da VOZ, o orador deve se preocupar com o silêncio.

PROF. IVAN: Perfeito! E o silêncio na oratória se refere às PAUSAS.

Assim como o jarro não é importante apenas em sua materialidade,

*texto\*\*\** o discurso bem feito deve considerar não apenas as palavras que serão ditas, mas os momentos em que se farão as pausas. Elas são fundamentais para o orador processar seu pensamento, para criar suspense e emoções, bem como para o público digerir as informações repassadas.

**Um bom orador faz pausas significativas em vários momentos do discurso. E tem a sensibilidade de não deixar a pausa ser confundida com “falta do que dizer” ou “é hora de participar”. Se fizer uma pausa excessivamente longa, pode perder a atenção do público ou permitir que alguém, achando que é hora de participar, tome a palavra e acabe com o discurso do orador.**

ROMÂNTICA: já que falaremos muitas vezes, o que fazer para preservar a saúde da voz?

PROF. IVAN: É recomendável seguir os conselhos dos fonoaudiólogos, profissionais gabaritados para tratar do assunto. Não devem ser procurados apenas ao surgirem problemas. Com uma atuação preventiva, que envolve uma visita ao otorrinolaringologista, o orador garante boas condições para exercer seu ofício.

A fonoaudióloga Andressa Duarte Bicalho \* apresenta os

“Dez Mandamentos para Manter a Voz Saudável”:

- 1) Não gritar sem suporte respiratório e / ou abusar da voz
- 2) Não fumar nem consumir bebidas alcoólicas.
- 3) Beber bastante água e líquidos em geral.
- 4) Alimentar-se de maneira leve antes do uso profissional da voz. Alimentos adstringentes, como a maçã e o salsão, facilitam a digestão, enquanto leite e chocolate aumentam a produção de muco das pregas vocais e dificultam a vibração.
- 5) Adotar uma postura física adequada, com as costas eretas, facilitando a emissão da voz.
- 6) Não usar roupas muito apertadas, principalmente na região de pescoço e cintura.
- 7) Evitar a tensão muscular na região do pescoço, o que prejudica a articulação de sons.
- 8) Evitar choques térmicos. Sair de um ambiente quente e tomar muito sorvete ou, num dia muito frio, tomar um chá muito quente pode causar sérios danos às pregas vocais.
- 9) Não permanecer muitas horas em ambiente com ar condicionado, pois as mucosas da laringe ressecam e dificultam a vibração da prega vocal.
- 10) Evitar tossir e pigarrear.

\* Fonoaudióloga Andressa Duarte Bicalho

Especialista em Distúrbios da Comunicação – UNIFESP/ EPM

Pós-graduada em Voz – CEV (Centro de Estudos da Voz/ SP)

31 9142-8488 andressa.duarte@gmail.com

Também indicamos os exercícios vocais apresentados por Pedro Bloch nos capítulos 19 e 20 de seu excelente livro “Você quer falar melhor?” [\*LINK para arquivo\*](#)

E para que possamos treinar nossa capacidade expressiva com a voz, encerramos esse tópico propondo o exercício (OPCIONAL) de programação vocal para declamação de um SONETO.

[\*LINK para arquivo\*](#)

---

DIPLOMATA: Se não me engano, acabamos de ver todos os ASPECTOS FORMAIS programados

ESQUECIDINHO: Fiquei tão envolvido nos exercícios, que me esqueci. Quais são eles, mesmo?

GIRIATO: São eles: aparência, postura, locomoção, semblante, gestos e voz.

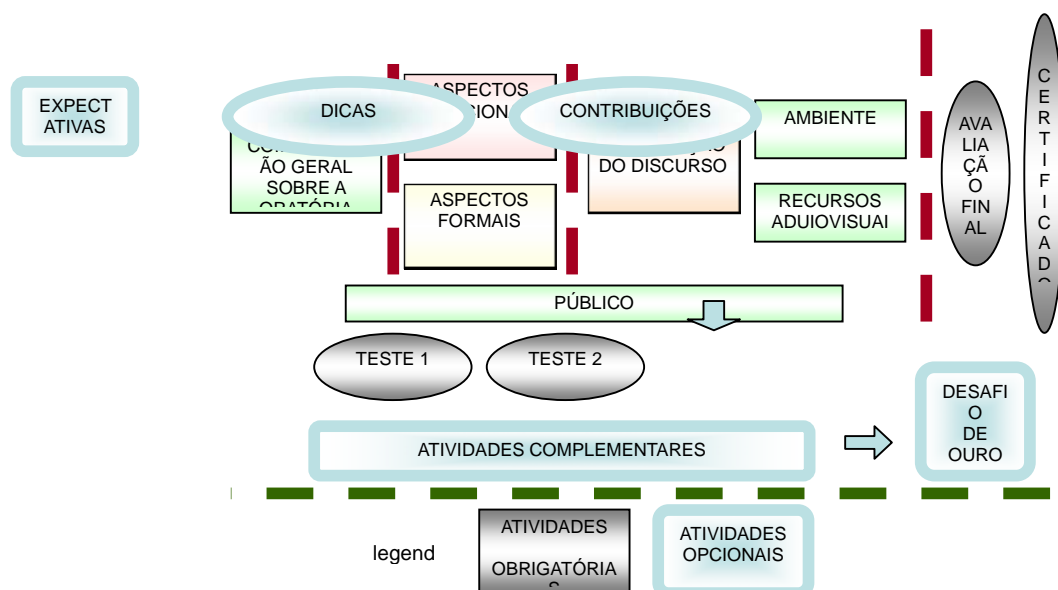
PROF. IVAN: Muito bem, vamos à prova sobre essa unidade.

Avaliar duas apresentações e dizer se são grandes oradores, que encantam as pessoas com suas palavras..

## ANEXO IV Módulo “O poder da fala”

### • Avaliação

Como podemos ver no quadro com o roteiro do curso, **ATENÇÃO: MUDEI O TESTE 2 PARA ANTES DA UNIDADE ELABORAÇÃO DO DISCURSO (TEM QUE MUDAR ESSE QUADRO TB NO INÍCIO DO CURSO)** há 3 momentos para avaliação (destacar os testes 1 e 2 avaliação final)



O teste 1 consiste de um questionário.

Para conseguir aproveitamento para seguir adiante, você deve acertar 80% das questões (verificar percentual na PÓS)

O teste 2 consiste de 2 atividades:

- 1) Parábola (programar em formulário próprio: Postura, Locomoção, Gestos e Semblante para apresentar uma história, parábola, fábula ou apólogo)
- 2) Soneto (gravar duas versões de áudio, com base em formulário próprio, de um soneto)

A **avaliação final** consiste em preparar um discurso sobre um tema de sua escolha, o que faremos ao longo do curso. Nessa preparação, você deve elaborar o texto (até 4 páginas) e registrar os aspectos formais que utilizaria para dar vida ao discurso. Recebendo o conceito A, você recebe o certificado.

Como discurso é prática, oferecemos, **ainda**, o **DESAFIO DE OURO**. A cada 90 dias, os participantes se reúnem no Festival de Discursos e apresentam ao vivo o que prepararam para outros colegas, recebendo uma avaliação do discurso que contribui para verificar os próprios pontos positivos de maior impacto para os ouvintes.

**Não é obrigatório participar da atividade, mas quem o fizer, certamente poderá verificar o quanto evoluiu com o curso. É uma boa oportunidade para apresentar, por exemplo, algo relacionado ao próprio projeto ou monografia na Pós.**

## **UNIDADE I – O poder da fala**

Se nos matriculamos num curso de oratória, certamente desejamos falar bem. Uma reflexão, entretanto, se faz necessária: afinal de contas, PARA QUÊ falamos? Que possibilidades a linguagem nos oferece que nos leva, inclusive, a procurar um curso na área, mesmo tendo aprendido a falar em tenra idade?

- **Clique no quadro com a resposta que lhe parece mais adequada**

Outra resposta:

*Enviar para professor, para análise individual*

Saúde

Direito

Tecnologia da informação

Educação

Engenharia

MBAs e corporativo

### **Quadro 1: COMUNICAR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos nos COMUNICAR.



*Qualquer situação de fala em que exista interação pode se encaixar aqui. Mas repare que nem todas as situações que envolvem fala trazem o objetivo de comunicar. Há comunicação quando, num processo interativo, a influência entre os interlocutores é recíproca. Portanto, falar é **TAMBÉM**, mas não exclusivamente, um processo social de construção de saberes, de compartilhamento de emoções, de identificação de valores por meio da expressão verbal. Pode, claro, haver comunicação sem fala, por meios não verbais. Porém, certamente, a fala é um dos mais eficazes meios para a comunicação*

**CONFÚCIO** “Palavras servem apenas para a comunicação”. *Analectos 15-39*

**GAFANHOTO** Sim, Sábio Mestre! Mas é medida que a reflexão sobre a linguagem avançou ao longo dos séculos, o homem descobriu muitas possibilidades e refinou o entendimento da questão.

*EXEMPLO DE comunicar, falando: Todo diálogo evidencia essa propriedade da fala. Vejamos um exemplo clássico, no qual as perguntas dirigem as respostas e essas, por sua vez, influenciam quais serão as perguntas a seguir. Esse diálogo mostra o método socrático de busca da verdade, realizando o “parto das ideias”.*

*Mênon*

**COMENTÁRIO...** *Situação de pós na área de educação.*

Embora seja verdade que, FALANDO, nos COMUNICAMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

## **Quadro 2: EXPRESSAR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos nos EXPRESSAR.

*Qualquer situação de fala em que manifestamos nossas emoções ou sentimentos demonstra essa função. Evidentemente, podemos nos expressar, e o fazemos, conscientemente ou não, usando outros recursos que não a fala, como o movimento corporal, as expressões faciais e outros. Porém, certamente, a fala é um dos mais eficazes meios para a expressão.*

*EXEMPLO DE expressar-se ao falar: Se alguém, andando na rua, tropeça numa pedra indevidamente jogada no passeio e fala algo...*

*Pers. DIPLOMATA: Se fosse eu, conclamava o poder público a promover a limpeza de nossas vias.*

*Prof. Ivan: Legítima procura pela resolução do problema. Mas essa procura viria muito depois do fato. Na hora, o que você diria?*

*Pers. DIPLOMATA: Bem na hora, eu diria somente “ai”!*

*Prof. Ivan: Legítima expressão de dor...*

*Pers. AZARADO: Eu diria: Como não vi essa pedra?:*

*Prof. Ivan: Legítima expressão de lamento...*

*Pers. POETA: Eu diria: “No meio do caminho tinha uma pedra”:*

*Prof. Ivan: Legítima expressão de referências literárias...*

*Aliás, tudo o que lemos, ajuda a formar nossa maneira de ver, interpretar e agir no mundo*

*Pers. ENFEZADO: Se fosse eu, xingava um nome.*

*Prof. Ivan: Legítima expressão de revolta...*

*COMENTÁRIO... Situação de pós na área de.*

Embora seja verdade que, FALANDO, nos EXPRESSAMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

### **Quadro 3: INFORMAR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos INFORMAR.

*Qualquer situação em que transmitimos um dado mostra como a fala pode prestar-se a tal objetivo.*

*Evidentemente, podemos informar usando outros recursos que não a fala, como os gestos e outros.*

*Porém, certamente, a fala é um dos mais eficazes meios para transmitir alguma informação.*

*EXEMPLO DE informar ao falar:*

*Um simples recado é uma situação de informar, visto que não importa a reação dos ouvintes, a mensagem continua a mesma.*

*Porém, saber criar a impressão de querer comunicar, ainda quando o objetivo seja informar, é uma grande habilidade política. Veja o caso do lançamento da candidatura à presidência de Juscelino Kubitschek.*

*LINK PARA <http://veja.abril.com.br/especiais/brasil/por-que-jk-construiu-brasil-p-42.html> Será*

*que ele estava se comunicando e resolveu assumir um compromisso em razão da participação de um ouvinte ou estava informando uma decisão já tomada, em um contexto sob controle?*

*COMENTÁRIO... Situação de pós na área de.*

Embora seja verdade que, FALANDO, INFORMAMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

*Colocar ao lado dos quadradinhos COM INF EXP PERS. ROMÂNTICA:* Quando alguém fala que me ama, está comunicando, expressando ou informando?

Pers. GIRIATO: Eu acho que tá é te cantando, gata...

PROF. IVAN: Sim, há questões complexas no ato de falar. As funções da fala, ou da linguagem, não vêm sempre isoladas e muitas vezes é difícil distingui-las na prática. Categorizamos e isolamos uma da outra para poder estudar a linguagem. Em cada momento de enunciação, ora uma função predomina, ora outra. O importante é saber que o sentido de uma fala NÃO É DADO simplesmente pelas palavras utilizadas.

Pers. GIRIATO: Eu ainda acho que tá é te cantando... Se você der mole, dançou.

PERS. ROMÂNTICA: Que mente poluída...

PROF. IVAN: Suponha que quem disse tais palavras foi o pai dela. Difícilmente, seria essa a intenção dele. Ainda que fosse um amante, dizendo **as mesmas palavras** em momentos diferentes, poderia querer estabelecer uma comunicação e provocar reações, **bonequinho dizendo eu te amo e um balão indicando o que se passa na imaginação dele – a namorada retribuindo o afeto** poderia estar simplesmente expressando o que sente, pelo fato de esse sentimento transbordar de seu coração **bonequinho dizendo eu te amo e saindo um monte de coraçãozinho do coração dele** ou, ainda, poderia querer informar o sentimento que tem pelo interlocutor para apoiar uma argumentação. **bonequinho dizendo pra namorada numa montanha russa: pode vir, meu bem... eu te amo... não traria vc se tivesse perigo!** Assim, o sentido da fala não está só nas palavras. Por isso, na oratória, não adianta apenas decorar um texto e proferi-lo. É preciso uma sintonia com o ambiente,

uma interação com o público, uma capacidade de adaptação ao inesperado, enfim, há que se levar em conta o contexto, os falantes, a cultura, o tempo e vários outros fatores.

#### **Quadro 4: ENSINAR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos ENSINAR. É o que faz o professor em sala de aula, o executivo que orienta subordinados, o técnico que explica como usar determinado produto. Evidentemente, ensinar requer muito mais que apenas falar. É preciso ouvir, interagir, sensibilizar e bem mais...

Mais que ensinar, porém, ao falar podemos APRENDER. Sob a ótica da oratória, Talvez APRENDER seja ainda mais importante que ensinar.

*EXEMPLO DE ensinar e aprender ao falar:* No seu formidável livro “Educação Corporativa – A Gestão do Capital Intelectual através das Universidades Corporativas”, publicado pelo Makron Books, Jeanne Meister, apresenta a pirâmide da aprendizagem, cortesia do NTL Institute for Applied Behavioral Sciences. **VENDEDOR DE LIVRO** Essa pirâmide mostra quais atividades fazem com que o conhecimento se consolide melhor. A taxa média de retenção do conhecimento ao longo do tempo varia de acordo com a atividade desenvolvida para obtê-lo. Numa ordem crescente de eficácia na retenção do conhecimento, a sequência começa com [assistir a] Palestras (5%), passa, num crescendo, por Leitura (10%), Audiovisual (20%), Demonstrações (30%), Grupos de Discussão (50%), Praticar Fazendo (75%) e culmina com Ensinar os Outros (80%). *Colocar a pirâmide* Portanto, ensinar outrem é a forma mais eficaz de se reter conhecimentos. Como boa parte do que se ensina faz-se por meio da fala, falar é uma forma de aprender, porque quem falou retém mais ainda o conhecimento que transmite.

*COMENTÁRIO... Situação de pós na área corporativa.*

**Pers. PEQUENO FALADOR:** *Engraçado... um dos motivos pelos quais eu tinha receio de falar em público era achar que eu tinha que saber tudo, para que ninguém pudesse me confrontar durante ou após minha fala. Mas essa pirâmide me deu uma nova visão... Se, falando, eu aprendo, devo encarar cada situação de fala também como uma oportunidade de aprendizagem, e não simplesmente como uma prova sobre minha capacidade individual. Que alívio!*

**PERS:GESTOR:** *Tive uma ideia! Eu programo reuniões mensais de vários gerentes na empresa. A partir de agora, além de pedir para eles falarem sobre o que sabem, pedirei que discorram sobre assuntos que desconhecem, de modo que possam também aprender...*

**PERS:GESTOR** *Boa. E você ainda evita parecer chato dando sermão*

**PERS: SERMONISTA** *O que vc tem contra mim? Mas concordo que esse método é bem mais útil e eficaz...*

Embora seja verdade que, FALANDO, ENSINAMOS e APRENDEMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

#### **Quadro 5: ENTENDER**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos ENTENDER melhor o mundo, podemos APREENDER a realidade.

*EXEMPLO DE entender ao falar: Quando se usa um vocábulo preciso, demonstra-se domínio da área do conhecimento a que se refere. Imagine um médico que não dominasse o uso da terminologia da instrumentação cirúrgica. Ele diria ao assistente: “por favor, passe ‘aquele trocinho’ ali na bandeja”.*

**PERS: GIRIATO:** ou então “pega o bagueio, aê, veio”.

**PERS: ROMÂNTICA:** ou “pega aquele bonitinho ali, meu bem”

**PERS: DEMOCRATA:** vamos fazer uma votação para saber qual ele deve pegar.

**PERS: DIPLOMATA:** *Nada disso. Tem hora que não dá para comunicar sempre, esperando uma opinião ou reação do interlocutor. Às vezes, é preciso ordenar, mandar mesmo,*

**PROF IVAN:** *Veremos esse tópico adiante. Mas, voltando ao exemplo do médico. Será que, sem definir com palavras adequadas de que instrumento precisa, viria o correto? Ao especificar: eu quero o bisturi TAL, ele demonstra entender de qual peça precisa e faz seu interlocutor repassar-lhe a peça necessária naquela hora. Portanto, a fala possibilita agir precisamente sobre o mundo. Conseguir o que se deseja com mais facilidade e rapidez.*

**COMENTÁRIO...** *Situação de pós na área de saúde.*

Embora seja verdade que, FALANDO, ENTENDEMOS melhor o mundo, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

#### **Quadro 6: ORDENAR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos ORDENAR. Se preferir, podemos dizer PEDIR, SOLICITAR, IMPLORAR, enfim, quaisquer verbos que fazem com que outros ajam segundo nosso desejo.

*EXEMPLO DE ordenar ao falar:*

**COMENTÁRIO...** *Situação de pós na área de*

**PERSONAGEM:** Aliás, um dos segredos da boa comunicação é: quando puder ordenar, PEDIR. Funciona muito também no mundo empresarial. Embora o dito popular “manda quem pode, obedece quem tem juízo” seja verdadeiro, quem pode mandar deve ser habilidoso. Assim, gera em quem deve obedecer mais boa vontade e não alimenta sentimentos de revolta contra a opressão. Inteligentemente, sabendo se comunicar, obtém as ações desejadas por adesão, não por imposição. Ao estabelecer um clima favorável para o alcance de metas, faz toda a diferença.

**Pers. POETA:** Lembrei um poeminha do Quintana:

“Todo o bem, todo o mal que te dizem  
Nada seria, se soubessem expressá-lo.  
Os ataques de uma borboleta agradam  
Mais que mil beijos de um cavalo”.

**Pers. ROMÂNTICA:** Que lindo! Eu adoro beijo, mas, realmente, preferiria a borboleta....

**CONFÚCIO** “Palavras servem apenas para a comunicação”. *Analectos 15-39*

**GAFANHOTO** Sim, Sábio Mestre! Mas à medida que a reflexão sobre a linguagem avançou ao longo dos séculos, o homem descobriu muitas possibilidades e refinou o entendimento da questão.

Embora seja verdade que, FALANDO, ORDENAMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

### **Quadro 7: INTERAGIR**

Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos INTERAGIR. Está bem ligado esse conceito ao de COMUNICAR. Essa é a diferença entre comunicar e informar: comunicar pressupõe interação. Quem fala modifica seu discurso de acordo com as reações do interlocutor. Já quem informa não muda a mensagem preparada.

**PERS. Diplomata:** Mas, de acordo com as pessoas a quem vou informar algo, eu mudo o recado.

**PROF. IVAN:** Sim, você tem toda razão. De modo geral, adaptamos a linguagem à situação concreta. O detalhe é o momento em que fazemos isso. No caso da comunicação, **link para comunicar “Quer rever o tópico “Comunicar?”** **PERS ESQUECIDINHO será usado para**

**revisões** é um processo contínuo. Já na informação, **link para informar** “*Quer rever o tópico “Comunicar?”*” é um processo prévio à mensagem. Fazemos as adaptações segundo a imagem que temos dos interlocutores e o sentido que pretendemos criar.

*EXEMPLO DE interagir ao falar:*

*Um simples aviso, por exemplo, pode criar diferentes interações entre quem o escreve e quem o recebe:*

*Mantenha a porta fechada*

PERS. ESQUECIDINHO: *Ah, é. Já ia me esquecendo...*

PERS. ROMÂNTICA: *Nossa! Que pessoa seca, sem amor no coração...*

*Favor manter a porta fechada*

PERS. DIPLOMATA: *pelo menos pediu por favor*

PERS. GIRIATO: *É mas eu não tô a fim de quebrar o galho de ninguém...*

*Abriu? Feche!*

PERS.: *Muito justo.*

PERS.: *Quem abriu foi o fulano. Eu sou apenas o último a passar. Então, não tenho obrigação de fechar.*

*Este portão foi colocado aqui para ficar fechado*

PERS.: *então, eu fecho.*

PERS. *E eu não to passando aqui pra ler recado*

*Se não fechar o portão após passar, levará multa.*

PERS.SOVINA: *Pra economizar, fazemos qualquer negócio.*

PERS. *E como vai saber que fui eu? Aqui não tem câmera....*

*Como a obstrução da passagem àqueles que não dispõem do dispositivo para sua abertura não fere o disposto no art. 5º da Constituição Federal, em seu inciso XV, que estabelece o que se convencionou chamar de direito de “ir e vir”, preconizando a “livre locomoção” em todo território nacional, peço vênias aos transeuntes, em especial aqueles proprietários de apartamentos com todas suas instalações, benfeitorias e respectivas frações ideais do terreno, bem como seus cônjuges e*

*parentes em primeiro grau, assim como agregados, desde que coabitem a unidade residencial, para recomendar o fechamento da peça cuja principal função é guarnecer a entrada do edifício toda vez que o adentrarem, haja vista a lei garantir a qualquer cidadão o acesso e usufruto aos mais variados bens e locais públicos que atendam às suas necessidades, o que não vem a ser o presente caso, visto o portão estar instalado em local privado, regido pelo regulamento interno do condomínio, aprovado em reunião e que se encontra à disposição dos interessados para consulta.*  
PERS. *Eu não entendi o que ele falou.* <http://www.youtube.com/watch?v=5tmepQ3EmFo> ou curto <http://www.youtube.com/watch?v=DgqOEsX74T0>

*Para nossa segurança, mantenha o portão fechado*

PERS. *Ta bom... vou fechar.*

PERS. CORAJOSO: *Eu não tenho medo de nada*

PROF. IVAN: *Repare que, de acordo com a imagem que tem do público que lerá o aviso, e com as próprias crenças e valores, o autor do recado pode gerar diferentes reações e conseguir resultados diversos.*

PERS. GRANDE ORADOR: *Qual seria, então, a frase “correta” para colocar no aviso?*

PROF. IVAN: *Não existe uma frase “correta”, aplicável a todos os casos. Escolhemos a que julgamos melhor levando em conta vários fatores. Toda enunciação é uma “aventura linguageira”.*

PERS. PEQUENO FALADOR: *E se eu não fizer a melhor escolha? Se ninguém respeitar o aviso? Se arrancarem meu recado?*

PROF. IVAN: *Analisamos a situação e nos adaptamos. Talvez seja preciso trocar a frase, usar outro suporte ou mesmo tomar outras providências. Por isso a idéia de aventura linguageira. Não sabemos EXATAMENTE o que acontecerá com nossa fala. Poderá ser mal interpretada, incompreendida ou transmitir precisamente o que queríamos.*

**COMENTÁRIO...** *Situação de pós na área de.*

Embora seja verdade que, FALANDO, INTERAGIMOS, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

## **Quadro 8: MOSTRAR CONHECIMENTO**



Muito bem! Parabéns! Realmente, FALANDO, podemos MOSTRAR CONHECIMENTO. Além dos conhecimentos, mostramos quem somos, em que acreditamos, quais nossos valores. Por isso, mesmo que alguém sinta alguma dificuldade em falar em público, o fato de se levantar, ir à frente e discorrer, mesmo sem o pleno domínio das técnicas, sobre algum tema já é admirável. Afinal, essa pessoa assumiu sua responsabilidade, enfrentou a situação e se posicionou. Já está dizendo muito de si antes mesmo de proferir qualquer palavra.

PERS PEQUENO FALADOR: *Eu prefiro repassar a outrem a **obrigação**, dizendo “Ele fala melhor que eu” Assim, marco minha presença, passo a palavra para quem fala melhor, mas não me comprometo...*

PROF IVAN: *Parabéns! Uma das virtudes essenciais ao orador é reconhecer o mérito do outro e admirar a capacidade alheia. Porém, se fizer isso sempre, você desperdiça **oportunidades** de aprender.*

DIPLOMATA: *Interessante... Enxergar cada situação de fala não como obrigação, mas como oportunidade ajuda mesmo a ter mais tranquilidade na hora de falar!*

ESQUECIDINHO: *Não tinha uma função da fala que era aprender? **Se quiser rever o tópico, clique aqui***

APRESSADINHO: *Eu não confesso que o outro é melhor, mas digo “faço minhas as palavras dele”. Assim, mostro conhecimento, porque apoio o que foi dito e acabo logo o discurso, pois basta o pessoal lembrar do que disse quem me antecedeu. Não dá nem tempo de perceber alguma falha nos meus conhecimentos.*

PROF. IVAN: *Parabéns! A capacidade de síntese é fundamental para um orador. Tucholsky disse que se pode falar de tudo, porém, não mais que vinte minutos. Claro, ele se referia a discursos não programados, com tempo livre para o orador. Tem gente que toma a palavra e não quer largá-la nunca, seja por não saber como terminar, seja porque se empolga consigo mesmo.*

GIRIATO: *Maneiro tentar ocultar o que não sabemos falando depressa ou pouco...*

PROF. IVAN: *Cabe, porém, lembrar, que o orador deve se desenvolver como ser humano, e não simplesmente aparentar uma imagem dissociada da realidade. Assim, ele deve é se esforçar na busca do conhecimento, e não utilizar qualquer truque que seja para criar falsas impressões. Dá trabalho demais fingir ser o que não se é.*

PERS. POETA: *Não é poema, mas a fábula do asno em pele de leão se encaixa aqui. Se quiser ler a fábula, clique aqui*

Pers. PAVÃO: *Ah, eu adoro aparecer. Não perco uma oportunidade de falar. Assim todos ficam sabendo que eu existo.*

PROF. IVAN: *Ótimo ter essa disposição, desde que não o faça por simples necessidade de auto-afirmação ou queira aparecer por aparecer. Seus propósitos devem sempre ser mais elevados.*

**CONFÚCIO** “Sê um homem culto nobre, não um pedante vulgar”. *Analectos 6-13*

GAFANHOTO: *E se eu me esforçar mas ninguém reconhecer meu valor?*

**CONFÚCIO** “Não te preocupes se as pessoas não reconhecerem teus méritos; preocupa-te se não reconheceres os delas”. *Analectos 1-16*

*EXEMPLO DE mostrar conhecimento ao falar:*

*Uma situação prática muito comum em que a função de mostrar conhecimentos prepondera na fala é a dinâmica de grupo em um processo seletivo. Os avaliadores ficam atentos às ações e também às palavras de cada participante, de modo a observar o que sabem e quem são de fato. Muitos excelentes candidatos se saíam melhor nesse processo se dominassem algumas técnicas de oratória. Não deixariam, assim, seu próprio brilho obscurecer por detalhes que causam uma impressão diversa da realidade*

*Outra situação é quando um engenheiro ou um analista de sistemas faz uma apresentação de um projeto ou produto. Dentre outros fatores, o uso do jargão da área, caso o público seja formado por especialistas, é essencial para demonstrar o domínio do assunto e transmitir confiança. Ao usar um termo técnico que eventualmente não seja conhecido pela maioria, é bom fazer uma breve explicação do que significa. Se o engenheiro ou analista explica com poucas palavras e de modo fácil, sem hesitar, está mostrando conhecimento. Uma dica importante é, ao preparar palestras técnicas, registrar boas e sucintas definições para termos que podem suscitar dúvidas.*

**COMENTÁRIO...** *Situação de pós na área de engenharia e tecnologia da informação.*

Embora seja verdade que, FALANDO, MOSTRAMOS CONHECIMENTO, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

### **Quadro 9: TODAS AS RESPOSTAS**

Muito bem! Parabéns! De fato, de alguma forma, todas essas respostas são aceitáveis.

**PERS. APRESSADINHO:** *Ah! Sabia! Eu chutei essa para economizar tempo! Apostei no mais provável e me dei bem! Quase sempre, quando há várias opções plausíveis, o melhor é responder “um pouco de tudo” ou “depende”. Como não tinha jeito de ser “depende”, arrisquei no “tudo”.*

**PERSONAGEM SERMONISTA:** *Mas o que você está querendo? Só acabar o curso depressa ou aprender algo nesse processo? Vai se dar bem quem se dedicar com atenção, gastar tempo consigo mesmo e exigir de si mesmo uma reflexão mais aprofundada. Vai se dar bem porque, ao final do curso, estará mais apto a atingir a excelência na comunicação verbal, terá mais consistência nos princípios nos quais se baseará para escolher uma ou outra técnica de oratória em situações reais. Lembre-se: você pode ser ágil sem ser superficial.*

Embora seja verdade que, FALANDO, conseguimos os resultados relacionados em todas as respostas, há uma possibilidade que a linguagem nos oferece que a torna, em especial, extremamente poderosa e mágica.

QUAL SERIA?

**PERSONAGEM ENFEZADO:** Já tentei todas as respostas e nenhuma serviu. Será que esse curso está com defeito???

**PERSONAGEM PROF IVAN:** Não, o curso não está com defeito. Afinal, ele foi desenvolvido pelo NPG Pitagoras, centro de excelência no desenvolvimento de pessoas. **PLIM PLIM** O fato é que a razão mais importante pela qual falamos não está relacionada naquelas respostas.

**PERSONAGEM ENFEZADO:** Então, pra que colocou tantas respostas inúteis?

**PERS APRESSADINHO:** Ou por que não falou logo só essa bendita razão mais importante?

**CONFÚCIO** A felicidade está no Tao.

**GAFANHOTO** Sim, Sábio Mestre! Chegar à resposta certa não é tudo. O processo de chegar à resposta, que é a REFLEXÃO, muitas vezes é mais importante.

**PERS PROF IVAN** Se simplesmente buscamos uma resposta pronta, não problematizando a questão em um nível que exija PENSAR, temos a impressão de que já sabíamos e o novo conhecimento não se fixa em nossa mente. Repare que todas as respostas serviram para discutirmos uma série de conceitos importantes.

**PERSONAGEM GRANDE ORADOR** Então, vou pensar mais um pouquinho. Teria alguma dica?

**PERSONAGEM PROF IVAN** Sim! Pense no discurso mais antigo que consegue imaginar...

**PERSONAGEM** O discurso de posse do Lula, porque “nunca antes na história desse país”...

**PERSONAGEM** Mas não foi o Lula quem descobriu o Brasil! Um discurso importante foi a Carta de Caminha, que foi bem antes dele.

**PERS PE. Vieira:** Mas muito antes do achamento, houve grandes pregadores. Eu cito no *Sermão da Sexagésima* Túlio; Quintiliano; o príncipe dos oradores evangélicos, S. João Crisóstomo; S. Basílio Magno; S. Bernardo. S. Cipriano; e S. Gregório Nazianzeno, mestre de ambas as Igrejas; bem como Santo Agostinho e S. Gregório

**PERSONAGEM** Já sei! Jesus Cristo!

Boa lembrança. Ele tem discursos maravilhosos. Mas ele mesmo dizia “sabeis que foi dito aos antigos, eu porém vos digo”, o que indica que houve quem falou antes dele. É pra pensar num discurso bem antigo mesmo.

Homero?

Bem antes

Adão e Eva?

Adão e Eva é super recente. Foi apenas no sexto dia criação que Deus fez o homem. E nos dias anteriores?

**PERSONAGEM GRANDE ORADOR** Após Deus criar o céu e a terra, havia solidão, caos e trevas! Disse Deus: “Haja luz”. E houve luz... *Gênesis 1:3* [LINK para o primeiro capítulo](#)

**PERSONAGEM PROF IVAN** Perfeito! Repare na riqueza dessa explicação ainda na primeira página da Bíblia: Deus não fez algo para ordenar o caos, como fez na criação do homem, com trabalho, moldando o barro e o soprando.

No primeiro dia da criação, em meio apenas às trevas e ao caos, para continuar sua obra, Ele simplesmente FALA algo, e cria a luz, pelo discurso, mostrando que a função primordial da linguagem é CRIAR REALIDADES. Depois, à medida que cria, nomeia as criações: dia, noite, céu, terra, mares e assim por diante. Para atuar sobre o mundo, é preciso falar, dar nome às coisas, que deixam, portanto de ser caos e passam a constituir sentido, o que permite ao homem agir sobre o mundo. A REALIDADE não é algo objetivo, mas a maneira como o mundo é percebido.

De fato, falando, criamos as mais distintas realidades: podemos estabelecer amizades ou fazer inimigos, conseguir adesão ou oposição, sofrer ou sentir alívio, dividir sonhos e construir realidades, mudar o mundo ou garantir a permanência, gerar confiança ou medo, dar esperança ou causar desespero, provocar amor ou ódio...

OBS: CLIQUE aqui para ouvir o **Prof. FIORIN** discorrer sobre o assunto. *Trecho do DVD “Mistério e Epifania da Linguagem”, gravado durante encontro do CICLO de Estudos Contemporâneos em Língua Portuguesa. [LINK para roteiro do DVD](#) [LINK para relação dos DVDs.](#)*

**PERSONAGEM** Por que, então, algumas pessoas falam demais e não criam a realidade desejada?

*EXEMPLOS*



**PERSONAGEM PROF IVAN** Excelente pergunta! Traz um novo conceito. Falar, de alguma forma, produz alguma realidade. Mas isso não está em nosso controle consciente. Apenas quando temos uma intenção podemos pensar em realidade desejada. O que **cria realidades desejadas** não é o simples ato de falar, mas o “**FALAR BEM**”.

Criar realidades todo ato de fala cria, mas criar a realidade desejada é para quem **FALA BEM**.

**Não é a quantidade de fala, mas sua QUALIDADE que determina a eficácia do discurso.**

**A qualidade da fala, objeto deste curso, decorre de vários fatores.**

**Podemos agrupá-los em TRÊS grandes grupos.**

**SUJEITO**

**CONTEÚDO**

**FORMA**

*Fazer uma esfera, da qual saem os gomos relativos a cada camada*

**A perfeita integração dos fatores ligados a SUJEITO, CONTEÚDO e FORMA determina a qualidade do discurso. É o que se chama UNIDADE ORATÓRIA.**

Há uma influência de tais fatores entre si. Se o orador se melhora como **sujeito**, por exemplo, passando a dominar melhor determinada matéria, o **conteúdo** se organiza de modo mais inteligível e a **forma** se mostra mais cativante. Se o orador melhora nos **aspectos formais**, aprendendo, por exemplo, técnicas de postura, o público o percebe como um **sujeito** mais seguro, mais tranquilo, mais capaz. Assim, avanços em quaisquer dos fatores acarreta progressos nos demais.

PERS. Mas afinal, qual é o mais importante?

PROF. IVAN: Não cabe discutir e comparar a importância dos fatores. Podemos melhorar em todos eles. Por isso, vamos estudar todos.

**Você pode agora escolher como seguir o curso,  
optando por estudar SUJEITO ou FORMA primeiro.**

*aparecer a informação diretamente*

**Deixaremos o CONTEÚDO para trabalhar após você  
demonstrar bom proveito no teste posterior a essas duas unidades (FORMA e SUJEITO)**

**PERSONAGEM:** Para eu poder escolher, preciso saber o que vamos estudar em cada módulo...

**PERSONAGEM PROF IVAN** CLIQUE nos círculos e conheça os fatores envolvidos em cada grupo da Unidade Oratória.

FORMA (Aspectos Formais)

**Comportamentos**

**Vestimenta**

**Postura corporal**

**Locomoção**

**Semblante**

**Olhar**

**Sorriso**

**Gesticulação**

**Voz**

**PERSONAGEM:** O que eu verei de prático nesse módulo? *Clique nos itens para verificar*

Comportamentos	Como caminhar para o lugar onde vou falar? Devo apertar a mão de quem	EXERCÍCIO
----------------	---	-----------

	me apresentou ao assumir logo a tribuna? Devo levar anotações?	
Vestimenta	Como escolher a roupa adequada? Quais acessórios devo usar?	EXERCÍCIO
Postura corporal	Se eu falar em pé, como devo ficar? E se falar sentado? Como faço pra descansar, se falr por um tempo prolongado?	EXERCÍCIO
Locomoção	Devo ficar parando ou caminhando para um lado e para outro?	EXERCÍCIO
Semblante	Posso alterar as expressões fisionômicas?	EXERCÍCIO
Olhar	Pra onde olhar? E Se alguém me encarar de cara feia?	EXERCÍCIO
Sorriso	Devo ficar sério ou sorrir?	EXERCÍCIO
Gesticulação	O que faço com minhas mãos? Como devem ser os gestos?	EXERCÍCIO
Voz	Quais recursos posso explorar na voz para me comunicar bem?	EXERCÍCIO
	<i> Talvez colocar personagens, cada um com uma pergunta</i>	

**EXERCÍCIO:** registre perguntas que gostaria de ver respondidas. Ao final de cada módulo, voltaremos a elas e veremos se foram de fato respondidas. **Trimestalmente, quem enviar mais perguntas não respondidas ao longo do curso ganha um DVD do CICLO.** Na tutoria, procuraremos responder às questões não abordadas no curso. Ainda que não saibamos todas as respostas, daremos a devida atenção a cada formulação e nos empenharemos em buscá-las. Perguntas instigantes e pertinentes podem ser incorporadas às futuras versões do curso.



**PERSONAGEM DEFENSOR MÓDULO FORMA:** É MUITO MELHOR COMEÇAR POR AQUI.

Essa é a melhor parte do curso.

CONTEÚDO (Elaboração do discurso)

**Escolha do tema**

**Percurso de sentido**

**Argumentos**

**Vocabulário**

**Organização das ideias**

**Exemplos**

**Analogias**

**Metáforas**

**PERSONAGEM:** O que eu verei de prático nesse módulo? *Clique nos itens para verificar*

<b>Escolha do tema</b>	<b>É melhor falar tudo o que sei ou só uma parte? Que critérios utilizar para escolher um assunto e não outro? E dentro do mesmo assunto, como escolher o que falar sobre ele?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Percurso de sentido</b>	<b>Como levo o público a entender o que desejo explicar?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Argumentos</b>	<b>Em que ordem devo apresentar os argumentos? Começando do mais forte para o mais fraco ou do mais fraco para o mais forte?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Vocabulário</b>	<b>Devo falar pensando nas pessoas mais cultas da plateia ou nas mais simples?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Organização das ideias</b>	<b>Como fazer um roteiro? Que passos seguir na elaboração do discurso? Por onde começar? Quanto tempo gastar em cada parte?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>

<b>Exemplos</b>	<b>Posso contar casos que aconteceram comigo? E com outras pessoas?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Analogias</b>	<b>Quando utilizar?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Metáforas</b>	<b>Será que o povo vai entender?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
<b>Histórias</b>	<b>Posso inventar histórias? Em quais fontes devo buscar histórias interessantes?</b>	<b>EXERCÍCIO</b>
	<i> Talvez colocar personagens, cada um com uma pergunta</i>	

**EXERCÍCIO:** registre perguntas que gostaria de ver respondidas. Ao final de cada módulo, voltaremos a elas e veremos se foram de fato respondidas. **Trimestalmente, quem enviar mais perguntas não respondidas ao longo do curso ganha um DVD do CICLO.** Na tutoria, procuraremos responder às questões não abordadas no curso. Ainda que não saibamos todas as respostas, daremos a devida atenção a cada formulação e nos empenharemos em buscá-las. Perguntas instigantes e pertinentes podem ser incorporadas às futuras versões do curso.

**PERSONAGEM DEFENSOR MÓDULO CONTEÚDO:** É MUITO MELHOR COMEÇAR POR AQUI. Essa é a melhor parte do curso.

SUJEITO (Aspectos emocionais)

**Percepções**

**Emoções**

**Crenças**

**Saberes**

**Valores**

**Ideologia**

**Autoestima**

**Pressupostos**

**Relação intrapessoal**

**PERSONAGEM:** O que eu verei de prático nesse módulo? *Clique nos itens para verificar*

Percepções	Como saber se o público está gostando e interessado na matéria?	EXERCÍCIO
Emoções	Como controlar o nervosismo? Tem jeito de acabar com o medo?	EXERCÍCIO
Crenças	Como agem os diferentes tipos de público? Qual tema é mais difícil de abordar? Como devo tratar as perguntas bobas?	EXERCÍCIO
Saberes	O que preciso saber para fazer um bom discurso? E se alguém na plateia souber mais do que eu? E se alguém fizer uma pergunta cuja resposta desconheço?	EXERCÍCIO
Valores	Os fins justificam os meios? Posso usar truques de oratória para enganar alguém?	EXERCÍCIO
Ideologia	Devo defender minha posição sobre um tema ou apenas apresentar dados?	EXERCÍCIO
Autoestima	Como gostar de mim mesmo?	EXERCÍCIO
Pressupostos	Por que o público sempre quer acabar com o orador? Será que eu estou esgotando a paciência dos ouvintes? Por que alguém se levantou e saiu do auditório?	EXERCÍCIO
Relação intrapessoal	Como me conhecer? Como analisar os resultados do meu trabalho como orador?	EXERCÍCIO
	<i>Talvez colocar personagens, cada um com uma pergunta</i>	

**EXERCÍCIO:** registre perguntas que gostaria de ver respondidas. Ao final de cada módulo, voltaremos a elas e veremos se foram de fato respondidas. **Trimestalmente, quem enviar mais perguntas não respondidas ao longo do curso ganha um DVD do CICLO.** Na tutoria,

**procuraremos responder às questões não abordadas no curso. Ainda que não saibamos todas as respostas, daremos a devida atenção a cada formulação e nos empenharemos em buscá-las. Perguntas instigantes e pertinentes podem ser incorporadas às futuras versões do curso.**

**PERSONAGEM DEFENSOR MÓDULO SUJEITO:** É MUITO MELHOR COMEÇAR POR AQUI. Essa é a melhor parte do curso.

**PERSONAGEM DIPLOMATA:** Calma, gente. Cada um gosta mais de uma parte, segundo as necessidades que tem. Mas todas são importantes. Cabe lembrar que o desenvolvimento na habilidade de comunicação ocorre de modo integrado.

**PERSONAGEM:** Não adianta alguém querer melhorar apenas os aspectos formais se, paralelamente, não melhorar-se como indivíduo.

**PERSONAGEM:** Também não resolve a pessoa tornar-se melhor mas não conseguir explicitar seus valores de modo eficaz.

**PERSONAGEM PROF IVAN:** Para apaziguar os ânimos, enquanto cada um resolve que sequência adotará, vamos fazer o teste relativo à Unidade I. Afinal, não podemos prosseguir sem a certeza de um bom proveito dos conceitos já vistos.

**PERSONAGEM INDECISO:** Não consigo escolher. Tudo parece interessante demais.

**PERSONAGEM PROF IVAN:** Ora, então siga o padrão adotado pela maior parte dos que já fizeram o curso: primeiro, aspectos emocionais. Até porque um dos aspectos que estudaremos nessa unidade é a importância de o orador TOMAR DECISÕES. De toda forma, você verá todo o conteúdo.

Primeiro TESTE

**UNIDADE I – perguntas e respostas**

**Se aprovado, segue para Aspectos Emocionais ou Aspectos Formais e, depois, para  
Elaboração do Discurso**

Se não, reveja os pontos necessários, consulte os textos complementares e faça Novo teste.